

Best-seller
#1
do *The*
New York
Times

Jenny Lawson

A premiada blogueira do site TheBloggess.com

Vencedor do
Goodreads
Choice
Awards
2012

Vamos fazer de conta que isso nunca aconteceu...

Histórias
(quase) reais
de uma vida
surreal

GUTENBERG

"Jenny Lawson escreve coisas que vão fazer você rir alto. Na verdade, você sabe que não deveria rir disso e que provavelmente vai para o inferno por isso. Então, talvez seja mais seguro e prudente não ler este livro!"

Neil Gaiman, Autor de *The Sandman* e *Coraline*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

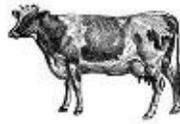
Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Jenny Lawson



**Vamos
fazer de
conta que
isso nunca
aconteceu...**

*Historias (quase) reais
de uma vida surreal*

TRADUÇÃO

Maya Bellomo Johnson



GUTENBERG

Copyright © 2012 by Jenny Lawson
Copyright © 2013 Editora Gutenberg

Título original: *Let's Pretend This Never Happened: A Mostly True Story*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

Maya Bellomo Johnson

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Maria Sylvia Correa

PROJETO GRÁFICO DE CAPA

Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO

DIAGRAMAÇÃO

REVISÃO

Lílian de Oliveira

PRODUÇÃO DO E-BOOK

[Schaffer Editorial](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Lawson, Jenny

Vamos fazer de conta que isso nunca aconteceu... Histórias (quase) reais de uma vida surreal / Jenny Lawson ; tradução Maya Bellomo Johnson. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2013.

Título original: *Let's Pretend this Never Happened: A Mostly True Story*

ISBN 978-85-8235-066-9

1. Humoristas norte-americanos - Biografia 2. Jornalistas - Estados Unidos - Biografia 3. Lawson, Jenny, 1979 - I. Título.

13-04739 CDD-070.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Jornalistas : Biografia 070.92

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br

Este livro é uma carta de amor a minha família. É sobre a descoberta surpreendente de que os momentos humanos mais terríveis – aqueles que gostaríamos de fingir que nunca aconteceram – são os mesmos que nos transformaram no que somos hoje. Reservei as melhores histórias da minha vida para este livro... para comemorar o esquisito e agradecer ao bizarro. Pois somos definidos não pelos momentos imperfeitos da vida, mas por nossa reação a eles. E há alegria em aceitar a completa absurdidade da vida – em vez de sair correndo e gritando dela. Agradeço a minha família por ter me ensinado essa lição. De prato cheio.

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram a criar este livro, tirando aquele cara que gritou comigo no supermercado quando eu tinha oito anos porque ele achava que eu estava bagunçando demais. O senhor é um babaca.

Agradecimentos

Um ENORME obrigada aos meus avós, a diversos membros maravilhosos da família a amigos que me emprestaram dinheiro para a bebida e a todos os que já me deram uma palavra de carinho, ou que (intencionalmente ou sem querer) não me chutaram. Também gostaria de agradecer a todo mundo que já leu alguma coisa que escrevi e gostou, ou que pelo menos fingiu gostar para conseguir alguma coisa a mais comigo me fazendo acreditar que eu sou muito divertida. Obrigada, e desculpem-me por qualquer doença sexualmente transmissível.

Quero fazer um agradecimento especial a meus leitores maravilhosos que me apoiam e às pessoas que ajudaram a fazer com que este livro fosse possível: Neeti Madan, Amy Einhorn, Laura Mayes, Karen Walrond, Maile Wilson, Katherine Center, Brene Brown, Jen Lancaster, Neil Gaiman, Stephanie Wilder-Talyer, Nancy W. Kappes, Donnell Epperson, Laurie Smithwick, o clã dos Bir, Bonnie e Alan Davis, Wil Wheaton; e todos no Twitter que me ajudaram a escrever este livro: Maggie Mason, Tanya Svoboda, Stephen Paroli, Jeanie M., Mrs. Gilly, o Hotel Menger, Diana Vilibert, a Mansão Gruene e você. Sim, *you*. Achou que eu iria esquecê-lo, não é? Você acredita muito pouco em mim. Mas tudo bem. *Eu o perdooo.*

Minha gratidão e amor mais profundos vão para mamãe e papai, que me ensinaram tudo o que sei sobre compaixão e sobre lincês, e para minha irmã, por ter rido comigo *e também* de mim. E, acima de tudo, para minha filha, Hailey, que todo dia salva minha vida, e para meu marido, Víctor, que eu amo apesar de querer estrangular às vezes. Obrigada por terem me dado uma vida sobre a qual vale a pena escrever.



Retrato de família – 2005.

Por que há, de fato, um método para a minha loucura

Sumário

[Introdução](#)

[Eu era piromaniaca aos três anos de idade](#)

[Minha infância: uma mistura de David Copperfield com a revista *Armas e tiros*](#)

[Stanley, o Esquilo Falante Mágico](#)

[Não conte a seus pais](#)

[Jenkins, seu filho da mãe](#)

[Se você precisa usar uma camisinha de braço, talvez esteja na hora de rever algumas de suas escolhas](#)

[Desenhe a droga do cachorro para mim](#)

[E é por isso que Neil Patrick Harris seria o melhor *serial killer* do mundo](#)

[Nunca me ensinaram a ter modos no sofá](#)

[Uma típica história de noivado](#)

[Não era um ensopado](#)

[Casada em 4 de julho](#)

[Lar, doce lar](#)

[Uma série de bilhetes úteis que deixei pela casa naquela semana para meu marido](#)

[Segredos sombrios e perturbadores que o RH não quer que você saiba](#)

[Se você consegue ver meu fígado, foi longe demais](#)

[Minha vagina está muito bem, obrigada](#)

[Uma conversa que tive com meu marido pelo telefone depois de me perder pela enésima vez](#)

[E então fui esfaqueada no rosto por um *serial killer*](#)

[Obrigada pelos zumbis, Jesus](#)

[Amizades com garotas](#)

[Sou o mágico de Oz das donas de casa \(porque sou “grande e terrível” e também porque às vezes me escondo atrás das cortinas\)](#)

[O psicopata atrás da porta do banheiro](#)

[Carta aberta ao meu marido, que está dormindo no quarto ao lado](#)

[Só para esclarecer: não dormimos com cabras](#)

[Apunhalada por um frango](#)

[O crack nem era meu](#)

[Sinceramente, nem sei de onde tirei aquele facão: uma tragicomédia em três partes dias](#)

[Vou precisar de um padre velho e um padre jovem](#)

[E é por isso que se deve aprender a escolher suas batalhas](#)

[Ratos sem pelo: grátis somente para crianças](#)

[E então levei um jacaré cubano morto escondido no avião](#)

[Não volte para casa \(a não ser que você queira ser massacrado por cães selvagens\)](#)

[Epílogo](#)

[O fim \(meio que\)](#)

[Fatos verdadeiros](#)

Introdução

Este livro é todo baseado na verdade, exceto pelas partes que não são. É praticamente como *Os pioneiros*,^a só que com mais xingamentos. Sei que você está pensando: “Só que *Os pioneiros* é todo verídico!”. Mas ele não é, sinto muito. Laura Ingalls era uma mentirosa compulsiva sem um verificador de fatos e, se ela ainda estivesse viva hoje, provavelmente sua mãe estaria dizendo algo do tipo: “Não sei *de onde* a Laura tirou toda essa história de *garotinha vivendo vida de pioneiro*. Moramos em Nova Jersey com a tia Frieda e nossa cachorra, Mary, que ficou cega quando Laura tentou desenhar um raio na testa dela descolorindo seus pelos. Não faço ideia de onde ela tirou isso de que ‘*vivíamos em uma cabana escavada na terra*’, apesar de que a levamos uma vez às cavernas de Carlsbad”.

E é por isso que *eu* sou melhor que Laura Ingalls, pois minha história é noventa por cento precisa e eu realmente vivi em uma cabana.¹ O motivo de esta autobiografia ser *quase* toda verídica em vez de *toda* verídica é que eu prefiro não ser processada. Além do mais, quero que minha família possa dizer “Ah, isso nunca aconteceu. *É óbvio* que nunca a jogamos de verdade de um carro em movimento quando ela tinha oito anos. Essa é uma daquelas coisas *malucas* que não são muito verdadeiras”. E eles têm razão, pois a verdade é que eu tinha nove anos de idade e estava no colo de minha mãe quando meu pai virou o carro bruscamente à esquerda, a porta se abriu sozinha e fui jogada como um saco cheio de filhotes de gato. Minha mãe conseguiu agarrar meu braço, o que teria ajudado se meu pai tivesse de fato parado o carro, mas aparentemente ele não percebeu ou, talvez, tenha achado que eu conseguiria alcançar o carro, então minhas pernas foram arrastadas por um estacionamento que, tenho quase certeza, estava pavimentado com cacos de vidro e seringas usadas. Aprendi três lições com essa experiência:

- 1) A segurança dos veículos no final dos anos 1970 não era lá essas coisas para as crianças.
- 2) Você sempre deve ir embora antes de o socorro chegar, pois o ardor causado pelo ácido medicinal alaranjado aplicado pelo motorista sádico da ambulância será muito maior que o de qualquer ferimento que você possa ter sofrido ao ter sido arrastada por um carro.
- 3) Aquele “não me faça ir aí” é uma ameaça vazia, a não ser que seu pai já tenha dirigido por quatro horas com duas crianças berrando e, de repente, ele fique bem quieto. Nesse caso, você deve trancar a porta ou pelo menos lembrar-se de pôr o queixo no peito para fazer uma cambalhota.

Não estou dizendo que ele tenha me jogado de um carro em movimento *propositadamente*, só estou dizendo que uma oportunidade se apresentou e que meu pai é um homem perigoso em quem não se pode confiar.²

Você percebeu como *metade* desta introdução foi uma falação sobre pais? Esse tipo de merda vai

acontecer *o tempo todo*. De antemão, já peço desculpas por isso e também por ofendê-lo, pois você vai chegar à metade deste livro e rir de falácias sobre Hitler, abortos e pobreza, e se sentirá superior a todas essas pessoas certinhas que se ofendem facilmente e que precisam aprender como apreciar uma droga de uma piada, mas aí, a certa altura, você por acaso lerá alguma coisa sobre a qual *você* é sensível e as outras pessoas vão achar hilário, mas você vai pensar: “Oh, isso passou *muito* dos limites”. Peço desculpas por isso. Sinceramente, não sei o que eu estava pensando.

[a](#) Uma série de livros infantojuvenis escrita por Laura Ingalls Wilder e publicada entre 1932 e 1943 que retrata sua infância e a vida de uma família de pioneiros do meio-oeste dos Estados Unidos no final do século XIX (N. T.).

[1](#) Na verdade, nunca morei em uma cabana. Mas já fui às cavernas de Carlsbad uma vez.

[2](#) Quando leio essas histórias para amigos, sempre fico chocada quando me interrompem para perguntar: “Espere, isso aconteceu de verdade?”, no meio da história mais verídica de todas. As coisas que foram modificadas são, na sua maioria, nomes e datas, mas as histórias que você acha impossível de ter acontecido... bem, *essas são as verdadeiras*. Como na vida real, as histórias mais terríveis são as que são mais reais. E, como na vida real, o contrário também é verdadeiro.

Eu era piromaníaca aos três anos de idade

Pode me chamar de Ishmael. Não vou responder, pois não é meu nome, mas é muito mais agradável que a maioria das coisas de que já me chamaram. Chamar-me de “*aquela-garota-esquisita-que-diz-muito-palavrão*” seria mais preciso, mas “Ishmael” parece ter mais classe e compõe um começo muito mais respeitável do que a sentença que eu havia originalmente escrito, sobre como acabei de encontrar minha ginecologista no Starbucks e ela passou por mim como se não me conhecesse. Então fiquei ali parada, me perguntando se isso era algo que ela faz de propósito para não constranger muito os seus pacientes ou se ela *genuinamente* não me reconheceu por não ter olhado para minha vagina. De qualquer maneira, é muito desconcertante quando pessoas que já estiveram dentro da sua vagina não percebem sua existência. Só quero esclarecer, também, que não quero dizer “por não ter olhado para minha vagina” como se ela precisasse vê-la naquele momento. Só quis dizer que não estava, você sabe... *à mostra* enquanto eu estava no Starbucks. Provavelmente, isso já estava implícito, mas achei melhor deixar claro, pois é o primeiro capítulo e você não sabe muito a meu respeito. Então, reafirmo, minha vagina está sempre comigo, mas não ando com ela por aí exposta. É como meu cartão American Express (no sentido de que não saio de casa sem ela e não que eu a use para comprar coisas).

Este livro é uma história verdadeira sobre mim e sobre minha luta contra a leucemia e – *vou estragar a surpresa* – no final eu morro, então você até *poderia* ler apenas esta sentença e aí fingir que leu o livro inteiro. Infelizmente, há uma palavra secreta em algum lugar do livro, então, se você não o ler por inteiro, não vai descobrir qual é. E aí as pessoas do seu clube de leitura vão ter certeza de que você parou de ler depois deste parágrafo e vão perceber que você é uma farsa.

Certo, *tudo bem*. A palavra secreta é “salsicha”.

Fim

Ainda está aí? *Que bom*. Na verdade, a palavra secreta não é “salsicha” e nem sei como *soletrar* “leucemia”. Isso foi um teste especial que você pode usar para conferir quem realmente leu o livro. Se alguém do seu clube de leitura nem sequer *mencionar* salsicha ou leucemia, você vai saber que é um mentiroso! Você deveria expulsá-lo, talvez até revistá-lo ao sair, pois pode ter roubado seus talheres. A palavra secreta verdadeira é “garfo”.³

Fui uma menina negra, pobre, que cresceu em Nova York. Bem, substitua “negra” por “branca” e “Nova York” pelo “interior de Texas”. O “pobre” pode ficar. Eu nasci em Austin, Texas, que é conhecida pela campanha de “Mantenha Austin esquisita”, e, como passei minha vida inteira sendo rotulada de “aquela garota esquisita”, acabei me encaixando lá direitinho *e viveram felizes para sempre: Fim*. Esse provavelmente teria sido o final do livro se meus pais não tivessem se mudado de Austin quando eu tinha

três anos.

Não tenho praticamente nenhuma lembrança de Austin, mas, de acordo com minha mãe, morávamos em um apartamento sem elevador perto de uma base militar e, bem tarde à noite, eu ficava de pé no meu berço, abria as cortinas e acenava para eles, tentando chamar os soldados para meu quarto. Na época, meu pai era um desses soldados, quando minha mãe me contou essa história na minha adolescência, salientei que talvez ela devesse ter ficado agradecida por eu ter tirado ele da rua assim. Em vez disso, ela e meu pai simplesmente afastaram o berço da janela, pois estavam preocupados que eu estivesse “desenvolvendo uma aptidão para esse tipo de profissão”. Pelo jeito, fiquei muito consternada, pois na semana seguinte enfiei uma vassoura no aquecedor a lenha da sala, botei fogo nela e saí correndo pelo apartamento gritando e balançando a tocha em chamas por cima da cabeça. *Supostamente*. Não tenho nenhuma lembrança disso, mas, se aconteceu *de fato*, suspeito que o balancei como um bastão incrivelmente flamejante e patriótico. Na versão da minha mãe, ela era a mãe de Frankenstein e eu, vários aldeões enfurecidos. Minha mãe refere-se a isso como meu primeiro episódio de piromania. Refiro-me a isso como uma lição sobre de que modo reorganizar os móveis de alguém pode ser perigoso para todos. Concordamos em discordar sobre as palavras exatas.

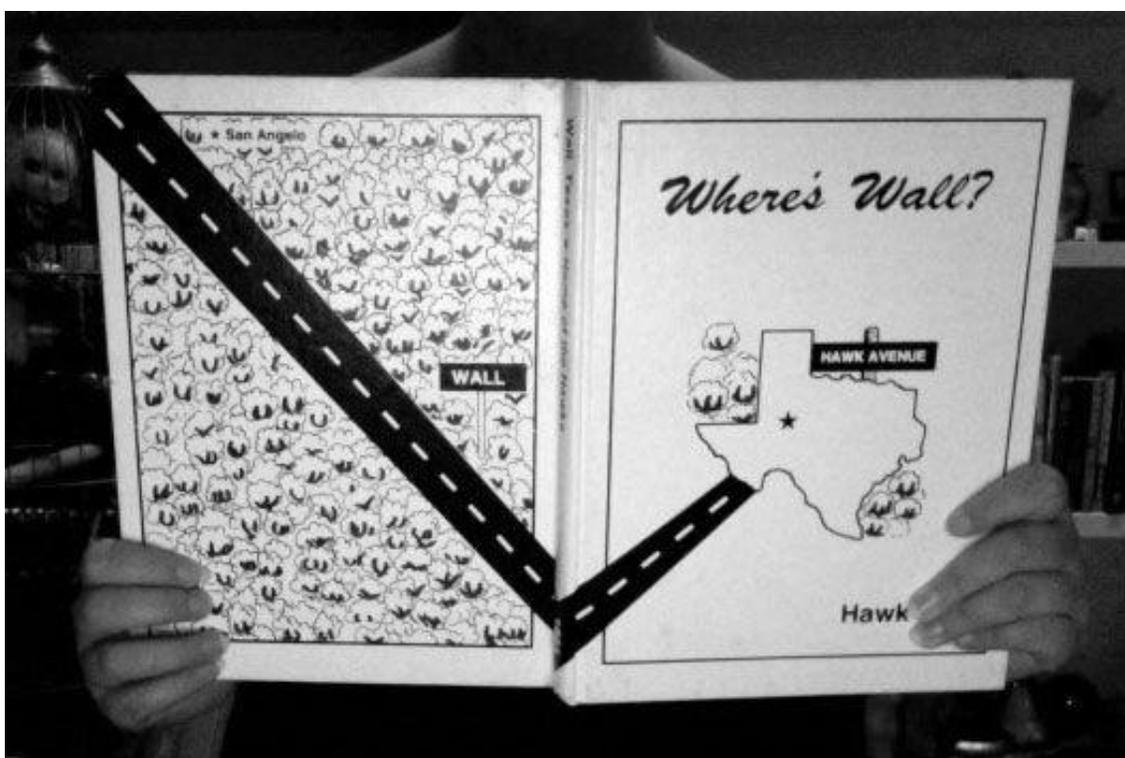
Logo depois desse incidente, empacotamos tudo e nos mudamos para a cidade pequena e brutalmente rural de Wall, Texas. Meus pais disseram que foi porque o serviço militar do meu pai havia terminado e minha mãe descobriu que estava grávida de minha irmãzinha e queria estar mais perto da família, mas minha suspeita é de que eles perceberam que havia algo de errado comigo e achavam que me criar na mesma vila do oeste do Texas onde eles cresceram me transformaria em uma pessoa normal. Essa foi uma das muitas coisas sobre as quais eles se enganaram. (Outras coisas sobre as quais eles se enganaram: a existência da fada do dente, o “apelo eterno” dos painéis de madeira falsa, a sabedoria de se deixar uma criança de três anos sozinha com uma vassoura de palha e um aquecedor a lenha.)

Se você comparasse a vila de Wall de hoje com a Wall da minha infância, mal iria reconhecê-la, pois a Wall de hoje tem um posto de gasolina. E, se você acha que ter um posto de gasolina não é grande coisa, então provavelmente você seja o tipo de pessoa que cresceu em uma cidade que *tinha* um posto de gasolina e que não incentivava os estudantes a irem à escola de trator.

Wall é basicamente uma vilazinha minúscula com... hã... terra? Há muita terra. E algodão. E gim, mas não do bom. Em Wall, quando as pessoas se referem ao gim, estão falando mesmo do Cotton Gin, que é o único negócio de verdade na cidade e é tipo uma fábrica que transforma o algodão em... outra coisa. Sinceramente, não faço ideia. *Outro tipo* de algodão, talvez? Nunca fiz questão de aprender, pois sempre achei que em poucos dias estaria fugindo dessa vila minúscula do interior, e foi praticamente assim que passei minha vida inteira pelos vinte anos seguintes.

Em um ano, o tema de nosso anuário escolar foi simplesmente “Onde está Wall?”, porque era uma pergunta que se fazia toda vez que alguém dizia que era de lá. O tema original – *e mais apropriado* – teria sido “Onde fica a porra de Wall?”, mas o professor responsável pelo anuário logo rejeitou esse conceito, dizendo que era importante mantermos uma linguagem adequada à idade, mesmo se fosse à custa da precisão jornalística.

Quando me perguntavam onde ficava Wall, eu sempre respondia vagamente com um “ah, naquela direção”, com um gesto da mão, e rapidamente aprendi que, se não mudasse de assunto de imediato para quebrar o raciocínio deles (minha opção favorita: “Olha! *Monstros marinhos!*”), a próxima pergunta inevitável (e muitas vezes incrédula) seria “*Por que Wall?*”, e você nunca tinha certeza se perguntavam por que diabos você escolheria morar lá, ou por que alguém escolheria dar o nome de “Wall” [parede] a uma cidade, mas na verdade isso não importava, pois ninguém parecia ter uma resposta legítima para nenhuma das perguntas.



Essas coisas na contracapa são bolas de algodão. É sério, pessoal.

Infelizmente, apelar a monstros marinhos não era nem sutil nem crível (sobretudo por estarmos completamente cercados por terra), então comecei a compensar pelo tom bege inosso de Wall inventando histórias interessantes, porém inverificáveis, sobre o pequeno vilarejo. “Ah, *Wall*?”, eu dizia com o que eu imaginava ser um irreverente desdém. “Foi onde inventaram o apito para cachorro.” Ou, “É a cidade na qual basearam *Footloose*. Kevin Bacon é nosso herói nacional”. Ou, “Não me surpreende você nunca ter ouvido falar dela. Foi o cenário de uma das matanças canibais mais horripilantes da história dos Estados Unidos. Porém, não falamos sobre isso. Nem devia ter tocado no assunto. Não podemos nunca mais falar a respeito disso”. Eu esperava que a última história me desse um ar de mistério e deixasse as pessoas fascinadas por nossa história medonha, mas, em vez disso, ficavam preocupadas com minha saúde mental. Quando finalmente minha mãe ficou sabendo dos meus contos de pescador, ela falou comigo a sós, dizendo que ninguém estava acreditando neles e que o mais provável era que a cidade tinha nome de alguém cujo sobrenome por acaso havia sido Wall. Eu disse que talvez ele tivesse esse nome por ter sido o homem que tivesse *inventado* as paredes, e ela suspirou com impaciência e comentou que era difícil acreditar que um homem houvesse inventado as paredes quando a maioria deles não se dá sequer ao trabalho de fechar a porta do banheiro enquanto o usam. Ela percebeu que eu estava decepcionada com a ausência de qualquer coisa remotamente redentora sobre nossa cidade e me concedeu, sem muita convicção, que talvez o nome tivesse origem em uma parede *metafórica*, projetada para deixar algo do lado de fora. Meu chute era o progresso. Minha mãe sugeriu que seria algo mais como besouros bicudos.

Às vezes, me pergunto como teria sido ter uma infância que *não* fosse como a minha. Não tenho nenhum quadro de referência verdadeiro, mas, quando converso com estranhos a esse respeito, descubro que a infância deles em geral tinha muito menos sangue e também que estranhos parecem ficar bastante sem graça quando são questionados sobre a infância. Mas, falando sério, sobre que outro assunto você vai conversar na fila do caixa da loja de conveniência? Os traumas de infância me parecem ser a escolha natural, pois é o motivo pelo qual a maioria de nós se encontra naquela fila, para início de conversa. Eu tenho visto, porém, que é mais provável alguém compartilhar as experiências pessoais se a gente o fizer primeiro, então é por isso que tenho uma lista de 11 itens de coisas que deram errado na minha infância

para compartilhar. Também costumo abrir uma garrafa de tequila para dividir com eles, pois o álcool me deixa menos nervosa e também porque sou do Sul e, no Texas, oferecemos bebida a estranhos mesmo quando estamos esperando na fila da loja de conveniência. No Texas, chamamos isso de “*hospitalidade sulista*”. Os donos da loja chamam isso de “roubo”. Provavelmente porque eles são ianques.

Estou proibida de voltar àquela loja de conveniência.⁴

3 “Garfo” não é a palavra secreta. Na verdade, não há palavra secreta. Isto aqui é um livro, pessoal. *Não uma merda de filme de espionagem.*

4 Nota da autora: Meu editor me informou que isto não conta como um capítulo, pois não acontece nada de relevante nele. Eu expliquei que isso é porque essa é só uma introdução ao próximo capítulo e provavelmente deveria estar junto dele, mas eu o separei porque sempre achei melhor ter capítulos menores que você pode terminar rapidamente para que se sinta melhor consigo mesmo. Além do mais, se seu professor de literatura lhe desse a tarefa de ler os primeiros três capítulos deste livro, você já teria terminado os dois primeiros e em mais dez minutos já poderia ir ver filmes sobre vampiros sensuais e cintilantes, ou seja lá o que vocês, jovens, curtem hoje em dia. Além do que você deveria agradecer a sua professora de literatura por ter lhe passado este livro, pois ela parece ser foda! Você talvez devesse dar a ela uma garrafa do fundo do armário de bebida de seus pais para lhe agradecer por ter tido a coragem de ter escolhido este livro em vez de *O emblema vermelho da coragem*. Algum tipo de uísque.

De nada, professoras de literatura. Vocês ficam me devendo.

Espere. Um momento. Acabei de me dar conta de que, se as professoras estão passando este livro como leitura obrigatória, isso quer dizer que o ministério da educação teve de comprar uma tonelada dos meus livros, então, tecnicamente, eu estou lhes devendo, professoras de literatura. Só que agora que pensei mais a esse respeito, foram meus impostos que pagaram por esse livros, então, tecnicamente, estou meio que pagando para as pessoas lerem meu próprio livro e agora não sei se devo ou não ficar com raiva. Esta nota de rodapé acabou de virar um maldito problema matemático.

Sabe de uma coisa? Foda-se. É só me mandar metade do uísque que você receber de seus alunos e estaremos quites.

Outra coisa, será que esta é a maior nota de rodapé de toda a história? Resposta: provavelmente.

Minha infância: uma mistura de David Copperfield com a revista *Armas e tiros*

Consegui determinar várias diferenças principais entre minha infância e a de praticamente todas as outras pessoas na porcaria do mundo inteiro. Chamo esses pontos de: “*Onze coisas que a maioria das pessoas nunca viveu ou poderia imaginar, mas que aconteceram comigo, pois, pelo jeito, fiz algo horrível em outra vida pelo qual ainda estou sendo punida*”.

#1. *A maioria das pessoas nunca esteve dentro de um animal morto*, a não ser que você conte aquela vez que Luke Skywalker entrou no Tauntaun para não morrer de frio, o que não considero, pois *Star Wars* não é um documentário. Se você for do tipo que sente nojo fácil, sugiro que pule toda esta parte e vá logo ao quinto capítulo. Ou talvez que pegue outro livro menos perturbador que este. Um sobre gatinhos. Ou genocídio.

Você continua aqui? Que bom! Continuemos. Quando eu era criança, me lembro de assistir à família Cosby preparando o jantar na TV e de pensar como era estranho ninguém estar coberto de sangue, pois uma típica noite na minha casa era *da seguinte maneira*: meu pai, um ávido caçador de arco e flecha, se arrastava casa adentro com um cervo pendurado no ombro. Ele o jogava em cima da mesa de jantar e então meus pais o dissecavam e tiravam todas as partes úteis, como uma espécie de *piñata* terrível. Era nojento, mas era a única vida que conhecia, então achava que todo mundo era como eu.

A única coisa que me parecia estranha é que eu era a única pessoa que sentia ânsia de vômito com o cheiro de sangue de cervo. Meus pais tentaram me convencer de que sangue não tem cheiro, mas eles são uns baitas de uns mentirosos. Eles também me disseram que o leite, sim, tem cheiro, mas isso é ridículo e estou chocada que suas mentiras tenham chegado a tanto. Leite não tem cheiro. Sangue tem. Acho que sou tão sensível ao cheiro de cervo morto por causa de uma vez que sem querer esbarrei e entrei dentro de um.

Tinha nove anos e estava brincando de pique-pega com minha irmã enquanto meu pai limpava um cervo.

Vou fazer uma pequena interrupção para dar uma breve explicação educativa sobre o que significa “limpar um cervo”.

“Limpar um cervo” para pessoas que são membros sensíveis da Sociedade Protetora dos Animais

Pegue um pouco de água morna e xampu antilágrimas e massageie o cervo suavemente. (Esfregue, enxague, mas não repita, mesmo que esteja escrito no frasco, pois é tudo uma estratégia para vender

mais xampu.) Use o secador de cabelos na temperatura mais baixa e grude um laço na testa dele. Devolva-o ao mato para que encontre uma corça judia bonitinha. Pule para o próximo capítulo.

“Limpar um cervo” para leitores curiosos e sem preconceitos que querem mesmo saber como é feito (e que não são membros da SPA só fingindo ser leitores curiosos sem preconceitos, mas que na verdade querem jogar sangue em mim na noite de autógrafos)

Limpar um cervo consiste em amarrar os braços e as pernas do cervo a uma geringonça parecida com um varal, o que faz com que o cervo morto pareça uma líder de torcida fazendo o movimento do “me dê um X!”. Então se faz um corte para abrir o estômago e tudo aquilo que você não quer cai no chão. Como os genitais. E a tripa de cocô.

“Limpar um cervo” para pessoas que limpam cervos o tempo todo

Fala sério, né? Dá para acreditar que tem gente que não sabe essa porcaria? Estranho. Devem ser as mesmas pessoas que chamam a tripa de cocô de “intestinos”. Todos sabemos que é a tripa de cocô, galera. Dizê-lo em francês não a torna nem um pouco menos nojenta.

Bom, meu pai tinha acabado de limpar o cervo quando fiz uma curva rápida e imprudente de 180 graus ao estilo ninja para fugir da minha irmã e foi aí que eu corri. Bem. Para dentro. Do maldito. Cervo. Levei um momento para perceber o que havia acontecido e fiquei lá, meio que paralisada, nem um pouco ao estilo ninja. A melhor maneira de descrever a sensação seria dizer que foi um pouco como vestir um agasalho de cervo. As pessoas às vezes riem disso, mas não é um riso divertido. É mais como um risinho nervoso involuntário de *que-porra-é-essa*. Talvez porque não se deve vestir cervos como agasalhos. Também não se deve vomitar dentro deles, mas isso não quer dizer que não tenha acontecido.

Gosto de pensar que meu pai tenha jogado fora aquele cervo, pois tenho quase certeza de que não se deve comer comida que se tenha vestido *ou* na qual se tenha vomitado, mas, enquanto ele me limpava com a mangueira, ele também limpou o cervo, então acho que ele usou alguma versão distorcida da regra dos cinco segundos para caçadores. (Comida no chão ainda é comível contanto que você a pegue em cinco segundos. A não ser que seja manteiga de amendoim, pois aí a regra é nula. Ou, se for algo como torrada seca, a regra dos cinco segundos se estende para, tipo, uma semana e meia, pois, fala sério, o que vai grudar na torrada seca? Nada, *nada*. Céus, poderia escrever um livro inteiro sobre a regra dos cinco segundos. A sequência deste livro deveria sem dúvida ser esta: *A regra dos cinco segundos aplicada a várias coisas de comida*. Brilhante. Mas agora esqueci sobre o que estava escrevendo. Ah, sim, vomitar dentro de um agasalho de cervo. Certo.) É por isso que ainda suspeito que meu pai tenha levado para casa aquele agasalho de cervo terrivelmente contaminado para nós comermos. Mas *eu* não o comi, pois depois daquilo o cheiro do sangue me dava ânsia de vômito, e até hoje não consigo comer nenhuma carne que eu tenha visto ou cheirado crua, algo sobre o qual meu marido sempre reclama, mas até que *ele* vista um agasalho de cervo ele pode calar sua maldita boca. Ele diz que está tudo na minha cabeça, mas não está mesmo, e eu até quis me submeter a algum tipo de teste cego de cheiro, como fizeram naquele desafio da Pepsi, no qual ele seguraria uma tigela de sangue perto do meu nariz para que eu possa provar que consigo sentir o cheiro de sangue, mas ele não quer fazer. Provavelmente porque ele é meio obsessivo com nossas tigelas. Ele nem me deixou usar uma para vomitar dentro dela quando fiquei doente. Ele exclamou: *“Uma tigela de vômito? Quem usa uma tigela de vômito?!”*. E eu me defendi: *“Eu uso uma tigela de vômito. Todo mundo usa uma tigela. Fica do seu lado caso você não consiga chegar à privada a tempo”*, e ele falou: *“Não, as pessoas usam uma lata de lixo”*, e eu disse: *“Seu doente. Não vou vomitar dentro de uma lata de lixo! Isso é completamente bárbaro”*. Aí ele gritou: *“É isso que as pessoas normais fazem!”*. E eu gritei: *“É assim que a civilização desmorona!”*. Aí me recusei a falar com ele pelo resto do dia, pois ele me fez gritar com ele enquanto eu estava vomitando. Percebeu como

pulei direto ao meu marido quando este parágrafo era para ser sobre minha infância? *Meu Deus*, este livro vai ser terrível. Mas ambas as histórias têm a ver com sangue e vômito, então é meio impressionante, de um jeito que na verdade é menos “impressionante” e mais “triste” e “perturbador”.

#2. (Da lista de “*Coisas que a maioria das pessoas nunca viveu ou poderia imaginar, mas que aconteceram comigo de verdade*”, caso você tenha esquecido sobre o que estávamos falando porque o primeiro item foi comprido demais e precisa ser editado ou talvez queimado.) *A água de torneira da casa da maioria das pessoas não é venenosa. A maioria das pessoas não recebe cartas do governo avisando-as para não beber sua água de torneira venenosa, pois há um vazamento de radônio perigoso no seu poço. Na verdade, a maioria das pessoas não obtém sua água venenosa de um poço, para início de conversa.*

Parentes preocupados questionavam minha mãe sobre os riscos de minha irmã e eu estarmos expostas a todo aquele radônio, mas ela os dispensava dizendo: “Ah, elas não conseguiriam ingeri-lo mesmo se quisessem. Elas o vomitariam imediatamente, de tão tóxico que é. Então, sabe, *não se preocupe*”. Aí ela nos mandava ir escovar os dentes e tomar banho nessa água. Minha mãe era grande defensora da teoria de “*o que não mata, engorda*”, quase ao ponto de parecer que estava *desafiando* o mundo a nos matar. Essa teoria funcionou bem com minha irmã, que nunca ficou doente um dia de sua vida, e é uma daquelas Amazonas que poderia dar à luz de cócoras em um campo e então pegar o bebê e continuar a arar, só que o campo também estaria pegando fogo e ela diria “foda-se o fogo!” e caminharía através dele como aquele robô assustador de *O Exterminador do Futuro*. E seu bebê também seria à prova de fogo e estaria dando golpes de caratê nas chamas, como um pequeno da pesada. Tentei ter essa mesma resistência desbravadora, mas a cada tantos meses eu tinha um colapso total ou pegava algum tipo de doença esquisita que só os animais pegam. Como aquela vez em que peguei parvovirose humana, que existe de verdade *e que não é brincadeira, não*. Ou como a vez em que estava penteando o cabelo e ouvi um estalo no meu pescoço e mal conseguia respirar de tanta dor. Então dirigi até o trabalho e quase desmaiei com a combinação da dor e da falta de respiração, e quando cheguei lá doía tanto que não conseguia nem mexer minha boca para falar, então escrevi “QUEBREI O PESCOÇO”, em um Post-it e meu colega de trabalho me levou ao hospital, perplexo. Acabou que eu havia conseguido uma hérnia de disco, e o médico me deu um panfleto sobre violência doméstica e ficava me perguntando se alguém em casa estava me machucando, pois, pelo jeito, a maioria das pessoas não fica com hérnia de disco simplesmente escovando o cabelo com muita força. Gosto de pensar que a maioria das pessoas simplesmente não escova o cabelo com tanto entusiasmo.

#3. *A maioria das pessoas tem água corrente*. Quer dizer, tínhamos água corrente a *maior* parte do tempo, a não ser quando não tínhamos, o que acontecia muito. Como eu e minha irmã costumávamos dizer uma à outra: “Sabe, só damos valor a nossa água de poço venenosa quando não a temos mais”. No verão, a água parava de vez em quando por motivo nenhum e, no inverno, os canos congelavam e tínhamos de encher panelas com água da nossa cisterna e então aquecer a água gelada no fogão para tomar banho. É muito *menos* glamoroso do que parece. Uma vez falei para minha mãe que a água da cisterna estava um tanto marrom e que não me parecia ser a melhor maneira de se lavar o cabelo, mas ela me lançou um suspiro decepcionado e disse: “Pronuncia-se *beige*”. Como se a pronúncia de alguma forma a tornasse mais chique.

“*Certo*”, eu cedi contra a vontade, “a água da cisterna parece ligeiramente mais *beige* do que a água da torneira”. Só que minha mãe nem deu importância, pois, pelo jeito, ela não confiava em água que não pudesse ver.

#4. *A maioria das pessoas não tem uma cisterna ou nem sabe o que é uma cisterna*. Algumas delas

dizem que têm uma cisterna e então acrescentam com educação que a palavra na verdade se pronuncia “*cisto*”, e então eu só aceno com a cabeça, pois não quero ter de explicar que uma cisterna é de fato uma lata de metal enorme que coleta água de chuva, tal como um poço que fica acima do chão para pessoas que não têm dinheiro para um poço de verdade. Mas ninguém quer explicar isso, pois, *sinceramente?* Quem vai admitir que não tem dinheiro para ter um poço? Eu é que não, obviamente, pois nós *tínhamos* um poço. Cheio de radônio venenoso.



Do lado de trás dessa foto está escrito, “1975 – Jenny & suas galinhas. Um cachorro as matou logo depois”. Engraçado, eu me sinto muito bem.

#5. *A maioria das pessoas não tem guaxinins vivos em casa.* Meu pai estava sempre resgatando animais, e por “resgatando animais” quero dizer “matando a mãe e depois descobrindo que ela tinha filhotes e trazendo os filhotes para casa a fim de criá-los na banheira”. Uma vez, ele trouxe oito guaxinins recém-nascidos dentro de um balde para criarmos. Quando os guaxinins órfãos eram pequenos, minha mãe costurou bermudas de surfista minúsculas para eles vestirem (porque eram os anos 1980 e essas bermudas eram bem populares na época), e eram adoráveis, mas aí os guaxinins ficaram grandes o suficiente para sair da banheira e praticamente destruíram a casa inteira. Guaxinins têm TOC forte e sentem compulsão para lavar tudo o que veem, o que levaria você a acreditar que eles seriam mais cheirosos, mas não são, pois têm um cheiro almiscarado e ligeiramente azedo, tal como uma noite de sexo sem compromisso.

Quando os guaxinins chegaram a certa idade, nós os devolvemos ao bosque, exceto um deles, que ficou como animal de estimação. Seu nome era Rambo, e ele havia aprendido como abrir a torneira da pia do banheiro e sempre lavava coisas aleatórias lá, como se fosse um rio particular. Se eu tivesse pensado bem, teria deixado sabão em pó e minhas roupas íntimas do lado da pia para ele lavar, mas nunca nos lembramos de transformar nossos guaxinins de estimação em pequenos criados até ser tarde demais. Uma vez, chegamos em casa e encontramos Rambo na pia, lavando uma pequena lasca de sabonete que, até

aquela manhã, era uma barra inteira. Ele parecia exausto, como se quisesse que alguém o interrompesse e o levasse para cama, mas, quando tentamos tirar dele o último pedacinho de sabonete, ele rosou, então o deixamos terminar, pois àquela altura acho que era tipo uma vendeta, se guaxinins tivessem vendetas. Às vezes, quando estou trabalhando em um projeto impossível do qual sei que deveria simplesmente desistir e aí alguém tenta tirá-lo de mim, eu rosno e grito: “SÓ HÁ ESPAÇO PARA UM DE NÓS!” (o que é tanto estranho como inadequado), mas acredito que era exatamente assim que o Rambo se sentia, com essa lasca de sabonete e seus dedinhos enrugados, cobertos em água de radônio, e isso me deixa triste. Mas aí eu rio, pois isso me faz lembrar que, logo depois do incidente com o sabonete, minha mãe insistiu que o Rambo precisava ficar lá fora em um galinheiro para “protegê-lo de si mesmo”. Eu o coloquei em cima da gaiola para fazer um carinho nele quando minha irmãzinha, Lisa, que tinha então mais ou menos sete anos, deu um tapa no focinho dele (pois ela era desse tipo de idiota na época), e aí o Rambo *surtou completamente*, ficou de pé nas patas traseiras, fez careta e pulou na cara dela. Ele agarrou suas orelhas como se fosse uma máscara de guaxinim terrível e ficou guinchando e olhando bem nos olhos dela como se dissesse: “VOU ACABAR COM VOCÊ, VADIA”, e minha irmã ficou gritando e se debatendo. *Foi muito legal.*



Provas fotográficas de Rambo e sua bermuda. Também na foto: revista *Teen Beat* com o Kirk Cameron na capa, LPs e fitas VHS. É como se os anos 1980 tivessem vomitado em cima desse guaxinim. Não tem como eu ter inventado tudo isso, pessoal.

No dia seguinte, meu pai levou o Rambo para a fazenda, o que eu acreditava significar que ele na verdade o levara para morar na fazenda do meu avô, mas, pensando bem, provavelmente tinha menos a ver com ir a uma *fazenda* do que ir para a *terra dos pés juntos*. E agora fiquei triste outra vez. Então penso que provavelmente tenha acontecido assim: meu pai apontou a arma para ele, e o Rambo estava usando suas bermudinhas e estava todo “Olá, meu chapa!”, e meu pai suspirou derrotadamente,⁵ dizendo algo do tipo: “Ah, merda. Vai embora, vai. Aqui estão dez dólares e um pouco de sabonete”. Pois lá no fundo meu pai é um coração mole. A não ser que ele esteja matando sem querer a mãe de um bando de filhotes de guaxinim. Aí é melhor ficar longe pra caralho, pois com certeza vai respingar sangue.

#6. A maioria das pessoas não vai para o meio do mato pegar tatus para que seu pai possa inscrevê-los em corridas profissionais. Quando você encontra um e o pega pelo rabo, o pai da maioria das garotas não gritaria: “Cuidado com os dentes! Esse parece que morde!”. Deve ser porque a maioria dos pais não ama tanto suas filhas como meu pai me ama. Ou talvez seja porque eles não fazem suas filhas tirarem tatus vivos de tocos de árvores. Difícil dizer. Porém, sinceramente, azar dessas garotas, pois não há nada como ver o pai de quatro com cinco outros homens adultos gritando e batendo no chão para assustar seus respectivos tatus a fim de que atravessassem a linha de chegada primeiro. E, quando digo que “não há nada parecido”, o que quero dizer é “puta merda, essas pessoas são completamente piradas”.

Normalmente, quando digo às pessoas que meu pai foi campeão do Texas de corrida de tatu, elas supõem que estou exagerando, mas, quando mostro o anel prateado do campeonato do tatu (que, obviamente, tem o formato de um tatu), elas respondem, “Putá que pariu, você estava falando sério mesmo”. Em geral, elas vão embora logo em seguida. Seria mais impressionante mostrar o anel dourado do campeonato do tatu, mas não o temos mais, pois meu pai o trocou por uma carruagem funerária vitoriana. E não, não estou brincando, pois por que diabos iria brincar sobre isso? Mas tenho provas fotográficas:



Pois sim, este é o anel brilhante do vencedor do campeonato Glitterati Armadillo. Também na foto: meu pai durante uma fase infeliz de Magnum P.I., espectadores confusos e um tatu sem nome.

#7. O pai da maioria das pessoas não é um taxidermista profissional. Quando eu era criança, meu pai vendia armas e munição em uma loja de artigos desportivos, mas eu sempre dizia a todo mundo que ele era um traficante de armas, pois parecia mais emocionante. Ele acabou economizando dinheiro suficiente para largar o emprego e construir uma oficina de taxidermia ao lado da nossa casa (que era minúscula e feita de amianto, na época em que as pessoas ainda pensavam que isso fosse algo bom). Meu pai construiu ele mesmo a oficina, com madeira velha tirada de celeiros abandonados, e fez um trabalho incrível estilizando-a para parecer exatamente como um salão do Velho Oeste, completo, com portas vaivém, lâmpadas a gás e um poste para atrelar cavalos. Então ele contratou um bando de caras para trabalhar para ele, muitos dos quais me pareciam ter acabado de sair da prisão ou que estavam prestes a voltar para lá. Sinto pena dos estranhos confusos que acabavam entrando na oficina de taxidermia do meu pai esperando encontrar um bar e uma bebida forte e que, em vez disso, encontravam vários homens de aparência rude que meu pai havia contratado, cobertos de sangue e com os braços enfiados até os cotovelos em carcaças de animais. Eu suspeito, porém, que os taxidermistas cobertos de sangue provavelmente compartilhavam os próprios cantos com o estranho perplexo, pois, apesar de parecerem

meio perigosos, eles invariavelmente tinham bom coração, e tenho quase certeza de que eles reconheciam que qualquer pessoa que se deparasse sem querer com uma cena dessas provavelmente precisaria muito mais de uma bebida forte do que quando saiu procurando um bar.

#8. *A maioria das pessoas não tem um bichinho de estimação que é comido por um sem-teto.* Quando eu tinha cinco anos, meu pai ganhou um patinho para mim em uma feira. Demos a ele o nome de Daffodil e ele morava no quintal dentro de uma balsa inflável que enchemos de água. Ele era demais. Aí ficou grande demais para viver confortavelmente na balsa, então o soltamos debaixo de uma ponte de uma cidade vizinha para que pudesse ficar com todos os outros patos. Cantamos “*Born Free*” e ele parecia muito feliz ao ir embora, bamboleando. Um mês depois, o noticiário local passou uma reportagem sobre o desaparecimento de todos os patos do rio e que haviam sido comidos por pessoas sem-teto que moravam debaixo da ponte. Pelo jeito, era um bairro ruim para patos. Eu fiquei de olhos arregalados olhando para minha mãe e gaguejei: “MENDIGOS COMERAM MEU DAFFODIL”. Ela me olhou também, com a mandíbula tensa, perguntando-se se deveria simplesmente mentir para mim, mas decidiu que estava na hora de parar de me proteger da vida real e suspirou, dizendo, “Fica mais bonito você chamá-los de ‘*transeuntes*’, querida”. Melancólica, concordei com a cabeça. Estava traumatizada, mas meu vocabulário estava melhorando.

#9. *A maioria das pessoas não divide a piscina com porcos.* Morávamos contra o vento da (localmente) famosa fazenda de porcos dos Schwartz, o que é algo sobre o qual a maioria das pessoas sentiria vergonha, mas esses eram “porcos de exposição”, então, sim, *era impressionante pra caralho*. Quando o vento soprava do Oeste, o cheiro era tão forte que tínhamos de fechar as janelas, mas isso não se devia tanto aos porcos, mas a um esquitejadoro vizinho. Na verdade, a primeira vez que meu marido sentiu o cheiro ele quase vomitou, e minha mãe disse tranquilamente: “Ah, isso? É só o esquitejadoro”, do mesmo jeito que outras pessoas fariam, “Ah, esse é só nosso jardineiro”. Aí ele me olhou de um jeito que dizia “*Que porra é um esquitejadoro?*”, e eu expliquei em voz baixa que um esquitejadoro é uma fábrica onde fazem compostagem com flores velhas, pois isso soa muito mais extravagante do que “É como um matadouro, mas com muito menos classe”.



Escrito atrás da foto: Jenny & Daffodil. Depois ele foi comido pelos sem-teto.

Os Schwartz tinham uma enorme cisterna a céu aberto onde costumavam dar banho nos porcos e, em ocasiões especiais, eles nos convidavam para nadar na água dos porcos. É tudo verdade, pessoal.

A essa altura as pessoas começam a dizer: “Não estou acreditando em nada disso”, e tenho de lhes mostrar fotos ou ligar para minha mãe para confirmar tudo, e então eles ficam bem quietinhos. Provavelmente por respeito. Ou talvez pena. É por isso que eu sempre tenho de esclarecer que, apesar de a minha infância ter sido de fato perturbada, também foi meio incrível.

Quando se está cercado por outras pessoas que são tão pobres quanto você, a vida não parece muito estranha. Por exemplo, um dos meus amigos cresceu em uma casa com chão de terra, e fica difícil se sentir mal por causa de sua casa minúscula de amianto quando se tem o privilégio de ter um tapete. Além do mais, em defesa dos meus pais, nunca percebi de fato que éramos tão pobres assim, pois eles nunca disseram que não tínhamos dinheiro para comprar as coisas, simplesmente que não precisávamos delas. Coisas como aulas de balé. E pôneis. E água corrente salubre.

#10. *A maioria das pessoas não arquiva animais selvagens.* Quando eu tinha por volta de seis anos, meus pais decidiram criar galinhas, mas não tínhamos dinheiro para um galinheiro de verdade. Em vez disso, colocamos alguns arquivos na garagem e abrimos as gavetas em escadinha para que as galinhas pudessem fazer seus ninhos nelas. Uma vez, quando fui catar ovos, fiquei na ponta dos pés para alcançar a última gaveta e senti o que parecia ser um ovo deformado, e isso é porque *ele estava dentro da barriga de uma cascavel gigante pra caralho que estava tentando engolir outro ovo.* Eu voltei gritando para

casa e minha mãe pegou um rifle do armário de armas e (enquanto a cobra fugia e rastejava pela entrada da garagem) ela atirou bem no caroço onde ainda estava o ovo, e o ovo explodiu para todos os lados como algum tipo terrível de queima de fogos de artifício. Descobrimos depois que, na verdade, era uma cobra-touro só *fingindo* ser uma cascavel, e minha mãe ficou um pouco mal de tê-la matado, mas fingir ser uma cascavel na frente de uma mãe armada é basicamente a mesma coisa que balançar uma arma falsa na frente de um policial. É certo que você vai levar um tiro. Além disso, toda vez que leio este parágrafo para pessoas que não são do Sul, elas ficam encabuladas com o fato de termos um móvel dedicado só às armas, mas no Texas rural praticamente todo mundo tem um armário de armas. A não ser que sejam gays. Aí elas têm um *armoire* de armas.

#11. A maioria das pessoas não precisa dedicar um ano inteiro de terapia a um episódio único de dez minutos de sua infância. Três palavras: Stanley, o Esquilo Mágico. Na verdade foram quatro palavras, mas não acho que se deve contar o “o”, pois não é importante o suficiente para estar em letra maiúscula. De qualquer maneira, tudo isso será consertado pelo meu editor até você o ler, então, na verdade, poderia escrever qualquer coisa aqui. Por exemplo, você sabia que a Angelina Jolie odeia o povo judeu? História verídica. (Nota do editor: Angelina Jolie não odeia o povo judeu de jeito nenhum e isso não passa de invenção. Pedimos desculpas à Srta. Jolie e à comunidade judaica.)

Eu ia escrever sobre Stanley, o Esquilo Mágico, bem aqui no item 11, mas é complicado demais da conta, então escolhi transformá-lo em todo o próximo capítulo, pois tenho quase certeza de que quando se vende um livro se é pago por capítulo. Posso estar enganada, no entanto, pois *costume* mesmo me enganar. Tirando a coisa da Angelina-odiar-os-judeus, que provavelmente seja verdade mesmo. (*Não, não é nem um pouco verdade. Cale a boca, Jenny. – Ed.*)

5 “Derrotadamente” é uma palavra de verdade? Por exemplo, “Ela suspirou derrotadamente quando o corretor ortográfico sugeriu que ‘derrotadamente’ não existe”. Foda-se. Vai ficar no texto e tenho quase certeza de que isso o *transforma* em uma palavra de verdade. Eu e Shakespeare. *Inventando porcarias ao longo do caminho.*

Stanley, o Esquilo Falante Mágico

Quando digo às pessoas que meu pai é meio que um lunático total, elas riem e balançam a cabeça compreensivamente. Garantem que seus pais também são, e que ele não passa de um “típico pai”.

Devem estar certas, se o típico pai tiver uma oficina de taxidermia de tempo integral na própria casa e aparecer no bar local com um burro em miniatura e um sócia de Teddy Roosevelt e achar que esquisitos são os *outros* por acharem isso grandes coisas. Se o típico pai disser coisas do tipo “Feliz aniversário! Aqui está uma banheira cheia de guaxinins!” ou “Temos de pegar seu carro. O meu está ensanguentado demais”, então, sim, ele é *completamente normal*. Mesmo assim, não me lembro de nenhuma das crianças no programa *Charles in Charge* enfiando a mão no congelador atrás de um picolé e em vez disso tirando uma enorme cascavel congelada que Charles havia jogado lá dentro enquanto ainda estava vivo. Talvez eu tenha perdido esse episódio. Não assistíamos muito à televisão.

É por isso que, quando as pessoas tentam me contar como seu “pai maluco” às vezes adormecia sentado na privada, ou de vez em quando botava fogo na casa, eu ponho meu dedo nos seus lábios e sussurro: “Quieto, pequeno gafanhoto, deixe-me lhe dar um pouco de perspectiva”.

E aí lhes conto esta história:

Era perto da meia-noite quando ouvi meu pai descendo o corredor ruidosamente e, de repente, a luz do meu quarto foi acesa. Sem sucesso, minha mãe tentou convencê-lo a ir se deitar. “Deixe as meninas dormirem”, ela murmurou lá do quarto deles do outro lado do corredor. Minha mãe havia aprendido que meu pai não podia ser dissuadido quando lhe ocorria uma “grande ideia”, mas ela cumpria com a formalidade de discutir com ele (principalmente para destacar o que era normal e o que era maluquice, para que minha irmã e eu pudéssemos distinguir um do outro ao ficarmos mais velhas).

Eu tinha oito anos e minha irmã, Lisa, seis. Meu pai, o homem boêmio gigante que parecia um Zach Galifianakis perigoso, se enfiou pelo nosso quarto minúsculo. Lisa e eu compartilhamos um quarto a maior parte da nossa vida. Nosso quarto era tão pequeno que não havia espaço para mais que uma cama, que dividíamos, e uma cômoda. As portas dos armários haviam sido removidas fazia tempo para dar a ilusão de haver mais espaço. A ilusão fracassou. Eu passava horas tentando criar pequenos bastiões de privacidade. Construía fortes com colchas velhas e implorava para que minha mãe me deixasse ficar na garagem junto com as galinhas. Eu me trancava no banheiro (o único cômodo com chave), mas, com um banheiro para quatro pessoas e um pai com síndrome do intestino irritável, essa não era uma boa solução a longo prazo. De vez em quando eu esvaziava meu baú de brinquedos de madeira, me aninhava lá dentro e fechava a tampa, preferindo as câimbras nas pernas e a escuridão silenciosa da caixa de pinho ao mundo externo... bem parecido com uma câmara de privação sensorial, mas para órfãos. Minha mãe se preocupava, mas não o suficiente para fazer qualquer coisa a respeito disso. Há poucas vantagens de se

crescer pobre, e não ter dinheiro para fazer terapia é uma das maiores.

Meu pai estava agachado na beira da nossa cama, e Lisa e eu piscávamos, nossos olhos se ajustando lentamente à luz forte. “Acordem, meninas”, meu pai trovejou, seu rosto vermelho de emoção, frio ou histeria. Ele estava vestido com as roupas de caça camufladas de sempre e o fedor de urina de cervo pairava no quarto. Caçadores costumam usar xixi para disfarçarem o próprio cheiro, e meu pai o borrifava da mesma maneira que outros homens aplicam *Old Spice*. O Texas é um Estado que já baniu a sodomia e a felação, mas está totalmente de boa com homens tomando banho de xixi em nome da caça a cervos.

Meu pai estava segurando uma caixa de bolachas *Ritz*, o que era estranho, pois nunca tínhamos nenhuma comida de marca em casa, então eu pensei: “É isso aí, valeu *muito* a pena ter sido acordada para isso”, mas aí percebi que havia algo vivo se mexendo na caixa de biscoito, o que era perturbador; não tanto por meu pai ter trazido um animal vivo dentro de uma caixa de bolacha para nosso quarto, mas porque o que quer que estivesse lá dentro estava estragando bolachas muito boas.

Deixe-me apresentar o assunto dizendo que meu pai estava sempre trazendo esse tipo de merda maluca para casa. Crânios de coelhos, pedras em formato de legumes, gambás irados, olhos de vidro, andarilhos que ele encontrava na rua, um porco-espinho dentro de um pneu de borracha. Minha mãe (a moça da cantina paciente e estoica) parecia estar secretamente convencida de que ela devia ter feito algo terrível em outra vida para merecer essa sorte agora, então forçava um sorriso e punha mais um lugar na mesa para o andarilho/drogado com a dignidade silenciosa que costuma ser reservada aos santos ou aos catatônicos.

O papai se inclinou na nossa direção e nos disse de forma bem conspiratória que essa caixa continha nosso novo bicho de estimação. Esse era o mesmo homem que já havia trazido para casa um filhote de lince, o deixou solto na casa e se esqueceu de avisar, pois ele “não achava que fosse importante”, então, para ele estar empolgado assim eu supus que a caixa deveria conter algo realmente incrível, como um lagarto com duas cabeças, ou um filhote de chupa-cabra. Ele abriu a caixa e sussurrou com empolgação: “Venha conhecer seus novos donos, Pickles”.

Quase como se houvesse sido combinado, uma cabeça pequena emergiu da caixa de biscoito. Era um esquilo pequeno e visivelmente assustado, os olhos vidrados de medo. Minha irmã guinchou de prazer, e o esquilo desapareceu dentro da caixa. “Ei, vocês precisam ficar quietas ou vão assustá-lo”, avisou meu pai. E, sim, o guincho da Lisa pode ter sido estremecedor, mas o mais provável é que o esquilo tenha levado um susto do caralho com nossa casa. Meu pai taxidermista havia decorado praticamente toda a parede vazia com raposas de olhos arregalados, alces de olhares maliciosos, cabeças de urso rosnando e javalis selvagens completos com presas ensanguentadas de ter comido aldeões retardatários. Se eu fosse aquele esquilo, teria me cagado toda.

Lisa e eu ficamos em silêncio e o pequeno esquilo olhou tentativamente por cima da caixa. Até que era fofo para um esquilo, mas eu só conseguia pensar: “*Sério?* Uma porra de um esquilo? Você me acordou para isso?”. E, tudo bem, eu posso não ter dito “porra”, pois eu tinha oito anos, mas a emoção era essa mesma. Esse era o homem que jogava crianças no carro para correr atrás de tornados por diversão e que, uma vez, me deu um jiboia de dois metros quando se esqueceu do meu aniversário, então essa história toda de esquilo-na-caixa parecia meio anticlimática.

Meu pai percebeu minha expressão perplexa e se inclinou mais, como se estivesse contando um segredo que não queria que o esquilo escutasse. “*Este*”, ele sussurrou, “não é um esquilo qualquer. *Este*”, ele disse fazendo uma pausa dramática, “é um esquilo *mágico*”.

Minha irmã e eu olhamos uma para a outra pensando a mesma coisa: “*Este*”, pensamos para nós mesmas, “é o papai obviamente pensando que somos idiotas”. Lisa e eu estávamos bem versadas nas habilidades de contar história do meu pai e sabíamos que não se podia confiar nesse homem. Justo na semana passada ele havia nos acordado e perguntado se queríamos ir ao cinema. *Claro* que queríamos ir

ao cinema. O dinheiro sempre estava apertado, então ver um filme era um daqueles raros vislumbres da vida daqueles poucos ricos que podiam gastar dinheiro em luxos como matinês e aquecimento central. Essas pessoas na plateia, eu tinha certeza, eram as mesmas pessoas que tinham dinheiro para comprar sapatos de frio de verdade, em vez de sacos de pão estufados com jornal.



Lisa e eu no jardim de casa usando nossas (quase imperceptíveis) botas de saco de pão.

Quando Lisa e eu estávamos praticamente quicando das paredes de pura empolgação de ir ver um filme, ele nos mandou ligar para os dois cinemas de uma cidade vizinha e nos fez anotar todas as sessões para que pudéssemos decidir o que íamos ver. Escutamos a gravação das sessões dos filmes repetidamente até conseguir anotar tudo e, depois de trinta minutos de trabalho intenso, compilamos a lista e vários motivos por que *Muppets – O Filme* era a única escolha lógica. Aí meu pai concordou alegremente e todos comemoraram. Em seguida ele se inclinou sobre nós e disse, “Então. Vocês têm dinheiro?”. Minha irmã e eu olhamos uma para a outra. Claro que não tínhamos dinheiro. Estávamos usando sapatos de saco de pão. “Bem”, disse meu pai, com um grande sorriso no rosto, “eu também não tenho dinheiro. Mas foi bem legal quando *achávamos* que íamos para o cinema, não foi?”.

Algumas pessoas podem ler isso e achar que meu pai era um filho da puta sádico, mas ele não era. Ele realmente achava que o tempo que Lisa e eu passamos planejando a saída para o cinema que nunca aconteceria seria um ótimo descanso daquilo que estaríamos fazendo se ele não houvesse tocado no assunto (por exemplo, fazendo ligação direta no trator do vizinho ou brincando com a pá da família). Eu me pergunto se algum dia meu pai vai se divertir tanto com esse conceito quando Lisa e eu ligarmos para dizer que vamos buscá-lo no asilo no Natal e nunca de fato aparecermos. “Mas bem que foi legal quando você achou que ia para casa, né?”, nós perguntaríamos alegremente na véspera de Ano Novo. “Mas,

falando sério, com certeza estaremos aí para buscá-lo amanhã. Nada de enemas e remédios para o coração! Vamos ao circo! Vai ser demais! Pode confiar na gente!” *Ele não deve confiar na gente.*

Era isso o que passava pela minha cabeça na noite em que meu pai nos acordou com o esquilo “mágico”. Ele parecia sentir que eu estava tramando uma vingança relacionada a asilos/circos e franziu a sobrancelha enquanto tentava recuperar nossa confiança. “*É sério, este é mesmo um esquilo mágico*”, ele disse. “Olhem, vou provar para vocês.” Ele olhou para dentro da caixa. “Ei, esquilininho. Qual o nome da minha filha mais velha?” O esquilo olhou para meu pai, aí para nós... e não é que o esquilo se esticou e sussurrou bem no ouvido do meu pai?

“Ele disse ‘Jenny’”, afirmou meu pai, todo convencido.

Foi impressionante, mas minha irmã e eu rapidamente ressaltamos que não tínhamos *escutado* o esquilo dizer meu nome de fato e que o mais provável era que o esquilo estivesse procurando comida nos pelos de ouvido do meu pai. Meu pai suspirou, obviamente decepcionado com suas filhas cínicas, ou com o comentário sobre o pelo de ouvido. “*Tudo bem*”, ele disse, rabugento, bufando frustrado e olhando de novo para dentro da caixa de biscoito. “Pequeno esquilo... quanto são dois mais três?”

E esse esquilo incrível, mágico e maravilhoso levantou a patinha de esquilo. *Cinco. Benditas. Vezes.*

Imediatamente, percebi que esse esquilo mágico seria meu passaporte para sair dessa cidade do Oeste do Texas. Eu iria explorá-lo para conseguir dinheiro, brinquedos e aparições no *The Tonight Show*. Eu o chamaria de Stanley e contrataria uma costureira cubana chamada Juanita para fazer terninhos informais para ele. Bem quando eu estava considerando se Stanley ficaria mais charmoso em um chapéu fedora ou uma boina, meu pai deu um grande sorriso e rasgou a caixa que escondia o pequeno esquilo.

Stanley estava... *estranho*. Eu percebi vagamente que sua barriga estava enorme e distendida, saltando para fora como uma grande barriga de cerveja. “Juanita vai ter bastante trabalho”, pensei comigo mesma. E aí percebi que as minúsculas patas traseiras de Stanley estavam penduradas bem apaticamente e que a mão do meu pai estava ENFIADA DENTRO DO CORPO DO ESQUILO.

Eu teria dito “Putá merda, seu psicopata!” se não tivesse oito anos. Havia sangue fresco secando na manga do meu pai e minha mente lutava para compreender o que estava acontecendo. Por um breve momento, achei que Stanley, o Esquilo Mágico, estivesse vivo até poucos segundos atrás, quando meu pai decidiu realizar um tipo bizarro de exame colorretal que havia terminado mal. Aí percebi que isso era, mais provavelmente, um esquilo que meu pai tinha encontrado morto na rua e que ele havia aberto e decidido usar como algum tipo de fantoche abatido nas próprias entranhas do inferno.

Lisa deu um risinho e enfiou a mão no rabo do esquilo morto. A tensão havia sido demais para sua pequena mente frágil. Com apenas seis anos, ela havia surtado. Enquanto ela enfiava a carcaça fresca até o cotovelo, fiz uma observação mental para que eu lembrasse de checar os avisos de criança desaparecida nas contas de água, certa de que meus pais verdadeiros, que provavelmente haviam me perdido na sala de cinema, já deviam estar bem preocupados comigo. Eu me convenci de que eles deviam estar em uma reunião da Sociedade Protetora dos Animais, fazendo grandes doações em nome da filha, havia tanto tempo perdida, “Ó, ela teria *adorado* isso”, minha mãe de verdade diria de forma consoladora a meu pai (o conde), enquanto eles trabalhavam diligentemente para espalhar aos municípios vizinhos sua missão bem-sucedida de salvar o cão da pradaria.

Muitos anos depois, minha irmã teve uma filha chamada Gabi. Meu pai (aparentemente interpretando mal minha necessidade de contar a história do esquilo morto todos os Natais para o resto da minha vida como uma homenagem a tempos mais felizes, em vez de como os efeitos do transtorno de estresse pós-traumático) decidiu que deveria abençoar a neta de quatro anos com a terapia sem fim que resultou do episódio da carcaça-mágica-falante-na-caixa. Ele curtiu o corpo de um guaxinim, colocou o cadáver enrijecido em uma caixa grande de cereal e o escondeu debaixo da cama de hóspede (aparentemente aguardando o momento perfeito para traumatizar a Gabi para o resto da vida), e então esqueceu o assunto completamente. Semanas depois, a Gabi achou a carcaça de guaxinim mutilada debaixo da cama e

(achando que fosse um fantoche bem duro) caminhou pela casa brincando com seu novo amigo e dando um susto do caralho no gato. Ela entrou sorrateira no quarto do meu pai, onde ele estava tirando um cochilo, e silenciosamente colocou o guaxinim morto no travesseiro dele, como uma mensagem do Poderoso Chefão. A pata enrugada do guaxinim morto acariciou suavemente o rosto adormecido do meu pai à medida que Gabi aproximava o guaxinim para que ele pudesse dar um beijo de esquimó no nariz de seu avô. “Vovô”, ela sussurrou docemente, “acolda e fala oi”.

É bem aqui que meu pai gritou como uma menininha e então Gabi gritou com o grito dele e jogou as mãos para cima, fazendo com que o guaxinim morto voasse pelo quarto até a cozinha e pousasse no pé de minha irmã. Uma pessoa normal teria desmaiado, ou pelo menos gritado, “Que porra é essa?!”, mas, àquela altura em sua vida, guaxinins mortos voadores e pessoas gritando na casa eram praticamente algo normal, então Lisa deu de ombros e voltou a preparar um pão.

Lisa me ligou mais tarde para contar essa história, e prometi comprar um pônei para a Gabi por ter nos vingado, mas depois senti um pouco de pena do meu pai, pois acordar com um guaxinim morto encarando você com órbitas sem olhos enquanto acaricia sua bochecha não é algo pelo qual alguém com pressão alta deva passar. Mas, pensando bem, ter me dado um esquilo mágico mutilado em uma caixa de biscoito também é meio foda, então acho que estamos praticamente quites.



Como um aparte, não consegui encontrar uma foto de Stanley, o esquilo mutilado (provavelmente porque ninguém se lembra de tirar fotos de carcaças de esquilo até ser tarde demais), mas tenho uma foto de meu pai dando mamadeira para um filhote de porco-espinho dentro de um estepe e, de alguma maneira, isso parece ser pertinente e ligeiramente redentor. Acabei de perceber, no entanto, que meu pai está apoiando o porco-espinho com uma vara de misturar tinta e há gotas de tinta no pneu todo. Então é inteiramente cabível que ele esteja dando tinta para o porco-espinho. Pouco provável, mas já aconteceram coisas mais estranhas.

Não conte a seus pais

Praticamente todo fim de semana, quando eu era criança, os pais tchecos do meu pai pegavam minha irmã e eu e nos levavam de carro para sua casa em uma cidade vizinha. Minha avó, que chamávamos de Grandlibby, era uma das mulheres mais meigas e pacientes que já agraciaram o planeta. Suspeito que a maioria das pessoas sentem isso a respeito de suas avós, mas essa é a mesma mulher que, quando pressionada, descrevia Hitler como um “homenzinho triste que provavelmente não foi abraçado o bastante quando criança”, e que diria de Satanás apenas “não sou fã”.

Meu avô parecia enxergar na alegria exacerbada da mulher algum tipo de desafio e saiu por aí, sempre um pouco indignado com tudo, tentando equilibrar seu efeito no mundo. Por trás dos modos rudes, ele era inofensivo, mas sempre mantínhamos boa distância dele enquanto ele percorria a casa, com raiva, resmungando em tcheco consigo mesmo (provavelmente sobre como ele queria uma bengala para bater nas pessoas). Grandlibby sempre lhe dava um sorriso amoroso, concordando com paciência com o que fosse que ele estivesse de saco cheio no momento, enquanto nos enxotava com calma do quarto até que ele tivesse tido tempo de assistir a *Bonanza* e se acalmar. Não tenho certeza de o quanto de sua paciência super-humana era amor e o quanto era simplesmente autopreservação.

De acordo com a lenda da família, quando minha tia tataravó tinha uns 30 anos, ela se sentara à mesa para tomar café da manhã e o marido enfiara-lhe um prego no lado de trás do crânio, enterrando-a depois no quintal. Disseram-me que isso era completamente adequado na época. *Isto é*, o enterro no quintal. Não a história do prego na cabeça. Pregos na cabeça nunca foram vistos com bons olhos, até mesmo no Texas. Não há provas reais de que isso tenha acontecido, mas a suposta confissão no leito de morte do meu tio tataravô de ter assassinado sua esposa (e também de ter botado fogo no seu pai alguns anos antes disso) foi considerada um fato por nossa família. Meu avô disse que, depois da confissão, vários membros da família desenterraram a tia bisavó e encontraram o prego ainda enfiado no seu crânio. Depois a enterraram novamente sem informar à polícia, pois isso foi antes de *CSI: Miami*. Eu destaquei que desenterrar um cadáver de um membro da família só para procurar um buraco de prego era quase tão bizarro quanto assassinar alguém com um prego na cabeça, mas vovô não concordou e murmurou todo rabugento algo sobre “as crianças de hoje em dia não entendem as responsabilidades familiares”. Às vezes eu me perguntava se minha avó era tão desumanamente bem-humorada só porque estava tentando evitar um prego na cabeça. Mas duvido. O vovô não era muito bom com ferramentas.

No fundo, ele era um bom homem. Dava para perceber que ele ficava sem jeito em volta de crianças, mas não o culpávamos, pois o sentimento era mútuo. Ele havia tido uma série de derrames aos 60 anos, o que fazia com que piscasse um olho involuntariamente, e ele ficou convencido de que as mulheres de sua igreja iam pensar que ele estava piscando medonhamente para elas, então começou a usar óculos escuros

do Roy Orbison, o que, somado a seu jeitão estoico, o sotaque tcheco do velho mundo e a propensão a vestir camisa de baixo e ternos escuros, dava-lhe um ar de ser o chefe de uma família mafiosa. Os vizinhos o tratavam com respeito silencioso, com medo, talvez, de que ele fosse mandar executá-los, e mais de uma vez escutei se referirem a ele como “O Exterminador”.

O vovô fazia tudo no seu ritmo, uma velocidade que minha irmã e eu chamávamos de “*quando as lesmas atacam*”. Ficava mais evidente quando estava dirigindo. Ele era quase legalmente cego, e os óculos escuros não ajudavam ninguém, em especial quem dividia a estrada com ele. Ele amenizava essas limitações dirigindo sempre mais ou menos cinquenta quilômetros abaixo do limite de velocidade. A casa dos meus avós ficava a uns 16 quilômetros da nossa apenas, mas o trajeto até lá requeria sanduíches feitos para viagem e vários livros para nos manter ocupadas. Uma vez, em uma viagem especialmente lenta, minha irmã percebeu que precisava ir ao banheiro e eu tentei convencê-la a segurar, mas ela não conseguia, então o vovô virou na direção de um posto de gasolina. Ele desviou de repente, insistindo que um puma havia disparado na frente do carro. Todos nós havíamos visto o puma ao qual ele se referia. Era um trailer duplo que estava estacionado ao lado da estrada havia pelo menos vinte anos. Lisa e eu nos confortamos com a ideia de que, mesmo que o vovô chegasse a bater em alguma coisa, a essa velocidade provavelmente o carro só iria dar uma quicada. Muitas vezes consideramos a ideia de pular do carro e correr os últimos poucos quarteirões que faltavam até a casa dos nossos avós, quase certas de que podíamos chegar a tempo para experimentar o aparelho de audição extra do vovô antes que ele entrasse na garagem e percebesse que não estávamos no banco de trás.

A casa de nossos avós era como o palácio de Calígula, pois meu avô se distraía demais indignado com a existência de gatos (que ele prendia no quintal e mandava para nossa casa) e minha avó era meiga demais para nos negar alguma coisa. Facas afiadas, chocolate, pequenas fogueiras, televisão a cabo tarde da noite... nada era proibido ali. O almoço consistia de ovos fritos flutuando em xarope, purê de batata misturado com chantilly e batata frita caseira pingando de gordura. Para o jantar, Grandlibby fazia algumas fôrmãs de *brownies* um pouco crus, resultando em uma mistura mole de *brownie-salmonela-pudim* que só podia realmente ser apreciado com os dedos... enrolando a massa melequenta em uma grande mistura narcótica de chocolate.

Após cada mordida, Grandlibby repetia seu mantra: “*Agora, não conte isso para seus pais*”. Eu consentia com um murmúrio, viajando demais na minha alta de açúcar para fazer mais do que isso. Minha irmã conseguia dizer que sim com a cabeça enquanto tragava meio litro de *ketchup* direto do frasco. O vovô entrava na cozinha, resmungando reprovações a nossas más escolhas alimentícias, e minha avó o encarava com olhos arregalados de surpresa e concordava com ele sinceramente, como se nunca lhe houvesse ocorrido que um café da manhã composto inteiramente de balinhas pudesse ser uma ideia pouco saudável. Então, ela agradecia gentilmente pelos bons conselhos e o acomodava na sua poltrona antes de voltar à cozinha para sugerir em voz baixa que fizéssemos *milk-shakes* de pasta de amendoim com cubos de açúcar. Inevitavelmente, meu avô voltava meia hora depois e queria saber o que diabos estava acontecendo, e minha avó fazia uma cara adorável de desinformada e fingia entender pela primeira vez que cubos de açúcar *não são* uma guarnição. Essa cara inocente era irrepreensível e ele suspirava profundamente, afastando-se, enquanto murmurava que ela estava ficando senil. Não estava. Ela sabia *exatamente* o que estava fazendo e havia aperfeiçoado a arte de fazer o que fosse que ela queria para tornar a vida mais feliz, ao mesmo tempo que evitava os tipos de discussões que levavam a ataques com pregos.

À medida que a noite progredia, meu avô ia dormir e nós nos afundávamos mais ainda na nossa versão infantil de libertinagem. Nossa prima, Michelle, que era um ano mais nova do que eu, também vinha para a casa deles e a noite virava um caso de autoflagelação em força total, aquele que só as crianças mais imaginativas e com supervisão limitada conseguem alcançar plenamente.

Apesar do fato de que a casa inteira estava aparelhada pensando na nossa segurança, nós

conseguíamos transformar isso para satisfazer às nossas necessidades. Enquanto alguns avós colocavam aqueles tapetes de plástico na banheira para evitar escorregões, meus avós haviam levado isso um passo além e tinham revestido todos os espaços onde se podia caminhar na casa com um plástico amarelo e grosso, cobrindo todo o carpete. Descobrimos que o que mantinha os tapetes de plásticos tão bem ancorados ao chão era um mar de pregos de dois centímetros do lado de baixo, enfiados no carpete felpudo dourado. Quando atingíamos o mais alto nível de pensamento, reservado somente aos iogues e às crianças nas profundezas dos efeitos de uma overdose de açúcar, virávamos os tapetes de cabeça para baixo e praticávamos caminhar sobre nossa cama de pregos caseira. Como eram mais novas, Michelle e Lisa precisavam carregar grandes urnas de gesso ou móveis pesados para compensar suas ossaturas menores. Eu podia caminhar sem nenhum peso adicional, tendo em vista que as unhas de ambos os dedões do meu pé haviam sido arrancadas por vidro quebrado quando me meti descalça em um bueiro cheio de água de chuva apenas algumas horas antes. “*Diga a seus pais que você caiu enquanto estava lendo a Bíblia*”, Grandlibby sugeriu solicitamente.

De manhã, íamos nadar. Meus avós não eram pobres, mas eles eram do tipo que guardavam e reutilizavam papel-alumínio, sempre certos de que outra depressão estava esperando na próxima esquina, prestes a acontecer, então eles cumpriram o desafio de criar uma piscina para as netas resgatando três bacias de banheiras de fibra de vidro que alguém jogara fora. Tampávamos os ralos e enchíamos as banheiras com a mangueira lá fora. Grandlibby sugeria sutilmente que deixássemos o sol esquentar a água gelada nas banheiras, mas, depois de uma noite de mimos permissivos e de devassidão generalizada, ainda não conseguíamos nos moderar. Entrávamos nas banheiras, quebrando a fina camada de gelo que estava começando a se formar por cima da água, nossos lábios e dedos ficando de um azul pálido, assegurando umas às outras que, ainda que isso *causasse mesmo* pneumonia, provavelmente ela nos atacaria mais tarde, durante a semana, quando tínhamos de ir para a escola.

Independentemente de quão perigoso fosse a atividade, Grandlibby sempre estaria por perto com um refrigerante de cereja, um *kit* de primeiro-socorros e um olhar amoroso de pânico resignado. Ao me preparar para pular do teto de sua casa até as almofadas de sofá lá embaixo, pensei que talvez não fosse uma boa ideia, mas sabia que a outra opção de descer pelo cano enferrujado da chaminé da churrasqueira que havia usado como uma treliça improvisada poderia me machucar mais. Grandlibby murmurou alguma coisa em tcheco que me pareceu suspeitamente como um xingamento. O conselho da Lisa foi bem mais útil. “Queixo no peito e faça uma cambalhota!”

Um de nossos passatempos prediletos era passear pelos becos do bairro, procurando tesouros escondidos nas latas de lixo e nas caçambas. Árvores de Natal descartadas, livros estragados pela água, cadeiras com três pernas, cartas de amor entre amantes e roupas manchadas: esses eram nossos espólios particulares. Como eu era a mais alta e tinha recebido a vacina antitetânica mais recentemente, sentia que era minha obrigação escavar mais fundo no lixo, certa de que, se eu me esforçasse, um dia acharia um bolo de dinheiro, um saco de heroína perdido, ou, talvez, uma mão humana.

Sei que meu trabalho árduo não havia sido em vão no dia que pesquei uma revista *Playboy* toda manchada, as páginas coladas com (o que agora espero que seja) suco de laranja seco. Aos nove anos, essa foi a primeira vez que vi nudez sem ser numa reportagem da *National Geographic*. Voltamos com a revista para o quintal dos meus avós, e minha prima e eu nos acomodamos no gramado para examinar essas mulheres, que, para minha surpresa, não tinham seios caídos até o umbigo e que sempre tinham nomes que terminavam com dois *es*. Abrimos na página central, onde havia uma loira bem dotada chamada “Candee”. Grandlibby tentou nos distrair da revista com uma combinação tentadora de uma escada de mão e um guarda-chuva, mas estávamos absortas demais na revista para ouvirmos sua opinião de que a revista era “lixo”. Meu avô nos olhava da porta e resmungava em voz alta para si mesmo sobre como as crianças tinham pouco respeito pelos gramados hoje em dia. Não faço ideia se chegou a se dar

conta da revista tórrida que nos absorvia, mas ele continuou a murmurar ao entrar furtivamente na casa, talvez procurando por pregos pequenos.

“Ei, Grandlibby, o que é ‘tesão’?”

Ela ficou visivelmente pálida, parecendo um tanto adoentada. “Bem”, ela disse, lutando com as palavras, “é... bem... é quando algo deixa você feliz, suponho.”

Virei para minha prima. “Tenho tesão pelo desenho da *Rainbow Brite* e por unicórnios.”

Michelle sorriu também, os dois dentes da frente ausentes. “Tenho tesão pelo bichinho de pelúcia *Monochichi*. E chiclete.”

Grandlibby emitiu um riso abrupto e estrangulado. “Sim. Posso ter me enganado. Sabe, não falo um inglês muito bom. Que tal vocês simplesmente *nunca usarem essa frase novamente*, tudo bem?” Pediu licença e entrou em casa. Conseguíamos escutar algo que parecia uma prece vindo lá de dentro, mas estávamos fascinadas demais com aquelas mulheres e suas roupas íntimas de aparência frágil (e que mal cabiam) para investigar mais a fundo.

De repente, o dia claro e ensolarado irrompeu em uma chuva de granizo violenta. Corremos até a varanda, cobrindo a cabeça com a revista. Grandlibby saiu da casa autoritariamente, com uma sobrancelha erguida. “*Então*. Viu o que acontece quando se olha fotos sujas?”, ela entoou com sabedoria. “*Cai chuva de granizo*. E sabe de onde vem o granizo?”, ela perguntou com doçura.

“Nuvens cúmulos?”, ofereci. Recentemente tinha tirado um oito em ciências e me sentia moderadamente segura de que fosse a resposta correta.

“*Não*”, respondeu ela. “O granizo vem do inferno. O diabo o mandou porque está feliz de vocês estarem lendo esse lixo do mal.”

Michelle e eu nos entreolhamos. Até que tinha nos parecido *meio suspeito* que uma chuva de granizo houvesse eclodido em um dia perfeitamente límpido, mas sentíamos que havia alguma falha na lógica de Grandlibby. Se o diabo estava feliz, porque então ele tinha mandado granizo para nos distrair da nossa recém-descoberta paixão por pornografia? “*Certamente*”, pensamos, “*ela deve ter se confundido*”. Mas o que nos preocupou *mesmo* foi o fato de que a chuva de granizo havia ocorrido alguns segundos depois de termos ouvido a Grandlibby rezar dentro da casa. Era desconcertante. *Será* que minha avó tinha mesmo algum tipo de linha direta com Deus? *Será* que todos aqueles anos mandando dinheiro para os televangelistas Jim e Tammy Faye Bakker finalmente haviam compensado? Não tínhamos certeza, mas achamos melhor não arriscar. Coloquei a *Playboy* em cima da lata de lixo do vizinho, pensando que, se nós não podíamos mais compartilhar de seus encantos, certamente os próximos lixeiros a passarem por ali apreciariam minha generosidade e caridade, qualidades certamente admiradas por Deus.

Anos depois, percebi que minha avó tinha razão sobre a revista ser um lixo, e com todo prazer passei direto pelas *Playboys* lustrosas, porém fúteis, e peguei seus exemplares velhos e surrados de *Revista da Dona de Casa* e *Escândalos de Hollywood*, que não continham nudez, mas possuíam uma narrativa muito mais forte do que a *Playboy* jamais poderia oferecer. “Não conte para seus pais”, disse Grandlibby com um doce sorriso.

Sorri também. Ela não tinha com o que se preocupar.

Jenkins, seu filho da mãe

Quando eu era pequena, minha mãe costumava dizer que eu tinha “um estômago nervoso”. Esse era o nome que dávamos a um “grave transtorno de ansiedade não tratado” lá nos anos 1970, quando a cura de tudo eram as vitaminas dos Flinstones e a ameaça de me levar para morar com minha avó se não parasse de me esconder das pessoas dentro da minha caixa de brinquedos.

Aos sete anos, percebi que havia algo de errado comigo e que a maioria das crianças não hiperventilava nem vomitava quando tinha que sair de casa. Minha mãe me chamava de “excêntrica”. Meus professores sussurravam “neurótica”. Mas, lá no fundo, sabia que havia uma palavra mais adequada para mim: *condenada*.

Condenada, pois, todo Natal, acabava me escondendo debaixo da mesa da cozinha da minha tia de puro pânico de estar com tanta gente. Condenada, pois não conseguia falar na frente da turma na escola sem ter uma crise de incontrolável riso histérico, enquanto meus colegas ficavam me olhando. Condenada, pois eu sabia, sem sombra de dúvida, que algo horrível e inominável estava para me acontecer e que não havia como impedir. E minhas preocupações não eram apenas as coisas terríveis típicas que inquietam as crianças pequenas, como ser acordada pelo pai com um fantoche ensanguentado. Eram coisas como um holocausto nuclear. Ou intoxicação por monóxido de carbono. Ou ter de sair de casa e interagir com pessoas que não a mãe. Provavelmente havia nascido com isso, mas não consigo deixar de pensar que pelo menos parte da minha ansiedade social remonta a um único episódio.

Uma noite, quando eu estava no terceiro ano, meu pai entrou correndo em casa e nos chamou para ver o que havia na caçamba de sua picape. Eu era jovem, mas mesmo assim estava calejada o suficiente para saber que disso não sairia nada de bom.

Minha irmã e eu compartilhamos um olhar preocupado, e minha mãe deu uma espiada cautelosa pela janela da cozinha para ver se havia algo grande se mexendo na picape do meu pai. Havia. Ela lançou um olhar que meu pai sempre parecia interpretar da seguinte maneira: “Que sorte vocês têm de terem um pai tão aventureiro”, mas que eu sempre lia como “Há uma chance de que uma de vocês não sobreviva ao entusiasmo de seu pai. Provavelmente seja a Lisa, pois ela é menor e não consegue correr tão rápido, mas até que é boa em se esconder em espaços pequenos, então na verdade o jogo está equilibrado”. É mais provável, porém, que fosse algo do tipo “*Cristo*, porque não inventam logo o Frontal?”.

Em geral, quando meu pai queria fazer com que vissemos o que tinha na caçamba de sua caminhonete, era só porque o que for que estivesse lá ou estava ensanguentado e/ou era selvagem demais para carregar para casa, então permanecíamos todas dentro da relativa segurança de nossa casa e fazíamos uma série de perguntas projetadas para avaliar o nível de perigo do que quer que fosse a que papai estava nos

expondo. Aprendemos a interpretar suas respostas adequadamente e havíamos inventado o que chamaríamos depois de “O dicionário de sinônimos perigosos de meu pai”.

Uma versão condensada:

“Você vai gostar muito disso.” = “Não faço ideia do que as crianças gostam.”

“Vista seu casaco escuro.” = “Há chances de cair sangue em você.”

“Não vai machucar você.” = “Espero que você goste de Mertiolate.”

“Ele está *bem* animado.” = “Ele está doente, com raiva.”

“Não vá se apegar *demais*.” = “Consegui esse macaco de graça porque ele tem um vírus.”

“Ele gostou de você!” = “Esse javali selvagem agora é responsabilidade sua.”

“*Isso, sim*, é muito interessante.” = “Você ainda vai ter pesadelos sobre isso quando tiver 30 anos.”

“Não grita, senão vai acordá-lo.” = “Você deveria sair correndo agora.”

“Ele só quer lhe dar um beijinho.” = “Provavelmente vai comer sua cara.”

Meu pai estava perpetuamente decepcionado com nossa falta de confiança, mas eu tentava lembrá-lo de que, somente na semana passada, ele havia levado uma caixa para a própria mãe com uma cobra viva furiosa que ele tinha encontrado na estrada a caminho da casa dela. Ele tentou se defender, mas minha irmã e eu estávamos lá quando meu pai colocou a caixa no quintal e chamou a mãe para ver “a surpresa”. Então, ele deu uma cutucada na caixa com o pé para abri-la, a cobra saltou e minha avó correu para dentro de casa. Lisa e eu corremos na direção oposta e tentamos pular na caçamba da caminhonete, o que foi meio míope, pois era justamente onde meu pai guardava os animais esfolados e inidentificáveis que ele planejava ferver para poder estudar suas estruturas ósseas. A caçamba da picape do meu pai era como algo que teria acabado no *Inferno* de Dante, se Dante tivesse passado um tempo no interior do Texas.

Essa lembrança ainda estava vívida quando meu pai nos tirou de casa nessa noite fria para nos mostrar seja lá que espólios ele havia conseguido capturar, atirar ou atropelar. Nervosas, minha irmã e eu ficamos mais para trás enquanto minha mãe se preparava com uma inspiração profunda e temerosamente se inclinou para a frente para se ver olho no olho com uma dúzia de pássaros vivos carrancudos que pareciam ter sido arrastados pelo inferno. Alguns guincharam, ressentidos, mas a maioria se agrupou entorpecida em um canto, sem dúvida em estado de choque devido à viagem ventosa e também por ter sido forçada a compartilhar a caçamba com várias carcaças de animais que meu pai provavelmente havia pego para seu trabalho com taxidermia. Suponho que para esses pássaros isso tenha sido como aceitar uma carona na *van* de um estranho, entrar na traseira e descobrir vários caminhantes assassinados que estavam sendo transformados em abajur.

Meu pai explicou que os pássaros eram codornas gigantes do Wisconsin bem comportadas e minha mãe rebateu que os pássaros eram, na verdade, *perus* barulhentos. Ele explicou que os havia conseguido em uma troca pela balestra enferrujada que ele tinha levado para casa alguns meses atrás e, tecnicamente, os pássaros pareciam o menor de dois males, então minha mãe sacudiu a cabeça e voltou a limpar a casa. Ela era o tipo de mulher que sabia escolher suas batalhas e deve ter percebido que as *codornas-que-na-verdade-eram-perus* seriam menos perigosas para todos nós.

Aqueles pássaros amavam meu pai com uma paixão ardente. Eles o seguiam com reverência, o que só posso imaginar ser algum tipo de síndrome de Estocolmo da Patty Hearst, sem dúvida fortalecida pela visão dele carregando animais mortos para dentro de casa toda hora. Meu pai era a única pessoa que eles conseguiam tolerar. Com o passar dos meses, os *perus* ficaram maiores, mais barulhentos e mais irritantes, e se empoleiravam nos galhos mais baixos das árvores, gritando para minha mãe toda vez que ela saía de casa. Meu pai insistia que as codornas eram simplesmente excêntricas e que estávamos interpretando mal o grugulhar alto e raivoso delas, que ele alegava ser apenas um canto de alegria. Ele

insinuava que nossa reação às codornas provavelmente fosse apenas um sinal de nossa consciência pesada, e minha mãe insinuava que ele provavelmente precisava ser apunhalado na coxa com um garfo várias vezes, mas ela dizia isso mais com os olhos do que com a boca, e meu pai quase nunca prestava atenção a nenhum dos dois.

À medida que os pássaros ficavam maiores e mais cruéis, dava graças a Deus que não tínhamos vizinhos perto o suficiente para testemunhar o comportamento dos perus. Eu já era assolada pela minha insegurança e timidez e os ataques vergonhosos dos perus furiosos não estavam ajudando em nada minha autoconfiança, que já era baixa. Minha irmã tentava ignorar essa situação, o que era difícil, pois meu pai insistia em dar nome aos perus e em tratá-los feito bichos de estimação. Bichos de estimação que correm na sua direção furiosamente em um ataque de força total, bicando-lhe os tornozelos pequenos enquanto você corre em círculos pelo quintal, gritando para alguém abrir a porta da casa e você poder entrar.

Lisa tentou convencer meu pai de que os pássaros (liderados por um peru imprevisível chamado Jenkins, sei lá por quê) queriam nos comer, mas meu pai nos assegurou que “codornas *nem têm dentes*, então, mesmo se elas *conseguissem* nos matar, *com certeza não conseguiriam nos comer*”. Suponho que ele achasse isso consolador.

“E os *perus* têm dentes?”, perguntou minha irmã maliciosamente.

Meu pai tentou lhe passar um sermão sobre respeitar os mais velhos, mas ele se distraiu tentando acalmar Jenkins, que havia se alojado no capô do carro do carteiro e estava atacando o limpador de para-brisas com violência, enquanto lançava grugulejos acusatórios ao carteiro confuso.

Vivíamos em uma rota rural, então nosso carteiro estava bem acostumado a ser assediado por cães errantes, mas estava completamente despreparado para um ataque raivoso de peru e gritou, indignado: “*Se você não consegue controlar esses malditos perus, tem de prendê-los!*” .

Meu pai tirou o grande pássaro do capô, levantando-o com mais do que um pouco de esforço, e o colocou debaixo do braço, dizendo (com uma dignidade surpreendente para um homem com um peru debaixo do braço): “Senhor, esse pássaro é uma *codorna*. E seu nome é Jenkins”. Eu me surpreendi com a elegância e compostura de meu pai naquele instante, especialmente tendo em vista que Jenkins estava bufando com fúria para o carteiro enquanto sacudia no bico a parte de borracha mole do para-brisas feito um chicote. O que *não* me surpreendeu foi encontrar um recadinho na nossa caixa de correio no dia seguinte nos informando de que não poderíamos mais afixar uma moeda com fita adesiva no lugar do selo e que todos os próximos pacotes seriam deixados ao lado da caixa de correio em vez de serem entregues na porta. Isso deixou minha mãe nervosa, tanto porque ela odiava ter de ir até a cidade para comprar selos como porque a noção do carteiro de deixar pacotes na caixa de correio era algo mais como jogar nosso correio na direção generalizada da casa sem frear. Os perus se adaptaram a isso juntando rapidamente o correio no quintal, o que teria sido prestativo se eles o trouxessem até a casa feito cachorro, mas, em vez disso, eles carregavam as cartas por ali orgulhosamente como se fossem importantes documentos dos perus que minha mãe tentava roubar deles. Ela tentava convencer minha irmã e eu de que seria um jogo divertido tentar pegar o correio dos perus todo dia, mas nos recusamos, destacando que um bom jogo de bobinho não deveria acabar com tornozelos ensanguentados e com a ameaça de gripe aviária.

Era bem mais seguro para nosso *status* social e bem-estar físico evitar os perus por completo, então minha irmã e eu começamos a montar uma estratégia defensiva para nos proteger do ataque aviário. *Flashdance* tinha acabado de estrear e tentei convencer minha mãe a comprar meia de Lurex para mim (tanto para ajudar a me enturmar com as garotas populares na escola como também para proteger minhas pernas dos ataques dos perus), mas ela se recusou, dizendo que usar meias de Lurex no verão do Texas era um desperdício total de dinheiro. Em vez disso, fiquei olhando com inveja para as meias de Lurex do *resto do mundo*, que eu suspeitava *nem tivessem* perus. Lisa e eu tentamos criar armaduras para os tornozelos com latas de sopa vazias abertas dos dois lados, mas meus pés eram grandes demais para

caber nelas e os pés de Lisa eram tão pequenos que, quando ela corria, as latas de estanho batiam uma contra a outra com ruído, chamando mais a atenção da manada selvagem. Ela mais parecia um sininho de maria-chiquinha. Pensei em dizer a ela que a armadura de tornozelo não estava adiantando, mas isso seria o equivalente a dizer a uma zebra colega sua que ela está coberta em molho de carne justo antes de ambas terem de atravessar um estacionamento cheio de leões. A autopreservação é um companheiro narcísico, e não me orgulho das minhas ações, mas eu me consolava sabendo que, se Lisa acabasse como presa dos pássaros ferozes, eu esperaria uma semana – por respeito – antes de reivindicar seus brinquedos para mim.

Lisa tinha ouvido dizer que perus eram tão burros que, se chovesse, olhariam para cima para ver o que estava caindo em cima deles e se afogariam devido à água entrando nos seus narizes. Então começamos a rezar por chuva, o que foi respondido prontamente com uma forte seca. Provavelmente porque não se deve pedir que Deus assassine seus bichinhos de estimação. Frequentemente discutíamos a possibilidade de jogar água da mangueira neles para eliminar os mais burros, mas nunca chegamos a criar coragem de fazê-lo, por nos parecer cruel demais (mesmo que fosse em legítima defesa), e também porque nosso pai talvez achasse suspeito os perus terem morrido em uma tempestade insólita que tivesse caído somente em volta da mangueira do jardim.

De vez em quando, os perus nos seguiam de forma ameaçadora na nossa caminhada de meio quilômetro até a escola, andando furtivamente atrás de nós como membros improváveis de uma gangue ou como minúsculos estupradores com penas. Com nove anos, eu já morria de vergonha e tinha consciência de que perus disfuncionais de estimação não seriam considerados “descolados”, então eu sempre fugia para dentro da escola o mais rápido possível e fingia ignorância, perguntando aos meus colegas suspeitamente por que diabos sempre havia codornas gigantes no parquinho. Aí os outros alunos diziam que eram perus, e eu dava de ombros com indiferença e dizia: “Ah, é? Bem, não sei nada sobre essas coisas”. Aí me sentava na minha cadeira e me encurvava por cima da carteira, evitando contato visual até que os perus perdessem o interesse e voltassem para casa para exigir da minha mãe o café da manhã, aos gritos.

Isso estava funcionando muito bem até que uma manhã me enfiei no saguão da escola vagarosa demais e Jenkins me seguiu, despreocupado, grugulejando para si mesmo e parecendo perdido e vagamente ameaçador. Mais dois perus seguiram o Jenkins. Corri até minha sala de aula enquanto eles vagaram sem rumo pela biblioteca. Suspirei de alívio por ninguém ter percebido a expedição dos perus, até uma hora depois, quando todos escutamos um monte de gritos e guinchos, e descobrimos que o diretor e a bibliotecária haviam encontrado os perus, que de algum jeito tinham chegado até a cantina. Eles também haviam conseguido *cagar por toda parte*. Na verdade, foi meio impressionante, e também bastante repugnante. O diretor tinha visto os perus nos seguirem até a escola antes (como a maioria dos meus colegas, que só estavam envergonhados demais por mim para dizer que sabiam que eu era o ímã de peru esse tempo todo), então ele ligou para meu pai e exigiu que ele viesse à escola limpar toda a sujeira que os perus haviam deixado. Meu pai explicou ao diretor que ele devia estar enganado, pois *ele* estava criando codornas gigantes, mas o diretor não quis saber.

Meia hora depois, quando a turma formou a fila para ir para a aula de educação física, encontrei meu pai de joelhos limpando o cocô na recepção. Ele estava tentando, sem sucesso, afugentar os perus, gritando baixinho, mas enfaticamente, “VAI PRA CASA, JENKINS”. Fiquei paralisada, tentando me misturar ao papel de parede, mas era tarde demais. Jenkins me reconheceu de imediato e correu até mim, grugulhando animadamente em reconhecimento, como quem dissesse: “MEU DEUS DO CÉU, ISSO NÃO É SUPERLEGAL? QUEM SÃO SEUS AMIGOS?”, e pela primeira vez não sai correndo e gritando. Em vez disso, suspirei e acenei fracamente, murmurando com desânimo: “Oi, Jenkins”, enquanto meus colegas me encaravam com espanto. Mas não do tipo de espanto *bom*, como quando seus tios aparecem na escola de limusine para convidá-lo a ir morar com eles, e eles são Michael Jackson e John Stamos,

mas você nunca havia mencionado isso antes porque não queria ficar se gabando, e então todo mundo se arrepende de não tê-lo convidado para as festas de pijama quando ainda dava em tempo. Foi mais do tipo de espanto *ruim*. Como quando você percebe que não ter o tipo certo de meias de Lurex é fichinha perto de levar bronca de seu pai coberto de merda na frente de toda a escola. Acho que foi nesse momento que percebi que me tornar a garota mais popular da turma era um caso perdido, então apenas acenei para Jenkins e meu pai (ambos igualmente alheios ao estrago que haviam feito à minha reputação) e ergui a cabeça ao caminhar pelo corredor, tentando não escorregar nas fezes.

Pelo resto do dia fiquei esperando a zombaria, mas ela nunca veio. Provavelmente porque ninguém sabia nem por onde começar. Ou talvez porque estavam intimidados por Jenkins, que, fiquei sabendo depois, havia gritado de modo ameaçador para as crianças do jardim ao ser expulso das dependências. Minha irmã tentou permanecer *blasé* e fingiu que esse tipo de coisa era corriqueira. Ela se recusou a deixar que isso afetasse seu *status* social, então isso não a afetou. Essa mesma confiança lhe provou ser útil alguns anos depois, quando foi atacada por um porco no parquinho. (Essa história está no próximo livro. É bom já começar a economizar um dinheiro para comprá-lo.)

Eu, por minha vez, desisti por completo da ideia de me enturmar novamente.

Enquanto as outras meninas brincavam de casinha no parquinho, eu tirava meu tabuleiro de *Ouija* usado e tentava invocar os mortos. Quando meus colegas escreviam resenhas sobre *O vento nos salgueiros* e *A menina e o porquinho*, escrevia as minhas sobre romances de bolso surrados de Stephen King que pegava emprestado de minha avó. Em vez de livros sobre meninas adolescentes, lia livros sobre zumbis e vampiros. Por fim, minha professora da terceira série chamou minha mãe para discutir sua crescente preocupação com meu comportamento e minha mãe acenava com a cabeça tranquilamente, mas sem entender qual era o problema. Quando a Sra. Johnson lhe entregou minha última resenha sobre *Pet Sematary (Cemitério Maldito)*, minha mãe franziu a testa com preocupação e desaprovação. “Ah, entendi”, ela disse frustrada ao se virar para mim. “Você escreveu ‘cemitério’ em inglês errado”. Então expliquei que Stephen King havia escrito dessa forma de propósito e ela assentiu e disse: “Ah. Bem, *então por mim tudo bem*”. Minha professora me pareceu um pouco atordoada, mas no final o diretor a lembrou de que minha família tinha sido responsável por *A grande cagada de 1983*, e ela pareceu se dar conta de que sua intervenção era inútil e desistiu sem se sentir muito culpada, pois estava bastante claro que não tinha jeito de me transformar em uma aluna “normal” da terceira série. Eu senti alívio por ela.

E sabe de uma coisa? Um pouco de alívio por mim também. Porque, pela primeira vez na vida, me permiti ser eu mesma. Ainda era tímida e envergonhada e tinha medo das pessoas, mas, essencialmente, Jenkins havia me libertado das amarras de ter de me enturmar. Eu deveria estar feliz por ter aprendido essa lição ainda tão nova, se não fosse pelo fato de que foi um momento de aprendizagem com base num ataque de peru testemunhado pelas mesmas crianças com as quais iria me formar no ensino médio.

Logo em seguida, Jenkins e os outros perus desapareceram da nossa vida, mas as lições que aprendi com eles permaneceram: perus são bichos de estimação terríveis, nunca se deve confiar no seu pai para identificar aves e você deve se aceitar tal como é, *com seus defeitos e tudo*, pois, se tentar ser alguém que não é, no final virá um peru para cagar em cima de sua fachada bem elaborada, então é melhor se poupar desse esforço e curtir seus livros sobre zumbis. Por isso acredito, de certa maneira, que tenho uma dívida de gratidão com Jenkins, pois (mesmo que tenha sido inteiramente sem querer) ele foi um professor brilhante.

E sabe o que mais? *Delicioso*.

Se você precisa usar uma camisinha de braço, talvez esteja na hora de rever algumas de suas escolhas

Eu era a única garota gótica em um colégio rural minúsculo. De vez em quando, os alunos iam para a escola de trator. A maioria das minhas aulas acontecia dentro do celeiro de agri. Era como se Jethro da *Família Buscapé* aparecesse em um videoclipe do The Cure, só que exatamente ao contrário.

Eu escolhi o *look* gótico de propósito, para que as pessoas me evitassem – já que eu era dolorosamente tímida – e passava qualquer período livre e o horário de almoço escondida dentro do banheiro com um livro, até que finalmente me formei. Foi uma merda total.

Fim.

ATUALIZADO: Meu editor diz que este é um capítulo horrível e que “nem sabe o que é um celeiro de agri”. O que é meio estranho. Por ser *ela*, quer dizer. “Celeiro de agri” é uma abreviação para “celeiro de agricultura”. É o celeiro onde dão todas as aulas de exterminação de besouros bicudos. Gostaria de estar brincando quanto a isso, mas não estou mesmo. Também se podia ter aula de solda, pecuária, cultivo e avaliação de algodão, e outras matérias cujos nomes não me lembro mais, mas nas quais aprendemos a construir banquinhos e cercas. Tenho quase certeza de que se chamava “Introdução a banquinhos e cercas”. Não estou inventando nada disso.

ATUALIZADO DE NOVO: Meu editor diz que isto ainda é um capítulo horrível e que preciso encorpá-lo mais. Por “encorpar” suponho que ele queira dizer recuperar um monte de momentos constrangedores nos quais investi muito tempo para reprimir. *Tudo bem.* Meu professor de agricultura nos contou uma vez que, anos atrás, um aluno estava pendurando o *banner* da avaliação de algodão na parede do celeiro de agri quando caiu da escada sobre um cabo de vassoura que entrou *diretamente no seu reto*. O episódio deve ter impressionado bastante o meu professor, pois ele sempre nos mandava estar constantemente atentos a qualquer vassoura perdida por ali. Até hoje não consigo ver uma escada sem me assegurar de que não haja nenhuma vassoura por perto. Isso foi praticamente a única coisa útil que aprendi no ensino médio. Ah, e também aprendi de primeira mão como inseminar uma vaca artificialmente usando uma pipeta (mas isso não foi tão “útil” quanto foi “traumático”, tanto para mim como para a vaca). Era isso que tínhamos em vez de aulas de geografia. Também é por isso que não consigo nunca completar a torta azul de *Trivial Pursuit*.

ATUALIZADO DE NOVO: Meu editor me odeia e pelo jeito está trabalhando em conluio com meu terapeuta, pois ambos insistem que me aprofunde nos meus anos de ensino médio. *Tudo bem.* Eu os culpo

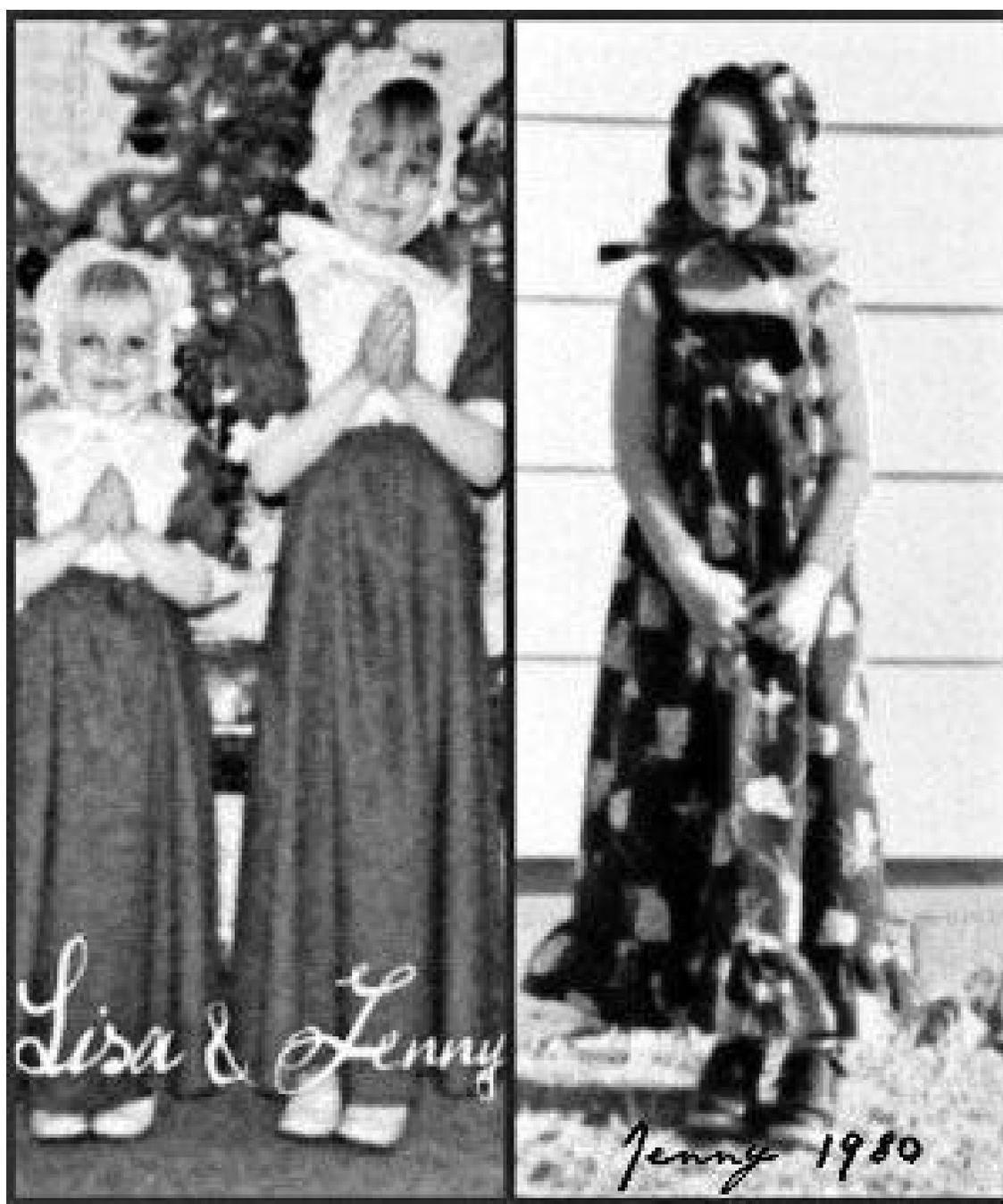
por todo esse capítulo. Por favor, saiba que provavelmente você terá *flashbacks* terríveis do seu ensino médio quando você o ler. Você pode enviar as contas de sua terapia para o meu editor.

Comecemos de novo...

Praticamente todo mundo odeia o ensino médio. É uma medida de sua humanidade, suspeito. Se você gostou do ensino médio, então você deve ter sido um psicopata ou uma líder de torcida. Ou talvez ambos. Essas coisas não são excludentes, sabe? Tentei bloquear a lembrança dos meus anos no ensino médio, mas não importa o quanto se tente ignorar, estarão sempre com você, como um carona indesejado. Ou o herpes. *Imagino*.

Como frequentei o ensino médio com as mesmas pessoas que haviam testemunhado minha infância peculiar, já havia desistido da ideia de me tornar popular e alegre, então, em vez disso, tentei me reinventar com um guarda-roupa gótico, batom preto e uma expressão que eu torcia que dissesse, “É melhor não se aproximar muito de mim. *Tenho segredos sombrios e terríveis*”.

Infelizmente, a *persona* misteriosa que tentei adotar foi recebida com um tipo de ceticismo confuso (e ligeiramente compadecido), pois os meninos da minha turma estavam *bastante* cientes de meus segredos sombrios e terríveis. E não é assim que funcionam os segredos, não mesmo. Esses eram os mesmos colegas que testemunharam *A grande cagada de 1983* e que se lembravam vividamente de quando meu pai me mandou para a peça de Ação de Graças do quarto ano usando tinta de guerra e pele ensanguentada de búfalo em vez do chapéu de cartolina habitual que o resto da minha turma havia construído na aula de artes. Eram os mesmos colegas que possuíam anuários onde estava registrada a paixão de minha mãe por toucas de sol e vestidos da época dos pioneiros feitos à mão, uma obsessão que nos levou, a minha irmã e a mim, passar muito do começo dos anos 1980 parecendo filhas bastardas do casal lésbico formado pelas escritoras Laura Ingalls e Holly Hobbie. Suspeito que Marilyn Manson teria tido a mesma dificuldade de ser levado a sério como “sombrio e agourento” se todo mundo o tivesse visto vestida de Pequena Miss Caipira na segunda série.



Era um *look* que gritava “Pergunte-me como se tornar uma esposa mórmon”.

Meus colegas se recusavam a me levar a sério, por isso decidi furar o meu nariz usando um anzol, mas doía demais e não consegui furar até o outro lado, então desisti e ficou infeccionado. Em vez disso, usei um brinco de pressão. No nariz. Para a escola. Era maior que minha narina, então quase sufoquei. Mesmo assim, foi o primeiro *piercing* de nariz a ser usado no meu colégio e eu o usava com orgulho rebelde na frente do diretor, que, eu suspeitava, teria se trancado no escritório imediatamente para impedir o motim ao estilo *Twisted Sisters* que certamente iria irromper a qualquer momento devido a toda a anarquia desencadeada pelo meu *piercing* de nariz. O diretor percebeu, mas me pareceu mais entretido do que preocupado e parecia estar tentando segurar o riso quando contou para a moça da cantina, que ficou perplexa.

E que também era minha mãe.

E, *além do mais*, era o brinco de pressão dela.

Minha mãe deu um suspiro silencioso, sacudiu a cabeça e voltou a fatiar a gelatina. Nenhuma de nós mencionou o incidente (ou usou aquele brinco) de novo.

Ter minha mãe como a moça da cantina tinha suas vantagens e desvantagens, pois ela deixava que eu

me escondesse dentro da dispensa da escola se estivesse tendo um dia ruim, mas sempre que eu passava pela cantina escutava o sussurro: “Querida, não fique encurvada. *Você parece tão deprimida*”, e todos os outros alunos falavam algo do tipo “*Bela rede de cabelo, mãe da Elvira*”.

Então, sim, o ensino médio foi mesmo *uma maravilha*. Muitas pessoas me dizem que *todo mundo* teve experiências terríveis no ensino médio e eu digo, “*É mesmo? Então o ponto alto do seu último ano foi enfiar seu braço na vagina de uma vaca?*”. Aí elas param de falar comigo. Geralmente para sempre.



1990:

Igualmente ridículo, só que agora eu mesma escolhia minhas roupas. (Dica de profissional: seus autorretratos emos e falso vitorianos dentro de cemitérios ficarão um pouco menos artificiais se antes você tirar seu relógio Swatch).

Minha irmã, Lisa, parece que nunca teve problemas para se enturmar e ela se distanciou de mim o máximo que pode, ao mesmo tempo que tentava me convencer de tomar parte em algumas atividades escolares como todo mundo. Lisa fazia parte do time de corrida, basquete, teatro e mais recentemente havia sido eleita para ser a mascote do ensino médio, um pássaro macho gigante chamado Wally. Ficamos todos muito orgulhosos dela, pois a competição havia sido acirrada, e ela levava muito a sério esse novo papel, treinando manobras de ataque de pássaro de traje completo na sala de estar. Enquanto esperávamos nossos pais chegarem em casa do trabalho, eu assistia e lhe dava dicas de como melhorar sua técnica. “Tente sacudir mais essa asa da bunda”, oferecia prestativamente.

“Penas da cauda”, ela esclareceu (com uma condescendência imensa vinda de alguém com pés de pássaro), sua voz ligeiramente abafada pela cabeça de pássaro gigante nos seus ombros. “Eles se chamam *penas da cauda*. E, se estamos nos dando conselhos, talvez você pudesse deixar de usar preto o tempo todo. As pessoas acham você *esquisita*.”

“As pessoas acham que *eu* sou esquisita porque uso bastante preto?”, perguntei. “*Você está vestida de ave*.”

Lisa deu de ombros, indiferente. “Pode ser verdade, mas eu fui *eleita* para me vestir como uma ave e, quando eu andar pelo corredor na minha fantasia amanhã, vão sorrir e me cumprimentar com um ‘toca aí!’. Quando *você* andar pelo corredor amanhã, as pessoas irão cuspir e evitar o contato visual para impedir que você jogue uma maldição de vodu nelas.”

“Certo, em primeiro lugar, você nem *pode* ‘tocar aí’, pois *nem tem mãos*. Em segundo lugar, eu precisaria do cabelo ou pedaço de unha de alguém para fazer uma maldição de vodu.”

“É EXATAMENTE DISSO QUE ESTOU FALANDO”, Lisa gritou, dando uma pausa na sua coreografia de pássaro para cruzar suas asas em frustração. “Você nem deveria saber *como* fazer maldições de vodu. *É bizarro*. TE MATARIA SÓ TENTAR SER NORMAL?”

“Ah, me desculpe... você pode repetir a última parte?”, perguntei. “Não consigo ouvi-la através da PORRA DE SUA CABEÇA DE PÁSSARO GIGANTE.”

Lisa tirou a cabeça de pássaro furiosamente e parecia estar prestes a me passar um sermão, mas eu não consegui engolir a ideia de que alguém numa fantasia de ave me dissesse que eu precisava me concentrar mais em me encaixar, então me tranquei no banheiro. Depois de alguns minutos Lisa pediu desculpas sem convicção pela porta do banheiro, provavelmente porque ela havia se dado conta de que suas mãos ainda estavam cobertas com grossas asas de pássaro e que eu era a única pessoa na casa que poderia ajudá-la a abrir o zíper da fantasia se fosse preciso fazer xixi. *Sim*, parece cruel, mas esses são os riscos que se corre quando se escolhe a popularidade acima de polegares opostos. Deve ser por isso que o Garibaldi é sempre simpático pra danar com todo mundo. Você meio que *tem de* ser simpático se você sabe que está preso dentro de uma fantasia e que suas idas ao banheiro dependem das pessoas ao redor que tenham dedões. Sinceramente, se um dia acabarem as camisas de força, podemos simplesmente vestir os loucos com fantasias velhas de mascotes. Além disso, se escaparem de suas instituições de saúde mental, estarão tão limitados quanto alguém de camisa de força, só que bem menos assustadores. E, em vez de gritarem com crianças aterrorizadas na parada de ônibus, só vão parecer bonecos Muppets charmosamente esfarrapados que estão perdidos e precisam tomar banho. *Todo mundo ganha*. Além do mais, acho que posso ter acabado de resolver o problema dos sem-teto. (*Nota do editor: Não. Nem de longe.*)

Mesmo assim, as palavras da minha irmã ainda ressoavam nos meus ouvidos no dia seguinte na escola, então decidi fazer um esforço para me enturmar. E foi assim que a pressão social de uma irmã em uma fantasia de pássaro me levou a ficar com o braço preso na vagina de uma vaca. *É exatamente por isso que a pressão dos colegas é uma coisa tão terrível*. Francamente, este capítulo inteiro poderia ser um programa educativo para adolescentes.

A coisa mais estranha sobre ter engravidado uma vaca quando estava no ensino médio foi que eu nem estava matriculada naquela matéria. (*Nota do editor: Não. Isso não é nem de perto a coisa mais estranha sobre ter engravidado uma vaca no ensino médio.*) Já havia cursado a maioria das minhas matérias obrigatórias nos dois primeiros anos do ensino médio, então preenchi os últimos dois anos com matérias optativas fáceis. Eu gostava de artes, mas já havia cursado as três únicas matérias de artes que a escola oferecia, então meu professor de arte me deixou inventar uma nova. Eu escolhi “*Design de figurinos medievais*”, mas fiquei entediada após seis semanas, então mudei a matéria para “*Lantejoulas! Os botões mais cintilantes!*”. Aí, o meu professor de arte me disse que na verdade a escola não tinha um orçamento para lantejoulas e que eu provavelmente não estava pronta para uma matéria avançada sobre lantejoulas se eu acreditava que eram botões, por isso eu simplesmente parei de frequentar a aula. Em vez disso, fui designada para ser uma assistente de escritório e passava a hora do almoço operando o balcão da recepção da Sra. Williamson, a recepcionista temporária do colégio de ensino fundamental ao lado, que passava sua hora de almoço bebendo no carro. Ela era uma mulher divorciada nervosa que sempre deixava romances incrivelmente obscenos na primeira gaveta da escrivaninha e que me disse uma vez que gatos domésticos comem os donos dentro da primeira hora depois de morrerem. Ela desapareceu menos de um mês depois que comecei (eu suspeitava que ela tivesse sido demitida, mas admiti ser possível que ela tivesse sido comida pelos próprios gatos) e fora substituída por uma secretária eletrônica, então ninguém parecia se importar se eu aparecesse ou não. Comecei a passar aquele horário agachada debaixo da escrivaninha abandonada da Sra. Williamson, lendo um dos livros lascivos que ela

tinha deixado para trás, mas havia apenas terminado o último livro um dia antes (um romance de V. C. Andrews com as partes gráficas sublinhadas), então estava sem pressa alguma para chegar à secretaria do colégio. Em vez disso, fiquei enrolando no celeiro de agri, guardando lentamente as ferramentas elétricas e a máquina de solda.

O professor de agri percebeu que eu parecia meio ociosa e pediu que eu acompanhasse e ajudasse a turma de pecuária na sua excursão ao curral local. Era uma turma pequena de garotos, todos de calça *jeans* Wranglers justas e botas de caubói e (apesar de saber que não deveria) respirei fundo e disse “Sim, por que não?” ao subir ansiosamente no pequeno ônibus. Eu parecia uma *roadie* do Metallica que passou a trabalhar para o ônibus de turnê do Willie Nelson, mas os garotos fizeram o melhor possível para que me sentisse em casa e pareciam estar no seu íntimo impressionados que eu me oferecesse para acompanhá-los na excursão. Foi só quando chegamos ao curral que percebi que estávamos lá para aprender sobre inseminação artificial de vacas. O professor sugeriu que eu o ajudasse, pois meus braços eram menores, então “seria menos desconfortável para a vaca”. Não tinha certeza absoluta de como isso “ajudaria”, mas ficou mais claro quando ele vestiu uma luva de borracha no meu braço que ia até o ombro. Ele jogou uma garrafa térmica de sêmen na minha mão e sugou o conteúdo para dentro da pipeta.

A essa altura, eu provavelmente deveria ter fugido, mas havia algo no modo com que ele me encarava que me impediu. Era o olhar de um homem esperando ver uma menina sair gritando para que ele pudesse dar uma boa risada à sua custa. Ou podia ser o olhar de um homem que estava se perguntando como iria explicar para a moça da cantina que ele *teve* de dar todo aquele sêmen à sua filha, pois ela era a única por perto que cabia dentro da camisinha de braço. Difícil dizer. Mas, de qualquer maneira, parecia que ele esperava que eu saísse correndo, e macacos me mordam se eu ia me permitir ser julgada por um homem que carregava sêmen por aí em uma garrafa térmica.

E foi assim que acabei com o braço inteiro dentro da vagina de uma vaca, espremendo o sêmen para fora da pipeta enquanto um monte de meninos adolescentes assistiam. Foi o mais perto que já cheguei de fazer pornografia. De repente a vagina da vaca se tencionou inesperadamente e percebi que meu braço estava preso. Dei um grito involuntário. O professor entrou em pânico, achando que a contração repentina fosse um sinal de que a vaca logo ia se sentar e me disse para tirar meu braço de lá, pois, se a vaca sentasse, poderia quebrá-lo. Isso foi perturbador, tanto porque parecia doloroso quanto porque “quebrei meu braço na vagina de uma vaca” não é algo que se queira explicar a alguém. Arranquei meu braço para fora e a vaca virou a cabeça e me olhou com repugnância. E foi então que percebi que não tinha mais a pipeta.

Gostaria de poder dizer que foi então que cerrei os dentes e disse: “*Vou lá pegar*”, com a determinação focada de Bruce Willis naquele filme cujo nome não me lembro. Aquele sobre o Armageddon. (*Nota do editor: É mesmo? Ele se chama Armageddon.*) Mas, em vez disso, respirei fundo, ergui a cabeça com o pouco de dignidade que pude conjurar, despi a luva lentamente e fui embora. Ninguém me chamou de volta, provavelmente porque nenhum deles conseguiu encontrar uma maneira elegante de dizer: “*Você deixou sua pipeta na vagina daquela vaca*”. Ou talvez porque perceberam que o primeiro a se manifestar provavelmente seria eleito para tomar o meu lugar. Suponho que alguém tenha voltado lá para retirar a pipeta (pelo bem da vaca, pelo menos), mas não sei, pois não fiquei lá para ver. Em vez disso, me afastei e esperei até o resto da turma finalmente aparecer. Tinha me preparado para que começasse a zombaria, mas nunca começou. Os garotos estavam meio pálidos e trêmulos, mas riram um do outro enquanto faziam piadas bovinas, e meu professor de agri me deu uns tapinhas reconfortantes nas costas ao entrarmos no ônibus.

Chegamos de volta à escola bem na hora que minha irmã saía do ginásio do treino. Ela ainda estava vestida de Wally e estava sacudindo as penas da cauda com muito estilo. Ela me viu e desacelerou para andar junto comigo na direção do colégio, e enquanto caminhávamos em silêncio percebi que não podia existir um casal mais estranho do que nós. “E aí, tudo bem?”, ela perguntou cautelosamente. “Você está

estranha.”

“Segui seu conselho sobre tentar me encaixar”, disse com uma voz surpreendentemente calma.

“E?”, ela perguntou.

“E fiquei com meu braço preso dentro da vagina de uma vaca”, respondi, meu olhar perdido na distância.

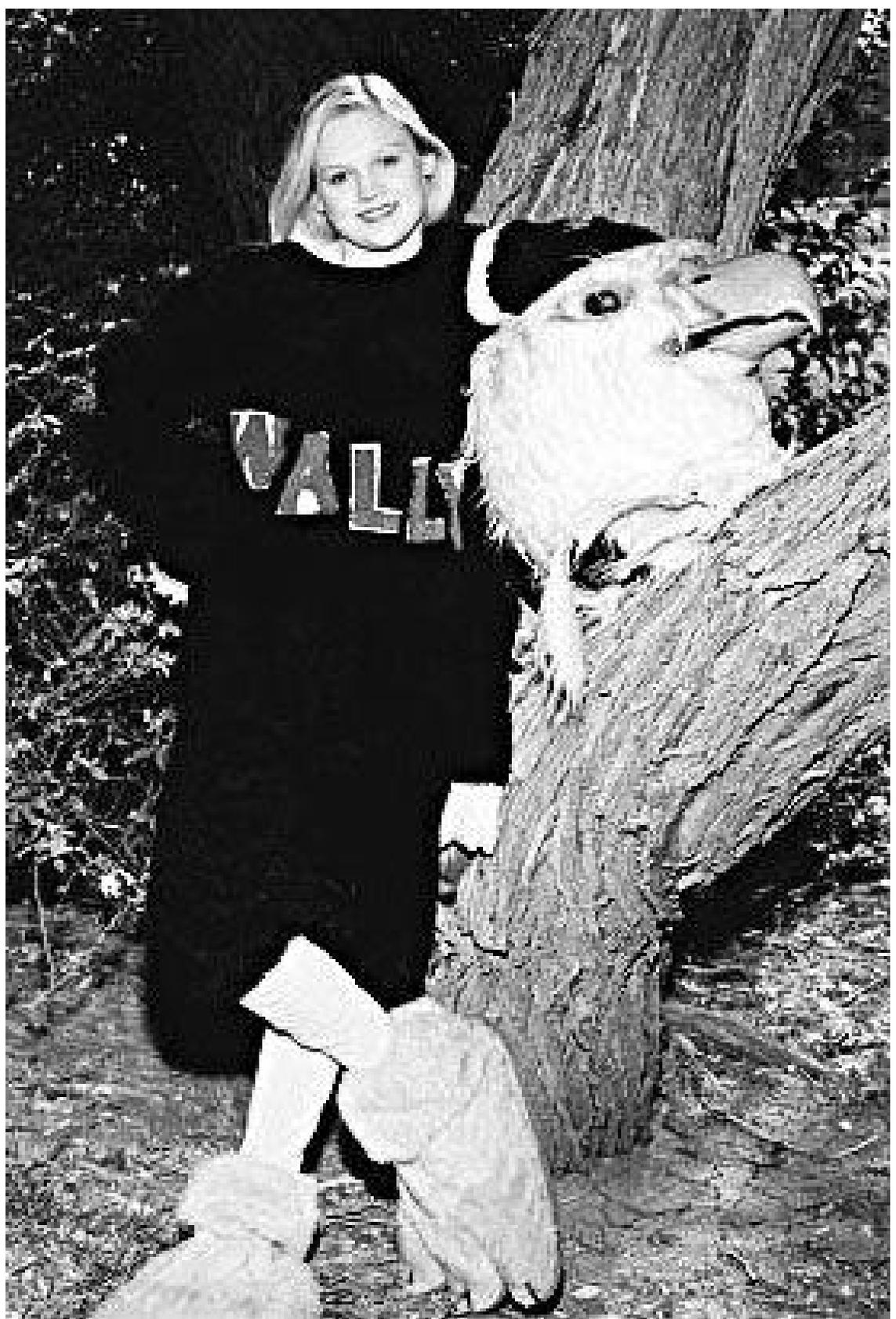
Lisa parou um instante, encarando-me o que presumi fosse um olhar de decepção. Ou talvez de choque. Era difícil saber com aquela cabeça de pássaro. Então ela seguiu caminhando ao meu lado, olhando estoicamente para as plantações de algodão ao redor, como se a resposta para minha afirmação pudesse ser encontrada ali. “Bem”, disse ela, fazendo uma pausa para encontrar as palavras certas. “*Essas coisas acontecem.*” Ela disse isso com uma dignidade silenciosa, como se um pequeno e sábio Morgan Freeman estivesse dentro daquela fantasia de pássaro junto com ela, dizendo-lhe o que falar.

“Quase perdi meu braço”, acrescentei a título de conversa, um pouco de histeria se insinuando na minha voz. “Quase perdi um braço *dentro da vagina de uma vaca.*” Era um leve exagero, mas àquela altura eu a estava quase desafiando a me repreender, pois tinha começado a considerar que boa parte da culpa disso tudo era dela.

Ela sacudiu a cabeça com cuidado, seu bico balançando para cima e para baixo, parecendo determinada a manter um tom de conversa normal. “*Dentro da vagina da vaca, você disse? Bem, isso é simplesmente... fascinante*”, ela proferiu, como quem faz uma observação de que o tempo vai esfriar, ou que cavalos não conseguem vomitar. “Então”, ela fez uma pausa, “*pode ser que você tenha entendido mal meus conselhos*”. Encarei-a, furiosa. “Mas sabe de uma coisa? *É disso que se fazem as lembranças do ensino médio, não é mesmo?*” Ela levantou suas asas e fez o que eu suponho ser sua melhor versão de um gesto de animação. “*Viva as lembranças?*”, ela disse fracamente, como quem pede desculpas.

E então dei um soco nela.

Mas só na minha cabeça, pois, sinceramente, começar o dia com o braço preso na vagina de uma vaca e terminá-lo batendo em alguém em uma fantasia de pássaro era muito até para mim.



Não há nenhuma foto conhecida de mim com o braço preso na vagina da vaca, mas meus pais têm milhares de fotos da minha irmã vestida como uma ave. Acho que nem preciso dizer quem era a queridinha da família.

No entanto, de certa maneira, ela estava certa... *é preciso* mesmo curtir e apreciar seus dias no ensino médio, pois você *vai* se lembrar deles para o resto da vida. Como quando estiver na prisão, ou quando se está sendo assaltado na mira do revólver, você pode dizer a si mesmo: “Bem, pelo menos não estou no ensino médio”. O ensino médio é a maneira que a vida tem de lhe dar um recorde de momentos ruins contra o qual medir o resto da sua vida. Sei bem disso, pois não importa quão terrível ficassem as coisas, sempre pude olhar para trás e dizer: “Pelo menos não estou com o braço preso na vagina de uma vaca”.

Na verdade, isso meio que se tornou o lema da minha vida. Também é o que digo quando falo com pessoas que estão de luto pela perda de seus avós e me faltam palavras. “Bem, pelo menos você não está com o braço preso na vagina de uma vaca”, sussurro prestativamente enquanto faço um carinho consolador no seu braço. E serve de consolo, porque é verdade e também porque é um tipo de imagem tão chocante que elas param de chorar de imediato. Provavelmente por reconhecerem que é uma das grandes verdades da vida. Ou talvez porque a maioria das pessoas não fala sobre ficar com o braço preso na vagina das vacas em enterros. Não sei ao certo. Não me convidam a muitos enterros.

ADENDO: Quando escrevi este capítulo pela primeira vez, percebi que as pessoas teriam dificuldade de acreditar nele, então procurei o ex-diretor do colégio e lhe mandei o seguinte *e-mail* (resumido), que só serve para provar que não posso usar o *e-mail* depois de beber:

...Estive pensando em escrever sobre a inseminação artificial de vacas, mas o problema é que minha memória é péssima e não consigo me lembrar dos detalhes. Talvez porque eu tenha reprimido o evento. Ou por causa de todas aquelas drogas que tomei na faculdade.

Eu me lembro que era assim: uma luva até o ombro e uma pipeta dentro da vagina da vaca. Posso jurar que era desse jeito que fazíamos, mas sei que o método preferido hoje em dia é o retovaginal. Estou enganada? Pois tenho quase certeza de que eu me lembraria de ficar com o braço preso no reto de uma vaca. Mas, ao mesmo tempo, estou tendo de perguntar ao diretor do colégio os detalhes de como engravidar uma vaca, então obviamente minha memória não é muito confiável.

Será que ainda existem fotos? Sei que talvez este seja o pedido mais bizarro que você já tenha recebido de uma ex-aluna e peço desculpas por isso.

Também peço desculpas por lhe mandar um *e-mail* com a palavra “retovaginal”. Posso garantir que tampouco sabia que isso ia acontecer.

Abraços,
Jenny

Assim que mandei o *e-mail*, percebi como era inadequado, então liguei para a Lisa e disse: “Então, posso ter mandado um *e-mail* para nosso diretor do colégio contendo a palavra ‘retovaginal’”, e tudo que ela disse foi, “Quem está falando?”, e eu fiquei tipo, “Não. É sério. Isso. Acabou. De. Acontecer.” E, quando ela parou de bater a cabeça na mesa, disse que eu não tinha aprendido nada com seus conselhos, então ela concordou que talvez eu devesse ligar para a secretaria dele e pedir que ela apagasse o *e-mail* da conta dele antes que ele o abrisse. Contudo, era tarde demais, pois ele o havia aberto imediatamente e respondido, e parecia não ter se abalado nem um pouco. Além do mais, ele me garantiu que praticamente ninguém realizava a inseminação artificial retovaginalmente no início dos anos 1990, o que é uma verdade absoluta em tantos níveis. Ele também buscou fotografias, mas não encontrou nenhuma, talvez porque ninguém tira fotos de meninas menores de idade com o braço dentro da vagina das vacas. Provavelmente porque essas fotos têm mais chances de acabar em um armário de evidências da polícia do que em livros sobre as lembranças douradas da infância.

Desenhe a droga do cachorro para mim

AVISO: Meu agente e meu editor não gostam muito deste capítulo, pois ele trata de como eu usava drogas (mal e porcamente) e não se encaixa muito bem no resto do livro, mas expliquei que, ao lê-lo, os drogados iriam se identificar com ele e os não drogados iriam sentir uma presunçosa satisfação consigo mesmos diante de suas escolhas de vida, então estaria atingindo basicamente todas as demografias. Mas aí disseram que está divagante e confuso demais para ser um capítulo de verdade. Podem ter razão. É por isso que este capítulo não é um capítulo de verdade de jeito nenhum. É uma história extra que você pode pular para que sintam que conseguiram realizar mais coisas hoje. Ou então você pode sublinhar algumas partes e escrever recados para si mesmo em todas as margens para que as pessoas no metrô pensem que você é muito inteligente por estar lendo um livro no metrô, ou só rico o suficiente para estar usando um livro de capa dura como um Post-it. Contudo, não lhe dou permissão para julgar este capítulo, pois não é de verdade. Para um Post-it, porém, é impressionante pra caralho.

Nota especial para filhas adolescentes que eu possa vir a ter um dia: Quem usa drogas é um imbecil. Não use drogas. Elas vão matar você e fazer com que seus peitinhos caiam. Aconteceu com sua tia Rebecca e é por isso que nunca ouviu falar dela. Mas guardamos os peitos dela em uma caixa para nos lembrar da terrível lição e, se um dia eu sentir cheiro de maconha, vou colocá-los em você enquanto dorme e você vai acordar com os peitos de uma mulher morta na testa. Agora pule para o próximo capítulo, pois vou escrever sobre transar com seu pai.

PREFÁCIO: Não há de fato um prefácio. Só queria ver quantos parágrafos caberiam aqui antes de começar o capítulo de verdade.

ADENDO AO PREFÁCIO: Quatro. A resposta é quatro.

Tinha 18 anos quando tomei ácido pela primeira vez. E foi maravilhoso. E horrível. Também fui meio idiota, pois, sem querer, consegui esperar até uma semana depois de poder ser legalmente acusada como maior de idade por posse de drogas.

Meu amigo Jim tomava ácido desde os 15 anos e eu estava fascinada com as histórias de experimentação com LSD, incluindo sua mais recente epifania induzida por drogas de que aquilo que unia toda a humanidade era nossa posse compartilhada de mamilos. “Quer dizer... *todos nós* os temos, não é?”, ele me perguntava, agitado. “E por que *outro* motivo os homens teriam essa parte do corpo inútil se não fosse um sinal inegável de que todos os homens e mulheres são *um só* nessa sopa cósmica que

chamamos de universo?! Homens e mulheres... *somos todos iguais!* É tudo relativo!” Ele chamou essa epifania de “A Teoria da Relatividade”, até que alguém o lembrou de que essa já existia, então com algum ressentimento ele mudou o nome para “A Teoria da Relatividade *do Jim*”. Na época achei brilhante, mas na época também estava bêbada.

Eu estava ao mesmo tempo apavorada e fascinada pela ideia de que existia todo um mundo conhecido somente pelos usuários de ácido e estava completamente intrigada pelo linguajar de drogas que o acompanhava e que Jim jogava por aí com tanta naturalidade. Ansiava para “ter um contato” no mercado das drogas e sentia que a única maneira de usar essa frase de boa-fé seria dormir com um farmacêutico ou conhecer alguém que ocasionalmente vendesse anfetaminas. O último parecia ser mais fácil de encontrar e ter menos chance de ter alguma doença venérea. E, além do mais, eu não conhecia nenhum farmacêutico.

Uma vez, Jim me contou sobre quando estava em casa esperando alguns amigos buscá-lo para que pudessem tomar LSD juntos. Ele decidiu já se adiantar e tomou três doses enquanto sua mãe assistia à televisão no outro cômodo. Infelizmente, seus amigos *também* decidiram tomar ácido um pouco antes e se viram completamente altos, dirigindo para a casa de Jim, o que teria sido extremamente idiota e perigoso se não fosse pelo fato de que, na verdade, estavam sentados à mesa de jantar só *acreditando* estar no carro, então não foi tão perigoso como foi realmente idiota. Eles permaneceram naquela mesa por quatro horas, pois nenhum deles queria sair do carro, porque ninguém sabia onde ficava o freio. Foi praticamente a viagem de carro mais longa do mundo sem um carro. Enquanto isso, Jim tinha começado a desenhar na lista telefônica no seu quarto e tinha acabado de desenhar um bonequinho palito quando este ganhou vida e disse: “Cara. Desenhe uma porra de um cachorro para mim”.

Foi então que Jim percebeu que as drogas estavam fazendo efeito, e a mãe dele entrou no quarto minutos depois, bem quando uma águia gigante voou por ela e pousou na cama. Jim me disse que o homenzinho palito começou a gritar, mas Jim o ignorou, pois estava alto, mas não ao ponto de não se dar conta de que conversar com um desenho na lista telefônica provavelmente levantaria suspeitas.

Jim percebeu que sua mãe o encarava com receio, mas àquela altura ele estava tão doidão que não conseguia se lembrar se *ele* que havia feito uma pergunta e ela não tinha respondido, ou se *ela* que havia feito a pergunta e ele que não havia respondido, mas ele concluiu que seria mais esquisito fazer outra pergunta depois da pergunta que talvez tivesse feito, especialmente porque não conseguia se lembrar da pergunta que não tinha de fato feito para início de conversa. Então, basicamente, ficaram sentados ali, brincando do jogo do sério desajeitadamente. Em seguida, o homem palito disse que, se a águia não fosse uma alucinação, a mãe dele iria descobrir que ele estava drogado, pois que tipo de cara agiria como “*Ah, é perfeitamente normal ter uma águia aqui?*”? Jim soltou um riso nervoso e tentou olhar para a mãe de uma maneira que dissesse algo do tipo “Uau. Que mundo estranho esse no qual uma águia pode ou não ter pousado na cama, não é?”.

Mas, na verdade, ele deve ter dito algo mais parecido com “*Putamerda, estou doidão pra caralho*”, pois no dia seguinte sua mãe o mandou para o centro psiquiátrico/de reabilitação local, o que o ajudou a encontrar Deus e o introduziu a narcóticos bem mais viciantes do que qualquer droga que poderia ter encontrado na rua. Quando voltou, só falava sobre lítio e Jesus, e, quando mencionei que na verdade só queria experimentar LSD, ele revirou os olhos como se fosse algum tipo de enólogo e eu tivesse acabado de perguntar qual a melhor maneira de abrir uma garrafa de *Sangue de Boi*. Os viciados conseguem ser surpreendentemente críticos. É praticamente o único círculo social no qual as mesmas pessoas que acabaram de ser flagradas enfiando tranquilizante de cavalo na bunda do outro olharão para você de cima para baixo por não ser tão descolado quanto eles. A não ser que talvez exista um círculo social de fetiche de enema de cavalo, que não sei se existe. Peraí, deixe-me verificar na internet.

Putamerda. Não pesquise isso, galera.

Por sorte, no entanto, quando se anda com usuários, você acaba esbarrando no traficante perfeito, e

para mim este foi o Travis. Era um cara de cabelo loiro comprido com vinte e tantos anos que morava com os pais. Ele sempre parecia conhecer alguém que tinha drogas, mas ele mesmo quase nunca as tinha, o que na verdade faz com que ele não seja um traficante. Porém, quando minhas amigas e eu precisávamos de maconha, ligávamos para ele, pois era o que tínhamos de mais parecido. Ele era mais como um intermediário que nos protegia dos “traficantes de verdade”, que imaginávamos serem negros grandes e bravos com *piercing* na orelha e *paggers*, que provavelmente zombariam de nós. *Até a morte*. Além do mais, na minha cabeça, os negros bravos eram todos fodões e carregavam canivetes com nomes do tipo “Carlinhos Espoleta”. (Não conhecia nenhum negro na época, o que provavelmente nem precisava ter sido esclarecido com base apenas neste parágrafo.)

Um cara que eu conhecia tinha uma casa na periferia da cidade e se ofereceu para dar uma pequena festa de LSD para mim e várias outras pessoas do nosso grupo que também nunca haviam experimentado ácido. Então ligamos para Travis e pedimos que ele trouxesse ácido suficiente para seis pessoas aquela noite. Travis chegou e nos disse que as drogas estavam chegando e quase 15 minutos depois o carro do entregador de pizza chegou. O entregador veio até a porta com uma pizza de cogumelo e uma folha inteira de ácido. Ele estava no final da adolescência, era quase meio metro mais baixo do que eu e era muito, muito branco, mas ele *tinha de fato* um *piercing* e um *pager* (o que era bastante impressionante, pois ainda estávamos no início dos anos 1990, mas talvez o *pager* servisse somente para os pedidos de pizza). Seu nome era Jacob. Travis depois me contou que qualquer um podia comprar ácido do Jacob se conhecesse o “código secreto” a ser dito ao ligar para a pizzeria. Na época, achei que fosse ser algo misterioso, como “Uma pizza de calabresa, sem a borda”, ou “Uma pizza de *mozzarella e a ave voa à meia-noite*”, mas na verdade deveria ser apenas “Fala para o Jacob trazer o ácido”, pois, sinceramente, nenhum deles era muito imaginativo.

Jacob vendeu o ácido para Travis por quatro dólares o selo e, em seguida, Travis se virou para nós e o vendeu por cinco dólares o selo, o que era constrangedor e também uma baixa margem de lucro. Cada um tomou uma dose, e Travis disse que por mais dez dólares ele ficaria e cuidaria de nós para garantir que não arrancássemos as próprias mãos. Eu não estava nem um pouco preocupada com isso até ele mencionar, mas agora, que a ideia estava implantada na cabeça da gente, estava convencida de que iríamos cortar fora nossas mãos assim que ele fosse embora, então lhe dei uma nota de dez. Travis nos avisou que, se os gatos do vizinho estivessem nos mandando mensagens ameaçadoras, provavelmente não era verdade. Também nos avisou para não olharmos diretamente para o sol, pois ficaríamos cegas (o que poderia ter sido um ótimo conselho se não fossem dez da noite). “Cavalgue a besta... não deixe a besta cavalgar você”, nos avisou nosso sábio ajuizado.

Secretamente, estava com receio de que o ácido não faria efeito algum sobre mim. Já tinha fumado maconha, mas nunca tinha de fato sentido o prazer completo e entontecedor que prometia a revista *High Times*. Desenvolvi todos os efeitos colaterais com poucos dos benefícios. Enquanto meus amigos se esparramavam nas cadeiras, admirados com o fato de que nada rimava com “laranja”, eu comia um pacote inteiro de biscoito e ficava paranoica, achando que os vizinhos estivessem ligando para a polícia. Eu gritava “*Caranja!*” enquanto aplicava um *Bom Ar* compulsivamente para abafar o cheiro. “*Caranja* rima com laranja! *Agora, alguém por favor me ajuda a empurrar a geladeira na frente da porta, porra!*”.

Ninguém nunca me ajudava.

Minha inabilidade de ficar chapada provavelmente tinha a ver com o fato de que nunca consegui prender a fumaça nos pulmões. Muitas pessoas dizem que tossir enquanto se fuma maconha faz você ficar mais chapado ainda, porque faz com que mais fumaça seja tragada, mas essas pessoas são mentirosas. Eu puxava um trago e a fumaça acre encostava no fundo da garganta como uma brasa ardente e eu começava a tossir feito um minerador de carvão com enfisema. Com tuberculose também. E... sei lá... a gripe aviária. O que é pior que tuberculose? Seja lá o que for, parecia que eu tinha isso. Além do mais, estava

constantemente levando sementes perdidas a minha traqueia e nenhum dos meus amigos estava sóbrio o suficiente até mesmo para *pronunciar* “*Heimlich*”, então cada trago era como brincar de roleta russa. Cada inalação provocava vários minutos de espasmos de tosse, nos quais molhava todo mundo com o que eu tinha certeza serem pedaços lacerados dos meus pulmões. Eu era praticamente a usuária de drogas menos *sexy* do mundo.

“Tudo bem aí, Doc Holliday?”, alguém perguntava.

“Tossir desse jeito deixa você mais chapado”, eu mentia, com a voz parecendo que eu havia engolido um *milk-shake* de cascalho. “É para tossir o mais forte possível até você sentir que vai vomitar. Acho que li isso no *Rolling Stone*.” Àquela altura todo mundo estava tão alto que lhes parecia plausível, então *eles* passavam a tossir de propósito e o carro inteiro ficava cheio de cuspe voador e eventualmente alguém chegava a quase provocar o vômito. Então ríamos, porque quase vomitar é meio engraçado quando se está coberto do cuspe de outras pessoas.

Apesar de parecer que eu era quase totalmente imune à maconha, nunca recusava um baseado, pois isso dava algo para minhas mãos fazerem em situações sociais. Eu ainda era penosamente tímida e preferia coestrelar em Tijuana num *show* de jumento a ter de bater papo com semiestranhos. A beleza da maconha é que ela aproxima as pessoas instantaneamente. Dois minutos antes se está com estranhos em um silêncio constrangedor porque você tocou no assunto de vibradores e em seguida alguém sussurra que o irmão da anfitriã morreu num acidente com um vibrador e você se sente terrível por ter tocado num assunto tão delicado, mas também fica bastante curiosa, pois *como é que alguém morre num acidente com um vibrador?* A não ser que talvez uma caixa de vibradores tenha caído na cabeça dele. Mas você tem receio de perguntar, pois já se sente mal o suficiente por ter tocado no assunto de vibradores, que de alguma maneira podem ter matado um homem, e diz a si mesma que nem deveria tocar no assunto de vibradores em festas para início de conversa, mas você sabe que não vai se dar ouvidos, pois da próxima vez que houver uma pausa na conversa você já sabe que vai deixar escapar algo sobre a garota que você conhece cujo irmão morreu em um acidente com um vibrador. E aí você vai se lembrar que *essa tal* garota é a mesma com a qual você está conversando agora. Então, bem quando o clima ficar tão constrangedor que você pensa em esfaquear uma pessoa no joelho só para poder fugir, alguém tira um saquinho de maconha – e de repente fica tudo bem. Todos estão ombro a ombro, assistindo ao cerimonial enrolar o baseado enquanto as pessoas trocam conselhos de como o enrolar, lembrando-se saudosamente da seda com sabores e ofertando o isqueiro. (Nota: *ofertar*: não é “oferecer” nem “optar”. É uma combinação dos dois e é uma palavra de verdade que pode ser usada nas palavras cruzadas. Agora você poderá dizer às pessoas que está lendo um livro educativo totalmente redentor, e não apenas um livro sobre vibradores que matam homens inocentes. *Não há de quê.*) Indivíduos que minutos antes poderiam ter colocado uma camada protetora de papel higiênico sobre a privada da anfitriã com desdém, agora, estão alegremente sugando um baseado úmido com a saliva de uma dúzia de estranhos e contando detalhes de sua circuncisão malfeita, como se fossem todos antigos companheiros de guerra.

Em nome da veracidade, devo dizer que houve *uma* vez em que fiquei alta *de verdade*. Tinha fumado maconha mexicana com minha amiga Hannah, de quem me aproximei porque ela também tinha uma queda por vestidos de boneca, meia fina intencionalmente desfiada e botas *combat*. Sentíamos desprezo total por todo o resto da cidade, que seguia a mentalidade da manada e tinha muito medo de ser único e individualista como nós, as duas garotas góticas *que se vestiam exatamente iguais*.

Quando Hannah era criança, tinha uma boneca *Betsy Piniquinho* que levava consigo para todos os lugares. Ela fazia xixi depois de mamar na mamadeira, mas Hannah sempre tirava a cabeça da Betsy e a enchia de água até o pescoço com a mangueira do jardim. Ela também decidiu pular toda a parte da fralda e simplesmente apertava o tronco distendido da Betsy, fazendo com que meio litro de xixi falso espirrasse pelo seu trato urinário de plástico rudimentar nos arbustos do vizinho. “Ela puxou o pai”, Hannah explicava. “Passa direto por ela.” No final, o buraco do pescoço da Betsy ficou todo esticado de

tanto que sua cabeça era arrancada, e o corpo se perdeu, mas Hannah ficou com a cabeça da Betsy, provavelmente para lembrá-la de que talvez não devesse ter filhos. Então Hannah cresceu e passamos por uma fase na qual transformávamos tudo possível em um *bong*: latas de Coca-Cola, lâmpadas, melões. Foi assim que uma noite usamos a cabeça da boneca como *bong*. (Tenho quase certeza de que essa foi a primeira vez que essa frase foi usada em um livro de memórias. Assim espero. Eu verificaria na internet, mas, para ser sincera, toda aquela história de fetiche-cavalo-enema me assustou pra caralho, então nem vou pesquisar.) Furamos alguns buracos no topo da cabeça da Betsy, cobrindo-a com uma tela de arame, acendemos a maconha e tragamos a fumaça pelos lábios botão de rosa da Betsy. Depois de alguns tragos percebi que estava risonha, tonta e enjoada... e *completamente* chapada. Hannah alegou arrogantemente que era devido a sua maconha mexicana excepcional, mas eu acho que foi a fumaça tóxica vinda do plástico queimado da moleira da Betsy. De qualquer maneira, parecia valer o risco de câncer, pois foi a primeira vez que me senti alta de verdade e não queria desmentir a Hannah, pois, honestamente, este era o auge do artesanato de *bongs* e achei que seria como se o primeiro cara para quem Leonardo da Vinci mostrasse a Mona Lisa perguntasse “*Por que é tão pequeno?*”. Era basicamente isso que estava passando pela minha cabeça naquela noite que tomei o ácido do rapaz da pizza.

Nossa. Esta história está bem intrincada. Culpa das drogas.

De qualquer maneira, esperei duas horas para o ácido fazer efeito e me senti apenas ligeiramente tonta e resignada diante do fato de que talvez a única coisa que poderia me deixar chapada era o couro cabeludo queimado da Betsy. Então, de repente, senti algo diferente. Meu corpo começou a doer e ficar apertado e pensei que estava prestes a ficar doidona ou então estava gripada. Perguntei ao Travis, e ele me garantiu que isso era normal e era devido à estricnina. E eu disse, “Hã... estricnina? Tipo... *o que tem em veneno de rato?*”, e Travis calmamente disse “Sim. Eles colocam um pouco de estricnina para que o ácido cole no papel e ela provoca pequenas convulsões, mas não o suficiente para matar você, então relaxa”. Aí eu falei: “TENHO QUASE CERTEZA DE QUE NÃO SE DEVE FALAR A ALGUÉM QUE TOMOU LSD QUE ESTÁ TENDO CONVULSÕES DEVIDO A VENENO DE RATO, TRAVIS”, mas não o disse em voz alta, pois de repente fiquei com medo de que meu grito entrasse *dentro* da língua em vez de passar *por cima* dela e então ela iria inchar e eu iria engasgar até a morte, e foi assim que percebi que talvez eu estivesse alta.

Em seguida me distraí porque estava ouvindo um barulho do toque do telefone e fiquei mandando as pessoas calarem a boca para que eu pudesse descobrir o que era, mas elas estavam ocupadas demais lambendo as paredes, pois disseram que a textura era exatamente como lambar um quebra-queixo. Considerei contar para eles que era exatamente como lambar um quebra-queixo coberto de tinta à base de chumbo, mas lembrei que tínhamos acabado de ingerir veneno de rato, então supus que, àquela altura, o estrago já havia sido feito e, se sobrevivêssemos, isso só nos fortaleceria.

Ouvi o barulho novamente e comecei a engatinhar pela casa, pois pensei que talvez eu conseguisse ficar *embaixo* das ondas sonoras dos meus amigos drogados, que agora estavam apavorados com a revelação de que ninguém na vida real podia enxergar o próprio rosto, pois “não se pode confiar nos espelhos”. Fiquei me perguntando se Travis havia se lembrado de esconder as facas antes de começarmos, e estava prestes a encontrá-lo para indagar isso quando o toque voltou a soar. Travis estava lutando para tirar um abridor de lata das mãos de uma garota e gritou: “*Alguém pode atender a porra do telefone?!*”. Foi então que descobri o que era aquele barulho.

Também foi então que percebi a beleza incrível do telefone que toca. Agora eu sabia que era um barulho que nunca seria realmente apreciado pelo mundo sóbrio. Até mesmo a *ideia* do telefone me parecia de alguma maneira mais significativa. “*Pode ser qualquer pessoa do outro lado da linha*”, pensei comigo mesma. “*Pode ser o Mr. T ou um dos Thundercats.*” As possibilidades eram infinitas. Peguei o receptor e fiquei escutando o som do vazio da estática do outro lado da linha de longa distância.

“Hã... Alô? Travis?”, perguntou o homem do outro lado.

Eu: “Não, não é o Travis. Você é um *Thundercat*?”

“Quem?”, perguntou o homem, que parecia mesmo muito irritado.

“Acho que nós dois temos o número errado”, eu disse. Comecei a desligar e o não *Thundercat* começou a gritar, mas eu não conseguia entendê-lo muito bem e pensei que provavelmente ele apenas estava com raiva devido à repentina e decepcionante percepção de que ele nunca seria um *Thundercat*. Então percebi repentinamente que era bem possível que eu não estivesse de fato conversando com ninguém e que talvez tudo isso não passasse de uma alucinação. Talvez eu estivesse ali conversando com uma maçã. Ou um porquinho-da-índia. Então me dei conta de que, se fosse um porquinho-da-índia, provavelmente ele iria se enfiar dali a pouco no meu ouvido e comer minha cóclea, então derrubei o telefone no chão e fui embora. Travis indagou: “Quem era no telefone?”, e eu respondi: “Não era um *Thundercat*. *Pode* ter sido um porquinho-da-índia. Minha orelha está bem?”

Talvez o Travis devesse então só ter ligado a secretária eletrônica, mas acho que ele mesmo havia tomado uma dose de LSD, pois parecia estar derretendo e, na minha experiência, pessoas sóbrias na sua maioria não fazem isso. Foi então que comecei a vomitar. Eu disse: “Nossa, acho que vou vomitar”, e Travis respondeu: “Não, você só *acha* que vai vomitar”, e eu fiquei toda “Nossa, *que alívio!*”. E vomitei. Nos pés do Travis. Ele me deu um saco quase vazio de batatinha *chips* para que eu vomitasse dentro dele e fiquei sentada no quarto escuro e vomitei – muito. Tipo, era tanto que suspeitei que estivesse vomitando coisas que nunca havia comido. Travis colocou um *single* do The Doors cantando “L.A. Woman”, porque ele disse que ajudaria e de fato *ajudou*, apesar do fato de que a casa inteira parecia estar se dissolvendo, assombrada e cheia de *goblins* peludos. Também tinha quase certeza de que havia pequenos incêndios crescendo dentro dos armários e, toda vez que a fita de *The Doors* chegava ao fim, eu começava a vomitar novamente. Travis me ouvia e tinha de voltar a fita e pôr para tocar outra vez.

Isso aconteceu praticamente a cada cinco minutos pelas quatro horas seguintes.

Mas em algum lugar entre a hora em que eu fiquei tentando apagar incêndios imaginários nos armários e a hora em que finalmente fui dormir, aparentemente, tive alguns momentos de lucidez e inspiração. Sei disso porque quando acordei mais tarde, ao lado do saquinho de batatinhas arruinadas, vi que alguém havia escrito uma diatribe bizarra sobre os Smurfs na parede e a letra era minha. Também havia escrito meu nome várias vezes na parede apontando ao texto, pois pelo jeito não queria que ninguém levasse o crédito pela minha descoberta de que os Smurfs eram na verdade comunistas bissexuais pacíficos. Foi então que descobri que as drogas são ruins e nunca mais as tomei.⁶ Fui embora e decidi arranjar novos amigos, mas antes disso rasurei meu nome na parede e o substituí por “Travis”. Suspeitei que ele tentaria atribuí-lo a mim novamente, então fiz o pingo do i em forma de coração, pois todo mundo sabia que eu não era do tipo de pessoa que coloca o pingo do i em forma de coração. Contudo, por outro lado, tecnicamente tampouco Travis. Era provável que eu ainda estivesse um pouco alta naquele momento.

Enfim, o que quero dizer é que as drogas não são uma boa ideia, a não ser que você as use apenas para distrair as pessoas de histórias constrangedoras sobre vibradores. Também quero dizer que, apesar de todo o vômito e a paranoia e ter passado vexame, em retrospectiva, até que foi meio legal, só que, na verdade, *na época não foi mesmo*. Assim como a vida. Desejamos que o Lion-O dos *Thundercats* nos ligasse, mas em vez disso passamos bastante tempo desnecessariamente preocupados com porquinhos-da-índia presos dentro de nós. Isto também serve como metáfora para a vida. Uma metáfora muito, muito ruim.

[6](#) Tirando mais algumas vezes. E uma vez que usei cocaína sem querer. Também tomei ácido mais algumas vezes, mas nunca mais tomei à noite, então tenho quase certeza de que não vale. Quer saber? Deixe pra lá.

E é por isso que Neil Patrick Harris seria o melhor *serial killer* do mundo

Na semana após completar 21 anos, eu havia tomado uma série de boas decisões. Ainda não tinha ficado bêbada (pois, assim que deixou de ser contra a lei, de repente perdeu o encanto) e estava bem focada na minha anorexia, que é uma das melhores doenças mentais de se ter, pois pelo menos você fica gostosa enquanto morre de fome. Só que o cabelo fica uma merda, porque cai em chumaços e a gente passa a noite em claro obcecada com o tanto que o osso do quadril está pontudo e fica se perguntando se doeria muito lixá-lo com um ralador de queijo. Um momento, eu disse *boas decisões?* Vamos começar de novo.

Na semana após completar 21 anos, eu estava entediada, sóbria e perigosamente abaixo do peso, de um jeito que faz com que as pessoas pensem que você está usando heroína ou morrendo de câncer. Eram nove da noite quando decidi que precisava sair de casa, então vesti um casaco e dirigi até a única livraria que ainda estaria aberta tão tarde numa cidade vizinha. Meu amor de infância por livros de terror havia sido desviado para um breve caso com a bruxaria. (Que durou só até eu perceber que nenhum dos feitiços ou encantamentos que eu fazia dava certo. Quando me instruíam a “balançar uma vela branca sobre sementes recém-abertas, eu balançava a lanterna do meu pai sobre o pote de pasta de amendoim. Eventualmente eu iria denunciar a bruxaria por ser completamente inútil, mas, sendo justa, é possível que isso seja menos por culpa da potência dos feitiços e mais pelo fato de eu ser simplesmente uma péssima cozinheira. Além do mais, era o tipo de pasta de amendoim que já vinha com a geleia misturada, o que economizava tempo, mas talvez não fosse o que os druidas tivessem em mente.)

Fui até a seção de esoterismo da livraria e pela primeira vez não estava sozinha, pois havia um sujeito lá por volta da minha idade que não parava de me encarar. Ele também era a cópia do *Doogie Howser, M.D. (Notas especiais para os leitores nascidos depois de 1990: (1) Eu meio que odeio vocês. Por favor, parem de ficar tão bem de shorts. (2) Doogie Howser, M.D. foi um dos primeiros programas que Neil Patrick Harris fez. Foi antes de ele ficar todo gato. Ninguém nunca se apaixonava por ele naquela época. Aí ele saiu do armário e de repente ficou muito bonitão e todas as mulheres do mundo queriam dormir com ele. É assim que as mulheres funcionam. Tampouco sabemos explicar.)* O sócia (provavelmente sem intenção) do Doogie Howser estava vestindo um colete jeans, então eu tinha quase certeza de que ele era gay, mas estávamos nos anos 1990, então não tinha como saber. Ele não parava de me encarar, e toda vez que eu pegava um livro ele comentava espontaneamente: “Ah, tenho esse”. Era muito irritante e fiquei desejando que houvesse um livro sobre absorventes naquela seção só para confundir-lo, mas era uma livraria pequena, então, mesmo que existisse um livro sobre absorventes e bruxaria, era provável que não o teriam no estoque. Então Doogie sorriu, pegou um livro de astrologia e

me perguntou qual era meu signo. Ele jura que isso nunca aconteceu, *mas aconteceu sim.* Enquanto eu pensava “*Esse cara deve ser um maníaco*”, ele pensava “*Vou me casar com essa garota*”. Isso se devia em grande parte a um sonho que ele teve no qual se casava com uma garota que usava um certo tipo de casaco, e quando entrei na livraria estava usando o mesmo casaco que a garota do sonho. (Devo mencionar que era o mesmo casaco que eu tinha desde os 15 anos, quando minha mãe estava no hospital para uma cirurgia de hérnia e estava tão chapada que disse: “Jenny precisa de um casaco novo”, o que meu pai deveria ter reconhecido como um delírio induzido por drogas, *pois nunca ganhávamos casacos novos*, mas ele me levou para comprar o casaco e eu disse: “Ah, também preciso de um chapéu novo”. Quando voltamos ao quarto do hospital, minha mãe ainda estava tomando morfina e exclamou: “Ei, que chapéu legal!”. Aí dois dias depois ela ficou sóbria e disse: “*Que diabos? Passo um dia inconsciente e de repente todo mundo pira com os chapéus?!*”)

Doogie Howser reparou no meu casaco assim que entrei na livraria e ficou obcecado em descobrir quem eu era. Recusei-me a lhe dizer meu sobrenome ou dar meu número de telefone e lhe disse bem claramente: “*Tenho namorado*”, porque não queria que ele me perseguisse. Doogie se apresentou como Victor e insinuou que eu estava desperdiçando meu dinheiro com esses livros, pois ele tinha todos eles e poderia emprestá-los a mim. Salientei que, na verdade, eu não tinha dinheiro e estava planejando roubá-los. A última parte era mentira, mas ele achou graça de verdade, o que era uma mudança revigorante da risada nervosa que eu costumava provocar na maioria dos homens. Ele pegou o livro que eu tinha na mão e o devolveu à estante. “*Você é adorável demais para ir para a cadeia. Venha ao meu dormitório e você pode roubá-los de mim.*”

Então fui, pois aparentemente eu nunca tinha visto um daqueles filmes no qual a garota ingênua é mutilada pelo assassino. *Além disso*, ninguém suspeita que Neil Patrick Harris vai matar alguém. *Além disso*, ele me fez rir apesar dos meus esforços. *Além disso*, sempre quis ter um melhor amigo gay que pudesse me ensinar sobre cílios postiços e boquetes. Na verdade, foi mais pelo último motivo.

Surpreendentemente, Victor nem tentou me mutilar e ele *tinha mesmo* todos os livros que disse ter na livraria. Também possuía a maior coleção de coletes que já vi um homem ter (três). Era apenas alguns meses mais velho que eu, mas agia de forma mais madura e sofisticada do que qualquer pessoa da minha idade e rapidamente nos tornamos amigos. Ele era um dos republicanos mais apaixonados que eu já havia conhecido, mas constantemente me surpreendia quando não se atinha a nenhum dos estereótipos que eu tentava lhe atribuir. Victor era uma estranha mistura de um *nerd* que citava *Star Wars*, um professor de *kung fu* tatuado e um *hacker* de computadores mauricinho.

Ele também foi a primeira pessoa que conheci a ter internet no quarto (*Nota especial para aquelas mesmas pessoas que nasceram depois de 1990: Já sei. Cale a boca.*) e imediatamente a usei para ver fotos de gente morta, pois achei que seria esquisito baixar pornografia na frente dele. Ele parecia estar estranhamente fascinado por mim, assim como é fascinante olhar para vítimas de um acidente de carro. Supus que cedo ou tarde ele iria perceber que eu não era o tipo de garota que seus pais conservadores iriam querer que ele tivesse por perto, mas ele era teimoso e se recusava a ser desnorteado por qualquer argumento que eu pudesse ter.

Ambos frequentávamos a mesma faculdade pequena na cidade vizinha de San Ângelo e passei muitos longos horários de almoço em seu dormitório, onde conversávamos sobre a vida, os sonhos e a infância. Não aconteceu nada mesmo *porque não sou desse tipo de garota*. Até que ele me beijou. Em seguida ele me convenceu que não era gay de jeito nenhum e ficou preocupado ao descobrir que eu relacionava homossexuais a coletes. “*Não, de um jeito ruim*”, disse eu. “*Só achei que somente os gays se sentiriam à vontade vestindo coletes de jeans lavado.*” (Anos depois, amigos gays iriam me mostrar como essa sentença por si só demonstra o quão pouco eu sabia sobre homossexuais e que eu obviamente havia confundido “coletes de jeans lavado” com “calça de couro sem bunda”. Eu respondia que nunca havia confundido os dois, pois um é bem mais arejado que o outro. Então todos ríamos e pedíamos outra

rodada e fazíamos um brinde a como é maravilhoso ter amigos gays divertidos. Dica: é demais. Vá achar um agora mesmo. Os homossexuais são exatamente como você e eu, só que melhores. Tirando aqueles que são chatos, ou babacas. Evite-os.)

Algumas semanas depois de conhecer Victor, ele me disse: “Decidi que vou ser DJ”, e eu respondi: “Bem, é claro que sim. E eu decidi que vou ser uma bailarina caubói”, mas no dia seguinte ele foi contratado como DJ na maior estação de rádio de rock em quatro municípios. *Foi desconcertante.* Especialmente porque ele usou o mesmo tom de voz confiante que havia usado quando disse, sem cerimônia, “Vou me casar com você um dia”. Eu bufei e revirei os olhos, pois isso nunca iria acontecer.

Victor era rico, ambicioso e membro de uma associação para jovens republicanos – exatamente o oposto do tipo de cara que eu buscava. Além do mais, ainda estava usando o colete. Então ri de sua piadinha, só que ele não, e lá no fundo fiquei um pouco preocupada de ele estar certo. Apesar do fato de que tínhamos quase *nada* em comum, me vi completamente apaixonada por ele, e ele me pedia em casamento quase todo dia. E todo dia eu lhe dizia não, fazendo pouco caso, pois ele era muito perigoso. Não *fisicamente*, é claro. Apesar de ele ter me dado um soco no nariz um dia. Quer dizer, *tecnicamente*, não foi culpa dele, pois ele só estava fazendo suas posturas de *kung fu* e eu estava em pé no seu dormitório pensando como o *kung fu* é chato. Então avistei algo no chão e achei que fosse uma batatinha. Agachei no exato momento em que Victor girou para fazer uma postura e me deu um soco bem na porra do meu nariz. Depois senti pena, pois ele ficou visivelmente chateado de ter quase me nocauteado acidentalmente e também porque, na confusão, um de nós havia pisado na batatinha.

Ah, e teve uma outra vez que ele me deu uma concussão sexual. Não posso entrar muito em detalhes, porque minha mãe provavelmente lerá isto, mas, basicamente, ele tinha um beliche em seu dormitório (porque ele é filho único e por algum motivo filhos únicos são *obcecados* por beliches), então estávamos na cama de baixo e joguei o cabelo para cima no que eu imaginava ser um lance de estrela pornô, só que a viga de madeira da cama de cima estava muito baixa, então enfiei a cabeça violentamente na tábua e me nocauteei completamente, o que é a coisa menos sensual que se poderia fazer na vida. Tipo, se eu também tivesse perdido o controle do meu intestino, teria sido pior, mas não por muito. Quando me recuperei, Victor exclamou “*Concussão sexual! Caralho!*”, como se fosse algo do qual se orgulhar. Basicamente, foi como uma asfixia autoerótica, só que, em vez de ser estrangulado, batem na sua cabeça com uma tábua. E em vez de ter um orgasmo você perde o controle muscular e faz xixi em cima de si mesma. *O que não fiz de jeito nenhum porque isso seria nojento.* Quase nunca faço xixi em mim mesma.

Mas nada disso era o que eu queria dizer quando disse que ele era perigoso. Quis dizer que ele era perigoso *mentalmente*. Para início de conversa, ele era rico. Quer dizer, *outras pessoas* talvez não o chamariam de rico, mas ele foi o primeiro cara que conheci a ter um *smoking* próprio. Ele havia passado longos verões com os avós no interior, então ele achava que não éramos tão diferentes assim, mas quando lhe contei que meus pais não acreditavam em ar condicionado ele me lançou um olhar como se eu fosse algum tipo de leprosa faminta que precisava de um evento de caridade para angariar fundos. A divisão entre nós era evidente até mesmo quando saíamos para almoçar. Ele pedia um filé gigante e eu pedia algum tipo de sopa rala para camponeses, porque me recusava a deixá-lo pagar qualquer coisa para mim (e também por conta de toda aquela história de anorexia, que é bastante útil quando se é pobre demais para comer comidas sólidas).

Ele era perigoso porque era diferente e mais inteligente do que eu, e ele queria que eu fosse adulta. Minha mãe decidiu que eu precisava me casar com o Victor antes de voltar ao meu padrão de namorar artistas pobres e mentalmente desequilibrados. Quase seis meses depois de Victor e eu termos começado a namorar, cheguei em casa e descobri que minha mãe havia empacotado todas as minhas coisas e ela nos disse que eu simplesmente deveria ir morar com o Victor, pois eu “*obviamente já estava dormindo com ele*”. Nesse momento, Victor e eu ficamos bem quietos e me perguntei quando minha mãe havia se tornado a maluca da família, pois eu não estava preparada para que *ambos* os meus pais fossem

desequilibrados. Então me dei conta de que toda essa cena dizia respeito menos ao desequilíbrio de minha mãe que à sua tentativa de me salvar do meu próprio desequilíbrio. Estava quase certa de que a paixão dela pelo Victor como meu marido em potencial tinha origem em como ela havia ficado impressionada com essa história de ele “*ter um smoking próprio*”, e cogitei lhe contar que ele o havia alugado e mudado de endereço sem o devolver, mas, antes que eu pudesse abrir a boca para protestar, Victor passou o braço em volta da minha cintura, dizendo: “*Concordo completamente. Você deveria mesmo morar comigo*”. Suspeitei que ele e minha mãe haviam combinado isso, porque eu não *queria* morar com ele, mas tempos depois ele admitiu que não estava esperando aquilo de jeito nenhum e, apesar de querer que eu morasse com ele, teve medo de discordar da minha mãe, porque presumia que meu pai atiraria nele se não me assumisse, como quem quer fazer um omelete sem quebrar os ovos. Eu era o ovo, *pelo jeito*. Falei para o Victor que ele estava sendo ridículo, pois, apesar de meu pai *ter mesmo* vários armários cheios de armas, a única arma que usava de fato era um arco e flecha, porque era “mais esportivo”. Mas me lembrei de que o papai *havia mencionado* que havia se interessado por um arco e flecha novo justo na semana anterior, então decidi que seria melhor não tocar no assunto. Victor franziu a testa e salientou que a maioria das pessoas não tem um móvel inteiro dedicado a armas e eu comecei a suspeitar que ele não *fosse* de fato do Texas. Aí ficamos nos encarando como quem não consegue entender que diabos há de errado um com o outro. Talvez isso deveria ter servido como meu primeiro aviso de o que o futuro me aguardava.

Victor e eu ainda éramos pobres universitários na época, então alugamos um apartamento minúsculo de um quarto na pior parte da cidade e foi surpreendentemente maravilhoso. Tirando o cara que morava ao lado e era algum tipo de doente mental eremita que nunca saía de seu apartamento, mas que acenava para mim às vezes sem calças. Não tenho certeza de onde colocar a vírgula nessa última sentença, pois “às vezes” modifica tanto “acenando” quanto “calças”. Por exemplo, ele acenava para mim às vezes, e (nessas vezes que acenava) ele às vezes estava sem calças. Mas ele não parecia fazer isso com a intenção horripilante de quem diz “*olhe-pro-meu-pênis*”, e sim de um jeito que dizia “*simplesmente-estou-desequilibrado-demais-hoje-para-saber-como-funcionam-as-calças*”.

À nossa frente, morava um casal simpático, porém com cara de cansaço que parecia ter um negócio de fazer e vender *cupcakes* que ia de vento em popa. Só que substitua “*cupcakes*” por “*anfetamina*”. “*Cupcakes*” soa melhor, no entanto. A não ser que você curta anfetaminas. Nesse caso, acho que se perde um pouco o gosto por *cupcakes*. A não ser que sejam *cupcakes* de anfetamina. O que, para dizer a verdade, me parece horrível, mas provavelmente venderia mais do que banana, o que seria um bom sabor para um *cupcake* de anfetamina se existisse. *Meu santo Deus, o plano de negócios se escreve sozinho*. Encontrem um investidor para mim.

Na primeira vez em que minha mãe foi nos visitar no novo apartamento, ela parecia preocupada de que havia sido um grande erro ter insistido para que eu saísse de casa, mas eu lhe garanti que estávamos felizes e que (de certo jeito) era um tipo não convencional de programa de vizinhança solidária, pois tecnicamente os fabricantes de anfetamina e os reclusos sempre estão em casa para assinarem pelo recebimento de pacotes e para ficar de olho nos assaltantes do bairro (que suspeitávamos morassem no apartamento debaixo do nosso). Era uma comunidade esquisita e involuntária, mas éramos jovens e ainda não sabíamos o quanto doía levar um tiro, então fizemos pouco caso do perigo e começamos o processo de aprender como é incrivelmente difícil morar com alguém que é completamente neurótico e com um TOC ligeiro (*ah hã... Victor*). E com alguém que sem querer vive se colando ao carpete com cola quente e que é um pouco desequilibrada mentalmente, mas de um jeito que diz “*pelo-menos-ainda-me-lembro-como-funcionam-as-calças*” (*cof cof... essa seria eu*). Victor comentou que não era exatamente uma boa referência de saúde mental me comparar ao nosso vizinho eremita que às vezes ficava pelado, em especial porque várias vezes eu também ficava sem calças. Arqueei uma sobancelha em resposta ao seu comentário aparentemente sedutor até perceber que ele estava se referindo àquela vez que me encontrou

seminua pois tinha acabado de grudar minhas calças *jeans* ao carpete com cola quente.

Mesmo assim, apesar de tudo, Víctor parecia me amar de um jeito estranho e bizarro que nunca ficou tão evidente quanto no dia em que me pediu em casamento. Mas isso fica para o próximo capítulo.

(Não é bom saber que você não está pagando o livro por capítulo? Porque, se esse fosse o caso, você se sentiria completamente enganado de ter pagado por este capítulo e no final ele o deixa no suspense total, tal como *Piratas do Caribe II*. Nunca faria isso com vocês. Além disso, sabia que existem alguns lugares na Rússia onde se tem de *pagar* para usar o banheiro? Não é bem o mesmo assunto, mas, sinceramente, *que porra é essa?* Eu *nunca* pagaria para usar o banheiro. Seria como pagar alguém para jogar fora seu próprio lixo na lixeira do *shopping*. Se um dia eu for para a Rússia, vou fazer xixi no chão o tempo todo.)

Nunca me ensinaram a ter modos no sofá

Antes de o Victor poder contar ao seus pais que estávamos morando juntos, ele insistiu que eu fosse conhecê-los pessoalmente em Midland, Texas, que ficava a algumas horas de carro. Midland é uma grande cidade petrolífera e, na minha cabeça, todo mundo que morava lá era algum tipo de milionário. Victor me garantiu que sua família não era *muito* rica, mas ficou revisando comigo como distinguir a faca de peixe da faca de sobremesa, e quando entramos na casa de seus pais, percebi que tinham um elegante centro de mesa com flores e uma claraboia, e foi então que comecei a hiperventilar um pouco. O padrasto de Victor estava viajando, mas sua mãe foi muito educada, de um jeito que me fez sentir que deveria ter vestido pequenas luvas brancas para me encontrar com ela.

Bonnie, sua mãe, me convidou a me sentar no sofá. Então, assim o fiz. Mas quando minhas costas tocaram numa das almofadinhas, os olhos de Victor se arregalaram, como se eu tivesse acabado de esfaquear o cachorrinho de estimação na orelha. Ele pigarreou e rapidamente fiquei ereta enquanto ele ajustou a almofada furtivamente e sussurrou: “*Essas almofadas são só de enfeite*”. E foi então que aprendi minha primeira regra sobre gente rica. Elas nunca usam as almofadas. O que é meio doentio, *pois é para isso que servem as almofadas*.

Bonnie pediu licença para nos preparar bebidas e, imaginei eu, ligar para o marido e lhe contar sobre a andarilha de classe baixa que seu filho havia trazido para casa. “Você vai adorar essa”, escutei-a dizendo na minha cabeça. “Ela nem sabe usar o sofá corretamente. Suspeito que seja algum tipo de mendiga.”

Puxei o braço do Victor ansiosamente e cochichei que devíamos fugir antes que eu fizesse mais estrago, e ele me olhou como se eu tivesse pirado. “A gente deixa um bilhete”, expliquei. “Deixamos um bilhete educado dizendo que vimos um macaco lá fora e que precisávamos capturá-lo.”

“*Você está chapada?*” Ele olhou para minhas pupilas com desconfiança. “É sério, porra, fique calma. Ela vai adorar você. *É só não sentar nas almofadas.*”

Olhei para ele, confusa, e ele me deu uns tapinhas reconfortantes na mão e um sorriso forçado enquanto me mandava relaxar. Suspirei resignada e escorreguei para o chão de pernas cruzadas, o que não tinha problema, pois eu estava de calças *jeans* e, sinceramente, me sentia mais confortável sentada assim. Victor sussurrou, “*Que diabos você está fazendo?*” e respondi, “Cara. Não consigo fazer isso. Estou intimidada com a porcaria do seu sofá. *Esse relacionamento obviamente não vai dar certo.*”

Nervoso, ele tentou me puxar antes que sua mãe entrasse na sala, mas eu não estava preocupada, pois preparar Tang sempre demora um bom tempo. “Você não pode sentar na porcaria do chão. *Você tem sete anos, por acaso?*”

“Cara. Você acabou de dizer que não era pra sentar nas almofadas.”

“As almofadas *de enfeite*”, ele tentou explicar enquanto me dava um puxão para voltar a sentar do lado dele no sofá. “É óbvio que você pode sentar nas almofadas do sofá. É assim que funcionam os sofás.”

“POR QUE VOCÊ NÃO ME ENSINOU QUAL ERA A ETIQUETA PARA USAR O SOFÁ?”

Acho que posso ter dito isso um pouco alto demais, pois, quando a mãe do Victor voltou com as bebidas, me lançou um olhar estranho e fiquei tão nervosa que nem conseguia pensar direito, então rapidamente peguei um copo do pior Tang do mundo e (depois de ter um pequeno acesso de tosse) percebi que “preparar uma bebida” se referia de fato a algum tipo de coquetel de vinho, e não a uma bebida que se prepara com um pozinho. Depois de ficar claro que eu não estava para morrer, desajeitadamente ela tentou preencher o silêncio me mostrando fotos de Victor de *smoking* com um monte de garotas diferentes de cabelo bonito e vestidos de festa, que provavelmente nunca tinham sequer *ouvido falar* em sapatos de saco de pão. Victor revirou um pouco os olhos quando sua mãe ficou falando sobre todos os bailes de debutantes que Victor havia frequentado com essas meninas e eu acenava com a cabeça, tentando parecer educada e interessada. Aí ela me perguntou quando *eu* havia debutado e eu disse: “Ah, não sou gay. Estou namorando seu filho”, o que eu pensava ser óbvio desde o início. Victor começou a tossir alto e Bonnie ficou confusa, mas ela se distraiu porque Victor parecia ter engolido a própria língua, e logo em seguida Victor disse que talvez devêssemos ir embora.

No caminho de casa, Victor me explicou que “debutar” é o que as meninas fazem quando viram mocinhas. Eu disse que ele estava parecendo uma propaganda de absorventes internos e ele revirou os olhos. Aí gritei com ele por ter passado tanto tempo me ensinando como usar os garfos corretamente sendo que nem tínhamos ficado para o jantar e ele falou: “*Você não sabia nem usar a porra do sofá corretamente!*”. Ele tinha razão: então dei um suspiro e fiquei em silêncio, pois é difícil argumentar com confiança quando a gente acaba de descobrir que usou os sofás de forma incorreta a vida toda.

Na volta, paramos numa sorveteria, o que foi um alívio, pois eles fornecem somente *um* conjunto de talheres, a não ser que você peça o sundae especial, pois nesse caso se recebe uma colher vermelha bem comprida para que se possa alcançar a calda no fundo do copo. E mesmo nesse caso tem um desenho de uma casquinha de sorvete na ponta da colher, caso alguém fique confuso quanto ao seu uso. Foi então que comecei a desabafar sobre como a sorveteria é melhor do que restaurantes chiques, e Victor olhou para mim fixamente, fascinado, como se estivesse completamente surpreso por ninguém ter pensado nisso antes, ou como se estivesse se perguntando o que havia de errado comigo. Era um olhar que ele tinha aperfeiçoado ao longo do último ano juntos.

Respirei fundo e me inclinei para frente e olhei para ele, impiedosamente. “Olha. Isso somos nós. *Eu* sou a colher de sorvete. *Você* é a colher de *escargot*. É por isso que nunca vai dar certo.”

Victor fez uma pausa e então se inclinou na minha direção por cima da mesa e sussurrou: “Garfo”, e eu disse: “Não entendi... É assim que vocês, ricos, xingam?” Ele deu um sorriso torto, como se estivesse tentando conter o riso, e disse: “Não. *Escargot* se come com garfo. Não com uma colher.” E eu gritei: “*Exatamente! É exatamente* disso que estou falando”. Ele riu e disse: “Não *me importo* se você não sabe o que é um garfo de *escargot*. Acho adorável que não saiba. E você vai aprender tudo isso. Ou não. Mas não importa, porque *eu* gosto de colheres de sorvete.” Dei um sorriso hesitante, porque ele falou com tanta confiança que era difícil não acreditar nele, apesar de suspeitar que ele só estava sendo legal porque não queria que uma garota que nem sabia usar um sofá corretamente terminasse com ele. Essa é praticamente a pior maneira de todas para alguém terminar com você.



Uma foto de verdade de Victor e eu no sofá de seus pais. Percebam o desconforto do Victor de estar remotamente próximo das almofadas. É como se estivesse preparado para fugir delas. E a essa altura eu ainda me acho a maluca do casal.

Uma típica história de noivado

Quando eu estava no ensino médio, li muitos livros da Danielle Steele. Portanto, sempre presumi que, quando ficasse noiva, estaria nua, coberta de pétalas de rosa e dormindo com o irmão do homem que havia me sequestrado.

E ele também seria um duque.

E talvez meu meio-irmão.

Então um de nós seria esfaqueado com uma garrafa de uísque quebrada e/ou estuprado.

Acontece que a única parte sobre a qual estava certa foi de que um de nós seria esfaqueado.

Estávamos em 1996 e Victor e eu ainda estávamos na faculdade. À noite ele trabalhava como DJ na rádio e eu trabalhava ~~como prostituta telefônica~~ com *telemarketing*. Estávamos morando juntos havia quase um ano quando Victor decidiu que era hora de nos casarmos e (só para deixar tudo incrivelmente romântico) decidiu me pedir em casamento no ar. O único problema era que, se ele estivesse no ar, não estaria comigo para fisicamente fazer com que eu dissesse sim. Então, em vez disso, ele tirou a noite de folga e arrumou uma gravação que faria parecer que ele estava ligando para o programa da rádio para falar com o cara que o substituiu na estação. Ele planejou que eu escutaria o pedido no ar e então ele ficaria de joelho e me entregaria o anel, mas ele não tinha ideia de como fazer com que eu ficasse na frente do rádio, então sugeriu que déssemos uma volta de carro para que ele pudesse escutar seu substituto. E assim fizemos. *Por seis. Malditas. Horas.*

18h00 – Estamos no carro há meia hora. Estou ficando com fome.

18h30 – Estou com fome, mas Victor se recusa a parar o carro para comermos.

19h00 – Victor está agindo de forma estranha, bastante nervoso. Começo a suspeitar que ele vai me matar. Sei que parece um salto ilógico de se fazer, visto que é o mesmo homem que chorou quando me deu um soco no nariz por causa de uma batatinha, mas sempre desconfiei que Victor era um pouco bom demais para ser verdade. Era mais fácil acreditar que ele queria me assassinar do que acreditar que queria se casar comigo.

19h30 – Finjo que vou desmaiar se ele não me levar para comer alguma coisa. Victor está convencido de que, assim que eu sair do carro, o substituto dele irá tocar sua gravação, então ele insiste que simplesmente passemos pelo *drive-thru* do Taco Bell.

20h00 – Victor se recusa a desligar o rádio enquanto pedimos nossos *burritos*. Acho que ele quer abafar minha voz caso eu peça para o caixa ligar para a polícia.

20h00-22h30 – Victor dirige em círculos. Preciso fazer xixi. Victor não me deixa sair do carro. Está suando muito. Vagamente me pergunto onde ele irá se desfazer do meu corpo.

22h30-23h30 – Agora a vontade de ir ao banheiro está mais urgente do que a vontade de fugir. Começo a suspeitar que Victor esteja tentando me matar fazendo minha bexiga explodir. Ele me dá um sorriso nervoso e eu me pergunto se conseguiria fazer xixi nas calças.

23h40 – Não, mas não por falta de esforço.

23h45 – Quinze minutos até o final do turno do substituto. Victor está em frangalhos. Preciso tanto fazer xixi que penso que vou vomitar, mas em seguida me dou conta de que assim que vomitar vou acabar fazendo xixi em mim mesma de qualquer modo. Penso em pular de um carro em movimento, pois, mesmo se eu fizesse xixi nas calças, o legista não me julgaria, pois, sabe, quem *não* se mijaria todo ao se jogar de um carro em movimento? *Ninguém*.

MEIA-NOITE – Victor suspirou e entrou no estacionamento de nosso prédio. Entorpecido, ficou olhando para a caçamba de lixo à nossa frente, com uma expressão de derrota e desesperança, e senti muita, muita pena dele. Coloquei minha mão no seu braço enquanto ele dava um suspiro miserável, como se fosse um fracasso total. Queria alegrá-lo, mas me parecia estranho alegrar alguém que talvez estivesse deprimido por não ter conseguido me assassinar de forma adequada. Foi então que pensei: “*O amor deve ser isto: querer facilitar meu próprio assassinato para alguém*”. Isso me fez perceber que o amava *demais* para o meu próprio bem e que eu provavelmente precisava fazer terapia.

Percebi também que, de repente, ele ficou tenso e sua própria voz estava passando na rádio. Foi então que pensei que *certamente* seria assassinada, pois esse era o álibi perfeito: ficaria parecendo que ele estava no estúdio quando encontrassem meu corpo. Mas então notei que ele estava olhando para mim e me dando um sorriso torto e escutei o Victor no programa da rádio conversar com o outro DJ sobre uma garota que ele havia conhecido e por quem estava apaixonado. Ele contou que no final de cada turno tocava “When We Dance”, do Sting, como sua despedida e como um “eu te amo” silencioso para ela. Aí ele disse que havia se apaixonado tanto por ela que iria pedi-la em casamento ali mesmo. *Na maldita rádio*.

Virei-me e Victor havia aberto minha porta silenciosamente e estava de joelhos, segurando um anel de diamantes tão pequeno que eu sabia que ele mesmo o havia comprado. Então eu disse sim, em parte porque o amava, em parte pelo alívio de que não seria assassinada e em parte porque sabia que ele nunca me deixaria sair do carro para fazer xixi até que concordasse em me casar com ele. Dei-lhe um beijo e mesmo assim ele permaneceu ajoelhado, bloqueando minha saída. Pedi para ir ao banheiro e ele fez uma cara de sofrimento. Eu me perguntei se eu havia estragado o momento romântico, mas então ele ficou de pé e percebi que havia se ajoelhado sem querer bem em cima de um monte de vidro quebrado, o que foi maravilhoso, pois não há nada mais romântico do que um pedido de casamento que acaba com alguém precisando de uma vacina antitetânica.

Lembro-me de pensar na hora que, se eu não precisasse tanto fazer xixi, provavelmente lhe teria dito que deveríamos esperar, pois, para ser sincera, sabia que eu era problemática demais para me casar com alguém. Mas quando saí do banheiro ele já havia ligado para todo mundo que conhecíamos para informar que eu havia dito sim.

Tentei convencê-lo várias vezes de que ele havia se equivocado terrivelmente ao me pedir em

casamento, mas, toda vez que insistia que ele estaria bem melhor com uma de suas antigas debutantes, ele fazia pouco caso, dizendo que era baixa autoestima. Até mesmo quando lhe garanti que eu era um pouco insana, ele disse que era exagero da minha parte, pois ele havia testemunhado alguns ataques de pânico menores e alguns ataques de nervos ocasionais e presumiu incorretamente que aquilo era o pior que podia acontecer.

Então, uma manhã, logo depois de ficarmos noivos, acordei na mesma hora em que Victor se esticou para me buscar na cama e de repente ele parou e se sentou lentamente. Com uma voz cuidadosa e comedida ele disse: “Querida...? Você... fez xixi na cama?”.

Eu respondi “O QUÊ?! É claro que não fiz xixi na cama!” e em seguida pensei: “*Eca*, será que FIZ xixi na cama?” e apalpei com a mão, mas não senti nada. Então eu vi uma grande poça filtrando lentamente por cima do edredom para dentro do vale formado entre Victor e eu. Gritei: “AIMEUDEUS, XIXI DE GATO!” jogando o edredom para cima e espalhando xixi de gato por todos os lados.

Victor pulou da cama, engasgando e gritando obscenidades a mim e ao gato, e percebi que – apesar de seu *nojo total* em pensar que eu havia feito xixi nele –, mesmo assim, ele havia se esforçado para manter uma atitude calma e compreensiva. Porque, aparentemente, ele achava que eu era louca o suficiente para *urinar nele aleatoriamente*. Foi então que pensei que *talvez* pudéssemos ter uma chance juntos.

Mesmo assim, senti pena dele, pois ele *sabia* que eu era *um pouco doente mental*, mas ele também acreditava que eu era naturalmente magra. Consequentemente, ele estava esperando um pouco de loucura, mas acho que era do tipo de loucura quente e sensual. Depois Victor insistiu para que eu fosse ver o terapeuta da faculdade, que me ajudou a parar com a anorexia. Engordei logo 14 quilos, o que era bem saudável, mas não era *nem um pouco sexy*. Além do mais, repentinamente comecei a comer alimentos sólidos, então passei a dar muito mais despesa do que Victor havia inicialmente calculado. Para resumir, ele fez um péssimo negócio.

E eu era bem mais maluca do que havia dado a crer.

Não era um ensopado

Sempre me pareceu injusto ter tido tão pouco tempo para cair nas graças dos meus sogros, enquanto Victor teve um ano para se insinuar no coração dos meus pais antes de nos casarmos.

Admito que não foi fácil para nenhum dos dois. Numa das primeiras vezes que ele foi jantar na minha casa, estávamos sentados à sala de estar com minha mãe. Nós duas estávamos no sofá e de lá dava para ver meu pai entrando na sala na ponta dos pés. Ele levou o dedo até a boca, pedindo que não avisássemos ao Victor que estava atrás dele e que havia um lince vivo debaixo de seu braço direito. Se eu tivesse criatividade suficiente para imaginar meu pai jogando um lince vivo num garoto que eu estava tentando impressionar, isso provavelmente teria sido meu pior pesadelo de como apresentar um namorado aos meus pais. Presumi que papai havia esquecido o lince em casa sem querer, foi dormir e depois acordou e se deu conta do problema e, ao escutar a voz do Victor, estava tentando tirar o animal de casa sorrateiramente pela porta dos fundos para que Victor nunca suspeitasse que éramos do tipo de família que tinha lince vivos dentro de casa. Infelizmente, essa não era nem um pouco a intenção de meu pai, e meus olhos se arregalaram aterrorizados quando ele se inclinou para a frente e gritou com uma voz estrondosa e alegre: “OLÁÁÁÁÁ, VICTOR”, e jogou o lince vivo em cima dele.

A maioria das pessoas vai ler isto e supor que essa era a maneira que meu pai tinha de fazer com que os quase pretendentes ficassem com tanto medo dele que sempre tratariam suas filhas bem, mas isso não era uma de suas preocupações, de jeito nenhum. Ele teria jogado o lince vivo com a mesma satisfação em cima da minha mãe ou de mim, se não fosse pelo fato de que havíamos desenvolvido uma noção sobre-humana dos sons aterrorizantes que meu pai fazia quando tentava fazer silêncio. Em defesa do meu pai, era um lince pequeno que ele estava cuidando para que pudesse retornar à natureza, e não um lince de tamanho normal, daqueles que ficavam no quintal. Na época, meu pai criava vários lince grandes, mas raramente ficavam dentro de casa, e, quando minha mãe topava com um, ela o enxotava de volta para as gaiolas de lince usando uma vassoura. Uma vez perguntei *por que* exatamente o papai criava lince, e ela disse que era porque ele “colecciona a urina deles”. Pois, *claro*. Quem não tem um pai que não coleccione algo? (Para quem não vem de uma região de lince, eles são como tigres pequenos e facilmente subestimados. Eles evitam o confronto se possível, mas, se forem provocados demais, arrancarão sua cara com prazer. São como texugos minúsculos e mal sedados que devem ser evitados.)

Se um dia eu *tivesse chegado* a indagar como Victor reagiria se um grande homem barbudo jogasse um lince vivo em cima dele, acho que nunca teria conseguido prever como de fato reagiu. Cerrou a mandíbula e permaneceu rígido, olhando para o lince com os olhos arregalados, chocado e completamente imóvel. Então (conseguindo evitar qualquer movimento brusco de forma impressionante) ele olhou perplexo para meu pai. Talvez esperasse ver uma expressão de vergonha do meu pai, que

certamente havia *acidentalmente* derramado um lince em cima dele, ou talvez achasse que meu pai estaria tão horrorizado e chocado quanto ele de ver um lince no colo do Victor e lhe diria para ficar quieto enquanto fosse pegar um dardo tranquilizante. Em vez disso, meu pai lhe deu um grande sorriso e estendeu a mão para lhe cumprimentar como se não houvesse um lince inesperado no colo do Victor. (Um lince, aliás, que parecia estar igualmente horrorizado e p da vida de ter sido metido nessa situação social constrangedora.) Cautelosamente, Victor ficou de olho no lince (que estava agora emitindo o tipo de barulho assustador que os lincos soltam quando querem deixar perfeitamente claro que *não* são gatos domésticos e que não querem ficar aconchegados em você), e aí me lançou um olhar, como quem estava decidindo se eu valia mesmo a pena. Ele inspirou fundo e se virou no sofá para apertar a mão do meu pai. “Henry”, ele disse secamente, cumprimentando-o com um aceno de cabeça, o medo na sua voz transparecendo somente um pouco. Em seguida, Victor se virou para minha mãe e continuou conversando como se nada fosse mais natural do que isso. Foi incrível, e acredito que ele ganhou o respeito de todos nós naquele instante. Até o lince parecia perceber que provavelmente estaria mais seguro com o Victor do que com o homem grande que sempre o jogava em cima das pessoas, e se aninhou ao lado do Victor, encarando-nos ressentido.

Mais tarde, Victor me contou que tinha ficado completamente assustado com a situação, mas uma vez, quando era criança, o pai dele teve um puma chamado Sonny, então ele me garantiu que entendia que algumas pessoas gostavam de animais de estimação exóticos. Ele também disse que era legal termos isso em comum para nos aproximar, mas a diferença era que o pai *dele* tinha helicópteros, Porsches e pumas de estimação porque era rico e ostentoso, o *meu* criava lincos selvagens para coletar sua urina. Contudo, não assinali essas diferenças, porque estávamos no processo de travar conhecimento. Além do mais, eu mesma não sabia explicar o lance da urina, apesar de que mais tarde me disseram que era simplesmente uma maneira orgânica que algumas pessoas usam para afugentar pestes do quintal. A não ser que essas pestes sejam lincos, eu acho. Aí você está no sal.



(Importante: Nem Victor nem os lincos estão bem nestas fotos.)

Por algum motivo, Victor estava muito preocupado com o que meus pais achavam dele e ele se concentrou em ganhar sua aprovação. Ele havia conquistado minha mãe quase que imediatamente ao ajudá-la a remontar um antigo *Maverick*, mas meu pai sempre o tratou como se, inexplicavelmente, eu houvesse convidado nosso contador. Isto é, se tivéssemos um contador. Victor tentou conquistar a aprovação de meu pai como um *machão*, pedindo que ele o ensinasse sobre a taxidermia. Nenhum dos dois estava inteiramente animado sobre esse empreendimento, mas ambos fingiram estar felizes por amor a mim, mesmo eu tendo lhes dito que achava a ideia terrível. No final do que seria o primeiro (e único) dia de taxidermia, ele parecia estar fisicamente doente e meu pai, perplexo.

“O que aconteceu?”, sussurrei para o Victor enquanto meu pai foi se deitar. “Você vomitou? Porque

quase todo mundo vomita a primeira vez que monta alguma coisa”, o tranquilizei. “Tenho quase certeza que é normal.”

“Não”, ele respondeu, seu braço jogado sobre os olhos como quem tentava bloquear as imagens. “Não, seu pai já o havia montado. Só precisava de uns retoques. Era um javali negro e ele disse que eu podia pintar o interior de sua boca, porque é uma tarefa boa e rápida para um iniciante.” De fato *era*, e dei créditos ao meu pai por ter lhe dado algo fácil e não nojento.

“E?”, perguntei.

“Passei seis horas pintando. *Seis horas*. Com um pincel aerógrafo.”

“Nossa. Isso é... *bastante* tempo para pintar a boca de um javali. Como ficou?”

“Ficou...” Ele fez uma breve pausa, olhando para o teto sombriamente. “Sabe quando o Fred Flinstone se veste de mulher?”

“Ah.” Mordi meu lábio inferior tentando permanecer estoica, pois sabia que se eu risse só estaria piorando a situação o que já estava terrível e dei uns tapinhas tranquilizadores no seu braço. “Então, o que o papai disse?”, perguntei com cautela.

“Ele não disse nada. Só ficou olhando para o javali em silêncio e aí me levou para longe dele. Nunca o vi tão quieto. Ele pediu que eu colocasse a corda no arco de caça e quase ganhei uma hérnia de disco fazendo isso. Ele me levou para os fundos para tentar atirá-lo e quase atirei na minha perna. De verdade. *Quase atirei em mim mesmo. Na perna*. Acho que seu pai estava esperando que eu me matasse acidentalmente para que ele pudesse lhe dizer que havia ocorrido um acidente trágico e então você poderia simplesmente seguir com a vida e encontrar outra pessoa que não faz com que os javalis selvagens fiquem parecendo prostitutas baratas.”

Tentei convencer Victor de que, na verdade, meu pai o adorava, mas aí lembrei que duas semanas antes meu pai havia tentando ensinar a ele como fazer uma ponta de flecha de pedra (a arte dos índios norte-americanos). Victor estava indo surpreendentemente bem até se cortar e sangrar tanto que começamos a suspeitar que havia atingido uma artéria. “*Você tem certeza de que quer se casar com um hemofílico?*”, cochichou meu pai enquanto buscava algo para usar como torniquete. “É um traço hereditário, sabe.” Era possível que meu pai *estivesse* tentando matá-lo.

Numa última tentativa desesperada, Victor decidiu fazer um presente para meu pai ele mesmo – uma sacola medicinal autêntica dos índios norte-americanos feita com a cara de um coioote que ele havia encontrado, uma tartaruga morta e um pouco de couro trançado para a alça. Quando terminou esse projeto de artesanato macabro ele o ergueu, triunfante, para que eu o visse. Eu por um instante encarei a cara sem olhos do coioote e então voltei a ler meu livro. “*Não é incrível?*”, ele insistia (um pouco enlouquecido), e eu dei de ombros com desinteresse, consentindo que parecia *mesmo* ser o tipo de coisa que meu pai gostaria. Isso não era dizer muita coisa, no entanto, pois inexplicavelmente meu pai também gostava de coletar bichos mortos na estrada e montar criaturas empalhadas mitológicas com as partes que estavam sobrando. Victor ficou puto por eu não compartilhar de seu entusiasmo e me dispensou rudemente e com desdém, assinalando que eu era “mulher” e, portanto, não conseguia entender tais empreendimentos masculinos como conquistar o pai da futura noiva com um presente tão viril.

“Você deve ter razão”, admiti. “É difícil *mesmo* para mim apreciar esse machismo puro do ato de um homem fazendo uma bolsa para outro homem.” Aí ele esclareceu (em alto e bom tom) que era uma *sacola medicinal*, e eu respondi: “Ah, não sei nada sobre essas coisas. Nunca tive uma bolsa de cara de coioote, pois nunca sei com que sapato usar”. Victor olhou para mim com raiva e disse que eu não entenderia, e eu concordei, colocando toda a culpa no fato de eu ter uma vagina, já que parecia ser esse o problema. Victor deu um suspiro derrotado, me beijou na testa e pediu desculpas de maneira nada convincente. Suspeito que ele tenha pedido desculpas não por ter percebido que estava sendo machista, mas porque acredito que ele simplesmente tinha medo de discutir com minha vagina. O que é muito inteligente da sua parte, pois minha vagina é *capciosa*.

Acontece, no entanto, que o papai amou essa bolsa de cara de animais e a pendurou num lugar de honra da lareira, onde permanece até hoje. Victor ganhou o respeito do meu pai e só foi preciso uma mochila de animais mortos. Fiquei pensando se havia algum tipo de combinação secreta que faria com que os pais do Victor me aceitassem com tanta boa vontade. Não era que eles *desgostassem* de mim. Eles só pareciam desconfortáveis à minha volta. Eram educados e simpáticos, porém perplexos. Era como se o filho deles tivesse aparecido inesperadamente com uma tatuagem no pescoço que dissesse “É NÓIS NA FITA”. Eles pareciam pasmos e confusos e talvez até magoados, mas também pareciam se dar conta de que era tarde demais para fazer alguma coisa, então, hesitantes, eles cumprimentavam a tatuagem de pescoço que seu filho havia pedido em casamento.

Isso nunca ficou tão aparente quanto no dia anterior ao nosso casamento, quando Victor levou sua mãe e o padrasto até a casa dos meus pais para uma visita, de modo que eles pudessem se conhecer antes da cerimônia. Minha mãe e eu havíamos convencido meu pai a ficar lá fora na oficina de taxidermia até que eu tivesse tido a chance de acalmá-los com um pouco de bebida alcoólica e lhes garantir que de fato éramos bem normais antes de apresentá-los. Infelizmente, assim que Victor chegou de carro com seus pais, meu pai os ouviu e com um aceno chamou-os até o descampado atrás da oficina, onde ele havia começado uma fogueira bem grande. Um tonel de metal enorme cheio de líquido fervente estava no meio do fogo, o vapor levantando o cabelo grisalho de meu pai enquanto ele misturava o barril com um cabo de uma vassoura. Victor deveria ter acenado, fingido que não conseguiam escutar meu pai e então rapidamente ter conduzido os pais para dentro da casa, mas em vez disso ele deu um sorriso nervoso e ajudou sua mãe, cujo salto elegante estava se afundando na terra enquanto ela zigzagueava entre as galinhas extraviadas. A altura do meu pai perto de Victor e seus pais era intimidante, mas ele lhes deu as boas-vindas calorosamente com sua voz retumbante, apesar de continuar mexendo o caldeirão fervente. Minha prestes-a-ser-sogra tentou conversar amenidades enquanto erguia a sobancelha diante do líquido borbulhante e estranho, e perguntou, temerosa, com voz trêmula: “Então, o que você está cozinhando?”. Ela se inclinou para frente hesitante, tentando sorrir. “É... um ensopado?”

Meu pai soltou um risinho bem-humorado e deu um sorriso simpático e condescendente, como quem fala com uma criança pequena, dizendo: “*Não*. Estou simplesmente fervendo alguns crânios”. Com a vassoura, ele espetou uma cabeça de vaca que ainda tinha carne para lhe mostrar. Aí, o globo ocular caiu da cabeça da vaca. E rolou na direção deles, parando bem no sapato de grife da minha sogra, como se estivesse tentando olhar debaixo de sua saia. Meus sogros voltaram cambaleantes para o carro e foram logo embora. Só os veria de novo no casamento.

Mesmo assim, eles engoliram em seco e se dispuseram a tentar me aceitar na família, enquanto relutantemente me acolheram em sua vida com extrema trepidação e movimentos lentos. Tratavam-me com respeito, mas também com ansiedade, como se eu trouxesse para a vida deles um desequilíbrio perigoso e ameaçador. Foi somente mais tarde que me dei conta de que *eu* havia sido o lince inesperado na sala. E eu sabia exatamente o quão aterrorizado estava aquele maldito lince.

Casada em 4 de julho

Victor e eu nos casamos no dia 4 de julho, no dia da Independência dos Estados Unidos. Foi bem parecido com o filme *Nascido em 4 de julho*, só que com menos cadeiras de roda e sem o Tom Cruise. Além disso, eu nunca de fato assisti a esse filme, porque me parece um pouco deprimente. Mas, para ser justa, me lembro de muito pouca coisa do meu próprio casamento, então é inteiramente possível que Tom Cruise estivesse lá e eu apenas tenha me esquecido. Vai ser bem sem graça a próxima vez (ou a primeira vez) que me encontrar com Tom Cruise.

No dia do nosso casamento, *tanto Victor quanto eu* tínhamos nossas dúvidas.

Eu tinha dúvidas porque eu mal tinha 22 anos, era imatura e não fazia ideia de como ser a esposa de alguém e, mais importante, por causa do que estava vestindo (*vide “22 anos... imatura”*). Numa estranha virada do destino, Victor havia comprado meu vestido de noiva quando o viu na vitrine de uma loja de aluguel que estava falindo. Era um branco virginal inadequado, com miçangas e um laço, e parecia o tipo de vestido de noiva que tanto a princesa Diana quanto a Scarlett O’Hara teriam considerado “completamente exagerado”. As duas grandes mangas estufadas eram maiores que minha cabeça e pareciam estar cheias de jornal (acho que era a edição de domingo do *New York Times*), e a saia armada, que esticava os metros e mais metros de babado branco, ditava que eu sempre mantivesse em volta de mim um raio vazio de dois metros, pois, se qualquer coisa pressionasse a parte de baixo da armadura, o lado oposto do vestido de repente se levantava e batia na minha cabeça. Ele era elegante, trabalhoso e puro como a neve, *e nunca na vida teria escolhido esse vestido para mim*, mas Victor insistia que era “a minha cara”, o que não era tanto uma ofensa quanto uma visão que ele tinha da mulher que um dia eu poderia me tornar. Ele estava tão equivocado que eu nem fazia mais ideia.

Não estava sozinha com minhas dúvidas, no entanto. Victor também tinha suas apreensões, pois, duas semanas antes, tínhamos tido o que eu chamo de “*um encontro péssimo*”. Victor ainda se referia a ele como “*aquela vez em que você quase me matou*”. (Um aparte: Agora ele se refere a tal encontro como “*a primeira vez em que você quase me matou*”.) Mas ele não está escrevendo este livro, especialmente porque ele é um baita de um exagerado nas suas reações. A verdade é que estávamos andando de carro por algumas estradas rurais desertas depois do pôr do sol, pois Victor estava procurando cobras. De propósito. Ele havia desenvolvido uma fascinação por elas ao longo do último ano e estava fazendo uma grana extra encontrando cobras que se aqueciam nas estradas quentes e vazias ao escurecer. Ele as capturava, as domesticava e depois as vendia para outros amantes de cobra. Ele era muito bom em reconhecer as cobras inofensivas que também eram fáceis de domesticar, e ouvia meus avisos para nunca se meter com as cobras venenosas e agressivas, até que, uma noite, passamos por uma cascavel muito grande que parecia ter sido atropelada. Victor parou a caminhonete, e eu disse para ele não sair, mas ele

respondeu que conseguia ver que a cobra estava amassada e me mandou segurar o holofote para o alto para que pudesse ter certeza de que a cobra estava morta e que não mais sofria. Sugeri que a atropelássemos mais algumas vezes, mas Victor olhou para mim como se eu estivesse sendo ridícula e saiu do carro lentamente. Abri a porta do meu lado, hesitante, mas me recusei a sair, ficando de pé no assoalho e me inclinando sobre o capô da caminhonete, certa de que havia outras cascavéis por ali na espreita, planejando um ataque em grupo. Victor olhou para mim, frustrado. “Venha para cá e traga o holofote. *Você está muito longe*”.

“Ah, estou muito bem, obrigada. *Por favor, volte para a porra da caminhonete.*”

Ele me fitou com raiva e sacudiu a cabeça. “Tenha um pouco mais de fé, por favor.” Ele se ajoelhou ao lado da cascavel. “Está morta. Parece que a cabeça foi esmagada.”

“*Maravilha. Agora volte para a maldita caminhonete.*”

Victor me ignorou ao vestir uma luva e pegou a cascavel de um metro e meio pelo rabo. “Vamos levá-la para seu pai. Ele provavelmente poderia – *AHJESUSCRISTO!*”

Foi neste exato momento que a cascavel “morta” de repente começou a atacar a perna do Victor com fúria. Não por coincidência, também foi o exato momento em que eu entrei na caminhonete, levando o holofote comigo e deixando o Victor na mais absoluta escuridão na rua deserta, enquanto a cascavel brava que ele segurava tentava assassiná-lo.

“*TRAGA A LUZ DE VOLTA*”, ele berrou.

“*EU LHE DISSE PARA NÃO IR ATÉ AÍ!*”, gritei, brava, enquanto rapidamente trancava as portas (sei lá por quê) e fechava as janelas. Eu *estava* preocupada com ele e queria ajudá-lo, mas não podia deixar de pensar que havia sido um pouco culpa dele.

“*TRAGA A LUZ DE VOLTA OU VOU JOGAR ESSA MALDITA COBRA NO CARRO COM VOCÊ DENTRO*”, ele bradou, o que foi surpreendente, porque ele parecia ter bastante vitalidade para alguém que estava morrendo de mordida de cobra, e também porque ele presumiu erroneamente que eu já *não houvesse* trancado todas as portas automaticamente. *Ele sabe pouco sobre mim*, pensei comigo mesma.

Respirei fundo e me lembrei de que, apesar de ser um machão idiota, ele era o *meu* machão idiota e abri a janela somente o bastante para colocar minha mão e o holofote para fora, e vi o Victor ainda vivo da silva e mais que um pouco puto. Acontece que a cobra ainda estava viva e atacando, mas sua mandíbula desfigurada estava esmagada, então nunca chegou a perfurar a pele dele. Victor me lançou um olhar aterrorizado e acabou com o sofrimento da cobra com uma pá antes de voltar à caminhonete.

Depois de um minuto para acalmar a respiração, a voz do Victor estava apenas vagamente sob controle. “*Você me deixou sozinho. No escuro. Com uma cascavel viva.*”

“*Não. Você me deixou sozinha. No carro. Por causa de uma cascavel viva*”, repliquei. “Então acho que estamos quites.” Houve uma longa pausa enquanto ele me encarava. “Mas perdoe você.” Eu disse.

“*VOCÊ QUASE ME MATOU*”, ele gritou.

“*Não*”, destaquei. “*Uma cascavel quase o matou. Eu fui uma simples testemunha involuntária. Eu queria ligar o carro novamente e tentar atropelar a cobra para salvar você, mas você levou as chaves. Além do mais, não sei dirigir um carro manual. Então, de qualquer modo, eu teria eventualmente morrido também, só que de forma bem mais lenta e dolorosa, e de fome e exposição ao frio. Se é para alguém ter raiva, era eu quem deveria estar com raiva de você.*” Eu não estava de fato com raiva até começar a me defender, mas aí percebi que eu tinha razão. Na verdade, ele quase havia matado *a ambos*, mas Victor era míope demais para enxergar tão longe.

“*Você me deixou sozinho. No escuro. Com uma cascavel viva*”, ele repetiu em um sussurro.

“*Bem, eu tinha confiança em você*”, eu disse com doçura. Esta é uma das minhas frases prediletas em uma discussão, pois é difícil uma pessoa contradizer você sem admitir descaradamente que ter confiança nela é completamente injustificável. Uso bastante essa frase. Na verdade, ela souu tão bem que a disse novamente. “*Eu sabia que você ia conseguir lidar com essa cobra. Às vezes é preciso simplesmente ter*

fé.”

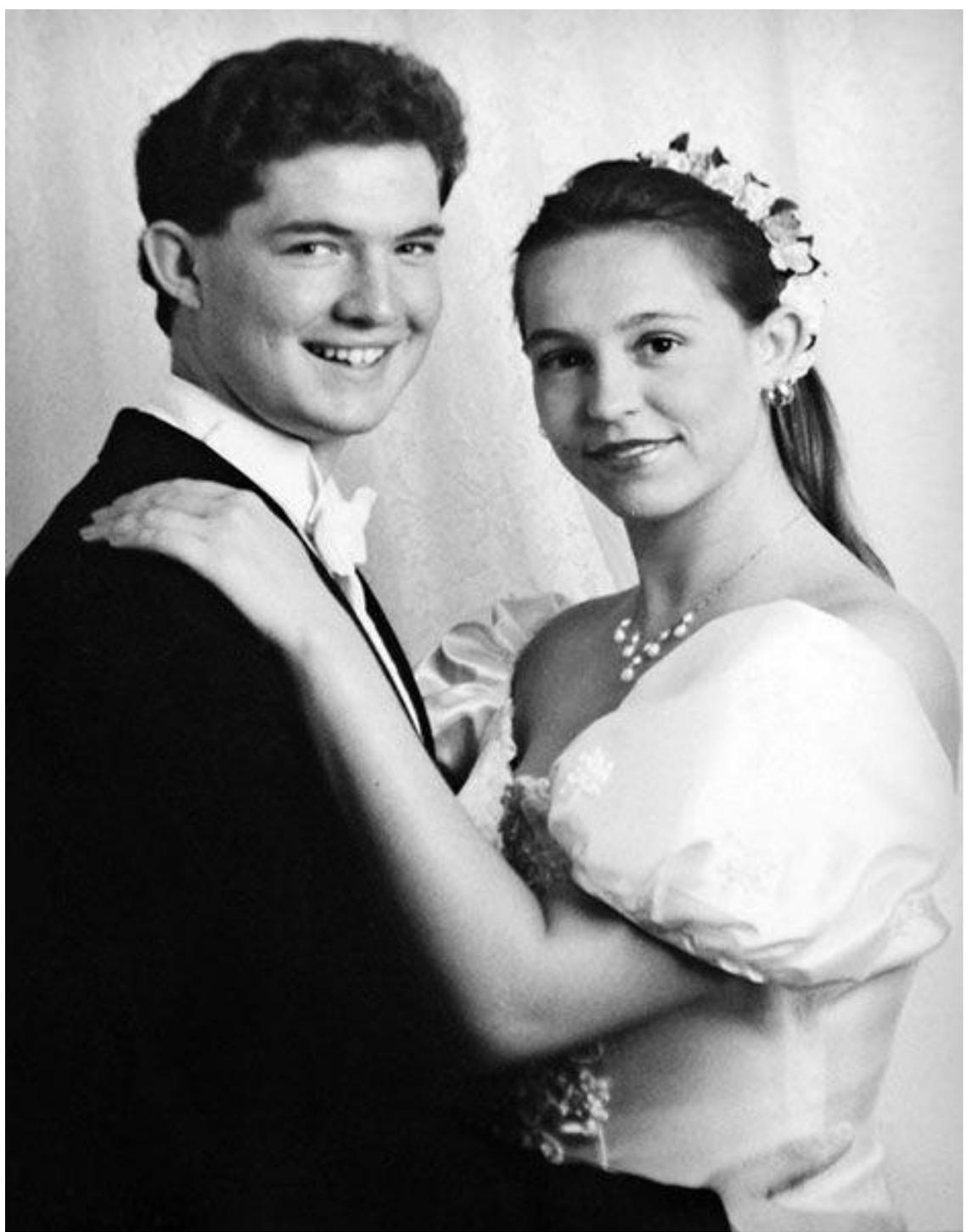
E era exatamente *fé* que eu estava tentando ter na semana antes de nosso casamento. Para ser sincera, estava morrendo de medo de ser o centro das atenções na frente de outras pessoas e só queria ter fugido para Las Vegas para casar de ténis com um pastor sócia do Elvis, mas Victor era filho único e sua família queria desesperadamente um casamento de verdade, então desisti da ideia e cumpri com minhas obrigações de forma mecânica. Nunca fui muito de casamento, então não dei muita bola para velas de união e jantares de ensaio. Minha mãe e eu fizemos o véu com cola quente, tule e uma tiara florida, e escolhemos um bolo no supermercado local.

Nem Victor nem eu éramos religiosos, então meus avós subornaram a igreja para que nos deixassem usar a capelinha lateral. O casamento durou 12 minutos inteiros e pedimos para o pastor cortar quase todas as referências a Jesus. (“É claro que Jesus está convidado”, explicamos ao pastor. “Só não queremos que ele faça um longo discurso.”) Em seguida, tivemos uma recepção de 21 minutos no subsolo, que parecia exatamente com um subsolo, só que ainda mais deprimente.

Mas na capela da igreja onde havíamos dito “Sim” nada disso parecia importar. Tudo o que importava era que nos amávamos. Enquanto a família foi até a escadaria da igreja preparar-se para jogar arroz em nós, nos escondemos no santuário vazio e eu fiz Victor me prometer que iria me amar para sempre. “Tenha mais fé em mim”, ele disse com um sorriso orgulhoso. Recordando, talvez devesse ter pedido algo mais substancial, como “Prometa que você sempre irá limpar o vômito do gato no corredor”, ou “Prometa que você nunca irá me perguntar se estou ‘naqueles dias’ no meio de uma discussão completamente racional quando a única coisa que precisa ser feita é pedir desculpa e parar de ser um idiota”.

Mas não, pois eu era jovem e ingênua e queria amor, e tentei acreditar que isso seria o suficiente.

Às vezes é preciso levar simplesmente na fé.



Nosso retrato oficial de casamento. Se você não nos conhecesse, daria até para imaginar que estávamos fazendo piruetas em um salão de dança à luz de vela, em vez de estarmos parados na frente do pano de fundo do estúdio fotográfico da Sears. Mesmo assim, havia uma música de Lionel Richie tocando no sistema de som. Era "Dancing on the Ceiling". Era como se até o *shopping* estivesse tirando sarro de nós.

Lar, doce lar

Depois de nos casarmos, comecei a trabalhar com RH. Victor trabalhava com informática. Compramos uma casinha dos anos 1970 em San Angelo, a mesma cidade perto de Wall onde havíamos feito a faculdade. Estávamos morando nessa casa quando me convenci de que o ano 2000 seria o fim do mundo, portanto, na véspera de Ano Novo de 1999, enchi a banheira com água para que tivéssemos algo para beber quando a água da torneira virasse sangue, mas meu gato não percebeu que estava cheia e caiu dentro dela, contaminando tudo. Victor ria da minha angústia, o que me deixava puta, pois *alô? Estou fazendo isso para nós dois*. Então ele me abandonou 15 minutos antes da meia-noite para conferir os computadores no trabalho e nem carregou a pistola para mim antes de ir embora. Quando voltou algumas horas depois, eu havia barrado as portas com os sofás para que os saqueadores não entrassem. Estava cansada demais para mover todos os móveis, então lhe disse simplesmente que as portas não funcionavam mais por causa do apocalipse de 2000, portanto ele deveria dormir no carro. Finalmente ele me convenceu de que não havia saqueadores, então abri uma janela para ele entrar.

Foram essas as lembranças felizes as quais me apeguei um mês depois, quando Victor aceitou uma oferta de emprego em Houston e me deixou para trás para vender a casa. Ele encontrou um novo lugar para morarmos e esperava que eu fosse para Houston em algumas semanas, mas, assim que tive uma oportunidade de deixar a pequena zona rural de onde sempre quis fugir, de repente percebi como não queria ir embora. Tinha pavor até mesmo de pensar em morar numa cidade grande e fiz quase de tudo para não vender a casa. Estacionei diretamente em cima da placa de “vende-se” que Victor havia deixado e dizia às várias pessoas que passavam por lá (depois de verem os anúncios que Victor havia colocado no jornal) que estávamos vendendo a casa porque “Não consigo morar em uma casa onde aconteceu um assassinato tão abominável”.

Depois de seis meses de espera, Victor começou a suspeitar da minha enrolação e veio me buscar, dizendo que simplesmente deixaríamos a casa vazia até que fosse vendida. No mesmo dia que chegou, ele retirou a placa de “vende-se” da grade do radiador do meu carro (coloquei a culpa nas gangues inexistentes de marginais que, como havia convencido os compradores em potencial, rondavam as ruas à noite buscando animais de estimação perdidos para comer) e a colocou de novo na frente da casa. Duas horas depois, a campainha tocou, e Victor vendeu a casa a um homem que, por acaso, estava passando por ali. Ele queria dá-la de presente à filha e ao genro, e começou a medir o quintal para um poço de madeira que iria instalar para “aumentar o apelo visual”. Tive quase tanta pena da casa como de mim mesma.

Depois de alguns meses em Houston, percebi que não havia tanta diferença entre os dois lugares, a não ser pela mudança no trânsito e a menor incidência de meus pais aparecendo sem aviso prévio com

animais mortos no porta-malas do carro. Surpreendentemente, no entanto, me vi com saudade das duas coisas. Victor tentou me convencer de que era uma nova aventura cheia de sushi, museus, cultura e cafés intimidantes, e (da mesma forma como havia feito em Wall) cerrei os dentes e agüentei firme, certa de que logo iríamos deixar Houston e voltar para casa no Oeste do Texas. E, *como antes*, foi assim que a vida seguiu pelos dez anos seguintes.

Toda vez que voltávamos para o Oeste do Texas, a região estava um pouco mudada. As plantações de algodão foram cedendo espaço lentamente às subdivisões. Chegaram novos modelos de tratores. Eu dirigia por nossa velha cidade e descobria que a barraca de raspadinha de gelo onde trabalhei fora substituída por um estacionamento. O rinque de patinação estava fechado e abandonado, a placa, cheia de ninhos de pássaro vazios. A livraria onde havia conhecido Victor não estava mais lá, e a casa de meus avós foi vendida assim que faleceram. A cada ano o pequeno negócio de taxidermia do meu pai fora crescendo até virar um negócio de verdade, com um estacionamento sempre movimentado ao lado da casa de meus pais. Um dia, fui para casa fazer uma visita e fiquei chocada de ver que a escola primária para onde caminhava todos os dias havia se tornado uma escola alternativa para grávidas adolescentes, e o parquinho onde eu passava todos os verões havia sido arrancado e demolido. Juntas, minha irmã e eu caminhamos pelo que sobrou do parquinho e eu peguei um pedacinho dos escombros de lembrança. Agora, quando passo na frente da escola, olho para o outro lado e me lembro dela como costumava ser, com as gangorras e os carrosséis de metal perigosos que acabaram desaparecendo do país inteiro. Tudo que restou dele hoje em dia são as lembranças do barulho do meu balanço favorito, que ainda ecoa na minha mente. Lembro-me de seu ranger enferrujado e reconfortante, repetitivo, ao balançar para frente e para trás.

Um dia, muitos anos depois que Victor e eu havíamos ido morar em Houston, voltamos para passarmos o fim de semana com meus pais. Minha mãe anunciou com orgulho que agora San Angelo tinha “um novo café” sobre o qual todo mundo estava comentando. Fomos até lá para ver o que eu supunha ser um café rural para vaqueiros, mas em vez disso havia um Starbucks gigante na esquina, todo sem jeito e fora de contexto ao lado das lojas que não haviam mudado desde que eu era criança.

“Ah, graças a Deus”, exclamou Victor. “*Até que enfim a civilização chega ao Oeste do Texas!*”, ele proclamou.

Isso me incomodou. Não porque Victor equacionou *macchiatos* de caramelo com a civilização, mas porque havia acontecido um ponto de virada, um empurrão final que me fez perceber que a cidade pequena para onde sempre esperava retornar não existia mais, pelo menos não como antes.

Mais à noite sentei-me na varanda, olhando para as mesmas estrelas para as quais olhava quando tinha 10 anos e sonhava em viajar para lugares que existiam somente na minha mente. Eram lugares como o Egito e a França, mas eram o Egito e a França da mente de uma criança, cheios de imagens borradas de pirâmides perfeitas, areia quente, torres Eiffel e algo que as pessoas chamavam de “vino”. Eram visões de lugares que não eram reais, mas isso foi muito antes de eu descobrir que os lugares romantizados no mapa eram mais do que só fotos bonitas. Isso incluía coisas que não conseguiria nem ter imaginado quando jovem. Coisas como conflito político, disenteria e ressacas.

Naquela noite olhei para as mesmas estrelas, mas não queria nada daquelas coisas. Não queria o Egito, nem a França, ou destinos longínquos. Só queria voltar para a minha vida de infância, só queria visitá-la, tocá-la e me convencer de que, *sim*, de fato isso havia existido. Victor percebeu que eu estava triste, mas eu não conseguia descrever o que sentia sem que soasse ridículo. “Não é nada”, eu disse, “É só que... Você já sentiu saudade de um lugar que não existe mais? Um lugar que só existe na sua cabeça?”.

Ele se balançou em silêncio na cadeira da varanda comigo, sem saber como responder, e por fim passou o braço pelo meu ombro e me disse que tudo iria dar certo. Depois foi dormir um pouco. No dia seguinte, ele me encontrou ainda lá fora na mesma cadeira de balanço e me olhou preocupado. Com delicadeza, me perguntou, “Você vai estar pronta para voltar para casa hoje?”.

Balancei em silêncio e percebi pela primeira vez que “casa” não era mais nesse lugar. Era onde o Victor estivesse. Foi um pensamento aterrorizante e também esclarecedor. Respirei fundo e pensei cuidadosamente antes de responder.

“Sim, estou pronta para voltar para casa.”

Era como dizer oi e adeus ao mesmo tempo, e Victor fitou o campo de beisebol que já havia sido uma plantação de algodão. Ele disse bem baixinho (como quem falava consigo mesmo) que as lembranças que temos dos lugares onde estivemos sempre são mais cor-de-rosa quando olhamos em retrospectiva do que são na época, e eu concordei, surpresa por ele saber mais do que havia deixado transparecer. Ele tinha razão, mas não sabia se isso melhorava ou piorava as coisas. Era pior sentir saudade de uma época que já tinha sido seu lar, mas que agora residia somente na sua cabeça... ou ficar com saudade de um lugar que na verdade nunca existiu? Não sabia como responder, então, em vez disso, entrei em casa para fazer as malas. *Para casa.*

Uma série de bilhetes úteis que deixei pela casa naquela semana para meu marido

Querido Victor: Essa toalha de banho estava molhada e você a deixou no chão, e era a última toalha limpa da casa. Tenho quase certeza de que é assim que se espalha a tuberculose. Vou escrever tudo isso no meu blog caso eu morra devido ao seu descuido.

Querido Victor: Tem uma pilha de ternos de trabalho no armário para levar à lavanderia há cinco meses. Você trabalha em casa. *Que porra é essa, Victor?*

Querido Victor: Por que é sempre tarefa *minha* limpar o vômito dos gatos? Eu faltei quando sorteamos as tarefas? Se é que existe esse sorteio. Gostaria de refazê-lo. Além do mais, sei que você sempre tem de limpar a caixa de areia, mas isso é porque meu DIU pode se soltar a qualquer momento e posso ficar grávida acidentalmente e pegar essa doença de cocô de gato que dá em grávida, e nosso bebê nasceria sem braços ou pernas. É isso que você quer, Victor? Que nosso bebê não tenha braços? *Você é tão egoísta.*

Querido Victor: Você me dá nojo. Em nome de Deus, por que você não joga fora a caixa de pizza vazia quando termina de comer? Seus braços estão quebrados? Você tem alguma doença que eu não conheça que o deixa cego para caixas de pizza vazia?

Querido Victor: Tudo bem, acabei de me lembrar que eu fui a última a comer pizza, então acho que fui eu que deixei a caixa ali. Mesmo assim, vou deixar o bilhete para que você possa aprender com ele. *Menino levado, muito levado.*

Querido Victor: Não aprecio você ter deixado adendos passivo-agressivos nos meus bilhetes prestativos. Na verdade, *eles são o oposto de prestativos.* São simplesmente amargos.

Querido Victor: Se você deixar a toalha molhada no chão mais uma vez, vou esfaquear você.

Querido Victor: Você não pode tirar as roupas da secadora sem me avisar e simplesmente as depositar na cama em uma grande pilha. Quando eu as encontro, geralmente já esfriaram, e aí tenho de devolvê-las à secadora junto com um copo de água e ligar a secadora para que as rugas saiam. Em seguida, retiro furtivamente uma peça por vez e a penduro. *Isso se chama “ter um método”, Victor.* Pare de me julgar.

Querido Victor: Não, *não sei* usar o ferro de passar. *Porque não temos um.* Como você nunca percebeu isso? A secadora é o nosso ferro, Victor. Também gostaria que você falasse comigo

diretamente em vez de gritar por meio de um bilhete. Estes bilhetes têm um fim educativo. Não são para desenhar caricaturas obscenas de mãos apontando ameaçadoramente para mim. Além do mais, apontamos com o dedo indicador. Essa é a etiqueta básica de apontar.

Querido Victor: Envenenei algo na geladeira. Boa sorte.

Querido Victor: Desculpe. Acho que estou na TPM. Não sei o que há comigo.

Querido Victor: Aquilo foi um pedido de desculpa, seu idiota! Agora talvez existam duas coisas envenenadas na geladeira. *Porque você não sabe como aceitar um pedido de desculpa.*

Querido Victor: Sinto muito você estar doente. Juro que estava só brincando sobre ter envenenado alguma porcaria na geladeira. Quer dizer, *deixei sim* um iogurte aberto por, tipo, um dia e meio, mas isso foi mais por acidente, porque eu estava muito distraída por causa da toalha molhada no chão. Na verdade, você fez por merecer. Mais uma vez, peço desculpa.

Querido Victor: Eu o amo, mas estou ficando um pouco fraca de fome e sei que você disse que não envenenou nada, mas, toda vez que tiro uma mordida de alguma coisa, você me dá um olhar malicioso e ri de modo suspeito, e aí tenho de cuspir. Só posso supor que foi assim que Gandhi se sentia quando não podia comer. (Aqui vai uma dica: Ele se sentia *esfaqueado*.)

Querido Victor: Certo, em primeiro lugar, você não tem como saber se Gandhi fez greve de fome de propósito. É possível que ele também estivesse tentando não ser envenenado. Os que *sobrevivem* escrevem a história, Victor. *Não os que morrem de fome porque o marido talvez tenham envenenado toda a comida da casa.* Só que, adivinhe? Tudo isso vai para meu blog, então posso documentar os acontecimentos caso as pessoas encontrem meu corpo definhado mais tarde e exijam justiça. Haverá um juízo final e será rápido e brutal.

Querido Victor: Maravilha. Acabaram os Post-its. Estou escrevendo isso na toalha que você deixou no chão esta manhã, pois obviamente não temos mais respeito pelas toalhas. Vou ao supermercado comprar mais Post-its e vou comer biscoitos não envenenados direto da caixa enquanto estiver lá, então vou voltar recuperada e renovada. Ademais, o gato vomitou no corredor e não vou limpar. Eu digo *chega*, Victor. O gato também. Que, suponho, você também tenha envenenado.

Querido Victor: O gato e eu estamos deixando você. Pode ficar com o cachorro. Também decidi não comprar mais Post-its no fim das contas, pois não estou mais falando com você, então estou escrevendo isso na sua toalha de rosto. Você nunca mais vai ouvir falar de mim.

Querido Victor: O cachorro começou a choramingar quando lhe disse que ele tinha de ficar com você, então vou levá-lo também.

Querido Victor: Sim, eu *estava* segurando um saco de biscoitinhos de cachorro quando lhe contei que precisava ficar com você, mas não acho que isso tenha algo a ver com sua reação. Além do mais, estamos quase sem pano de prato, então este será meu último recado para você.

Querido Victor: Tá, tudo bem. Pode ficar com o cachorro. Tentei colocá-lo no carro e ele fez xixi em mim. *Vocês se merecem.* Estou escrevendo isso no cachorro porque me pareceu apropriado. Também não encontrei os flocos de isopor para empacotar as bebidas, então tomei tudo. **VOCÊ VAI FICAR COM MUITA SAUDADE DE MIM ASSIM QUE EU ESTIVER SÓBRIA O SUFICIENTE PARA ACORDAR E IR EMBORA.**

Querido Victor: Nossa. Isso... saiu *muito* do controle. Estou mandando esse gato para você como

uma oferenda de paz. Eu o perdoo por tudo que escreveu nas paredes sobre minha irmã e vou simplesmente ignorar o que escreveu sobre minha “bunda gigante” (vire o gato para ler o resto) porque o amo e você precisa de mim. Quem mais o ama o bastante para lhe mandar bilhetes escritos em gatos? Vou lhe dizer quem: ninguém. Também grampeei uma foto de nós dois do dia do nosso casamento na perna esquerda do gato. Não parecemos felizes? Podemos voltar a ser assim. É só parar de deixar toalhas molhadas no chão. É só isso que eu peço. Sou pouco exigente. Além do mais, esse gato precisa fazer uma dieta. Não deveria ser possível escrever esse tanto num gato e ainda ter espaço de sobra.

Epílogo: Victor me perdoou e vivemos felizes para sempre, tirando o gato, que precisou amputar a perna, mas isso se deveu menos a uma infecção do que à má circulação por ser tão gordo. Ele meio que mereceu também. Mas agora ele perdeu peso. Perdeu, tipo, uma perna inteira.

(Aviso: A maior parte deste capítulo foi exagerada, a não ser pela parte que Victor deixou uma toalha molhada no chão. Essa merda aconteceu mesmo. Ainda estou elaborando o fato.)

Segredos sombrios e perturbadores que o RH não quer que você saiba

Trabalhei com recursos humanos por quase 15 anos em várias empresas, inclusive uma organização religiosa onde uma das minhas atribuições era ensinar as pessoas como ser adequados e profissionais. Sim, consigo enxergar a ironia disso.

Os recursos humanos é aonde se vai para reclamar e/ou atirar nas pessoas quando simplesmente não se aguenta mais. Escolher trabalhar no RH é como escolher trabalhar no departamento de reclamações do inferno, só que muito mais frustrante, pois pelo menos no inferno você poderia concordar que esse Satã é mesmo um filho da mãe sem ter de pisar em ovos com a empresa. O departamento de RH é o lugar onde as pessoas param para dizer: “QUE FODA ISSO DAQUI”, e o funcionário do RH tem de acenar compreensiva e profissionalmente com a cabeça e pensar consigo mesmo: “*Nossa, é foda mesmo. Queria que essa pessoa fosse embora para eu poder contar para o resto do escritório*”.

Quando eu estava no RH, se alguém viesse para me contar um problema realmente fodido, eu pedia licença e trazia um colega comigo para que fizesse anotações. O funcionário relaxava um pouco, pois pensava: “*Finalmente estão me levando a sério por aqui*”, mas só costumávamos fazer isso para ter uma segunda opinião depois que a pessoa fosse embora sobre o quão absurda foi aquela conversa. “Essa merda foi tão maluca quanto achei, ou foi só impressão minha?” Eu perguntava depois. Nunca era impressão minha. Infelizmente, o RH tem muito pouco poder em uma organização, a não ser que os executivos de verdade estejam de férias, aí é bom ter cuidado, pois muitos cretinos serão demitidos.

Existem três tipos de pessoa que buscam uma carreira no RH: sádicos filhos da mãe que provavelmente foram dedos-duros na escola, idealistas empáticos (e prestes a se desiludirem) que acham que vão conseguir fazer uma diferença na vida dos outros, e aqueles que ficam por lá porque temos a melhor vista das catástrofes mais divertidas que acontecem no resto da empresa.

Quem não está no RH sempre supõe que aqueles que estão são os maiores moralistas e cretinos, pois o RH está ostensivamente⁷ presente para garantir que todos estejam seguindo as regras, mas o que as pessoas não percebem é que o RH é o único departamento pago para ver pornografia. Claro, fica sob o pretexto de “revisar todo o histórico da internet para garantir que *outras* pessoas não estejam vendo pornografia”, mas as pessoas estão *sempre* vendo pornografia, então nós também temos de vê-la para que possamos imprimi-la como parte da investigação. Este também é o motivo pelo qual o RH sempre tem impressoras coloridas e por que ninguém mais pode usá-las. Porque não nos lembramos de ir buscar a pornografia que acabamos de imprimir. Este é só um dos muitos segredos que o departamento de RH não quer que você saiba, e depois de ter compartilhado esses segredos provavelmente serei banida da Aliança dos Recursos Humanos, que é bem parecida com a Aliança dos Mágicos (no sentido de que não pertencemos

a nenhum dos dois e tampouco tenho certeza de que de fato existam). De qualquer modo, quase imediatamente depois de começar a trabalhar no RH, comecei a escrever um diário de todas as coisas fantásticamente perturbadas nas quais as pessoas que não pertenciam ao RH nunca acreditariam. Eis algumas dessas histórias:

No mês passado decidimos começar um arquivo dos formulários de candidatos a emprego mais terríveis para que tivéssemos algo para nos divertir quando o trabalho ficasse muito pesado. Agora temos oficialmente o dobro de formulários no arquivo de “Nunca-contrate-essas-pessoas-a-não-ser-que-descubramos-que-seremos-todos-demitidos-na-semana-que-vem” do que temos no arquivo “Essas-pessoas-são-qualificadas-para-trabalhar”. Qual a palavra para algo que era inicialmente engraçado e acaba sendo deprimente pra caramba? Insira essa palavra aqui.

Hoje veio uma mulher para se recandidatar a uma vaga. Ela escreveu que havia pedido demissão no mês passado, mas agora queria o emprego de volta. Em “motivo da saída” ela escreveu: “Esse emprego era um saco. Além do mais, meu chefe era um babaca imbecil”. Ela estava se candidatando para exatamente a mesma vaga. Eu a contratei novamente e lhe designei o mesmo supervisor, porque concordava plenamente com ela: o cara era um babaca imbecil total.

Nos últimos dois meses, seis homens diferentes preencheram o branco de “sexo” no formulário com alguma variação de “Depende de quem estiver oferecendo”. Dois responderam “Sim, por favor”, e outro escreveu “Não, obrigado”. Contratei o último, pois me pareceu ser educado.

Esta tarde uma candidata escreveu que havia sido demitida do último emprego no posto de gasolina por ter dormido num gato. Todos no escritório leram o formulário, mas ninguém conseguiu entrar num acordo sobre que diabos ela estava falando, então a chamamos para uma entrevista. Quando lhe perguntei sobre ter dormido em cima do seu gato ela me olhou indignada e respondeu: “O quê? Nunca escrevi isso”. Quando lhe mostrei o formulário ela disse: “Carro. Meu chefe descobriu que eu estava dormindo no carro. Dã. Por que meu chefe iria se importar se eu dormisse num gato?”.

“Hã... por que seu chefe se importaria se você dormisse num carro?”

“Porque eu era a única pessoa trabalhando naquele turno. Mas eu teria escutado se alguém chegasse de carro. Tenho sono leve. Não faria uma coisa dessa sem ter um plano.”

A lição aqui é que às vezes se é chamado para uma entrevista apenas para resolver uma aposta.

Hoje entrevistei alguém que tinha me entregado um currículo dizendo que já tinha trabalhado no Mundo do Boquete. Engasguei no meu próprio cuspe e não conseguia parar de tossir. Mais tarde, mostrei para a entrevistadora do escritório ao lado. Ela disse que seu irmão havia trabalhado lá uma vez, mas pediu demissão porque não tinha aguentado o tranco. Depois que comecei a tossir novamente ela percebeu minha confusão e me explicou que na verdade era “Mundo do Basquete” e que era uma loja de artigos desportivos. Nunca subestime o poder da caligrafia, pessoal.

Hoje tive de conversar com um funcionário que mandou um e-mail com a foto de seu pênis para uma mulher de seu departamento. Eu sabia que o pênis era dele porque estava escrito “Este é o meu pênis” no espaço do assunto. Além do mais, o crachá dele estava preso no cinto e estava claramente visível. Fiquei treinando sem parar como dizer, “Este é o seu pênis?” no meu escritório até conseguir dizê-lo sem rir, e então o chamei e a seu supervisor.

“Este é o seu pênis?”, perguntei ao lhe entregar a cópia impressa do e-mail.

Acho que eu estava esperando que ele começasse a suar frio ou tentasse pular da janela de vergonha, mas aparentemente tinha me esquecido do fato de que esse era o mesmo homem que tinha achado completamente normal tirar uma foto de seu pênis no banheiro do escritório para mandá-la a uma colega chocada. Em vez disso, ele deu um sorriso arrogante pra cacete (sem trocadilho), dizendo, “Acho que a pergunta deveria ser: ‘Como você conseguiu uma foto do meu pênis?’”

“Foi captada pelo filtro do e-mail. A foto, quero dizer. Não seu pênis. Se, de fato, for seu pênis, quero dizer.” Estava nervosa, mas tentei resgatar o controle da situação com uma respiração tranquilizadora e profunda. “Você enviou um e-mail do seu pênis?”

Ele ergueu uma sobrancelha. “Seria melhor se eu dissesse que estava mandando fotos do pênis de outra pessoa?”

Tenho pensado sobre essa pergunta há 15 anos e ainda não tenho uma boa resposta. Em vez disso eu respondi: “Na verdade, não. Dar uma foto de seu pênis a um colega de trabalho é malvisto universalmente. Está no manual do funcionário. Mais ou menos. Está nas entrelinhas”.

“Tem alguma coisa no manual sobre alguém do RH lhe entregar uma foto de um pênis e lhe perguntar se é sua?”

Não consegui pensar em nada em resposta, então simplesmente lhe disse que estava demitido e fiz uma observação de que precisávamos atualizar o manual do funcionário para incluir mais diretivas sobre pênis.

Até hoje tive de perguntar a cinco homens diferentes, “Este é o seu pênis?” depois que suas fotos ficaram presas no filtro do e-mail. (Um aparte: Quando eu leio isso para pessoas que não são do RH, elas me interrompem e dizem: “Sério? As pessoas mandam mesmo e-mail de seu pênis no trabalho?”. E explico que sim, isso acontece pelo menos uma vez por trimestre. Se eu estiver lendo isso para alguém do RH, sempre dizem: “Sério? Você trabalha há 15 anos no RH e só teve de perguntar a cinco homens sobre seus pênis?”. E explico que não, escrevi isso nos meus primeiros anos de RH e tem mais um caso no parágrafo seguinte. Depois disso ficaram tão banais que parei de escrever sobre isso no diário. Eventualmente, cheguei ao ponto de dizer “Este é o seu pênis?” sem corar nem rir. Para você ver o tanto de prática que adquiri entregando a homens aleatórios fotos de seus documentos e pedindo para identificarem seu pênis. Nunca precisei fazer isso com uma mulher. Talvez seja porque as mulheres têm mais habilidade em fazer com que seus e-mails não sejam detectados pelo firewall, pois não colocam “Veja meu pênis” como assunto. Além do mais, as vaginas parecem ter menos personalidade do que os pênis, então provavelmente seria difícil responder “Esta é a sua vagina?”. Se eu tivesse de ir a uma delegacia para identificar uma foto da minha vagina entre várias outras, estaria perdida. E provavelmente preocupada sobre o que exatamente minha vagina tinha feito para que fosse preciso tirar foto na polícia.

“Estes são os pênis de vocês?”

Nunca achei que fosse fazer essa pergunta na vida, pois nunca conheci alguém com mais de um pênis,

mas nesse caso eram dois homens tirando fotos de seus pênis, juntos, no trabalho. Não foram pegos pelo filtro, mas imprimiram a foto usando a impressora do escritório e sem querer se esqueceram de buscá-la. Um dos caras só consentiu silenciosamente com a cabeça, mas o outro se inclinou para examinar a foto clinicamente antes de apontar para o pênis da esquerda. “Só este aqui”, disse ele. Eu lhe agradei pelo esclarecimento, pois não sabia o que mais dizer. O amigo dele o olhou, chocado, mas acho que serviu de lição sobre escolher a qualidade das pessoas com as quais ele tira fotos de seu pênis. É importante ter padrões, galera.

Semana passada, rejeitei uma candidata que havia escrito tudo errado e também deixado em branco quase todo o formulário. Ela retornou ontem com praticamente o mesmo formulário, mas com um nome diferente. Eu a rejeitei novamente. Hoje ela voltou de novo e entregou outro formulário com outro nome novo. Eu lhe perguntei se ela era a garota do primeiro nome. Ela disse que era sua irmã. Eu lhe disse que não poderia contratá-la a não ser que seu nome batesse com o nome na identidade. Ela pediu o formulário de volta e colocou de novo o nome original. Eu a recusei novamente e apontei que todo mundo mente no processo de seleção, mas não quanto ao nome. Quando ela foi embora disse: “Certo. Até amanhã”. Tenho quase certeza de que ela não estava sendo sarcástica.

Hoje de manhã, o diretor do RH nos contou que vamos começar a contratar motoristas para levar as pessoas a nossos vários locais e pediu que um comitê criasse algumas perguntas padrão de entrevista para o escritório utilizar. Eu perguntei se deveríamos fazer uma triagem para ver se acreditam ou não no arrebatamento, pois se acreditarem estarão colocando a vida dos passageiros em risco quando o ônibus ficar sem motorista repentinamente e sair do controle. Recebi alguns olhares estranhos, então destaquei que, tecnicamente, trabalhamos em uma organização religiosa, então deveria ser tranquilo perguntar isso.

Não me deixaram participar do comitê, então acho que contrataram mesmo um monte de motoristas de ônibus que tem a intenção de deixar o ônibus sem motorista. Aposto que esses motoristas têm total ciência de que estão colocando a vida de seus passageiros em perigo, mas não estão nem aí. O que (baseado no que aprendi sobre religião na televisão) provavelmente deve ser considerado um pecado. Então acredito que, de qualquer maneira, nossos passageiros ainda terão um motorista quando o arrebatamento chegar. No entanto, será uma surpresa desagradável para os motoristas.

Todo departamento de RH para o qual já trabalhei tem uns códigos secretos que ninguém mais conhece, e usamo-los para falar sobre você na sua frente. Estes são alguns dos códigos do meu último emprego: colocar o cabelo atrás da orelha significa “Essa vadia é maluca”. Colocar o cabelo atrás de ambas as orelhas quer dizer “Maluca pra caralho”. Passar a mão distraidamente pela sobrancelha significa “Com licença. Por acaso está escrito ‘idiota’ na minha testa?”. Tirar meleca do nariz quer dizer “Alguém precisa chamar o segurança”. Coçar a mão na virilha é código para “corra para a segunda base”. Funcionava muito bem até contratarmos uma garota que possuía um monte de tiques nervosos, e aí simplesmente ficou confuso demais.

No ano passado, instalaram botões de pânico debaixo de nossas mesas para que pudéssemos avisar a segurança caso alguém violento nos ameaçasse. Temos de testá-lo uma vez por mês, mas a segurança sempre demora muito para aparecer e desligar o alarme. Ontem nosso chefe não estava, então decidimos

apertar todos os botões. Depois de 15 minutos sem resposta, decidimos deitar no chão e colocar etiquetas no peito que dissessem coisas como “Levei um tiro na cabeça” e “Estamos todos mortos. Obrigada”. Minha etiqueta dizia: “Ainda estou viva. Acabei de entrar e escorreguei em todo esse sangue e agora estou inconsciente e tenho uma concussão. Não é boa ideia me deixar dormir”. Por completa devoção ao papel, estava dormindo de verdade quando os seguranças apareceram 15 minutos depois. Não acharam nada engraçado e salientaram que seria inteligente da nossa parte sermos menos provocantes com as únicas pessoas no prédio que de fato eram obrigadas a levar armas carregadas ao trabalho. No dia seguinte, todos nós levamos uma bronca do nosso chefe, pois “possíveis candidatos poderiam ter se assustado se tivessem olhado pela janelinha da porta do escritório e tivessem visto vocês esparramados no chão”. Eu pontuei que encontrar corpos no chão e não se oferecer para ajudar era um tipo de entrevista em si e que já não haviam sido reprovados, então, tecnicamente, tínhamos economizado tempo. Ele não achou graça.

Em um dos meus empregos, tínhamos exercícios de treinamento para ver quão fácil era sair do prédio com um bebê roubado escondido. Um funcionário (geralmente alguém recém-contratado, para que não fossem reconhecidos) recebia um bebê e todo mundo no prédio tinha de impedir essa pessoa de sair escondido. Era um prédio público e nenhum cliente podia saber que estávamos fazendo um treinamento supersecreto de contrabando de bebês, pois poderia parecer antiprofissional, então isso dificultava as coisas ainda mais. Geralmente era um bebê de mentira, mas nunca se sabia quando seria um bebê de verdade da casa de alguém. Hoje fizemos o treinamento e eu parei alguém no corredor e não permiti que fosse embora por 15 minutos até o segurança chegar, pois eu tinha certeza de que era o bebê de mentira do exercício. Não era.

Nesta manhã, estávamos todos orando com o bispo no trabalho (o que é permitido, pois é uma organização religiosa, mas também é esquisito, pois ainda não entendo como foram me contratar. Só sei que precisamos melhorar nossa verificação de antecedentes.) Havia cerca de cem pessoas no corredor quando o bispo disse, de um jeito bem estrondoso e dramático: “Ó, Pai celeste: Escute nossa prece!”. Imediatamente algum cara no walkie-talkie de um funcionário da engenharia disse na maior altura: “NA ESCUTA, CHUCK!”, e eu tive de sair no meio da oração, pois tinha cafungado e estava chamando a atenção sobre mim, porque tudo que conseguia pensar era que Deus não deveria estar prestando muita atenção e de repente disse “Que porra é essa? O bispo acabou de me chamar de Chuck?”. Foi então que percebi que eu provavelmente não iria para o Céu, a não ser que Deus tenha um senso de humor irado, o que Ele deve ter mesmo, porque, tipo assim, ele me fez trabalhar numa organização religiosa. Quer dizer, Ele não me forçou a trabalhar ali, mas ouvi dizer que Ele controla tudo, então, tecnicamente, isso deve ser culpa dEle. Já que estamos falando de culpa, deveriam culpar Deus por ter me feito rir no meio da prece. Quando eu for demitida, tenho de me lembrar de mencionar isso ao bispo.

Na semana passada, meu chefe me mandou reescrever uma proposta de 21 páginas sobre um benchmarking. Entreguei a proposta e ele escreveu um bilhete na capa que dizia apenas “Não, não. Isso não”. Não fazia ideia do que ele queria, então simplesmente adiei. Ele entrou aqui hoje de manhã e disse que precisava da versão final em meia hora. Imprimi exatamente a mesma versão de antes, mas só que dessa vez num papel mais bonito. Hoje à tarde ele reuniu a equipe para contar a todos que eu

era um exemplo perfeito de alguém que conseguia assimilar críticas construtivas.

Tem uma garota muito malvada no fim do corredor que está tentando fazer com que eu seja demitida. Não sei confrontar ninguém, então sempre que eu digo “Tenha um ótimo dia”, em voz alta, na verdade estou pensando, “Seja legal comigo, senão vou enfiar um garfo no seu rosto”. Eu lhe desejo um ótimo dia pelo menos uma vez por hora. Ela está começando a ficar nervosa e paranoica, mas não tem nada que ela possa fazer, pois ela não pode fazer uma queixa de que eu estou lhe desejando um ótimo dia sem que ela fique parecendo completamente louca. É por isso que a gente não deve se meter com pessoas que não gostam de confrontação. Elas são desequilibradas demais e não dá para prever o que vão fazer. E também porque são do tipo de pessoa que podem surtar de repente e enfiar um garfo no seu rosto.

No mês passado, o gerente geral veio aqui com a queixa habitual de que o escritório de contratação não estava fazendo sua parte, pois sua área estava cronicamente com falta de funcionário. Dissemos a ele que estávamos atrasados e lhe entregamos a pasta de “Nunca-contrate-essas-pessoas-a-não-ser-que-descubramos-que-seremos-todos-demitidos-na-semana-que-vem” e pedimos que ele nos avisasse quem gostaria que chamássemos para uma entrevista. Ele devolveu o arquivo no dia seguinte e desde então nunca mais reclamou.

Hoje no almoço um colega meu (Jason) estava me contando de um documentário que viu sobre uma mulher com o tronco do corpo minúsculo, só que tudo da cintura para baixo era enorme. Eu disse: “Meu Deus. Aposto que os lábios vaginais dela são gigantescos”, e Jason abaixou o garfo e disse que não ia mais almoçar comigo. Destaquei que, cientificamente, tinha sentido os lábios dela serem enormes. Se eu fosse ela, os enrolaria com um clipe. Ou com um bobê de cabelo. Em ocasiões especiais ela poderia soltar os bobes e pimba: cachos. Estaria completamente pronta para o baile de formatura.

“Ei”, disse Jason, balançando as mãos na frente da minha cara com sarcasmo. “Estou comendo uma salada de atum.”

“Mas imagine só o que se poderia fazer com isso. Se fosse atacado, você poderia bater na pessoa com esses lábios, ou poderia resgatar crianças pulando de um prédio em chamas. Aposto que são achatados como uma panqueca, pois estão esmagados entre as pernas. Você poderia colocar uma lanterna por trás deles e fazer fantoches de sombra. É como ter um dom que nunca se poderia usar. Só que, se fosse eu, usaria sim meus lábios gigantes. Eu entreteria o mundo inteiro com eles. Pois sou esse tipo de pessoa. Santa. Se eu tivesse lábios vaginais enormes, mudaria o mundo com eles.”

Jason jogou fora a salada de atum. “Então a única coisa que está a impedindo é... o tamanho pequeno dos seus lábios?”

“Bem, isso não é nenhum tipo de deficiência”, respondi. “Quer dizer, sei me virar.”

Jason ficou em silêncio.

“Eu diria que são espaçosos, mas compactos. Como um bandô ou um Honda Accord.”

Então Jason ficou estranho e gritou “Não é para você me contar que sua vagina é como um Honda Accord! TRABALHAMOS JUNTOS”, e eu respondi: “Foi você quem tocou no assunto!”. Aí se fez um silêncio constrangedor enquanto eu tentava parecer arrependida, e Jason tentava parecer severo, mas tecnicamente eu estava apenas pensando em como lábios gigantes dariam uma boa manta em noites frias, e Jason provavelmente estava se perguntando o que era um bandô. Então eu disse: “É como uma

cortina pequena”, e Jason disse: “O quê!?”, e eu disse: “Ah, deixe para lá”.

Hoje uma candidata que não passou na prova de digitação me culpou por ter lhe dado um “teclado falso porque as teclas não estavam em ordem alfabética”. Tentei explicar que todos os teclados são configurados da mesma maneira e ela me chamou de mentirosa. Pedi desculpa e lhe disse que, se ela quisesse trazer um teclado em ordem alfabética, ficaria feliz em conectá-lo para que ela pudesse refazer a prova, e ela gritou: “NÃO VOU SUBSTITUIR SEU EQUIPAMENTO DE MERDA”. Então eu lhe disse para atravessar a rua até a loja de informática, encontrar um teclado alfabético e pedir que debitassem na nossa conta. Um hora depois ligaram da loja pedindo que parássemos de mandar gente maluca para lá.

Esta tarde, minha colega de trabalho, Collette, uma garota doce mas ingênua, me chamou na sua sala. “Sabia que existe pornografia de amputados? Pois existe mesmo. Pornografia de amputados.” Ela parecia estar entrando em choque e pensei em procurar um cobertor para pôr sobre ela. “O supervisor desse cara achou pornografia na impressora, então ele pediu que eu verificasse o disco rígido, e está cheio de pornografia de amputados.”

Pelo jeito, eu não estava chocada o suficiente, pois ela olhou para mim e bateu o punho minúsculo na mesa e gritou: “PORNOGRAFIA DE AMPUTADOS”. Ela obviamente precisava de uma intervenção, pois estava presa em um loop de pornografia.

Peguei uma das fotos, uma mulher sem perna pelada. “Certo, está vendo? Isto nem é pornografia de amputados. É só... um Photoshop malfeito. Dá para perceber porque tem a sombra de onde estavam suas pernas antes de serem apagadas. Quer dizer, não deixa de ser pornografia. Só não é pornografia de amputados de verdade.”

Collete olhou para mim com olhos tristes e sem vida, sua inocência manchada pelo resto da vida. “Certo, e isso aqui?”, ela perguntou ao aumentar a foto de uma garota de uma perna vestindo um biquíni. “Isso aqui é pornografia? Ou não? Pois nem sei dizer mais. Quer dizer, deve ser, pois está na pasta de pornografia, mas simplesmente não sei mais. É uma garota de uma perna só fazendo esqui aquático. É para ser afirmador? Ou pornográfico? NEM SEI MAIS!”

Não sabia como responder. Quando não se sabe mais se algo é ou não é pornografia, é hora de voltar para casa. Ou pedir demissão. Talvez os dois.

Seria particularmente apropriado (e fácil) terminar este capítulo com um parágrafo sobre como eu pessoalmente encerrei minha carreira no RH porque havia perdido a capacidade de distinguir pornografia da vida real, mas isso seria uma mentira, pois na verdade pedi demissão porque queria tirar um ano só para descobrir se podia ser escritora. Disse ao meu chefe que havia um livro dentro de mim e que precisava tirá-lo de lá, nem que fosse pela vagina. Porque é exatamente disso que o mundo precisa. Um livro espremido pela minha vagina.

Mas penso que foi uma aposta acertada, pois agora você está segurando este livro nas mãos. A não ser que seja o ano de 2057, e você seja um detetive policial segurando este manuscrito manchado e incompleto, olhando para o corpo de uma mulher idosa solitária que foi encontrada parcialmente comida pelos próprios gatos, e este capítulo terminar com um bilhete escrito a mão que diz: “Lembrete para mim mesma: encontre um jeito mais feliz de terminar este capítulo, pois ser comida por gatos é deprimente e também é um terrível tema recorrente para se ter em um livro. Lembre-se também de comprar comida para os gatos e pagar o seguro do carro voador”. Se for esse o caso, peço desculpas pelo estado do meu apartamento. Por favor, saiba que *não* estava esperando visita, e que quase nunca tenho louça suja na pia ou corpos parcialmente comidos no chão. Posso lhe garantir que hoje é uma completa anomalia para

mim.

[Z](#) Sabia que “ostentivamente” não é uma palavra? Porque eu não sabia, e pelo jeito a venho utilizando incorretamente minha vida toda. Aparentemente a palavra correta é “ostensivamente”. *Ostentivamente*.

Se você consegue ver meu fígado, foi longe demais

*** Alerta de spoiler (vou estragar o fim): A mãe do Bambi morre no final.**

Certo, prepare-se, pois este capítulo é um pouco deprimente e é sobre bebês mortos. Eu sei. Eca. Mas nem *todos* morrem, e no final tudo dá certo. Quase tudo. É só esquecer os bebês mortos. Chamá-los de fetos faz parecer mais clínico e menos triste, mas estou quase certa de que posso chamá-los do que eu quiser, pois são *meus* bebês mortos. E não, não os chamo de “bebês” em vez de “fetos” por algum motivo político, pois na verdade sou completamente pró-escolha e você pode fazer o que quiser com seu corpo, mas pare de sequestrar este capítulo, babaca, porque ele é sobre mim. Meu Deus, *você tem um problema*. Além do mais, meu editor está dizendo “Que diabos você está fazendo? Como você vai criar suspense se entregar o capítulo inteiro no primeiro parágrafo? Você não conhece os seis elementos da obra dramática?”, e eu respondi: “Não, mas sei que, quando vou assistir a um filme triste, sempre quero que alguém entre bem antes da cena triste e diga: “Certo, a mãe do Bambi está prestes a morrer, mas vai dar *tudo certo* no final. Não pire”. E foi isso que acabei de fazer por você. *De nada*. Meu editor me avisou que acabei de estragar o final de *Bambi* para aqueles que ainda não assistiram a ele, mas é O BENDITO *BAMBI*, galera. Não é culpa minha se vocês ainda não viram *Bambi*. Ele está aí faz *anos*. Ei, você já ouviu falar sobre esse negócio novo que se chama “sanduíche”? É incrível. Meu editor diz que estou sendo intencionalmente néscia. Não sei o que isso quer dizer, mas não parece coisa boa, então vou voltar ao início e colocar um alerta *estraga-prazeres*. Sou uma bendita santa.

Sempre imaginei que, quando ficasse grávida, seria maravilhoso, tudo sairia perfeitamente bem e eu posaria nua para aquelas fotos artísticas de mulher grávida como a Demi Moore e as colocaria pela casa toda. De repente eu teria *menos* celulite e então entraria em trabalho de parto na fila do banco e estaria tudo bem, porque o bebê ficaria preso na perna das minhas calças e nem bateria com a cabeça no chão. Graças a Deus existem calças *jeans* com elástico na cintura; *tenho ou não tenho razão*? Foi exatamente isso que eu achava que *fosse acontecer* a primeira vez que engravidei. Na vida real, porém, descobri que estava grávida e prontamente fiquei tão enjoada que não conseguia me mexer e vomitava na lixeira do trabalho o dia todo. Na época, ainda estava trabalhando nos recursos humanos, ensinando as pessoas como se comportarem adequadamente em uma organização religiosa sem fins lucrativos em Houston. Isso parece piada, mas lhe garanto que não é. Na verdade, eu sabia muito bem fingir que era adequada

(quando não estava vomitando na frente de grandes grupos de pessoas), mas começou a ficar óbvio para todo mundo que eu estava grávida ou então que estava morrendo, então Victor e eu decidimos contar logo a todos. E todos ficaram muito felizes, tirando a moça da limpeza do meu escritório que tinha de esvaziar minha lixeira.

Sempre quis ser mãe. Não gostava muito dos bebês das outras pessoas, mas nunca pensei que isso fosse um pré-requisito, pois presumia que meu bebê seria foda, ou, pelo menos, que rapidamente viraria criança. Quando eu era pequena, sempre quis fazer uma festa do pijama, mas meus pais eram espertos demais para concordar com isso, então eu prometi a mim mesma que um dia seria velha o suficiente para ter um filho e fazer festas do pijama com ele todas as noites. Parece um motivo ridículo para se ter um filho, mas existem razões piores. Lá no fundo, no entanto, havia uma necessidade que eu não conseguia verbalizar. Queria ser parte do legado de minha família. Queria dar ao meu filho o tipo de infância mágica que eu desejava. Queria ver um reflexo de mim e das gerações anteriores a mim num novo rosto e poder assim renascer também. Queria ter alguém a quem vencer num jogo de palavras cruzadas.

Victor e eu escolhemos alguns nomes, compramos agasalhos de bebê e eu tentava imaginar como seria a nossa vida como pais. Estava nervosa, mas me sentia enjoada demais para poder me preocupar seriamente. Algumas semanas antes do segundo trimestre, fomos ao médico fazer uma ecografia. Eu não havia dormido muito aquela noite, porque havia tido um ataque de pânico e acabei ligando para minha irmã à meia-noite, gritando histericamente, “MEUDEUSDOCÉU, E SE O BEBÊ FOR REPUBLICANO?”. Ela desligou na minha cara porque ela gosta de negar apoio. Ou talvez porque estivesse brava, porque só ligo para ela à meia-noite quando estou tendo um ataque de pânico. Não sei bem. O que sei, porém, é que eu estava preparada para ouvir praticamente qualquer coisa naquela sala de exame.

“São gêmeos.”

“São trigêmeos.”

“É um republicano.”

“É um ursinho.”

Certo, o último parecia ser improvável, mas eu estava mentalmente preparada para quase qualquer coisa – qualquer coisa, menos para o que o médico de fato nos disse. Que não havia batimento cardíaco. Que o bebê estava morto. Que “*há males que vêm para o bem*”. E foi então que eu desmontei. Não foi óbvio visto do lado de fora. Não chorei. Não gritei. Fiquei anestesiada, e me dei conta de que era tudo culpa minha. Se eu tivesse frequentado a igreja, ou acreditado no Deus certo, isso não teria acontecido. A porta da sala de exame tinha o número azarado que vem depois do 12 e eu tinha sentido vontade de pedir que me trocassem de sala, mas fiquei com vergonha de dizer por quê. Se eu tivesse exigido outra sala, o bebê ainda estaria vivo. Havia milhões de motivos pelos quais isso estava acontecendo, e todos eram por minha causa.

Anestesiada, segui o Victor pelos corredores e pela primeira vez na vida pensei seriamente em cometer suicídio. Fiquei me perguntando se conseguiria ser rápida o suficiente para fugir do Victor antes que ele percebesse que eu não estava mais ali e também se o prédio era alto o bastante para me matar se eu pulasse, ou se eu apenas iria acordar numa cama de hospital, física e emocionalmente estraçalhada. Eu me perguntava o que poderia fazer para não ter de nunca lidar com isso, pois eu sabia que não era forte o suficiente para sair inteira do outro lado. Victor parecia sentir que eu estava planejando fugir, ou simplesmente também se encontrava no piloto automático, porque ele quase me machucava ao segurar meu braço, não deixando brecha para fugas. Fiz o Victor ligar para todo mundo e dizer que não era para *nunca, nunca* mais mencionar esse assunto para mim. Nada de flores, nada de “meus pêsames”. *Nada*. Pois eu sabia que a única maneira de sobreviver era bloqueando tudo da minha mente.

Isso talvez tivesse sido mais fácil de fazer se não fosse pelo fato de que eu *não abortei*. Continuei carregando o bebê por mais um mês e meio e então tive um colapso nervoso. Ainda não sei ao certo o

que o provocou, mas meus colegas de trabalho me encontraram chorando histericamente na minha sala. Eu nem reconhecia os sons como sons humanos, e me lembro de ficar me perguntando que barulho horrível era esse, até perceber que era eu mesma, me condoendo de modo incontrolável até ser vencida pelo cansaço. Victor me levou para casa e meu médico então percebeu que eu precisava dar um fim nisso de imediato e fez a cirurgia. Houve complicações advindas do procedimento, e acabei tendo um aborto hemorrágico e dolorido naquela noite. Uma semana depois, fui diagnosticada com transtorno de estresse pós-traumático e me deram um antidepressivo que me deixou com tendência suicida. E acontece que *não é assim que deve funcionar um antidepressivo*. Victor me encontrou caçando fóruns sobre suicídio *online*, tirou meu acesso à internet e conseguiu outra medicação que funcionou. Meu psiquiatra trabalhou comigo até que eu consegui sair de casa sem ter um ataque de nervos. Mais tarde, ele me mandou uma carta dizendo que estava se aposentando repentinamente, o que tenho quase certeza seja código para “Você é pirada demais, até para mim. Estou terminando com você”. Mas estava tudo bem, pois eu estava melhor, mais forte e pronta para começar de novo.

E então engravidei novamente.

E abortei novamente.

Troquei de médico e pedi que me testassem para tudo que existe na face da Terra. Descobri que tinha a síndrome dos anticorpos antifosfolipídicos, algo que mal conseguia soletrar. Fui para casa e pesquisei na internet e ela basicamente dizia, “VOCÊ VAI MORRER”, mas meu médico disse que não era tão grave assim. É uma doença autoimune rara que forma coágulos de sangue e se agrava durante a gravidez. Eu lhe disse que tinha quase certeza de que eu também tinha pólio e câncer de testículo, e ele disse que eu não tinha mais permissão para ficar lendo sites médicos.

Recebi uma receita de aspirina infantil e respondi: “É sério? Maldita *aspirina infantil*?”. Meu médico me garantiu que afinaria meu sangue o suficiente para que eu não tivesse mais abortos. E foi então que tive mais um aborto. Por coincidência, foi no exato momento que eu gritei: “A ASPIRINA INFANTIL PODE IR À MERDA”, e o médico concordou e me passou um tratamento barra pesada de anticoagulantes caros. Eu disse: “É isso aí!” e em seguida ele disse: “Aqui está sua sacola gigante de seringas para você injetar o remédio diretamente na corrente sanguínea”, e eu pensei: “Eita. *Acho que cometi um terrível engano*”. Mas àquela altura era tarde demais para desistir, pois havia lido na internet histórias de terror sobre mulheres que tiveram derrames por causa dessa doença de sangue e pensei que talvez todos aqueles anticoagulantes tratariam também da poliomielite que eu havia diagnosticado. Então respirei fundo e passei a me dar as injeções. Na barriga. Duas vezes por dia. *Maravilha*. Era basicamente como um tratamento para a raiva, só que, em vez de cinco injeções, são setecentas.

Depois de muitos, *muitos* meses de injeções, descobri que estava grávida novamente. Dessa vez consegui ir mais longe do que qualquer outra vez. Quando o segundo trimestre chegou, minha barriga havia se tornado um colcha de retalhos de hematomas e, quando eu levantava a camisa para os exames, os técnicos de ecografia sempre arfavam de terror, até eu rapidamente os assegurar de que *não* estava sendo socada repetidamente no estômago. Mesmo assim, eles olhavam para o Victor com olho ruim, o que era uma boa distração, pois toda vez que ia fazer a ecografia eu me encolhia apavorada, certa de que o bebê não estaria mais lá. Mas estava.

Mantive minhas consultas e insisti obstinadamente que nenhuma delas caísse num dia de número azarado. Passei a chamar esse dia de “doze-B”. Do tipo onze, doze, doze-B, catorze. As pessoas me achavam louca, e de fato eu era. (Ainda sou.) Mas eu não ia arriscar. Se ao pedir que os gatos me desejassem boa sorte estava mantendo meu bebê vivo, para mim não era tão importante curar meu TOC cada vez mais forte. Uma vez, quando Victor estava me levando para o trabalho de manhã, percebi que havia me esquecido de pedir que os gatos me desejassem boa sorte e exigi que ele desse a meia-volta imediatamente. Ele tentou me explicar com lógica que os gatos não tinham de fato a habilidade de me desejar azar ou boa sorte, mas não importava. Eu *sabia* que os gatos não controlavam a boa sorte. Eram

os mesmos gatos que ficavam dentro da caixa de areia e faziam cocô por cima da borda sem se darem conta. *Claro* que não controlavam meu destino. *Eu* controlava o meu destino. Só que eu fazia isso seguindo algumas das rotinas de TOC que eu havia desenvolvido e que faziam a vida seguir adiante. Obviamente, eram as mesmas pequenas rotinas bizarras que também tornavam minha vida bastante complicada, mas era uma doença mental com a qual estava disposta a conviver se isso fosse manter minha bebê (que acabaram de me contar que era menina) viva.

Aos sete meses, meus colegas decidiram fazer um chá de bebê. Eu fui veementemente contra, pois sabia que isso iria interferir em todos os meus pequenos rituais, mas eles foram insistentes e decidiram fazer um chá de bebê surpresa involuntário para mim. Uma festa que, por coincidência, era no andar de número azarado. Entrei no elevador, achando que estava a caminho de uma reunião de orçamento, mas não conseguia apertar o botão com o número azarado, então fiz o que sempre fazia, que era ficar passeando de elevador até que alguém apertasse aquele botão azarado por mim. Só que dessa vez ninguém pegou o elevador para ir àquele andar. Porque já estavam todos na sala de reuniões esperando para me surpreender. Vinte minutos depois, alguém foi me procurar e me encontraram sentada desamparada num canto do elevador. Eu disse que estava tonta e estava descansando, mas acho que era bem provável que estivesse bastante claro que eu estava mais que um pouco desequilibrada.

No oitavo mês, minha barriga estava enorme e dura e eu não tinha mais nenhuma dobra de gordura na qual enfiar a seringa. Minha médica insistia que, apesar de as agulhas serem bem compridas, não eram compridas o suficiente para alcançar o bebê. No entanto, eu estava morrendo de medo de enfiar anticoagulantes na cabeça dela, então gritava, “SAI DA FRENTE, BEBÊ: VAI PARA A ESQUERDA, SE NÃO VAI SER ESPETADA”. Victor dizia que a maioria dos fetos não fala inglês, mas eu estava conversando bastante com ela, então estava confiante de que ela havia aprendido algumas frases básicas. No entanto, *estava realmente preocupada* de ela não saber onde ficava a esquerda, então eu gritava: “*Minha esquerda. Não a sua esquerda. A não ser que você esteja virada para meu umbigo. Aí é a sua esquerda também. Se você consegue ver meu fígado, foi longe demais*”. Victor olhou para mim, apreensivo, e eu disse: “Sabe, você *bem* que podia me ajudar”, e ele respondeu: “*Que diabos posso fazer? Você obviamente enlouqueceu de vez*”. Eu lhe lancei um olhar de ira até ele finalmente suspirar, resignado, caminhar até mim, se inclinar para baixo e gritar ao lado esquerdo da minha barriga: “NESSA DIREÇÃO, BEBÊ. VENHA NA DIREÇÃO DA MINHA VOZ!”. Eu lhe dei um sorriso de gratidão, mas depois que terminei de dar a injeção Victor murmurou: “Se isso não funcionar, vamos simplesmente adotar um cachorrinho”, o que era algo meio maluco de se dizer, pois já tínhamos um cachorrinho. Obviamente, Victor estava pirando e cabia a mim manter nossa família íntegra. Isto é, eu e os gatos, que me desejavam boa sorte somente quando eu solicitava. Então, sim... havia muita coisa em jogo.



Uma das centenas de injeções. Ah, como é simples a maternidade!

O tempo se arrastou até que finalmente chegou a hora de induzir o parto. Fomos à maternidade do hospital, e Victor rapidamente aumentou o volume da televisão para abafar a voz da mulher do outro lado do corredor que gritava com entusiasmo: “JESUSCRISTOPORFAVORMEMATEAGORA”.

“Ela está rezando”, Victor disse de forma pouco convincente.

Numa coincidência azarada, a tela da TV continuou zumbindo e revelou a cena da barriga ensanguentada de *Alien*, que provavelmente deveria ser banida de todas as salas de parto. Victor tentou mudar o canal, mas eu pedi que o deixasse, pois parecia bem adequado ao tema.

Uma enfermeira entrou para colocar meu soro e nos pediu desculpas pela mulher gritando ao lado e que ela havia pedido que diminuísse o volume. A enfermeira era uma mulher negra *mignon*, mas passava a impressão de que facilmente conseguiria arrastar uma mulher grávida berrante até o meio da rua se necessário, e pensei que não era alguém para se provocar. “É porque ela é negra”, a enfermeira explicou bem naturalmente.

“Hã... o quê?”, perguntei, certa de que não havia entendido bem.

“A moça gritando no outro quarto. Ela é negra”, ela continuou. “Mulheres negras *sempre* fazem mais barulho quando têm filhos. Geralmente gritam para Jesus. Mulheres brancas são bem mais quietas, até o momento que o bebê começa a coroar. Aí dá para perceber a diferença entre uma mulher branca e uma negra. As asiáticas não fazem barulho nenhum. *Quietas como ratinhos de igreja*. Temos de ficar de olho nelas, pois se não ficarmos conferindo suas pererecas elas dão à luz sem nem avisar ninguém.”

“Ah”, balbuciei, visto que estava quase sem palavras... não tanto pelo estereótipos raciais, mas por ter ouvido uma profissional da saúde usar a palavra “perereca”. Especialmente porque tenho quase certeza

de que a palavra que ela queria dizer era “xereca”. Ela deve ter percebido minha preocupação, pois deu um tapinha na minha mão e disse, “Tudo bem. Sou negra, posso dizer isso em voz alta sem problemas. As outras enfermeiras do andar só podem dizer isso em pensamento. E”, ela acrescentou, orgulhosa, “você ficou tão distraída que nem percebeu que já terminei de colocar seu soro”. Ela tinha razão. Eu havia sido completamente distraída pelas pererecas asiáticas. ~~E não foi a primeira vez.~~

Victor sabia que eu estava com medo, mas não era tanto pela dor. Estava apavorada, pois o risco de dar à luz a um natimorto era muito maior com a síndrome antifosfolipídica. Estava tão concentrada em tirar minha filha do meu corpo (que eu ainda enxergava como uma verdadeira armadilha letal) que mal me dei conta da dor. Victor murmurava palavras meigas e de apoio no meu ouvido, mas pareciam tão estranhas vindas da boca dele que eu não conseguia parar de rir com histeria. Todos olhavam para mim como se eu fosse a doida, então lhe disse que ele não podia dizer mais nada. Aí dei mais um empurrão e tudo ficou em silêncio. E então veio o lindo som de choro. Eu estava chorando. E depois a Hailey chorou. Minha doce e linda filha. E foi incrível.

Não foi até aquele exato momento que me permiti acreditar que realmente poderia ser a mãe de alguém. Enquanto a segurava nos braços, Victor chorou, e eu me sentia plena de tanto encanto e admiração que parecia que meu peito explodiria. Em seguida, a epidural começou a perder o efeito e me lembro de ter pensado que seria legal a mãe desse bebê aparecer e ficar com ela para que eu pudesse dormir. Então me lembrei que *eu* era a mãe dessa criança e fiquei com um pouco de medo por nós duas.

Alguns minutos depois, a equipe levou a Hailey embora e eu incentivei o Victor a segui-la, pois tinha certeza de que de alguma forma o médico iria trocá-la por outro bebê, que acabaria virando um sociopata quando crescesse, pois tinha assistido à televisão demais.

Foi assim que me vi seminua, completamente sozinha, coberta do meu próprio sangue e ainda presa aos estribos da mesa de parto, talvez na posição mais desfavorável de todas, enquanto acrescentava um zelador confuso à lista de pessoas que haviam visto minha vagina naquele dia.

Valeu a pena.



Hailey e eu – 2004
Àquela altura, nós duas precisávamos de uma bebida.

Minha vagina está muito bem, obrigada

Se você não tiver filhos, vai chegar até aqui e supor que este capítulo seja sobre o a hora de tirar as fraldas (já que em todo livro escrito por mães o capítulo de parto e nascimento é seguido pelo capítulo sobre isso), e você vai começar a engasgar e querer passar para o outro capítulo. Mas não deveria, pois este capítulo fará com que você se sinta bem superior por usar um método contraceptivo e/ou por ser infértil.

Se você *tiver* filhos, então provavelmente vai achar que deve pular este capítulo, pois você já sabe de tudo. Mas eu lhe garanto que não. E sabe o que mais? Os que não são pais vão ler tudinho e depois vão sorrir para você com desdém, portanto, você deveria pelo menos estar preparada. É por este motivo que escuto bastante a rádio republicana überconservadora, porque quero saber o que pensam meus inimigos. Também porque moro no Texas e não há muita opção. Além do mais, este capítulo *nem trata* de fraldas. Não sei de onde você tirou essa ideia. Tirar fraldas não é um assunto divertido de ficar relembrando. É mais parecido com uma terrível marcha da morte por uma floresta assombrada, onde as árvores são feitas de ursos raivosos que provocam alergia. E, simultaneamente, é preciso ficar olhando para fotos de gente morta. Tipo assim, é tão horrível que você quer que seu filho simplesmente more do lado de fora da casa para o resto da vida, mas não se pode fazer isso, pois tem o cachorro. É por isso que não vou escrever sobre fraldas e, em vez disso, vou escrever sobre perspectiva.

O primeiro ano depois de ter um bebê me pareceu meio alienígena e eu ficava tropeçando nesse fato em pensamentos, como quando morre um conhecido e uma hora depois você está rindo de um programa de televisão e aí pensa consigo mesma: “Eita porra, acabei de me lembrar que o vovô morreu”. Então você fica triste de novo, mas em seguida seus pensamentos devaneiam e você se pergunta: “Por que será que nunca se veem casais birraciais de idosos?”. Um minuto depois sua mente grita: “*Merda*. Esqueci de novo que o vovô morreu”. Você fica chorando e se distraindo alternadamente e pensa que deveria simplesmente desligar a televisão, pois ela obviamente não está ajudando em nada. Mas então você pensa: “O vovô adorava esse programa”, e se convence de que é um tipo de homenagem a ele, mesmo que, na verdade, você só queira mesmo é assistir ao programa. Também deve ser algum tipo de autopreservação para nos ajudar a lidar com o luto, *então cai fora e pare de me julgar*.

Ser mãe é exatamente assim. Você está cuidando da sua vida, pensando como seria demais preparar uns *nachos*, e de repente se lembra: “Putá merda, *tenho um bebê*. Talvez eu devesse, tipo, alimentá-lo ou coisa parecida”. Você o alimenta, só que meia hora depois se esquece de novo e você escuta uma risadinha vinda do outro quarto e pensa: “*Que porra é essa? De quem é esse bebê?*”, e então se lembra: “Ah, é. É meu. *Que estranho*”. Depois você tem ótimas ideias para transformar o quarto vazio num bar, para que você possa cobrar seus amigos por todas as bebidas que eles já estão bebendo de qualquer

jeito, e aí você elabora a planta e leva um mestre de obras para sua casa e então você se lembra: “Putaque pariu. *Peraí*. Não é um quarto vazio. É onde o bebê mora”. Certo?

Errado. Eu estava concordando com você até a última situação. Se você concordou com ela, então precisa abaixar este livro e encontrar seu bebê, pois ele provavelmente está pendurado em algum galho por aí, bêbado. *Você é uma mãe terrível*.

Uma nota especial para quem não tem filho e que agora está sorrindo com arrogância: pare de julgar. É inteiramente possível que você tenha filhos e tenha apenas se esquecido. Pois esse tipo de merda acontece o tempo todo. Confira sua vagina. Parece estar meio quebrada? Se estiver, então provavelmente você teve um bebê. É sério, a minha vagina ficou parecendo uma Franken-gina por um bom ano antes de ficar novamente apresentável. Mas não “apresentável” como se eu a colocasse na mesa da ceia de Natal. Eu não teria feito isso nem mesmo *antes* de ser destruída. Quer dizer, *não que não fosse um bom negócio*, pois era mesmo. Agora ela está bem. *Ótima*, na verdade. *Minha vagina está ótima*. Ela até me favorece. Obrigada por perguntar. Só ficou fodida quando a Hailey nasceu, mas não me importei muito na época, pois estava tão aliviada de ela estar viva que fiquei deitada lá na mesa do hospital pensando que aquela é a única vez na vida em que se está ditosa demais para perceber que as pessoas estão costurando sua vagina.

Também quero dizer que, quando o médico está costurando a vagina (é sério, pessoas-sem-filhos: *Costurando. A. Vagina.*), não sei por que não faz logo uma cirurgia estética, aproveitando que já estão lá em baixo, para que fique mais bonitinha. Tipo assim, quando minha ginecologista me disse que provavelmente teria de cortar minha vagina eu respondi: “VOCÊ É UMA MALDITA PSICOPATA”, e ela disse: “*Não por diversão* [Leia-se: “*sua idiota*”]. É para poder tirar o bebê”. Eu falei: “Ah. Bem, se você vai ter de deixar uma cicatriz em mim, poderia fazer num formato bem legal? Tipo, que tal um raio?”. Ela simplesmente ficou me encarando, então expliquei: “Sabe... como o do Harry Potter”. Aí ela simplesmente ficou me encarando como se eu tivesse cagado no chão, e pensei que talvez fosse porque a estrutura da frase meio que dava a entender que estava me referindo à vagina do Harry Potter, então esclareci: “Mas não na minha testa como o dele”. Ela continuou sem responder, então apontei para baixo e disse: “*Na minha vagina*”. Então ela sacudiu a cabeça como se soubesse o tempo todo que não estava me referindo à vagina do Harry Potter e disse: “Uh, não fazemos isso. Na verdade, achamos melhor que você rasgue naturalmente, pois a cicatrização é melhor”, e eu exclamei: “PUTA.QUE.PARIU. Essa porra é séria?”. Eu suspeitava um pouco que ela só estava inventando tudo aquilo porque não queria que eu tivesse uma vagina mais bonita que a dela, pois ela nunca havia tido um filho. Portanto, a vagina dela talvez fosse toda perfeita e alegre, e ela provavelmente não queria que eu ficasse esfregando minha vagina na sua cara quando ficasse incrível com um raio. *Como se eu fosse fazer isso, Dra. Ryder*. Nunca esfregaria minha vagina na cara de alguém, mesmo que fosse a vagina mais maneira do mundo. Sempre que eu tivesse cólica menstrual poderia fingir que o Voldemort estava próximo.

Mais tarde, durante o trabalho de parto, acabei rasgando *e me cortaram*, e não foi nem de perto no formato de um raio. Imediatamente me arrependi de não ter feito alguma perfuração no formato de um raio, mas eu estava tão grande àquele ponto que nem conseguia ver minha vagina, e, quando pedi ao Victor que ele desenhasse uma linha pontilhada no formato de um raio (com umas tesourinhas indicando “corte aqui”), ele simplesmente se afastou. Suspeito que era porque ele é um artista terrível, mas quando comecei a encher o saco dele no dia seguinte ele disse com confiança: “Ah, já fiz isso. Enquanto você estava dormindo”. Isso me pareceu suspeito, pois meu sono é muito leve. Mas não conseguia ver lá embaixo nem com um espelho de mão, então apenas fiquei me perguntando se ele estava me enganando para que eu o deixasse em paz. Mas se ele não estivesse me enganando, que diabos havia desenhado? Provavelmente uma arma, ou um puma, ou algo idiota. E, além do mais, nem tem sentido isso de que rasgar é melhor do que cortar, pois, se isso for verdade, por que não se rasgam as pessoas em vez de cortá-las quando se remove a vesícula ou o apêndice? De fato, não existe outra cirurgia na qual o médico

prefere deixar que você se rasgue toda em vez de cortá-la, e estou supondo que isso seja porque os ginecologistas são bem preguiçosos.

Putá merda, pessoal. Lembra lá trás quando eu estava falando sobre como meu avô tinha morrido, mas então me distraí com o programa de televisão? A mesma coisa acabou de acontecer aqui quando comecei a falar sobre perspectiva e me distraí com minha vagina. *Nem planejei isso*. Só para você ver como esse negócio de escrever me vem naturalmente. É como se meu cérebro estivesse inconscientemente se atendo ao tema *apesar* da distração vaginal. Porra, vou ganhar mesmo um prêmio Pulitzer por isto.

De qualquer maneira, ter um filho é um excelente exercício de perspectiva, pois nos ensina a abraçarmos o horror e a indignidade da vida. Simplesmente não há outra escolha.

Considere, por exemplo, a primeira vez que você leva sua filha à piscina comunitária. Você está se esforçando para ainda parecer descolada na frente de sua vizinha magra e sem filhos, que provavelmente dormiu mais de duas horas, quando percebe que a bunda de sua filha parece estar explodindo. Então você se dá conta, aterrorizada, de que seu marido se esqueceu de colocar a fralda de natação na criança e agora a fralda regular está absorvendo toda a água da piscina e expandindo feito uma nuvem gigante de bomba atômica, e sua filha está olhando para você como quem diz: “*Que diabos está acontecendo com minha bunda?!*”. Você diz: “NÃO ENTRE EM PÂNICO. Caminhe lentamente até o banheiro”, mas sua filha diz: “Me carregue! ESTOU SENDO DEVORADA POR MINHA PRÓPRIA FRALDA”, então você a carrega, mas a pressão faz com que a costura da fralda se arrebente e agora você está coberta com um negócio de gel de dentro da fralda que, *pelo jeito*, é feito com uma geleia azul em forma de cristais. Você fica repugnada e fascinada ao mesmo tempo e corre até o banheiro, mas a gosma de geleia-cristal está vazando atrás de você como uma trilha de migalhas de pão e o salva-vidas está lhe dando um olhar de reprovação. Finalmente, vocês chegam ao banheiro, mas o gel que está dentro da fralda continua se expandindo. Assim que você arranca o traje de banho de sua filha, a fralda se arrebenta devido ao tamanho da pressão interna e cai com um “plaff” no chão e a geleia jorra *em Cima. De. Tudo*. Neste exato momento, sua vizinha magra e sem filhos entra despreocupadamente. Ao ver a cena de você agachada no meio do banheiro, suja de recheio de fralda e tentando desesperadamente usar montes ineficazes de papel-toalha para limpar a geleia (provavelmente cancerígena) de uma criança pelada, ela recua e encosta na parede chocada. Você tenta sorrir para ela de forma tranquilizadora, como se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo. Chega a pensar em se levantar para explicar com naturalidade que *na verdade isso é tudo culpa de seu marido*, mas antes de conseguir ficar de pé sua filha vê seu peito gigante precariamente pendurado na borda de seu maiô e dá um soco nele, fazendo com que o peito caia por cima dele. E então essa vizinha sai silenciosamente de ré do banheiro, como se estivesse se esquivando de uma cena de assassinato. E você grita: “VOCÊ NÃO PODE FUGIR DE MIM. OLHE BEM. SEU. FUTURO. É. ESTE!”.

Prepare-se.

Esse tipo de coisa acontece *todo santo dia*.



Posso lhe garantir, foi traumatizante para todos nós.

Uma conversa que tive com meu marido pelo telefone depois de me perder pela enésima vez

EU: Alô?

VICTOR: Onde você está?! Faz uma hora que saiu.

EU: Estou perdida. Não grite comigo.

VICTOR: Você foi comprar leite, cara. Você já foi mil vezes a essa loja.

EU: Sim, mas não de noite. Tudo fica estranho e não conseguia ver as placas de rua. Acho que devo ter pegado a rua errada e estou dirigindo sem rumo, esperando reconhecer alguma coisa.

VICTOR: Como você consegue se perder toda santa vez que sai de casa?

EU: Acho que nem estou mais no Texas.

VICTOR: Putamer-

EU: NÃO GRITE COMIGO.

VICTOR: Não estou gritando com você. Ligue o GPS e insira nosso endereço.

EU: Deixei em casa.

VICTOR: Qual é o seu maldito problema?

EU: Você disse que não ia gritar comigo.

VICTOR: Isso foi antes de você ter deixado o GPS em casa. EU O COMPREI EXPRESSAMENTE POR SUA CAUSA.

EU: Por que você não me fala logo como chegar em casa?

VICTOR: Como vou ajudá-la a chegar em casa, Jenny? NÃO SEI ONDE VOCÊ ESTÁ.

EU: Certo... tem um monte de árvore. E arbustos. Ou talvez sejam cavalos. Está escuro demais para saber.

VICTOR: Ah, sim. Sei *exatamente* onde você está.

EU: Sério?

VICTOR: Não. Você está em algum lugar que *pode ou não ter* arbustos. *Como isso vai me ajudar?*

EU: Diabos. Preciso achar o nome de uma rua.

VICTOR: Você PRECISA é se lembrar de colocar o GPS no seu carro.

EU: Não. Não vou mais usá-lo.

VICTOR: Por que não?!

EU: Ele está tentando me matar.

VICTOR: [silêncio chocado]

EU: Lembra na semana passada, quando precisei ir até a cidade e peguei as direções do MapQuest e você me fez levar o GPS como garantia? Só que na metade do caminho o GPS ficou falando: “Vire agora à esquerda”, e eu disse: “Não, o *MapQuest* disse para seguir adiante”, e ele continuou: “VIRE AGORA À ESQUERDA”, e eu repliquei: “De jeito nenhum, sua puta”, e aí a mulher do GPS deu um suspiro como se estivesse frustrada comigo e ficou falando: “Recalculando”, de um jeito bem crítico e condescendente. Então ela disse, “VIRE AGORA À ESQUERDA!”. Eu fiquei apavorada, portanto virei para a esquerda *exatamente como ela disse* e em seguida ela ficou repetindo, “Recalculando. Recalculando”, e eu gritei: “EU FIZ EXATAMENTE O QUE VOCÊ DISSE. POR QUE ESSE TOM, SUA FILHA DA PUTA?”.

VICTOR: Você não vai usar o GPS porque não gostou do tom de voz do robô?

EU: Não, isso foi só o começo. Em seguida, ela mandou virar na Rua West Lion, *mas não existia uma Rua West Lion*, então fiquei fazendo barbeiragens e finalmente percebi que ela estava pronunciando de forma errada a Rua Wesley-Ann. Provavelmente de propósito.

VICTOR: É a rua “Wesleyan”. Você ainda não está vendo uma placa com o nome da rua?

EU: Ah. Foi mal. Esqueci que estava dirigindo.

VICTOR: Você esqueceu que estava dirigindo *enquanto estava dirigindo*?

EU: Não é como se eu tivesse atropelado uma vaca. Apenas me esqueci de procurar por placas.

VICTOR: Se um dia você voltar para casa vou esconder suas chaves.

EU: Enfim, aí eu disse: “Tudo bem. Uma de nós está pronunciando ‘Wesley-Ann’ de forma errada, e uma de nós está perdida e acho que ambas essas pessoas podem ser eu”, mas então me veio a ideia do que talvez seja a melhor invenção da história do mundo.

VICTOR: Placas de rua. Procure placas de rua.

EU: Ainda não vi nenhuma. Parece que estou numa rodovia agora. Pergunte qual foi minha grande ideia.

VICTOR: Não.

EU: GPS para pessoas burras.

VICTOR: [silêncio]

EU: Estou falando sério. Porque eu sou péssima em seguir instruções, mas sou muito boa com pontos de referência, então, se me falarem para seguir norte em tal rua, estou lascada, mas se me disserem: “Vire naquele Burger King que pegou fogo no ano passado”, sei muito bem o que fazer, então deveríamos criar um sistema de GPS que faça isso.

VICTOR: [suspiro]

EU: Eis a parte genial: fazemos com que seja capaz de se adaptar a você pessoalmente. Então, tipo, se eu disser, “Eita. Tem um mendigo se masturbando ali”, ele insere isso nos seus bancos de dados e mais tarde, quando eu quiser ir a algum lugar, em vez de ele dizer o nome de ruas aleatórias, ele diz: “Sabe onde aquele mendigo estava se masturbando? É para lá que vamos. Vire à esquerda naquele bonequinho do Sonic que você gosta. Vire à direita naquele lugar mexicano onde você levou a Sarah aquela vez que ela estava vestida de forma indecente. Dê a preferência naquele lugar onde você empregou a mão naquele cara”.

VICTOR: *Que porra é essa?*

EU: *Exatamente.* Viu, essa é a desvantagem do sistema, pois na verdade eu só dei uma mãozinha para um cara lhe ajudando a conseguir um emprego. Mas os robôs não sabem captar a complexidade sutil da linguagem humana, então haveria uma curva de aprendizagem. Teríamos de colocar isso no folheto. Tipo uma retratação.

VICTOR: Depois de quanto tempo do seu desaparecimento eu posso me casar de novo?

EU: Só estou dizendo que o robô ainda precisa ser aperfeiçoado, cara. Mas está quase lá. Não o usaria com sua mãe no carro, no entanto, só para garantir. AIMEUDEUS, SEI ONDE ESTOU!

VICTOR: Naquele lugar onde “empregou a mão” naquele cara?

EU: Não. Estou naquele prédio abandonado que parece ser de uma seita religiosa.

VICTOR: Ah. O resto do mundo chama esse lugar de Rua “Dallas”. Então agora você consegue chegar em casa?

EU: Acho que sim. Viro à esquerda naquele bar assustador que parece que saiu do desenho do Scooby-Doo, esquerda naquele lugar onde vimos o javali selvagem que na verdade era um cachorro e direita na esquina onde vomitei aquela vez. Certo?

VICTOR: Você me dá dor de cabeça.

EU: CARA, VAMOS SER MILIONÁRIOS.

EPÍLOGO: Consegui chegar em casa.* Victor grudou o GPS com fita adesiva no para-brisa e se recusou a construir um robô para mim.

*RETRATAÇÃO: Por “consegui chegar em casa”, quero dizer que me perdi novamente, e Victor teve de sair para me encontrar para que eu pudesse lhe seguir até em casa. O importante é que cheguei em casa. E que não tinha um robô. Todo este incidente foi meio que um desastre. Victor diz que concorda comigo, mas talvez não pelos mesmos motivos.

E então fui esfaqueada no rosto por um *serial killer*

As pessoas com transtornos de ansiedade costumam ser rotuladas de “tímidas” ou “quietas” ou “aquela garota esquisita que deve enterrar corpos no sótão”. Nunca cheguei a ouvir alguém me chamar do último, mas sempre suponho ser o que as pessoas estão pensando, pois esse tipo de paranoia é um efeito colateral comum dos transtornos de ansiedade. Pessoalmente, sempre me rotulei como “socialmente sem jeito”, e garanti a mim mesma que há *muitas* pessoas perfeitamente normais que não gostam de falar em público. O que é verdade. Infelizmente também é verdade que meu medo vai um pouco além da terra dos “perfeitamente normais” e aterrissa bem no meio do deserto da “deficiência patológica paralisante”.

Tem sido da minha experiência que as pessoas sempre presumem que transtorno de ansiedade *generalizada* é preferível ao transtorno de ansiedade *social*, pois parece mais vago e não tão ameaçador, mas essas pessoas estão completamente equivocadas. Para mim, ter um transtorno de ansiedade generalizada é basicamente como ter todos os outros transtornos de ansiedade num só. Até mesmo os que não são reconhecidos pela ciência moderna. Tal como o *transtorno de ansiedade pode-ser-que-pássaros-me-sufoquem-enquanto-durmo* e o *transtorno de ansiedade guardo-bolachas-de-água-e-sal-no-bolso-caso-eu-fique-presa-num-elevador*. Para resumir, estou *geralmente* ansiosa em relação a *tudo*. Na verdade, suspeito que foi por isso que lhe eram esse nome.

Minha médica foi extremamente cheia de tato quando me diagnosticou com um transtorno de ansiedade. *Tão* cheia de tato, de fato, que não foi até várias consultas depois que finalmente me dei conta que era isso que eu tinha. Ela estava tagarelando sobre uma paciente que me parecia ser uma doida total. Não estava prestando muita atenção ao que ela estava dizendo sobre transtorno de ansiedade, pois estava preocupada demais me perguntando se ela consideraria um retrocesso se eu me escondesse debaixo do sofá durante nossas sessões. Então, de repente, percebi que essa pessoa maluca da qual ela falava era eu. Suponho que ela estava hesitante de dar um nome à minha condição antes disso por medo de que eu ficasse com vergonha de ter um transtorno mental genuíno. Mas, para ser sincera, fiquei aliviada. Agora, em vez de ser “esquisita”, minha inabilidade de levar uma conversa adequada de repente tinha sido rotulada de “*uma deficiência médica incurável e dolorosamente devastadora que atormenta tanto a vítima quanto as pessoas ao seu redor*”. Por mim, claro. Minha médica, por outro lado, se refere a ela como “*um transtorno leve facilmente tratado com medicação*”. Suspeito, porém, que, se um dia ela fosse forçada a manter uma conversa comigo num jantar, concordaria que minha definição é bem mais precisa que a dela.

Durante jantares ou eventos sociais, costumo cumprimentar a anfitriã e depois me escondo no banheiro até o fim da festa. Geralmente, é melhor para todos os envolvidos. Eu costumava ler livros sobre pessoas que são naturalmente boas de prosa e me perguntava por que *eu* não podia ter uma confiança inerente e

ser encantadora ao relatar minhas anedotas espirituosas sobre meu tempo com Jacques Cousteau. Sinceramente, acho que, mesmo se eu *tivesse* conhecido Jacques Cousteau, eu ainda seria ruim de conversa. Na maioria das conversas de festa eu começo concordando com a cabeça de modo confiante com seja lá que besteira entediante alguém esteja dizendo. Alguns minutos depois, entro em pânico porque aquele mesmo alguém me pergunta o que eu acho daquilo que não sei o que é, pois não estava prestando atenção, e me ouço contar a história da vez que engoli uma agulha acidentalmente. Em seguida, explico que provavelmente *não era* uma agulha de fato, mas na hora achei que tivesse sido. Então o silêncio fica cada vez mais intenso e não consigo parar de tagarelar sobre como é terrível *não* saber se você engoliu uma agulha ou não. Neste momento me dou conta de que a sala está em silêncio total, exceto pelo som agora-ligeiramente-histórico da minha tentativa de encontrar um final para uma história *que nem tem um maldito final*. Simplesmente me forço a parar de falar fisicamente e (após muitos segundos dolorosamente constrangedores de silêncio) alguém muda de assunto e posso sair de fininho para me esconder no banheiro até que esteja na hora de ir embora. E isto seria na melhor das hipóteses.

Em mais de uma ocasião minhas divagações ansiosas foram tão terríveis que todos ficaram sem palavras, e o silêncio se tornou cada vez mais palpável, até que, por desespero, proclamei o número do meu cartão de crédito e corri até o banheiro. Fiz isso porque esperava que, ao gritar números aleatórios, faria com que os espectadores perplexos acreditassem que eu era um daqueles gênios excêntricos da matemática que são brilhantes demais para serem compreendidos, e também porque eu me sentia um pouco culpada por ter feito eles escutarem toda a história de “*posso ter engolido ou não uma agulha*”. Se quisessem creditar seu tempo perdido no meu cartão de crédito, agora tinham essa opção. Só que, para ser sincera, sou péssima com números, então nunca consigo me lembrar do meu número de cartão de crédito de verdade e portanto simplesmente invento uma série arbitrária de números. Para resumir, alguns estranhos aleatórios estão tendo de arcar com as consequências dos meus defeitos por causa de minha memória ruim. *E também* porque não consigo levar uma conversa como um ser humano normal. *E também* porque a fraude de identidade é tão lucrativa. Basicamente, *todos* saem perdendo.

Acredito que isso seja um pouco confuso para as pessoas com quem me comuniquei somente por *e-mail* ou texto, pois de fato *consigo* passar uma impressão espirituosa e coerente por *e-mail*. Isto porque tenho tempo para pensar no que uma pessoa adulta normal, comedida e mentalmente equilibrada escreveria antes de apertar “enviar”. É por isso que prefiro falar com as pessoas apenas eletronicamente. Eu redijo um *e-mail* e então me pergunto se pessoas normais mencionariam que o ex-presidente Lincoln morreu devido ao tanto de gente que enfiou seu dedo sujo no buraco da bala. Eu me convenço que não e também apago a parte sobre como os vegetarianos poderiam em tese comer a placenta humana, pois nenhum animal precisou morrer por ela. E, assim, resta-me um *e-mail* bem mais conciso que diz apenas, “Parabéns pelo seu bebê!”, o que é bem mais insosso, mas também é algo que já escutei as pessoas normais dizerem, então me parece seguro.

Muitas pessoas acham que estou exagerando sobre este ponto para efeito cômico, mas as únicas que realmente pensam isso são as pessoas que não têm um transtorno de ansiedade. O restante está acenando com a cabeça, concordando comigo, pois vocês também foram pegos por esse transtorno de merda que faz com que uma conversa por *e-mail* (que deveria levar poucos minutos) se estique por horas de tanto reescrevê-lo.

Por exemplo, eis um exemplo do trabalho por trás de uma simples conversa por *e-mail* com meu colega de trabalho Jon nesta manhã.

Jon: Só queria mandar um e-mail para todos avisando que não vou trabalhar hoje porque tivemos de sacrificar nosso cachorro.

Eu: Eu tenho um testículo. Numa jarra. Um testículo de cachorro, quer dizer. Eu, pessoalmente, *não* tenho um testículo. Porque isso seria esquisito. Para uma garota. Para um garoto também, provavelmente. Só estou dizendo que, quando meu cachorro teve de retirar um testículo cancerígeno, achei que devesse guardá-lo, pois nunca pude ficar com minhas amígdalas quando foram retiradas e pensei: “*Melhor que nada, né?*”. E ainda bem que o guardei, porque duas semanas depois meu cachorro fugiu e agora tudo que tenho para me lembrar dele é esse testículo.

Eu: Meus pêsames, Jon! Isso me lembra do que minha vó me disse uma vez: “Perder um bichinho de estimação é como perder um membro da família”. Só que é bem mais barato porque não precisa ser embalsamado e em vez de comprar um caixão você pode simplesmente enterrá-lo no quintal.

Eu: Pênis.

Eu: Jon, meu coração está com você hoje. Em anexo segue uma cópia da Oração dos Animais e um pequeno poema de Maya Angelou.

Jon: Era exatamente disso que eu precisava. Como você sabia?

Eu: Sei como pode ser difícil dizer adeus. Ainda não consigo jogar fora o testículo do meu cachorro e já se passaram uma porrada de *anos*, Jon. Quer dizer, nem sei se ele *morreu*. Pode ser que ele tenha fugido porque não gostava de mim. Ou talvez ele estivesse com medo de perder o outro testículo. Ou talvez ele fosse simplesmente um babaca, Jon. Às vezes os cachorros são babacas também.

Eu: Sei como é difícil dizer adeus.

Resumindo? *É exaustivo ser eu*. Fingir ser normal é cansativo e requer quantidades incríveis de energia e de Frontal. Na verdade, eu deveria cobrar dinheiro de todas as pessoas normais simplesmente para *não* frequentar seus eventos sociais e arruiná-los. Especialmente porque no final acabo gastando muito dinheiro com sedativos para manter minha ansiedade *ligeiramente* sob controle, e essas despesas nem podem ser declaradas no imposto de renda. Mesmo assim, vale o custo pessoal, pois estar entorpecida o suficiente para transparecer semicoerente é melhor do que ser tratada como um urso-polar indesejado num jantar.

Repare nesta última sentença. Uma pessoa sã e racional teria escrito “um *convidado* indesejado num jantar”, mas eu não. *Comecei* a escrever “convidado indesejado”, mas então meu cérebro pensou: “Peraí. O que seria ainda *mais* indesejado do que um convidado indesejado? *Um bendito urso-polar*”. Então a parte da minha cabeça que presta, aquela parte normal e lenta a intervir se apresenta e diz: “*Não*. Ninguém vai entender isso. Simplesmente escreva ‘convidado’”. Aí o lado que não presta responde: “*Sério?* Porque tem sentido *total* para mim. Se um convidado indesejado aparecer na sua festa, o pior que pode acontecer é que talvez os salgadinhos acabem um pouco mais cedo. Se um *urso-polar* aparecer na festa, haverá sangue por todos os lados. Os ursos-polares não são bem-vindos *em lugar algum*”. E aí o lado bom sorri de forma condescendente e suspira, dizendo, “Ninguém entende a sua lógica, seu idiota. E, além do mais, ursos-polares *são* bem-vindos, sim, em alguns lugares. Como o zoológico. E nos comerciais da *Coca-Cola*”. Mas o lado ruim da minha mente não quer saber e grita: “*a jaula no zoológico existe para mantê-los longe da gente. PORQUE NÃO SÃO BEM-VINDOS*”, e o lado bom diz: “Bem, se você odeia os ursos-polares tanto assim, por que fomos ao zoológico no sábado?”, e o lado ruim diz: “Porque você me prometeu um boquete se eu fosse, *sua vadia condescendente*”, e então o lado bom responde simplesmente dando um suspiro surpreso, como quem não consegue acreditar que o lado ruim acabou de falar isso, pois *essa merda é para ficar em casa, lado ruim*, e ela fica toda carrancuda e moralista. E talvez fosse bom irmos embora agora, pois esta história ficou constrangedora e por que será que está com cara de violência doméstica? Além do mais, como é possível o lado ruim da minha mente *receber* um boquete? Ele é homem? Isso tudo está confuso e me parece ser de alguma maneira machista. Viu? Se estivesse tentando impressionar você, eu teria apagado todo este parágrafo e simplesmente teria trocado “urso-polar” por “convidado indesejado”, mas estou deixando tudo aqui à mostra porque sou preguiçosa demais para apagá-lo. Também para lhe mostrar *a dura realidade sobre as chatices de conviver com alguém com uma doença mental*. Mas foi mais pelo primeiro motivo. Basicamente, este parágrafo inteiro é o que acontece na minha cabeça o tempo todo. *Então sim*. É uma merda caótica aqui dentro.

Contudo, dou graças a Deus por pelo menos *existir* um lado bom do meu cérebro, porque uma vez tive um vizinho que perdeu a parte de controle de impulsos de seu cérebro num acidente de carro e ele gritava coisas estranhas aleatoriamente para mim quando eu ia olhar a caixa de correio. Coisas do tipo: “Oi, garota bonita! Sua bunda está ficando cada vez maior!” e “Ainda traçaria essa bunda!”. Eu sempre forçava um sorriso e acenava para ele, porque, sim, era meio ofensivo, mas tenho quase certeza de que a intenção dele era me elogiar. Quer dizer, esse cara nem *possuía* um lado bom do cérebro para filtrar seus

pensamentos, então me parece um pouco egoísta da minha parte não ser grata pela minha, mesmo se estiver meio danificada e só reconhecer quão ridículas são as coisas que estou dizendo depois de já serem ditas. É como se eu tivesse um censor na minha cabeça que só funciona com um retardo de sete segundos... bem-intencionado, mas sempre sete segundos tarde demais para impedir a avalanche terrível de *merda-que-não-se-deve-dizer-em-voz-alta-mas-acabei-de-dizer*.

De certa forma, é um dom saber reconhecer os próprios defeitos, mas na vida real eu me vejo dizendo coisas horríveis às pessoas e aquela parte de mim que reconhece a inadequação do que acabei de dizer grita comigo, “*Não! Não se deve falar sobre vibradores com um homem do clero!*”. Em seguida me distraio com toda a gritaria acontecendo na minha cabeça e entro em pânico – e eis que saem outra vez os números do meu cartão de crédito. Ou então deixo escapar outra coisa para preencher o silêncio constrangedor, mas, por algum motivo, a parte da minha mente que não tem filtro só consegue pensar em necrofilia, e a parte do meu cérebro que sabe que a necrofilia *nunca* é um assunto apropriado berra: “*A NECROFILIA É RUIM!*”. Entro em pânico e me escuto falar sobre *por que* a necrofilia é ruim. A parte de mim que é ligeiramente sã sacode a cabeça enquanto vê as pessoas se esforçando para encontrarem uma maneira apropriada para responder num coquetel a uma garota que é contra a necrofilia. Sinto pena dessas pessoas. Não apenas porque elas têm de estar ali para testemunhar o desastre, mas também porque quem vai discordar dos males da necrofilia? *Ninguém, ninguém mesmo*. E, se você tentar mudar o assunto, só vai ficar parecendo que é um defensor secreto da necrofilia que não quer admiti-lo em público. Deve ser por isso que, quando estou falando com grupos nesses jantares, as pessoas recuam devagarinho e vão se juntar a qualquer outra conversa e acabo ficando sozinha, conversando comigo mesma. O que é uma maravilha, pois, se existe algo mais constrangedor do que uma garota falando com estranhos num coquetel sobre sexo com pessoas mortas, é uma garota num coquetel falando consigo mesma sobre *exatamente a mesma coisa*.

É por isso que toda vez que vejo moradores de rua desgrenhados, gritando com ninguém em particular sobre como os ursos são os cérebros malignos tentando dominar a cidade, eu imediatamente suponho que, anos atrás, eles estavam discutindo o mesmo assunto num jantar e se horrorizaram até terem um colapso nervoso total, e o resto das pessoas simplesmente foi embora. E eis que agora essa mulher sem-teto ainda está tentando, *anos depois*, encontrar uma maneira de encerrar essa conversa com dignidade e falhando lamentavelmente. É por isso que sempre dou dinheiro e um pouco de Frontal aos mendigos. Pois sei exatamente o que estão passando. Além do mais, gosto de acenar com a cabeça e tento acrescentar algo à conversa, como: “É uma teoria interessante, porém não sei se ursos têm a capacidade cognitiva de criar um sistema de governo complexo”, mas geralmente a pessoa com quem estou falando olha fixo além de mim para uma plateia horrorizada e há muito tempo extinta que existe agora somente na sua cabeça. Então meu marido me leva embora, passando sermão sobre os perigos de provocar os moradores de rua. Ele não enxerga o que eu enxergo: o rosto desesperado de uma pessoa que enlouqueceu devido a uma festa de jantar.

É de se pensar que Victor fosse mais compreensivo, pois já testemunhou os efeitos emocionais devastadores que deixo para trás quando sou forçada a me socializar, mas até pouco tempo atrás ele fazia pouco caso da minha habilidade de destruir completamente ambas as nossas reputações num único jantar, considerando isso um exagero da minha parte. Só consigo supor que ele dava tão pouca importância à minha inabilidade de lidar com situações sociais porque (a) meus ataques de pânico reais eram tão graves que, quando comparados ao meu constrangimento social, eles pareciam amenos, e (b) ele simplesmente não prestava muita atenção.

E, para ser justa, os ataques de ansiedade eram muito mais perturbadores de se assistir, e tenho muita sorte de os piores ataques acontecerem apenas três vezes por ano. Num determinado momento estou perfeitamente bem e no momento seguinte sinto uma onda de náusea e em seguida pânico. Aí não consigo acalmar a respiração e sei que estou prestes a perder o controle e tudo que quero fazer é fugir. Só que

quero fugir da única coisa da qual não posso fugir... *eu mesma*. Inevitavelmente acontece num restaurante cheio ou durante um jantar em outro estado, a quilômetros de distância de qualquer tipo de santuário.

Sinto o pânico crescer, feito um leão preso no meu peito, tentando sair da garganta usando as garras. Tento segurar, mas meus colegas de festa conseguem perceber que algo mudou e me lançam olhares furtivos e preocupados. *Eu sou transparente*. Quero engatinhar para debaixo da mesa a fim de me esconder até passar, mas não é algo que dê para justificar num jantar. Sinto tontura e suspeito que vou desmaiar ou ficar histérica. Essa é a pior parte, pois nunca sei como vai ser. “Estou passando mal”, murmuro aos meus companheiros de jantar, incapaz de dizer mais sem hiperventilar. Saio correndo do restaurante, dando um sorriso débil às pessoas que estão me encarando. Elas tentam ser compreensivas, mas não conseguem entender. Corro para fugir dos olhares preocupados das pessoas que me amam, pessoas que estão com medo de mim e estranhos que estão se perguntando qual é o meu problema. Espero em vão que eles pensem que estou bêbada, mas sei que eles sabem. Cada olhar arregalado meu grita: “DOENÇA MENTAL”.

Mais tarde, alguém vai me encontrar do lado de fora do restaurante, encolhida num canto e vai pousar a mão fria nas minhas costas febris, tentando me consolar. Perguntam se estou bem e, se conhecem minha história, perguntam com mais ternura. Eu aceno e tento sorrir com pesar, revirando os olhos para zombar de mim mesma de modo a não ter de dizer nada. Eles supõem que é porque estou envergonhada, e deixo pensarem isso, pois é mais fácil e também porque de fato *estou* envergonhada. Mas não é por isso que não digo nada. Fico com a boca bem fechada porque não sei se conseguiria segurar um grito se a abrisse. Minhas mãos estão doloridas de tanto apertar meus punhos sem nem perceber. Aos berros, meu corpo está pedindo para fugir. Cada nervo está vivo e pegando fogo. Quando sou capaz de pegar meus remédios a tempo, consigo evitar as piores partes... o tremor involuntário, a sensação de ter levado um choque com uma corrente elétrica, a terrível consciência de que o mundo está para acabar e ninguém além de mim está sabendo. Se eu não conseguir pegar os remédios a tempo, eles não fazem efeito algum e fico um trapo humano por vários dias seguidos.

Conheço outras pessoas que são como eu. Tomam os mesmos remédios que eu. Experimentam todas as terapias. São brilhantes, incríveis e para sempre afetadas. Tenho sorte, pois, apesar de ele não conseguir entender, Victor *se esforça*, me dizendo: “Relaxa. Não há absolutamente nenhum motivo para entrar em pânico”. Eu dou um sorriso agradecido e finjo que isso era tudo o que eu precisava escutar e que é só uma fase boba que vai passar algum dia. Eu *sei* que não tem motivo para entrar em pânico. E é exatamente por isso que é tão ruim.

Estes são os dias dolorosos que, acredito, distorcem a visão do Victor sobre exatamente quão mal interajo com as pessoas. Estes são os dias quando tenho certeza de que ele acha que um pouco de constrangimento social provocado pela ansiedade não é nada quando comparado com um ataque em escala total. Então tenho de mostrar que ele está enganado.

A título de exemplo: neste fim de semana Victor me levou a uma festa de Dia das Bruxas dos seus colegas de trabalho. Eu o avisei de antemão que ele estava cometendo um engano terrível, pois ele havia visto ao longo dos anos alguns exemplos de como eu estragava as festas. Mas ele deu um tapinha consolador na minha perna e me garantiu que eu ficaria bem. Foi exatamente do mesmo jeito que ele acariciou nosso gato para tranquilizá-lo antes de ser sacrificado. Não foi *nada* tranquilizador.

A viagem até a festa foi longa, o que era desvantagem para mim, pois os calmantes que havia tomado já estavam perdendo o efeito e isso me dava mais tempo para me preocupar com a fantasia que havíamos escolhido. Estávamos vestidos como Craig e Arianna, os líderes de torcida espartanos do programa *Saturday Night Live*. Quando comprei as fantasias, achei que fosse uma referência bem icônica da cultura *pop*, mas quando a babá da Hailey chegou ela *não tinha a mínima ideia de quem éramos*.



Victor e eu vestidos de Craig e Arianna. Tem alguém que não está nem se esforçando.

“Sabe? *Os Espartanos? De Saturday Night Live?*”, perguntei, tentando evitar que a histeria tomasse conta da minha voz, enquanto Victor (que para início de conversa nunca quis ser um líder de torcida homem e que ainda não havia me perdoado por ter escolhido essas fantasias) só me lançou um olhar furioso. A babá ficou me encarando com uma expressão confusa. “VAMOS LÁ, VOCÊ CONHECE ISSO!” Posso ter gritado um pouco, e Victor me puxou pelo braço para irmos embora, pois foi assim que perdemos a primeira babá. Então suspirei profundamente para me acalmar e disse: “Não foi há *tanto* tempo atrás assim, Dani. *Lembra?* Foi nos anos 1990!”, e ela respondeu: “A-a-ah. Eu *nasci* nos anos 90”. E aí lhe dei um chute no estômago. Só que na minha cabeça, pois foi mais ou menos assim que perdemos a segunda babá.

Mesmo assim, a ignorância atrevida de Dani sobre a *merda que passava na TV antes de ela nascer* ainda estava fresca na minha mente à caminho da festa. Tentei esvaziar minha cabeça, lembrando para não mostrar minha vagina às pessoas acidentalmente. Esta não costuma ser uma preocupação minha, mas a saia de líder de torcida era feita com um tecido de poliéster grudento que ficava subindo na minha calcinha toda vez que eu me mexia, então, em vez de puxar a saia para baixo continuamente a noite toda, decidi ser mais inteligente e simplesmente ir sem calcinha. Contudo, ainda estava um pouco nervosa sobre essa decisão quando chegamos à casa do chefe do Victor. Enquanto andávamos pela longa entrada da garagem na direção da grande casa, cochichei rapidamente para o Victor, “A propósito, *não estou usando calcinha*”. Ele parou imediatamente e franziu o cenho com um pânico indisfarçável.

“Não estou tentando seduzir você”, lhe assegurei. “Só estou lhe contando para que você esteja, sabe, *ciente*.”

“Ciente do *quê?*”

“Você sabe”, expliquei, “caso você decida que precisamos fazer umas coreografias de líder de torcida bem movimentadas, você estará ciente de que é preciso tomar cuidado em volta da velha vagina.”

Victor fez uma pausa na porta e ficou me encarando, ligeiramente boquiaberto. Uma pequena camada

de suor começou a se formar na sua testa. “Nós NÃO vamos fazer coreografia alguma. Nem queria *vestir* essa fantasia maldita, pelo amor de Deus, e *POR QUE DIABOS NÃO ESTÁ USANDO CALCINHA?!*” Aí eu disse para ele ficar quieto ou o chefe dele iria escutar e foi então que Victor começou a tremer um pouquinho. Isto me preocupou, pois somente um de nós podia ter uma ataque de pânico por vez, e essa já era minha vez. Internamente me perguntei se deveria explicar *por que* não estava usando calcinha, mas àquela altura ele parecia tão irracional que nem achava que conseguiria fazer com que ele entendesse a ciência das marcas de calcinha. Em seguida, olhei pela porta de vidro chanfrado da casa do chefe do Victor e vi quatro pessoas sentadas no sofá, assistindo à televisão.

E exatamente nenhuma delas estava de fantasia.

Pensei em fugir, porque forçar seu marido a vestir uma fantasia de líder de torcida para o Dia das Bruxas já é base para o divórcio, mas vesti-lo de líder de torcida masculino para a festa do chefe dele quando os outros estão de calça cáqui é o suficiente para acabar sendo esfaqueada. Aí percebi que, se eu voltasse correndo para o carro agora, Victor provavelmente iria perceber que ninguém lá dentro estava fantasiado e iria me seguir em silêncio até o carro e me esfaquear em particular, e a última coisa que eu queria era ser esfaqueada. Logo decidi que talvez fosse mais seguro ter testemunhas, então toquei a campainha antes que Victor pudesse se dar conta da gravidade da situação. Ele virou o rosto (ainda boquiaberto) para a porta e foi então que percebeu que ninguém dentro da casa estava fantasiado.

“Que. *Porra. É. Essa?*” foi tudo o que ele conseguiu dizer antes de um homem com uns 50 anos abrir a porta. O homem nos olhou estranhamente, o que eu considerarei falta de educação para um anfitrião e achei melhor acabar logo com aquilo, deixando escapar: “*Sabe... Os Espartanos? De Saturday Night Live?*” Ele continuou a nos encarar, sua testa franzida como se ainda estivesse tentando nos reconhecer e eu disse: “Ah. Deixe para lá. A babá tampouco entendeu”.

Victor pigarreou e me deu o olhar de “*Por favor, cale a boca*”, enquanto o homem na porta disse: “Desculpe. Posso *ajudar* vocês?”. Aí Victor explicou que estávamos ali para a festa e que *aparentemente* tínhamos nos enganado ao lermos o convite (*insira um olhar furioso desnecessário aqui*), pois tínhamos pensado que era uma festa a fantasia e foi então que o cara nos interrompeu e disse: “*Não tem nenhuma festa aqui*”. Eu supus que ele estava apenas tentando se livrar de nós, mas Victor mostrou o convite e o homem prestativamente nos disse que estávamos na Rua Cleveland Norte e precisávamos ir para a Rua Cleveland Sul. Ele me pareceu bastante aliviado de ter esclarecido a confusão até que eu de repente deixei escapar: “Ah, *graças a Deus!*”. Aí ele me olhou de forma estranha outra vez. Provavelmente porque ele é um ateu que não entende como estava grata a Deus porque não seria esfaqueada por ter forçado meu marido a vestir uma roupa de líder de torcida em um evento de negócios informal. Os ateus nunca entendem esse tipo de coisa.

Alguns minutos depois, Victor e eu chegamos ao endereço correto e encontramos uma casa coberta de decorações de Dia das Bruxas e várias pessoas fantasiadas perambulando do lado de fora. Disse uma prece em voz baixa, só que acho que nem foi baixo o suficiente, pois Victor me deu um olhar de desprezo e me perguntou se eu poderia por favor me comportar bem aquela noite. Ele me deu uma lista de assuntos sobre os quais *não* falar quando na companhia de diversos outros. “Divórcio, morte, política, heroína, sexo, câncer e engolir agulhas”, ele disse monotonamente. “Todos esses são assuntos sobre os quais *não* conversar.”

“Entendi”, eu o tranquilizei.

Ele me olhou dubiamente. “Além disso, essas pessoas são republicanas conservadoras, então, *por favor*, não fale sobre o quanto você adora o Obama. Tenho de trabalhar com essas pessoas. E nada sobre vaginas ou necrofilia” – ele havia presenciado essa ocasião – “nem ninjas nem como seu tataravô tio assassinou sua tataravó com um martelo”. Tentei dizer que sim com a cabeça, mas todas essas coisas que ele havia acabado de mencionar ficaram presas ali na minha cabeça e eu me esforcei em vão para tentar pensar em outra coisa que não fossem os assuntos proibidos. Não consegui pensar em nada.

Por sorte, a festa estava bastante barulhenta e, sendo o Texas, a maioria dos hóspedes já estava bêbada e loquaz, então consegui apenas sorrir distraidamente e concordar com o que fosse que os outros estivessem dizendo. Victor e eu nos acomodamos na periferia de um grande grupo de colegas de trabalho dele. Para falar a verdade, teria sido difícil conseguir participar da conversa dominada por um homem vestido de John McCain (sem brincadeira), que se lançou a atacar o Obama, dizendo que ele ia roubar as armas de todos nós (“*Onde que ele as guardaria?*”, me perguntei), e pude ver o pânico nos olhos do Victor ao ficar tenso e me implorar silenciosamente para ficar quieta. Mordi a língua e forcei um sorriso. Pude ver o alívio no rosto do Victor ao dar um suspiro profundo e eu sorri e revirei os olhos da dúvida dele. Mas o McCain fantasiado deve ter percebido nossa troca de olhares, pois ele deu uma risadinha e ergueu uma sobrancelha desconfiado e perguntou: “O que é isso? Temos uma liberal humanitária entre nós?”. E foi então que tudo ficou embaçado, porque me avisaram *explicitamente* para não falar de política. Congelei de pânico e vasculhei minha mente por qualquer resposta adequada que mudaria o assunto. Em seguida, depois de um momento de silêncio doloroso que pareceu calar todos a nosso redor, soltei o que provavelmente foi a sentença mais improvável de ser pronunciada num jantar:

“*Já fui esfaqueada no rosto por um serial killer.*”

O que foi ainda *mais* constrangedor foi o fato de que havia conseguido dizer o *non sequitur* desconcertante de modo completamente sério e espontâneo. Como se as pessoas fossem esfaqueadas no rosto o tempo todo. E sabe mais o quê? *Não tenho nem uma maldita ideia de por que disse isso.* Então Victor olhou para mim como se estivesse tendo um derrame e começou a mudar de cor, e se forçou a dizer entredentes, “Ha, ha, querida! Que *diabos* isso tem a ver com alguma coisa?”. Entendi que ele estava me dando uma saída, ou talvez só estivesse tentando se distanciar de mim. Talvez eu devesse ter culpado a bebida, mas em vez disso eu pensei que podia remediar a situação explicando que o não McCain havia mencionado armas, o que me fez lembrar facas, e foi *por isso* que me lembrei da vez em que um *serial killer* me esfaqueou no rosto com uma faca. No entanto, a situação se tornou ainda mais constrangedora quando explanei tudo isso e as pessoas começaram a ficar sem graça e a dar risos nervosos. Em seguida, Victor começou a me olhar, furioso, e fiquei enrolada tentando me defender, pois **SÓ ESTAVA TENTANDO AJUDAR.** Se era para alguém ficar com raiva, Victor deveria ficar com raiva do McCain, pois foi tudo culpa *dele*, praticamente. O cara na fantasia, quer dizer, não o ex-candidato à presidência. Ele nem estava lá. Nem sei por que tive de esclarecer isso.

Victor começou a pigarrear e tentou mudar o assunto, mas, sinceramente, não há como encerrar uma história em aberto sobre assassinos em série, e as pessoas começam a pressionar você e então percebem a cicatriz desbotada que atravessa seu rosto e aí você *tem de* contar *mesmo* a história do *serial killer*. Na verdade, agora mesmo você está pensando: “Ela realmente foi esfaqueada no rosto por um *serial killer*?”. Nem tente negar, pois você acabou de ler sobre o assunto, então você *tem de* estar pensando nele. É assim que funcionam os livros. Sabe o que mais? *Velociraptors.* A-ha! Acabei de fazer você pensar em velociraptors. *Legal.* Deve ser por isso que Stephen King escreve tantos livros. Tenho controle *total* da sua mente agora.

Mas a resposta para sua pergunta é: “Sim. *Sim,* realmente fui esfaqueada no rosto por um *serial killer.* *Mais ou menos*”. Foi exatamente isso que eu disse às pessoas na festa, e então Victor quase se divorciou de mim. O mais trágico mesmo neste caso é que, *tecnicamente,* foi meio que culpa dele, porque a essa altura eu estava pronta para dizer a todo mundo que eu estava bêbada e me esconder no banheiro, mas Victor decidiu me antecipar e dizer ele mesmo que eu estava bêbada. Isso me deixou irritada demais para me preocupar com o que estava dizendo na frente de estranhos, pois ele *obviamente* não estava levando minha história de ter sido esfaqueada no rosto a sério. Victor destacou que isso se devia ao fato de que não era inteiramente verdade que eu havia sido esfaqueada por um *serial killer* e ele tinha razão, mas àquela altura todo mundo estava um pouco fascinado e intrigado. Além disso, nenhum deles havia presenciado como minhas conversas em festas de jantar podiam ser terríveis, então, em vez de

concordarem com a sugestão do Victor de que eu fosse me deitar, exigiram que eu contasse a história. Essas pessoas estavam ferradas.

Percebi quase de imediato que isso era um erro, mas pensava que ainda daria para remediar a situação, então inspirei fundo e expliquei que eu havia adormecido enquanto assistia a um documentário sobre assassinos em séries, e que isso deve ter me marcado, pois comecei a ter um sonho no qual estava sendo perseguida pelo maníaco da noite. Ele estava segurando uma faca enorme e *ME ESFAQUEOU BEM NA PORRA DO MEU ROSTO*. A dor no meu rosto ficou cada vez mais quente e aguda e de repente comecei a gritar, e foi então que acordei e percebi que tudo era um sonho.

Até aí, as pessoas costumam rir com educação. Por coincidência, também é por aí que deveria parar de contar a história. Mas, obviamente, *não* paro por aí, pois meu censor interno ainda está com sete segundos de atraso e está tão ocupado surtando sobre o fato de que eu acabei de xingar em voz alta que não consegue me mandar *calar a boca imediatamente*.

Inclinei-me para frente de forma conspiratória, dizendo à plateia aliviada: “Mas eu continuei a escutar gritos e acontece que quem estava gritando era *eu*, POIS EU HAVIA SIDO ESFAQUEADA NO ROSTO DE VERDADE”.

Foi então que todo mundo parou de rir, e Victor parecia estar fisicamente doente. Também foi o momento que entrei em pânico e comecei a falar muito rápido para poder terminar e fugir.

“Então Victor acordou e viu meu rosto coberto de sangue e disse: “QUE PORRA É ESSA?!”, continuei relatando ao grupo de espectadores maravilhados. “Eu respondi: ‘NÃO É QUE É? FUI ESFAQUEADA PELO MANÍACO DA NOITE!’”, e imediatamente Victor ficou de pé e desembainhou a espada e correu pelo corredor brandindo-a atrás do maníaco da noite, o que foi estranho, porque o documentário disse que ele ainda estava preso, mas acho que quando você acorda e sua mulher foi esfaqueada não pensa com muita clareza e, pessoalmente, eu estava impressionada com a rapidez com que ele desembainhou a espada para correr pelo corredor atrás de um *serial killer* perigo...”

Victor me interrompeu: “Por favor, *pelo amor de deus, pare de falar*”.

Eu o olhei com curiosidade e me perguntei qual parte da história o havia chocado mais e logo esclareci, “*Ah!* Quando eu disse que ele ‘desembainhou a espada’, não estava me referindo ao seu pênis, pessoal. Estava me referindo à espada de samurai que guardamos ao lado da cama. Victor não estava correndo pelo corredor sacudindo o pinto para o assassino. *Quer dizer, isso seria ridículo*”. Eu ri. Ninguém mais riu.

“*Enfiiiiim*”, continuei, “Victor vasculhou a casa, mas não havia ninguém além de nós, e as portas ainda estavam todas trancadas. Victor tentou me convencer de que eu devia ter me arranhado sem querer, mas eu tinha minhas dúvidas. No dia seguinte, no trabalho, meus colegas presumiram que Victor estava me batendo, então expliquei sobre os sonhos do *serial killer* e é claro que *ninguém acreditou em mim*, o que é bem ofensivo na verdade, pois posso garantir que, se meu marido *tivesse* de fato me esfaqueado no rosto, eu teria mais juízo para inventar uma história melhor do que um *serial killer* ter me atacado no meu sonho.”

À essa altura, queria muitíssimo parar de falar, mas não conseguia porque estava assustada demais, pois tudo ia de mal a pior, e me desesperava para encontrar um fim, mas estava tão em pânico que não conseguia fazê-lo direito. Desejei vagamente que Victor ateasse fogo à casa para distrair todo mundo, mas ele não o fez, pois Victor é um inútil.

Eu continuei. “Claro, agora eu estava morrendo de medo de que talvez tudo que me acontecesse nos sonhos iria acontecer na vida real, então talvez eu acordasse em um vestido feito de pickles no meu colégio. Ou com os braços feitos de maria-mole, ou sem uma perna. Aí, quase uma semana depois, Victor e eu estávamos deitados na cama quando de repente veio um barulho de arranhado da janela acima da cabeceira, um barulho que parecia uma faca sendo deliberadamente arrastada pela parede. Eu fiquei paralisada de medo, mas lentamente virei o rosto na direção da janela, e vi *A BUNDA GIGANTE DO*

MEU GATO. Acontece que nosso gato bundudo, Posey, estava tentando se equilibrar no peitoril estreitíssimo da janela, mas ele não cabia, então uma de suas patas traseiras estava arranhando desesperadamente a parede enquanto ele lentamente perdia o chão, e foi então que entendi o que havia acontecido. Meu gato gordo e enorme tinha caído no meu rosto e me arranhado com seus talões felinos enormes enquanto eu estava sonhando com assassinos em série. E é *por isso* que, dez anos depois, ainda tenho essa cicatriz.”

Todo mundo me olhou com espanto e Victor me levou embora, jurando nunca mais me levar a outro jantar. Era difícil discutir com ele, mas destaquei que essa festa havia sido uma espécie de vitória, pois ninguém havia visto minha vagina. Victor disse que temos definições bem diferentes do que seja uma “vitória”. Então ele me disse que histórias sobre assassinos em série que na verdade são gatos agora estavam no topo da lista das “merdas-sobre-as-quais-não-posso-conversar”, e fiquei um pouco indignada, porque, tecnicamente, ele estava *me devendo*, pois ele ficou parecendo um maldito herói americano nessa história de *serial killer* por ter saído correndo pela casa para matar um assassino que na verdade era um gato. Ele destacou que gatos não são assassinos em série e eu respondi que, tecnicamente, gatos são *mais* perigosos do que assassinos em série, pois são fofos demais para serem suspeitos. Também assinalei que se Posey tivesse caído alguns centímetros mais para baixo ele poderia ter cortado minha jugular. Resumindo, Posey é um assassino silencioso. Assim como o colesterol.

Tentei acalmar Victor explicando que, quando chegássemos em casa, eu poderia remediar a situação mandando um *e-mail* engraçadinho para seus colegas que não tivesse nada a ver com ter sido esfaqueada no rosto.

“E depois?”

“E *aí*”, expliquei, “vai ficar tudo bem, porque vou ser tão simpática que vão me perdoar. Além do mais, a maior parte das pessoas que estava lá me parecia bêbada e não vai jamais acreditar, ao acordar de manhã, que alguém *de fato* contou essa história terrível.” Mas Victor salientou que, mesmo que eu *conseguisse* convencê-lo da minha normalidade por meio de um *e-mail*, no final acabaria fazendo isso de novo, e ele tinha razão. É por isso que, no próximo jantar, simplesmente vou fingir que estou com laringite e insistir que todo mundo leve seus celulares para que eu possa me comunicar por SMS. Só que contra minha vontade admiti que Victor tinha razão, pois era provável que eu entrasse em pânico e dissesse à primeira pessoa que eu encontrasse que não consigo falar porque um leopardo comera minha laringe. Em seguida, usaria o celular para mostrar como a laringe humana ampliada parece uma vagina. Victor me olhou, derrotado, e eu tirei meu celular para encontrar vídeos de laringe a fim de mostrar como eu tinha razão. Ele suspirou profundamente e mandou que eu parasse de falar com ele. O que era de se esperar, eu acho.

Amanhã vou pedir desculpas a ele.

Por *e-mail*.

É SÓ UMA PARTE DE MIM, NÃO TUDO O QUE EU SOU.



Eu, escondida no banheiro.

Obrigada pelos zumbis, Jesus

Uma conversa com Victor no carro:

EU: Meu Deus, você viu o nome daquele cemitério pelo qual acabamos de passar? “*Cemitério da Ressurreição*.” Que nome horrível para um cemitério.

VICTOR: É porque eles acreditam na ressurreição dos crentes, sua idiota.

EU: *Mesmo assim*. Algumas coisas não deveriam ser ressuscitadas. Era só o que me faltava, um monte de zumbis malditos vagando pela Terra.

VICTOR: Isso não é “ressurreição”. Isso é “*reanimação*”.

EU: Mesma coisa. Apesar de que “*Cemitério da Reanimação*” seria bem mais assustador.

VICTOR: Não é a mesma coisa. Zumbis são reanimados, mas não têm a mesma capacidade mental de antes, então não é uma ressurreição. *Tecnicamente*, isso se chama “zumbificação”.

EU: Bem, se você quer mesmo ser *técnico*, e os vampiros?

VICTOR: Hum... *passam bem?*

EU: O que quero dizer é que os vampiros mantêm sua “capacidade mental de antes”, portanto, de acordo com a sua lógica, eles foram “ressuscitados”. Seria melhor chamar o cemitério de “*Jesus-vai-lhe-trazer-vampiros*”.

VICTOR: Não. Isso não é a mesma coisa, pois quando se ressuscita pessoas da cova elas não são mortos-vivos.

EU: Não. É CLARO que elas são mortos-vivos. Essa é a *definição* em pessoa de morto-vivo.

VICTOR: Não. Um vampiro é morto-vivo. Os ressuscitados não são mortos-vivos.

EU: Acho que você não sabe o que “morto-vivo” quer dizer.

VICTOR: ACHO QUE VOCÊ NÃO SABE O QUE “MORTO-VIVO” QUER DIZER!

EU: Meu Deus do céu, *calma, Darwin*. Não precisa pirar só porque eu usei os vampiros para mostrar a falha na sua lógica de Jesus e os zumbis.

VICTOR: [suspiro] Olha, existe um monte de exceções que você não está levando em consideração.

Você pode reanimar alguém sem que sejam “zumbis” de verdade. Por exemplo, você pode trazê-los de volta para realizarem alguma tarefa.

EU: Certo. E isso se chama “zumbi”.

VICTOR: *Não*, porque ele não teria vontade de comer cérebros. Só teria uma tarefa para cumprir. *Olhe no dicionário.*

EU: Ah, vou pesquisar *mesmo*. Vou olhar no *Dicionário de Merda que não Existe*.

VICTOR: [me olhando fixamente]

***** Cinco minutos de silêncio furioso *****

EU: Então, estava conversando com a moça da doação de órgãos no trabalho e ela me contou o jeito secreto de você não poder *não* doar os meus órgãos.

VICTOR: Porra, sabe de uma coisa? *Desafio* você a ser menos razoável.

EU: Bem, eu sei que você é contra a doação de órgãos, então eu lhe disse que tinha medo de que você não fosse deixar o médico pegar meus órgãos se eu morresse primeiro, mas ela disse que, se eu listar minha mãe como minha familiar na minha carteirinha de doadora de órgãos, nem vão pedir sua permissão.

VICTOR: Se você quiser jogar fora todos os seus órgãos, não vou impedi-la. Só não venha reclamar quando eu encontrar você no além com um “*Ai, meu Deus, acabei de mijar em mim mesma porque minha bexiga está com outra pessoa*”.

EU: *Tudo bem*. E se você morrer primeiro eu vou doar *todos* os seus órgãos.

VICTOR: *Até parece*. Posso precisar deles.

EU: Por que você precisaria deles? **VOCÊ VAI ESTAR MORTO.**

VICTOR: E se eu virar um zumbi? Hein, espertinha? Eu seria um zumbi de merda se tirassem meus olhos. Eu morderia postes e gatos e outras porcarias.

EU: Então você está decidindo não salvar a vida de alguém por causa de uma possibilidade remota de que *talvez* seja inconveniente para você *virar um zumbi menos eficiente*?

VICTOR: Quando você fala assim parece idiota.

EU: Certo. Vou doar apenas as partes dos quais um zumbi não precisa. Como a pele. Ou o tecido cerebral.

VICTOR: Os zumbis precisam do cérebro.

EU: Não, os zumbis *comem* os cérebros. E aí essas vítimas viram outros zumbis, mesmo que seus cérebros tenham sido comidos por outros zumbis, então obviamente você poderia doar seu cérebro e ainda ser um zumbi funcional.

VICTOR: Ah é, e aí vou ter de passar o resto da eternidade vagando pelo mundo como um idiota inconsciente.

EU: [suspiro]

VICTOR: Cale a boca.

EU: Eu não disse nada.

VICTOR: Se um eu-zumbi descobrir que está com algumas partes faltando, você será a primeira pessoa que vou comer.

EU: E se você morrer num acidente de carro, e a Hailey for gravemente ferida e a única maneira de ela sobreviver for com um de seus rins?

VICTOR: Ela seria uma criança bem esquisita com o rim de um homem gigante dentro dela.

EU: Certo, e se ela tiver 16 anos quando acontecer?

VICTOR: Se ela tiver 16 anos e eu morrer, então ela tem todo o direito às minhas partes. Mas as partes não essenciais... como um braço ou alguns dedos.

EU: Aposto que ela seria uma das garotas mais populares na escola com seu braço peludo de marmanjo.

VICTOR: Aaaaah, e se um menino começar a se engraçar para o lado dela, ela pode dizer: “Não me faça ter de tirar a mão do meu pai!”.

EU: Acho que essa foi a briga mais esquisita que já tivemos.

VICTOR: De. Jeito. Nenhum.

Amizades com garotas

Durante a maior parte de minha vida, vivi com um segredinho terrível: nunca gostei muito de meninas. Sei que se trata de um estereótipo e é hipócrita, pois eu mesma sou mulher, mas, para ser justa, eu provavelmente não escolheria a minha companhia se pudesse escolher.

Sempre foi assim. Sempre fui desajustada e ansiosa demais para fazer amizade com as meninas quando eu era pequena, e nunca aprendi bem como fazê-lo. Eu me consolava pensando no tanto de dinheiro que estava economizando com presentes de Natal para as amigas que nunca fiz e me tranquilizava dizendo que não ter damas de honra nem amigas para fazerem minha festa de despedida de solteira era perfeitamente normal. Toda vez que escuto uma mulher dizer que suas melhores amigas ainda são as meninas do colégio, tento me lembrar de evitá-las, pois sempre acredito que sejam mentirosas compulsivas.

Mesmo como adulta, meus amigos eram quase todos homens e eu via a maioria das meninas como sendo críticas, cruéis, volúveis e com tendência a emprestarem uma boneca emprestada e nunca mais devolverem. Victor constantemente me incentivou a encontrar amigas, mas eu havia me convencido de que garotas são como ursinhos: bonitinhos de se olhar, mas perigosos demais para se almoçar com eles.

Tudo isso mudou quando descobri os blogs e encontrei outras pessoas *online* que eram desajustadas misantrópicas como eu, e me vi toda orgulhosa contando ao Victor sobre meus novos melhores amigos que provavelmente eu nunca fosse conhecer.

“AIMEUDEUS, Raptor99 vai ter outro bebê!”, eu dizia empolgada, e Victor assinalava que ele não fazia ideia de quem fosse essa pessoa. “Você sabe”, expliquei. “Raptor99 é aquela pessoa que sobreviveu ao câncer no ano passado e está pensando em sair do armário? Lembra de como passei tempo no computador mês passado tentando convencer alguém de que precisava buscar ajuda para uma bulimia? *Esse era o Raptor99.*”

“Ah, tá. Raptor99 é homem ou mulher?”, Victor perguntou.

“Na verdade não sei. O *avatar* dele é um golfinho.”

Victor destacou que isso não contava como ser “bom amigo de alguém” se você não sabia se ele era homem, mulher, ou um golfinho. Tive de lhe dar razão e conseqüentemente decidi sair de casa para conhecer e almoçar com uma mãe “blogueira” como eu chamada Laura. Eu havia feito amizade com ela *online* por causa do pavor mútuo de criar uma criança pequena. Foi surpreendentemente maravilhoso, mas também foi uma brecha perigosa que me levou a conhecer mais e mais pessoas. Minha personalidade ansiosa ia de encontro com a ideia de fazer amizades, em especial com mulheres. Laura tentou me convencer de que realmente *existiam* mulheres interessantes e bastante acolhedoras que não iriam tirar sarro do fato de que frequentemente tive de me esconder debaixo de mesas quando estava estressada

demais. Não acreditei nela, mas respirei fundo e decidi confiar, pois seria no mínimo um experimento perfeito para provar minha teoria de que a maioria das mulheres adultas é tão perigosa quanto as meninas no parquinho que não deixam você brincar de espirobol com elas porque você não tem a calcinha da Mulher Maravilha.

Ao longo dos dois anos seguintes, fiz amizades hesitantes com as blogueiras às quais Laura me introduzia e acabei sendo convidada a fazer um retiro com um pequeno grupo de mulheres blogueiras na região dos vinhos da Califórnia. Parte do retiro consistia de degustação de vinho e ioga em grupo, e eu não poderia estar menos empolgada, porém Laura era uma das anfitriãs e me disse que eu estava sendo ridícula. “Além do mais”, ela lembrou, “você *me disse* que uma de suas metas este ano era fazer amizades com mulheres.” Ela estava certa, mas ao mesmo tempo ela me fez lembrar por que as mulheres são simultaneamente ótimas e péssimas amigas. Elas escutam suas metas de verdade, mesmo quando você está bêbada demais para saber do que está falando. Eu *havia mesmo* dito que sentia necessidade de ter amigas mulheres, mas o que eu queria mesmo eram garotas com o pé no chão que bebiam vinho barato sem ironias e que responderiam a um convite de “Vamos degustar vinho e ir a um *spa*” com o mesmo tipo de reação aterrorizada, como se alguém houvesse dito “Vamos nos juntar ao circo e aí tacar fogo nele”.

Laura ficou me encarando enquanto eu tentava elaborar uma desculpa. “É verdade. Eu *disse* que queria amigas”, capitulei hesitante, “mas não podíamos começar com algo menor e menos apavorante? Talvez pudéssemos passar um fim de semana na cracolândia? Já ouvi dizer que essas pessoas são bem acolhedoras e se você disser algo ofensivo sem querer é só botar a culpa nas alucinações delas.”

“*Tentador...*”, Laura respondeu, “mas vamos tentar isto primeiro. Podemos passar pela cracolândia depois.”

A excursão de quatro dias tinha como líder uma blogueira chamada Maggie que eu conhecia por alto e que recentemente havia conseguido que uma corporação gigante patrocinasse sua lista de “coisas para fazer antes de morrer”. Ela já tinha ido para a Grécia, tinha tido uma grande guerra de comida em público e nadou em Puerto Rico, tudo pago pelo patrocinador e talvez vendendo a alma. O próximo item na lista era organizar um pequeno retiro de mulheres, então ela tinha decidido receber *A Cúpula das Minas*, assim nomeado por sermos um monte de minas. Suponho que o nome *A Convenção das Vaginas* já estava tomado.

As mulheres já me assustam o bastante, mas lidar com blogueiras consegue ser ainda mais assustador. A maioria das pessoas que tem blogs é emocionalmente desequilibrada e costuma ficar sem jeito em situações sociais. Este é o motivo inicial que levou a maioria de nós a começar a escrever blogs. Além disso, elas sempre estão procurando algo sobre o qual escrever, então, se você fizer besteira na frente delas, vai acabar no blog, no Facebook e será retuitado até a morte. Seria como se a Lindsey Lohan passasse um fim de semana com a *TMZ* e a *National Enquirer*, e suspeito que um dia estará escrito assim na minha lápide: JENNY LAWSON: CITADA INCORRETAMENTE.

Para a maioria das pessoas, a região dos vinhos é maravilhosa, mas não é o tipo de coisa de que gosto. Degustações de vinho, massagens, limpezas de pele, festa do pijama num pequeno hotel – tudo isso me parecia algo que seria divertido para pessoas ricas, o que eu não era, e que de fato tinham pijamas. Eu estava tentando pensar em desculpas para não ter de ir à festa quando chegou o meu convite: era uma caixinha de vinho com uma garrafa de bebida e um canudo maluco. Victor o viu e me encorajou a participar e fazer novas amizades. E eu respondi “sim” ao RSVP, pois o convite me embebedou e passei toda a semana seguinte me arrependendo dessa decisão.

Uma conversa com minha irmã três dias antes do evento:

EU: Vou para uma festa em Napa Valley e estou apavorada. Lá nesse retiro todas devem ser modernas e andar na moda. Muitas delas são *designers* e eu não tenho nada de marca para vestir.

MINHA IRMÃ: É só fingir que você é boêmia, e elas vão achar você vanguardista.

EU: Bem, até que eu tenho uma bolsa chique, mas nunca a usei. Um *sex shop* me mandou um consolo gigante de metal dentro de uma bolsa da Kate Spade esperando que eu escrevesse sobre isso no blog.

MINHA IRMÃ: O fato de você ter uma bolsa da Kate Spade é mais estranho até do que alguém ter lhe enviado um consolo dentro dele.

EU: Eu sei. É por isso que ela continua na caixa, junto com o consolo. Mas vou levar a bolsa comigo e usá-la como escudo para que as pessoas achem que faço parte do grupo. Vou usá-la como se usa um crucifixo contra o Drácula.

MINHA IRMÃ: O consolo?

EU: A bolsa.

MINHA IRMÃ: Ah. Não conte essa história a ninguém lá.

EU: É provável que seja a primeira coisa que vou dizer. No último *e-mail* que recebi sobre o encontro, elas sugeriram várias trocas de sapato durante *um dia*. Eu só tenho um par de sapatos bons e são rasteirinhas.

MINHA IRMÃ: Bem, você tem artrite, então tem uma boa desculpa.

EU: Sim, mas sinto que preciso colocar isso numa camiseta: “Por favor, não julgue minhas rasteirinhas. Tenho uma deficiência”. Não vou ter outro sapato para calçar quando todo mundo for trocar de sapato. Mas tenho meias. Posso mudar de meia.

MINHA IRMÃ: Ai, ai, você está completamente ferrada.

Dois dias antes do evento:

EU: Certo, acabei de ver a lista de convidados e estou *completamente apavorada com essa festa*. É como se todo mundo fosse parte da equipe de líder de torcida e eu sou aquela garota esquisita do fundão, de aparelho nos dentes e que comeu cola demais.

LAURA: Você precisa parar de surtar por causa disso. Vai ser superdescontraído e informal. Você precisa relaxar e se divertir. É só levar umas calças *jeans* e algumas camisetas e está tudo certo.

EU: Não tenho calças *jeans*.

LAURA: *Que mentirosa!*

EU: Você me conhece faz quantos anos? *Alguma vez você me viu de jeans?*

LAURA: *Nossa*. Não. Acho que tem algo errado com você.

EU: *É exatamente isso que estou tentando lhe dizer.*

Um dia antes do evento:

Karen (uma blogueira meiga e maravilhosa a quem Laura me apresentou) descobriu que eu não tinha calças *jeans* e decidiu fazer uma intervenção de compras.

KAREN: Não consigo acreditar que você não tem *jeans*. Calças *jeans* são incríveis e

superconfortáveis. É como ficar de calcinha. É como ficar andando por aí de calcinha.

EU (de dentro do provador): Não. *Vestidos* são como ficar só de calcinha, pois adivinha o que tem debaixo do vestido? Só uma calcinha. E às vezes? *Nem isso*.

Saio de dentro do provador.

KAREN: Ó! *Viu?* Esses *jeans* ficaram lindos. Você tem de comprá-los.

EU: Hum. Não. Meus joelhos ficaram gordos nessa calça.

KAREN: Hã... *o quê?*

EU: *Você* não entenderia, pois sempre foi magra, mas, quando se é gorda, os joelhos se cansam de carregar todo o peso, então quando *você* trava os joelhos e eles dobram para trás. É por isso que sempre me concentro muito em manter meus joelhos ligeiramente dobrados, para que eu não tenha joelhos gordos.

KAREN: Eu amo *você*, mas não consigo nem lhe dizer como *você* está agindo feito louca. Tipo, a maior parte do tempo *você* está normal, mas agora? *Completamente insana*.

EU: Acho que *você* não estava prestando atenção nas outras vezes.

O primeiro dia da festa, no avião:

Sabe quando o piloto faz um anúncio pelo interfone dizendo: “Vamos decolar em breve, mas vamos ficar sem ar condicionado por alguns minutos porque estamos sem energia auxiliar, e estamos com um problema em um dos motores, então teremos de ir para a pista de decolagem antes de poder iniciá-lo”? É quando talvez se devesse simplesmente sair do avião. Mas eu não podia, porque estava apavorada demais. Em vez disso, perguntei para o cara do meu lado se ele achava que era algum tipo de piada. Ele respondeu que não e me disse que não devia me preocupar. “É”, falei, minha voz se tornando estridente de medo, “mas ele acabou de dizer que não temos os dois motores funcionando. *Tenho quase certeza de que dois motores sejam preferíveis.*”

Ele fez um carinho paternalista na minha mão e me disse que eu ia ficar bem. Eu achei que ele estava dando em cima de mim, então afirmei, “Sou casada”. Então ele olhou para mim de maneira estranha e disse, “Parabéns?”. Talvez ele não estivesse dando em cima de mim. Acho mais provável que ele estivesse tentando me fazer calar a boca. Aí a comissária de bordo começou a fazer o anúncio, mas, em vez de dizer, “Pedimos que desliguem neste momento todos os aparelhos eletrônicos”, ela disse, “Se *você* estiver falando no celular, diga adeus”. E eu perguntei: “*Por que ela disse ‘adeus’ com esse ar de finalidade?*”. O cara sentado ao meu lado não respondeu. Provavelmente porque ele sabia que não sairíamos vivos dali.

Por incrível que pareça, aterrissamos. Era para eu me encontrar com outra blogueira na retirada de bagagem para podermos compartilhar o táxi, mas sou terrível com rostos e de repente me dei conta de que se ela não estivesse usando o casaco da sua foto no blog eu estava encrocada. Em vez disso, liguei para ela e disse para ela vir me encontrar. “*Você* vai saber que sou eu pelo chapéu preto”, eu disse.

“*Eu sei como *você* é, Jenny.*” Ela riu amavelmente. “Não preciso de um chapéu para reconhecer *você*.”

Merda. Agora fiquei me perguntando se já havíamos nos encontrado antes. Quais histórias já contei para ela? Já a ofendi antes? Pânico. Além disso, ela falou como quem diz, “Derr. *Claro* que vamos nos reconhecer”, então passei a encarar todas as mulheres no aeroporto com um sorriso e uma expressão falsa de familiaridade até elas olharem para o outro lado constrangidas. É assim que *você* sabe que não estão procurando uma estranha de chapéu. Acontece, no entanto, que a Susan *estava* mesmo usando o

casaco da sua foto de perfil, mas eu havia passado diretamente por ela achando que era óbvio demais. Ela exclamou: “JENNY! *Aonde você vai?*”. Não passara na primeira prova e nem era pegadinha.

O *hotel* era pequeno, pitoresco e simples, e quando entramos pela primeira vez fomos recepcionadas pelo cachorro do dono que aparecia na propaganda pegando o *frisbee* do hotel. O logo estava perfeitamente alinhado e todo mundo falou: “*Ai, meu Deus, que coisa mais fofa!*”, mas eu só conseguia pensar: “Eles grampearam esse *frisbee* na língua dele para que ficasse assim”. Porque é assim que minha mente funciona. Considerei grudar um dos adesivos do meu blog no *frisbee* quando os donos não estivessem olhando, mas essas coisas não saem com facilidade e os donos fariam: “MERDA. Agora vamos ter de grampear outro *frisbee* na boca do cachorro”. Isso não vale a publicidade. Especialmente porque é um hotel minúsculo e poucas pessoas iriam ver o adesivo. E também porque grampear propagandas na boca de cães não se faz.

Estava vestindo os jeans que a Karen havia me convencido a comprar e um chapéu preto dos anos 1930 que eu esperava gritasse, “Sou uma consumidora boêmia *vintage*”. Então percebi que havia uma etiqueta de preço laranja da loja presa no lado de trás do chapéu que dizia “Agora por \$ 7,48”. Maravilha. Além disso, eu estava muito ciente de como meus joelhos ficavam gordos nessa calça. Precisava me deitar.

Passei a hora seguinte conhecendo garotas que pareciam ser bem amistosas e simpáticas e imediatamente esqueci todos os nomes e histórias pessoais, porque estava ocupada demais me policiando para não dizer nada ofensivo. Então vi a Evany Thomas, e fiquei parecendo uma fã maluca e apaixonada, pois adoro os textos dela. Cheguei a me escutar dizendo que tinha um figurino dela de papel na minha escrivania. De repente percebi que havia acabado de entrar no território de “Quero usar sua pele como casaco”, mas ela reagiu de forma graciosa, pois é tão esquisita quanto eu. Essa é a vantagem de se andar com blogueiros. A maioria é meio perturbada que nem você.

No jantar, comemos um caminhão de tacos. Estava delicioso e eu me virei para a garota ao meu lado e me apresentei. Ela disse seu nome, mas não me parecia familiar, porque tudo que eu havia memorizado era o nome dos blogs das pessoas.

EU: Ah! Eu conheço você! Você tem aquele blog ótimo sobre *design*.

ELA: Não, essa é a outra mulher asiática que está aqui. Eu escrevo um blog sobre moda.

EU: Puta merda. Não acredito que acabei de fazer isso. Sou uma baita racista.

ELA: Tranquilo. E você faz o quê?

EU: Escrevo um blog sobre como consigo me envergonhar em público. Isto vai para lá.

ELA: Imagino.

EU: Eu colocaria todo este episódio no Facebook agora mesmo, mas não tenho sinal aqui. Além do mais, minhas roupas são todas da *Target* e sei que meus joelhos ficam gordos nesses *jeans*. Sinto que preciso admitir isso logo de cara. Desculpe; não consigo perceber. Você está me julgando?

ELA: Bem, não suas roupas.

EU: Gostei de você. Você é sincera. Vamos ser boas amigas.

Ela parecia ter suas dúvidas. Pensei em lhe dizer que tenho muitas amigas asiáticas, mas tinha quase certeza de que isso apenas pioraria as coisas. A triste realidade é que tampouco conseguia diferenciar as

mulheres brancas. Na verdade, àquela altura, eu já tinha bebido demais e não tinha certeza nem de quem eu era. Tinha alguma esperança de ser Evany Thomas. Amo aquela garota.

Hora da festa do pijama. Só que estava um frio da porra, e eu não tenho pijama. Todo mundo estava usando conjuntinhos adoráveis com roupões. Nossa anfitriã, Maggie, vestia um roupão vermelho de seda por cima do que parecia ser um vestido de noiva e estava calçando pantufas felpudas. Ela parecia ter acabado de sair do Figurino. Eu usava um vestido havaiano tradicional com uma calça de moletom por baixo, um casaco de moletom masculino enorme e minha peruca vermelha da confiança. Eu havia começado a usar uma peruca em situações sociais por vários motivos: 1) faz com que eu me sinta como alguém que não morre de medo das pessoas e 2) se eu fizer uma grande cagada posso pedir licença, tirar a peruca e dizer: “Quem era aquela ruiva esquisita e por que ela estava falando sobre consolos? Precisam *realmente* tomar mais cuidado com quem deixam entrar aqui”. A peruca é um tipo de proteção, uma espécie de talismã que me permite fingir que sou uma pessoa que não eu. Sem considerar que não tenho dinheiro para comprar uma peruca cara, então pareço mais com alguém fingindo ter câncer.

Insatisfeita, olhei para meu figurino no espelho, mas Laura me garantiu que eu estava simplesmente parecendo uma espiã misteriosa. Eu a olhei com desconfiança. “Ou como uma mendiga que por acaso veio parar num coquetel chique?”

Ela me olhou objetivamente por alguns segundos. “Um pouco, talvez”, ela confessou. “Mas *muito mais* como uma espiã.”

Tenho boas amigas.

Todas as vinte sentamo-nos de pijama em volta de uma fogueira e ninguém estava no Twitter, mandando mensagem, nem falando ao telefone. Fomos forçadas a puxar conversa por desespero, pois a cobertura de sinal lá era muito esporádica. Surpreendentemente, as coisas fluíram e ninguém além de mim parecia estar em pânico. A bebida ajudou. Sussurrei à Laura que isso era o mais próximo que já havia chegado de um acampamento de verão e que agora era exatamente o momento quando o *serial killer* estaria decidindo quem matar. Decidimos que a garota à nossa esquerda seria a primeira a ser assassinada, pois ela era frágil e adorável, e o público gostaria muito dela. Eu ia sentir saudades. A garota na cabana vizinha seria a seguinte, pois ela é uma loira gostosona, mas, antes disso, ela provavelmente iria pedir à sua colega de quarto para tomarem banho juntas, pois tem de se estar pelada no segundo assassinato, que é sempre o mais violento. Provavelmente porque não há roupa para absorver o sangue. Fiquei com pena da sua colega de quarto. Decidimos que o restante seria assassinado durante a noite, exceto por uma garota quietinha a nossa direita que não estava bebendo e que por fim vingaria todas nós e seria a pessoa perfeita para pegar o assassino, pois estava grávida e era mórmon e plena da integridade de quem tem cabelos castanhos. Então descobriríamos que a assassina era a Maggie, pois acontece que ser uma assassina em série estava na sua lista do que fazer antes de morrer. E foi patrocinado. Mas o público provavelmente a perdoaria porque ela é adorável e é preciso admirar alguém que cumpre os sonhos dessa maneira.

Três da manhã. Não conseguia dormir. Por sorte, estava compartilhando a cama com Laura, que dorme feito um cadáver, mas mesmo assim me sentia mal por ficar me revirando, então me embrulhei em dez camadas de roupa e um moletom para que eu pudesse sentar ao lado da piscina e assistir a desenhos animados no meu telefone sem perturbar ninguém. Só que o bosque me fez lembrar de *Crepúsculo* e fiquei preocupada com vampiros.

Às quatro da manhã, decidi que era tarde o suficiente no Texas para falar com Victor. Ele estava preparando Hailey para ir à escola, mas aproximadamente depois de dez minutos de ligação fui atacada

por um urso. Só que não de verdade, mas foi essa a sensação. Estava ao telefone e um animal grande entrou na área da piscina vindo da floresta. Eu sussurrei, “*Putta MERDA. Que porra é essa?!*”, e Victor disse: “Onde está a escova de cabelo da Hailey? *Por que você não coloca as coisas de volta no lugar depois de usar?*”, e eu gritei, “TEM UMA PORRA DE ANIMAL SELVAGEM VINDO FURTIVAMENTE NA MINHA DIREÇÃO”, e Victor respondeu: “Hein?”, mas ainda podia ouvi-lo remexendo nas coisas à procura da escova.

Gritei: “VOU SER DEVORADA POR UM PUMA. Peraí, existem pumas na Califórnia?”. Victor respondeu: “Sim, acho que sim. Ah! Nunca cheguei a lhe contar minha ideia para um *app* de iPhone que vou criar”. Pensei em chamá-lo de cretino, mas o animal estava se aproximando gradualmente e, apesar de estar escuro, consegui ver que não tinha rabo, então sussurrei: “Lince! Vou ser atacada por um lince. Ou por um puma que perdeu o rabo. Provavelmente porque um vampiro o comeu. E agora é um puma vampiro. Estou fodida de vez”. Mas eu disse tudo isso na minha cabeça, porque estava quieta para não chamar sua atenção. Ele olhou para cima, me viu e fugiu de fininho.

Victor estava gritando: “*Alô? Imbecil que fica na piscina às quatro da madrugada? Você está viva?! FALE COMIGO!*”, e eu disse, abalada, “Estou bem. Ele fugiu”, mas, antes que pudesse começar a falar sobre minha experiência traumática, ele começou a falar novamente sobre seu *app* para o iPhone e eu gritei, “POR QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO SOBRE COMPUTADORES QUANDO EU PODERIA TER SIDO MORTA?”.

VICTOR: *Você está ótima.* Então, você quer ouvir sobre a ideia que tive de um *app* para o iPhone?

EU: Não.

VICTOR: Que pena. Fiz um *app* que avisa quando tem um puma por perto. Só que não funciona quando se está no telefone.

EU: Odeio muito você agora.

Seis da manhã:

EU: *AI, MEU DEUS, LAURA, ACORDE!* Acabei de ser atacada por um puma!

LAURA: [ainda grogue] *O quê?*

EU: Pode ter sido um lince.

LAURA: [silêncio]

EU: Pode ter sido um gato doméstico. MAS ERA ENORME. E ele olhou para mim de forma completamente ameaçadora.

LAURA: Ele rosnou?

EU: Não. *Mas dava para perceber que ele queria.*

LAURA: Era de que tamanho?

EU: Grande o suficiente para colocá-lo em uma caixa de papelão e carregá-lo por aí, mas provavelmente pesado. Tipo, ele caberia na minha mala, *só que bem por pouco.* Daria para colocá-lo na sua mala gigante, porém, e provavelmente poderia viver confortável por semanas.

LAURA: Vou jogar um puma no quarto se você não parar de tirar sarro da minha mala.

EU: [para as dez pessoas no café da manhã, no dia seguinte bem cedo] A Laura contou para vocês

que fui atacada por um urso ontem?

TUDO MUNDO: *O QUÊ?*

LAURA: Ela *não foi* atacada por um urso.

EU: Urso... puma. *Mesma coisa.*

LAURA: Não teve ataque algum. *Ela está bem.*

EU: Acho que alguém deveria perguntar aos donos quantos pumas eles têm na propriedade.

LAURA: Já perguntei aos donos o que poderia ter sido e eles disseram que tem alguns gatos selvagens por aí.

EU: Tenho quase certeza de que “gatos selvagens” é código para “pumas vampiros”.

EU: [para o restante que foi tomar café da manhã uma hora depois] Então, na noite passada fui atacada pelo Pé-Grande. Era como uma versão menor do monstro do lago Ness. Só que na terra. Então, sim, foi assustador *pra caralho.*

Ninguém respondeu, mas não fiquei surpresa, pois é difícil saber o que dizer nessas situações. É como quando alguém lhe diz que foi esfaqueado. Não há uma resposta fácil para isso. A não ser que tenha *acabado* de acontecer. Aí eu sugiro: “Deite-se e nos diga quem é o assassino”, pois assim poupará bastante o tempo dos detetives de homicídio.

Na manhã em que descobri que íamos para a aula de educação de vinho, me senti como se estivesse numa escola de etiqueta e sem ter cumprido os pré-requisitos. Nossa professora era uma escritora que aparentemente havia aparecido bastante no programa *Today*. Havia cinco taças de vinho a minha frente, mas a professora de vinho nos disse que não podíamos beber nada até depois da aula. Imagino que seja a mesma sensação que os cachorros sentem quando se coloca um biscoito no nariz deles e a ordem é de não o comerem. Só que eu roubei alguns goles de vinho quando a professora não estava olhando, pois não sou uma merda de cachorro obediente.

Passamos muito tempo aprendendo como agitar a taça de vinho. Sempre pensei que as pessoas fizessem isso para parecerem esnobes, mas, aparentemente, quanto mais oxigênio entra no vinho, mais gostoso fica. Quando ele é agitado, se espalha pela taça e recebe mais ar. Fiquei com pena da garota sentada a minha direita, pois pelo jeito sou um pouco exagerada quando o assunto é agitação de vinho e conseqüentemente ela recebeu vários banhos. Por sorte, ela era tranquila e simplesmente lambia o excesso de vinho do braço, um gesto que eu considerei ao mesmo tempo ecológico e elegante. Nossa professora pareceu descontente, então, para distraí-la, perguntei por que as pessoas simplesmente não serviam o vinho em grandes pratos com canudos, e ela me deu um sorriso forçado e disse que ninguém nunca havia perguntado isso antes. Eu estava quase certa de que isso era código para “eu vou roubar sua ideia brilhante”. Escrevi meu telefone num guardanapo e lhe disse que se ela comesse a vender pratos de vinho eu queria uma porcentagem. Ela concordou, mas aí rapidamente foi embora. Acho que não vou ver a cor desse dinheiro.

Cinco vans cheias de garotas partiram para visitar as vinícolas para degustação de vinho. *Apenas quatro voltaram.*⁸

Na minha décima taça de vinho, comecei a me perguntar se havia algo de errado com meu paladar. As outras garotas estavam fazendo anotações na lista de vinho como “Finalização agradável. Especiarias

robustas”. Enquanto isso, eu fazia desenhos de pumas vampíricos. Percebi que as pessoas estavam olhando para meus desenhos, então comecei a fazer algumas anotações ao lado do vinho. Coisas do tipo, “Tem gosto de *Tylenol*, mas de um jeito bom” e “Esse daqui me deixa *completamente* chapada”. “Não sinto mais meus pés.” “Será que deixei a porta da garagem aberta? Será que o gato pegou fogo? Acho que deveria parar de beber agora.” Todo mundo tinha um paladar sofisticado. O meu precisava de terapia e talvez de uma intervenção.

A *última vinícola* parecia estar completamente assombrada, e os patos do lado de fora me lembraram de ficar de olho em mendigos com cara de fome, mas logo fui distraída quando os garçons trouxeram os queijos. Cochichei para a garota ao meu lado que eu estava muito empolgada de fazer minha primeira degustação de queijos, pois eu adorava queijo. Especialmente o *cheddar*. Gosto de *todos* os sabores de *cheddar*. O azedo, o muito azedo e o azedo defumado. Sou meio que uma *connoisseur*. Mas, quando o queijo chegou, era tudo irreconhecível e NÃO HAVIA NADA DE *CHEDDAR*. Eu disse: “QUE MERDA DE PRATO DE DEGUSTAÇÃO É ESSE?”, mas disse apenas na minha cabeça (ou talvez bem baixinho, pois estava um pouco alta, porém ainda tentando ser profissional). Os garçons explicaram que era um monte de “queijos artísticos” que haviam ganhado concursos e, para falar a verdade, estavam bem deliciosos, tirando um dos meus pedaços que tinha um Band-Aid nele. Eu disse, “Tem um Band-Aid no meu queijo”, e a garota asiática que eu havia ofendido mais cedo se inclinou para frente e disse: “Não, esse é um blá-blá-alguma-coisa-francesa-blá enrolado numa faixa”, e eu agradeci, mas só comi a parte mais longe do Band-Aid caso ela ainda estivesse tentando ficar quite comigo por ter sido racista sem querer. Uma hora depois, porém, fizemos amizade quando nos perdemos num labirinto de barris de vinho em uma busca desesperada pelo banheiro e ela me garantiu que não estava tentando fazer com que eu comesse um Band-Aid. A necessidade desesperada de se livrar da urina é o grande nivelador.

Aparentemente, havia uma infestação de vespas em uma das vinícolas, pois estavam por todo lado. O cara que servia a bebida brincou que a cor daquele vinho em particular era devida a todas as vespas moídas que caíam nos barris. Olhei para minha taça de vinho com desconfiança, e ele riu e explicou que estava só brincando, mas que as vespas gostam mesmo de vinho, então era possível que houvesse algumas ali. Bebi mesmo assim. “Não é grande coisa”, eu disse com naturalidade, “mas sou mortalmente alérgica a vespas, então é provável que morra.” O resto da mesa disse, “Sério?” e eu disse: “Não, não sou. *Mas não seria um jeito legal de morrer?*”. Todo mundo na mesa ficou em silêncio, provavelmente porque estavam ocupadas pensando que sim, *seria mesmo* uma maneira legal de morrer.

Oito da noite. Era para eu estar lá embaixo comendo churrasco, mas estava à beira de um ataque de ansiedade, então me ausentei e todas foram muito meigas e compreensivas. Essa é a parte boa de andar com blogueiras. Elas já sabem que você tem problemas emocionais e a maioria delas também os têm, então apenas balançam a cabeça, lhe dão um Frontal e a levam para cama. São bem solidárias. Além do mais, acho que queriam que eu fosse embora para que pudessem fofocar sobre mim.

Laura foi me levar um prato de churrasco e um pouco de água e me fez um carinho tranquilizador na cabeça quando eu lhe disse como me sentia mal por não estar lá embaixo. “Está tudo bem, eu garanto. Todo mundo entende.” Ela passou pela porta, mas então deu a volta rapidamente para dizer secamente, “Mas você *vai ser* expulsa da equipe de líder de torcidas”.

Amo minhas amigas.



Quatro da manhã. Acordei e vi que a Laura não estava ali. Procurei por ela lá fora, mas não conseguia vê-la. Perguntei-me vagamente se eu poderia tê-la assassinado acidentalmente no meu estado induzido por drogas. “Mas acho que não”, pensei comigo mesma. “Não tem sangue o suficiente por perto. A não ser que o sangue esteja no banheiro.” Decidi dar uma olhada mais tarde.

Oito da manhã. LAURA NÃO ESTAVA MORTA! Ela havia dormido em algum outro lugar e voltou porque ficou preocupada de eu pensar que ela havia sido sequestrada.

EU: Não, eu achei que tivesse assassinado você e depois apagado isso da memória.

LAURA: Você achou que tivesse me assassinado?

EU: Só por um segundo, mas não havia sangue o suficiente. Mas a cabeça do chuveiro estava torta, então pensei que talvez tivesse simplesmente limpadado todo o sangue no chuveiro. Mas não parecia ser algo que eu faria. Sou *péssima* com limpeza.

LAURA: Bem, é legal saber que eu seria a primeira pessoa que você iria querer matar.

EU: De jeito nenhum. Adoro você. Você seria a *última* pessoa que eu iria querer matar. Foi por isso que achei que tivesse apagado a memória. Achei que iria recuperar todas essas lembranças mais tarde na terapia e então eu também iria me lembrar de ter sido abduzida e examinada por alienígenas. O que seria péssimo. No entanto, fico feliz por você não estar morta, porque já estou perturbada o suficiente sem ter de ficar me lembrando de exames involuntários.

LAURA: E suponho que toda essa história de “ter assassinado sua melhor amiga” também seria deprimente.

EU: Isso também. Só que é mais pela abdução.

Dez da manhã: ioga na chuva.

Estávamos todas fazendo a posição do cachorro invertido e tudo que conseguia pensar era, “*Pelo amor do Cristo, não me deixe soltar um pum*”. Eu comecei a rezar ao menino Jesus para que eu não peidasse sem querer, mas então outra pessoa peidou. Não havia sido eu, mas tudo que conseguia pensar era que simpatizava completamente com ela e também que eu queria muito dizer “Não fui eu de jeito nenhum”, mas provavelmente não seria apropriado, já que era para estarmos todas meditando.

Criei coragem suficiente para falar com a Maggie e a agradei por ter me convidado. Aí comecei a falar que eu tinha decidido que se havia algum assassino em massa ali, esse seria ela. Ela ficou em silêncio e destaquei que eu quis dizer aquilo da melhor maneira possível, pois ela era a mais organizada. Então ela pediu um cutelo ao cozinheiro e eu fiquei um pouco nervosa, mas era porque ela havia pensado que seria uma ideia brilhante e queria dramatizar a cena do assassinato. Então assim fizemos...



E foi demais.

Na última manhã, ficamos todas sentadas em volta da piscina, enroladas nos cobertores, despenteadas e sem maquiagem, e eu fiquei escutando as conversas ao meu redor do mesmo modo que havia feito no ensino médio, só que dessa vez, em vez de tentar bloqueá-las ou rir delas internamente, sorri e balancei a cabeça. Forcei-me a participar e a escutar todas as conversas acontecendo ao meu redor em vez de esconder meu rosto em um livro para evitar a rejeição. E percebi como as conversas de garotas podem ser legais. Eis alguns trechos aleatórios de conversas que ouvi:

“Nunca disse isso para ninguém antes, mas às vezes acho que meu bebê é um verdadeiro idiota. Isso é normal?”

“Ah sim. Meu bebê é um babaca completo às vezes.”

“Sabe quando você está no Nepal e tem toda essa gente japonesa à sua volta e são duas da madrugada e você está num sótão tentando arranjar o café da manhã e de repente aparece um mágico?”

“Ah, sei *exatamente* do que você está falando.”

“Meu pai tinha problemas com a raiva, então o médico dele recomendou que ele frequentasse uma escola de mímicos para aprender a lidar silenciosamente com suas emoções. Foi só quando cresci que percebi que não é todo mundo que tem essa lembrança de frequentar aulas de mímica com um pai bravo.”

“Não gosto de mímicos. Não gosto que eles finjam ter uma deficiência.”

“*Não é?* Por que só imitar os mudos? Cadê os palhaços fingindo ter paralisia infantil?”

“Uma vez, dormi com um cara que tinha um pênis ENORME. Tipo, chegava a ser um problema. As camisinhas nem cabiam. Eu estava tão impressionada que sem querer ri dele. Aí encolheu. O cara não achou graça.”

“Isso deveria ser uma história em quadrinhos. Seu superpoder seria o *Penis giganticus* e sua criptonita são mulheres rindo dele.”

“Você já entrou no metrô e pensou: ‘*Quem é aquele cara no fundo? Me parece familiar. Será que dormi com ele?*’. Isso me acontece o tempo todo.”

“Não, isso nunca aconteceu comigo. *Sua piranha*. Mas no ônibus isso já aconteceu muito comigo.”

A hora final:

Ao arrastarmos nossas bagagens até as vans que estavam esperando por nós, olhei para essas mulheres com uma quantidade surpreendente de afeição, mulheres que até poucos dias atrás eu teria dispensado por achar que eram esnobes ou malvadas, mas que tinham histórias e lutas tão difíceis ou bizarras quanto as minhas. Claro, eu era a única pessoa ali com uma única bagagem de mão pequena e um único par de sapatos. Mas fiquei com vergonha ao perceber que aquilo que me separava das outras garotas havia se transformado – o que eu antes considerava uma “medalha de mérito” não passava de um escudo defensivo que eu usava para manter os outros a distância. Eu havia usado os mesmos escudos para julgar e dispensar as pessoas que eu suspeitasse terem mais do que eu, exatamente da mesma forma que *eu* havia sido julgada por ter menos quando era criança.

Joguei minha maleta na *van* e voltei para ajudar minhas novas amigas com seus conjuntos enormes de malas e *nécessaires* e elas sorriram, agradecidas, surpresas por eu conseguir trazer tudo para uma viagem tão comprida em apenas uma maleta. Eu sorri também em silêncio e me senti um pouco culpada diante dos elogios. Elas podiam ter levado malas três vezes maiores que a minha, mas eu percebi que a bagagem emocional que eu havia levado comigo era tão grande que nem se comparava com a delas. Estava um pouco mais leve, no entanto, agora que estava indo embora.

Estava deixando para trás minhas suposições de que apenas pessoas esnobes e ricas gostavam de vinho e que todo mundo iria se dividir automaticamente em panelinhas de acordo com um tipo certo de calcinha. E, mais importante, eu estava deixando para trás a ideia que eu carregava havia anos de que não se pode confiar em mulheres. Sim, algumas garotas podem ser imbecis totais, mas alguns garotos também (e até os bebês, pelo jeito) e, devagarzinho, eu estava perdendo o preconceito que me prendia sem eu me dar conta. Garotas eram legais e (até me provarem ser babacas individualmente) confiáveis. Mulheres

são ótimas e relativamente inofensivas.

O que é realmente preocupante são os pumas vampiros às quatro da manhã.



8 Na verdade, todas as cinco voltaram, mas desse jeito soa muito mais dramático.

Sou o mágico de Oz das donas de casa (porque sou “grande e terrível” e também porque às vezes me escondo atrás das cortinas)

Victor e eu temos definições muito diferentes do que constitui uma casa limpa.

A definição do Victor inclui absolutamente tudo estando exatamente no seu devido lugar (tirando os oito mil fios e extensões saindo de todos os aparelhos eletrônicos da casa que, aparentemente, são invisíveis para ele). Ela também diz que tudo isso deve acontecer magicamente, sem que ele tenha de fato participado *de alguma coisa* da limpeza (exceto aquela vez que entrei correndo na sala porque pensei que tivesse ouvido ele cheirando loló,⁹ mas ele estava apenas aplicando um lustra-móveis. É incrível como o som de chantilly em spray jorrando diretamente na boca e um Poliflor com perfume de limão são parecidos. Eu teria me sentido culpada por um segundo porque Victor estava limpando sem mim, mas percebi que ele estava apenas lustando a caixa de câmbio do carro, então voltei a assistir a filmes de zumbi).

A *minha* definição de uma casa limpa é bem mais simples. Não tenho problema com o monte de correspondência, revistas e brinquedos espalhados, contanto que esteja limpo e higiênico debaixo da bagunça. Na minha opinião, uma casa deve parecer que tem gente morando nela e a considero limpa enquanto não estiver grudenta ou me passar cólera. Consigo ignorar as pilhas de roupa na cama do quarto de hóspedes porque sei que vieram diretamente da secadora e estão só esperando ser dobradas. Victor, por outro lado, vai olhar furiosamente a pilha cada vez mais alta e bufar alto repetidas vezes até eu finalmente ceder e perguntar por que ele está fazendo barulhos de quem está desinflando. Olhamos para o mesmo quarto de hóspedes e vemos duas coisas completamente diferentes. Victor enxerga um vulcão perigoso em erupção com roupas que eu devo estar me recusando a guardar *de propósito* porque sou preguiçosa e estou fazendo questão de provocar um ataque de nervos nele. Eu vejo a pilha como uma conquista pessoal... uma manifestação física de toda a roupa que lavei nos últimos meses. É como um troféu estranho feito de todas as roupas que já esqueci que eu tinha. Victor diz que é como se um louco morasse na nossa casa e estivesse esculpindo o Monte Vesúvio com casacos que deveriam estar armazenados. É então que o recorde exatamente do motivo pelo qual as portas foram inventadas e fecho a porta do quarto de hóspedes. “Viu?”, digo eu. “*Problema resolvido.*”

“Não se pode resolver um problema *simplesmente parando de usar os cômodos da casa*”, ele argumenta, e eu falo como ele está sendo ridículo, pois eu uso aquele quarto *o maldito tempo todo*. Eu o uso como uma gaveta gigante para roupas que precisam ser penduradas. E também para armazenar meu aparelho elíptico. Victor salienta que nem estou usando mais o aparelho com sua “devida intenção” e eu explico tranquilamente que ele está enganado, pois eu o comprei anos atrás *com a intenção* de malhar nele até enjoar e depois usá-lo como uma estrutura na qual poderia secar nossos edredons e mantas

recém-lavados ao ar livre. Eu deveria era receber pontos por enxergar tão à frente e também por não encolher todos os edredons na máquina de secar. Se dependesse do Victor, estaríamos todos dormindo com edredons do tamanho de um lenço. Nem sei ao certo por que tenho de explicar tudo isso. Victor diz que também não sabe, mas suspeito que não estamos falando da mesma coisa.

Era exatamente essa conversa que ainda estava passando pela minha mente nesta manhã enquanto limpava a casa. Eu havia enchido e colocado a máquina de lavar louça em funcionamento, mas alguns minutos depois percebera que o frasco de lava-roupas líquido estava no balcão ao lado da máquina de lavar louça, apesar de não ter lavado roupas havia dias. Senti um pouco de náusea ao pensar: “Merda. *Será que acabei de colocar sabão para roupas na máquina de lavar louça?*”.

Então entrei em pânico, pois no ano passado eu havia colocado sabonete líquido na máquina de lavar louça e, quando fui ver, tinha espuma pela casa inteira. Parecia essas festas de espuma que os adolescentes fazem nas *raves*, só que menos legal, porque Victor ficou puto e eu não tinha nenhuma música *techno* maneira, nem *ecstasy*. Foi um pesadelo de limpar e eu estava apavorada com a possibilidade de ter feito a mesma coisa novamente, então rezei para que Victor ficasse no quarto e entrei no Twitter. (Para aqueles que não sabem o que é o Twitter, é como o Facebook, só que mais fácil e você pode usá-lo para contar às pessoas o que seu gato está fazendo ou então para pedir conselhos. É como acessar a consciência coletiva, e é maravilhoso e terrível.) Entrei no Twitter e escrevi: “Hipoteticamente falando, se eu colocar detergente de lavar roupa na máquina de lavar louça, ela vai explodir? Eu meio que preciso saber o mais rápido possível”. Metade das pessoas que responderam disse: “Ah, vai dar tudo certo, sua idiota”, e a outra metade disse: “A LIGAÇÃO ESTÁ VINDO DE DENTRO DA CASA. SAIA AGORA MESMO”. Um cara escreveu: “Na verdade, é bom para tirar manchas de sangue”, o que me fez pensar para que será que ele usava a lava-louça. Mas ainda assim fiquei preocupada, então enrolei um edredom em volta do lava-louça caso começasse a vazar, pois edredons são como absorventes noturnos gigantes. Fiquei bem orgulhosa da minha engenhosidade. Esse orgulho durou aproximadamente dez segundos, até o Victor entrar e dizer: “*Por que diabos tem um edredom enrolado na máquina de lavar louça?*”, e eu não queria explicar a situação porque ele *ainda* não havia parado de falar sobre a última vez que incendiei o forno, *e isso foi anos atrás, galera*. Tipo, vamos viver no presente, não é mesmo? Mas então me lembro de que, no presente, eu podia ter acabado de destruir nossa máquina de lavar louça com um monte de sabão errado nela. No entanto, não estava pronta para admiti-lo, pois ainda era remotamente possível que eu havia usado o detergente correto desde o início, então, em vez disso, disse ao Victor que o lava-louça estava com frio, e ele disse: “Que porra de frio?”.



A foto que tirei para postar no Twitter da lava-louças com o edredom.

“Bem”, expliquei, “ela tem de esquentar para lavar a louça adequadamente, não é? Então eu pensei que ajudaria a economizar energia se eu a insulasse para que pudesse esquentar mais rápido. E aí nossa louça ficaria mais limpa. Estou sempre pensando.” Victor ficou me olhando sem piscar, os braços cruzados no peito, e depois de dez segundos não aguentei e admiti que *talvez* eu houvesse usado o sabão líquido de roupa na máquina de lavar louça, pois não conseguia pensar em outro motivo para o Omo estar no balcão.

Ele suspirou e sacudiu a cabeça. “Você daria uma *péssima* agente secreta. Sinceramente, você é a pior mentirosa do mundo. Mas não se preocupe, pois eu coloquei o lava-roupas líquido no balcão depois que você ligou a máquina de lavar louça só para eu me lembrar de comprar mais.”

“ENTÃO TUDO ISSO É CULPA SUA”, eu gritei, e Victor disse: “*O quê? Como isso poderia ser culpa minha?*”. Mas eu gritei, “*J’ACCUSE!*” e saí esbravejando antes de ele poder dizer outra coisa, pois era uma mudança refrescante quando o Victor *finalmente* fazia merda, então quis sair e curtir esse momento.

Eu arriscaria o palpite de que Victor e eu brigamos sobre o estado da casa mais do que qualquer coisa, o que é realmente significativo, pois Victor e eu já tivemos discussões de uma semana de duração sobre se Franken Berry é mulher (não é) e qual dos Esquilos vai morrer primeiro (é o Alvin, provavelmente de overdose). Mas brigar sobre a casa é a discussão mais comum. De fato, eis uma discussão típica entre Victor e eu logo depois de eu ter decidido largar meu emprego no RH e tentar ser escritora de tempo integral:

VICTOR: Essa casa está uma *bagunça total*.

EU: Essa casa é um “refúgio criativo”.

VICTOR: Não. É uma bagunça.

EU: Bem, não sei por que você está falando isso para *mim*. Não é trabalho *meu* arrumar a casa.

VICTOR: Sim, na verdade, é sim. Lembra? Você ia pedir demissão e trabalhar no seu livro? E limpar a casa. E resolver as coisas fora de casa. Esse foi o acordo, lembra?

EU: Não muito. Isso não parece um acordo que eu faria.

VICTOR: “Eu vou ser a melhor dona de casa DA VIDA. Vou só escrever e limpar e cozinhar.” Está reconhecendo?

EU: Vagamente. Eu provavelmente estava bêbada quando disse isso.

VICTOR: “BOQUETES DE GRAÇA PARA TODO MUNDO!”

EU: Ah. *Isso* parece algo que eu diria. Você está bravo por causa dos boquetes?

VICTOR: Não. *Estou bravo por causa do fato de que ambos trabalhamos em casa e está uma maldita bagunça*.

EU: Não é tão ruim *assim*. Você está exagerando porque você é um surtado obsessivo.

VICTOR: Você está usando um *frisbee* como prato.

EU: *O quê?* Não estou usando um – Ah, *perai*, isto é um *frisbee*. *Que estranho*.

VICTOR: [olhar furioso]

EU: Cara, fique calmo. Eu lavo depois. Deve dar para colocar no lava-louça.

VICTOR: A questão não é se dá para colocar o *frisbee* no lava-louça. A questão é o simples fato de *você estar usando um maldito frisbee como prato porque não há pratos limpos*.

EU: Tem pratos limpos *sim*. Simplesmente vi isso no balcão e o peguei. Tecnicamente, é um prato bom pra caralho. Tem até uma borda para que você não derrame nada.

VICTOR: *Como isso não a incomoda?!*

EU: ME INCOMODA PRA CARAMBA. Não acredito que concordei limpar a casa em troca de pedir demissão do meu trabalho. Não consigo acreditar que você chegou a pensar que isso funcionaria. *Você é que deveria ter pensado melhor antes de fazer esse acordo. Isso tudo é meio que culpa sua.*

VICTOR: Eu vou estrangular você.

EU: E eu vou substituir todos os nossos pratos por *frisbees*. *Porque sou uma bendita visionária.*

VICTOR: Estou falando sério.

EU: EU TAMBÉM. ESSES PRATOS DE *FRISBEE* SÃO INCRÍVEIS. Além do mais, não tenho tempo para fazer limpeza, pois estou ocupada demais com coisas importantes na mídia social.

VICTOR: *É mesmo?* Então o que você fez hoje?

EU: Muita coisa. Coisas de... especialista em mídia social.

VICTOR: Não. O que você fez hoje *exatamente*? Quantifique para mim.

EU: Não é quantificável. *Não existe métrica para o que eu faço.*

VICTOR: Tente.

EU: Hum... Eu desenhei essa tirinha sobre Hitler?



VICTOR: Isso... não é nem um pouco engraçado.

EU: Cara, é *muito* engraçado. Sabe? Porque as pessoas sempre dizem, “Eles só me odeiam porque têm inveja”. Mas é o Hitler, e todo mundo odeia ele *de verdade* e não sente nem um pouco de inveja.

VICTOR: Sem graça.

EU: Acho que preciso só de umas aulas de desenho. Eu levei, tipo, duas horas para descobrir como colocar um cachecol em um boneco palito. E é *por isso* que não tive tempo para limpar a sopa que derramei no micro-ondas. Falando nisso, não olhe dentro do micro-ondas.

VICTOR: Eu vou deitar até que passe a vontade de matar você.

Então ele foi embora e nunca mais voltou. E tive de limpar o micro-ondas porque *eu* sou a responsável da relação e também porque começou a feder sopa até nos banheiros. É por isso que é uma droga ser eu. Além do mais, tenho quase certeza de que meu marido é antissemita.

P.S. Victor diz que o fato de ele não ter achado graça em uma piada que tira sarro do Hitler não o faz antissemita, mas eu tenho quase certeza de que seria exatamente isso que um antissemita diria. Eles têm um senso de humor *terrível*. Ele também diz que essa é uma conversa sobre “por que não posso me comportar feito adulta”, mas tenho quase certeza de que na verdade é uma conversa sobre por que ele ama tanto o maldito Hitler.

P.P.S. Só quero destacar que, na verdade, *sou* uma boa dona de casa e que o único motivo pelo qual incendiei o forno, para início de conversa, é porque estávamos tentando vender a casa e eu havia lido que, se você assar biscoito antes de mostrar a casa, faz com que ela fique com um cheiro mais aconchegante. Então joguei uma massa de biscoito congelada numa fôrma e coloquei no forno. Dez minutos depois, havia um cheiro terrível e corri até o forno para descobrir que, se você não dividir a massa em formato de biscoito, ela explode na fôrma toda. Também descobri que, quando as pessoas instalam um forno, elas depositam a papelada dentro dele, pois pelo jeito querem que você tenha uma morte lenta quando você incendiar a casa com o manual de uso que você tentou assar. Além do mais, eles colocam o manual num saco plástico, que tem um cheiro terrível quando derrete e fica muito difícil vender uma casa quando você tem de dizer aos compradores em potencial que o forno foi usado somente uma vez, mas foi usado para assar um monte de plástico e é por isso que está fedendo tanto no *Open House*. Além do mais, Victor foi surpreendentemente crítico de todo o evento, considerando que eu só queria ajudar. Ele me disse que nossa companhia de seguro estava nos forçando a instalar um sistema HALON anti-incêndio a não ser que eu promettesse evitar a cozinha daí em diante. Eu não achei graça nenhuma e fiquei realmente puta, até o dia seguinte, quando tentei aquecer o forno novamente para tentar limpar o plástico derretido que ainda estava lá e sem querer deixei um pano de prato dentro do forno e ele pegou fogo de novo. Estou bem feliz que vendemos aquela casa, pois, sinceramente, *aquele forno era uma maldita armadilha mortífera*.

P.P.P.S. Em minha defesa, só quero destacar que eu *consigo* de fato preparar uma refeição, apesar de que talvez não seja uma refeição na definição padrão de outras pessoas. Por exemplo, nunca na minha vida preparei intencionalmente uma salada para minha família e nunca pretendo fazê-lo. Usar esse tanto de ingredientes e de utensílios para preparar um prato que se serve cru, de qualquer maneira, me parece um desperdício e nunca vi uma família encarar a salada como algo além de uma obrigação que tem de ser superada, ensopada no molho de salada para conseguir terminá-la para que se possa chegar à “comida de verdade”. Não caio nessa. Em vez disso, pulo direto para a comida de verdade. Recentemente fiz macarrão com queijo e, quando minha família não me pareceu adequadamente agradecida, eu destaquei que eu havia levado meia hora para prepará-lo. Victor se recusou a acreditar nisso até que ele abriu a lixeira e viu dez embalagens de macarrão instantâneo. Ele me olhou incrédulo e eu me parabeneizei por ter tirado o saco de lixo anterior, que continha dez embalagens *adicionais*, que haviam se fusionado, formando um único montinho derretido. Pelo jeito, se você quiser cozinhar dez tigelas de plástico por três minutos cada uma, não se deve simplesmente enfiar todos eles no micro-ondas por trinta minutos e aí se

retirar para tomar banho. Esse é o conselho que lhe dou e é algo sobre o qual Julia Child nunca explicou.

P.P.P.S. Além do mais, se você tenta fazer um camarão cozido, mas o saquinho de tempero explode e você o joga na panela junto com todos os temperos que encontrar na dispensa, dá para fazer uma bomba de gás lacrimogêneo. Sem querer. E todos no seu jantar ficarão correndo lá fora por uma hora, tossindo e lacrimejando como se tivessem sido atacados com spray de pimenta. Porque, tecnicamente, eles foram um pouco. Pois pimenta foi um dos temperos que achei na dispensa. Eu culpei a pessoa que pensou em temperar a comida com pimenta e falei para meus convidados ofegantes, que mesmo que eu os tivesse atacado com spray de pimenta, eu o teria feito à moda antiga, de maneira caseira, meio que ao estilo da Martha Stewart. *Com amor.*

[9](#) Depois que li este capítulo para minha editora, ela assinalou que eu vinha utilizando a frase “cheirando loló” incorretamente minha vida toda, pois na verdade ela se refere às pessoas inalando clorofórmio e éter e pode ser perigoso pra caramba. O que explica por que as pessoas me olham tão estranhas quando conto que uma das minhas lembranças de infância mais queridas é de cheirar loló com minha avó. Minha editora me consolou dizendo que talvez as pessoas achassem que eu estava falando do meu cachorro Loló, mas em seguida admitiu que isso não melhorava as coisas.

O psicopata atrás da porta do banheiro

Há algumas semanas, minha amiga Lotta me contou que o médico dela lhe havia dito que seus antidepressivos não estavam funcionando porque ela tinha toxinas demais no seu corpo, e seria preciso fazer uma “limpeza do cólon” para expelir tudo de seu sistema. Pareceu-me completamente insano e eu disse isso para ela, mas então ela mencionou que, quando tomou o purgante, perdeu um quilo no mesmo dia – e eu imediatamente quis fazer a mesma coisa. Convenci-me de que meus comprimidos para a loucura deveriam funcionar adequadamente, pois devia à minha família, mas, na verdade, só queria perder peso sem fazer exercício. E esta última sentença só comprova por que preciso tomar comprimidos para a loucura. *Maravilha.*

Então fui ao supermercado, mas não encontrei o purgante. Pensei em perguntar para o farmacêutico, mas, enquanto esperava na fila, tive a seguinte conversa na minha cabeça:

EU: Sim, eu gostaria de um purgante para o cólon.

FARMACÊUTICO: Nunca ouvir falar. Parece algo para depravados.

EU: É algo que limpa o cólon para que os antidepressivos funcionem melhor.

FARMACÊUTICO: Acho que você está tomando seus antidepressivos de forma errada. Eles vão na boca.

EU: Você é surpreendentemente inútil para um profissional da saúde.

FARMACÊUTICO: Estou ligando para a polícia, sua depravada.

Não sei por que pulei diretamente para o farmacêutico ligando para a polícia, mas, uma vez na minha cabeça, a ideia ficou lá, então entrei um pouco em pânico quando ele perguntou do que eu precisava. Hesitei desajeitadamente e perguntei onde se encontravam os óculos de leitura e ele respondeu que não havia esses óculos, o que é estranho, pois a maioria das farmácias os tem e sempre gosto de experimentá-los e fingir que sou uma bibliotecária safada. Então, em vez do purgante do cólon, decidi que tomaria um monte de laxante, pensando que *é quase a mesma coisa, né?* Comprei a dose máxima, pois estava o mesmo preço que o regular, então tecnicamente era como se eu estivesse *poupando*. Pensei que isso ajudaria meu argumento quando Victor fosse querer saber por que gastei vinte dólares com laxantes “desnecessários” (mas acontece que ele não ligou muito para o custo-benefício, visto que ele odeia ser economicamente viável, ou quer que eu seja gorda ou algo assim). Eu já sabia que ele seria todo crítico da história, pois ele também não me apoiou quando quis comprar aquelas palmilhas chinesas que sugam

todas as toxinas do pé enquanto a gente dorme. Ele alegou que a história da palmilha chinesa era uma fraude, mas acho que ele só queria me ver sofrer, ou talvez ele seja racista. Eu o chamei de racista e ele ficou bravo e gritante, e eu respondi: “EU NEM SEI O QUE ESTOU FALANDO! SÃO AS TOXINAS QUE ESTÃO FALANDO”, mas ele não me deixou comprá-las mesmo assim. E é exatamente por isso que esperei até a semana que ele viajou a negócios a Nova York para que pudesse realizar a limpeza.

Ingeri os dois quadrados de chocolate do laxante naquela noite, mas em seguida percebi que as instruções diziam que produziria “efeitos suaves” e me parecia que uma boa limpeza de cólon não deveria ser nada “suave”, então tomei mais três tabletes. Eram de chocolate e estavam deliciosos e, como eu estava com um pouco de fome, comi mais um. E *não aconteceu absolutamente nada*. Então na manhã seguinte tomei mais dois (porque a essa altura estava achando que havia algo de errado comigo e que eu tinha uma tolerância alta anormal a laxantes), e fui ao Starbucks para tomar um *Frapuccino* gigante. Isso pode ter sido um erro, pois, aparentemente, o café também funciona um pouco como laxante, mas infelizmente não estava lembrada disso quando o comprei, pois estava ocupada demais pensando na conversa que tive ao telefone com Victor sobre *Frappuccinos* quando ele me ligou no trabalho.

[Telefone toca]

EU: Aqui é a Jenny.

VICTOR: Então, por que não fazem *smoothies* de chocolate?

EU: Hã... O quê?

VICTOR: *Smoothies* de chocolate. Por que não existem?

EU: Existem sim. Se chamam *Frappuccinos Mocha*.

VICTOR: Não. Não é a mesma coisa. *Frappuccino* não tem aquela colherzinha no final do canudo como o *smoothie*.

EU: Isso é raspadinha. Não é *smoothie*.

VICTOR: A próxima vez que eu for ao Starbucks vou dizer: “*Eu quero uma colher no meu canudo, idiota!* De que outra maneira vou conseguir alcançar aquele restinho que fica no fundo, hein? Colher canudo!”

EU: ?

VICTOR: Eles precisam unir suas forças, o 7-Eleven e o Starbucks.

EU: Mocha-smoothie-cino?

VICTOR: Ou talvez um smootie-macchiato. Isso sim seria uma união profana.

EU: Então, você *precisava* de mim para alguma coisa ou... ?

VICTOR: *Du-du, wa-wa*.

EU: Hein? O que foi isso?

VICTOR: Minha música do Anticristo.

Por favor, perceba que ele nem começa a conversa com “Alô”, o que me deixa mais chateada do que a história do Anticristo, porque o cumprimento é o fundamento básico de uma sociedade educada e é uma

das únicas coisas que nos separa dos ursos.

Então voltei para casa, bebendo meu *Frapuccino* e tomando nota mental de que deveria deixar todas as ligações do Victor caírem direto na caixa-postal, e então *meus intestinos explodiram*. Quer dizer, não explodiram *literalmente*, mas foi essa a sensação. A princípio eu pensei: “Certo, a dor é boa, sintá arder”, mas então percebi que isso não era como a ioga e que eu tinha de fato cometido um *engano muito, muito terrível*. Não vou entrar nos detalhes gráficos, mas basicamente era como se minhas pernas tivessem derretido e um elefante havia engatinhado para dentro do meu estômago e estava tentando se libertar com suas garras. E o elefante tem garras, pelo jeito. E seu nariz é feito de cobras.

Como Victor estava em Nova York, e Hailey estava na escola, a casa era toda minha, o que era bom, porque, sinceramente, não haveria maneira de manter o segredo sensual da feminilidade se alguém tivesse escutado os barulhos saindo daquele banheiro. À certa altura, comecei a me preocupar com uma overdose. Não sabia ao certo como seria uma overdose de laxante, mas tinha quase certeza de que seria uma meleca e que provavelmente se cagaria o cólon inteiro. Não sei se isso é de fato medicamente possível, e pensei em ligar para a Lotta e lhe perguntar se ela se sentiu como se estivesse cagando seu cólon quando fez a tal limpeza, mas não sabia se conseguiria falar sem gritar e, além do mais, eu não tinha seu número de telefone. Então fiquei sentada lá, pensando que essa seria uma forma terrível de morrer, porque, para resumir, não importava o que eu havia feito na minha vida, sempre seria ocultado pelo fato de que “Ela morreu na privada, cagando seu intestino delgado”. Tipo, se isso tivesse acontecido com o Thomas Edison, seria a primeiríssima coisa escrita no seu verbete no Wikipédia. Estaria escrito assim: “Thomas Edison, *que cagou o cólon*, criou uma variedade de invenções e mudou a forma como vivemos hoje. Já falamos que ele *cagou o cólon*? Porque cagou mesmo. *Thomas Edison cagou o cólon*. Sinceramente, nunca é demais salientar isso”.

Foi mais ou menos nessa hora que decidi que precisava tomar providências, então encontrei um antiácido e ingeri uma dose inteira. Pensei em tomar mais, mas àquela altura estava preocupada que talvez fosse preciso ligar para o 190 pedindo ajuda e não queria ter de explicar por que havia tomado três vezes a dose recomendada de laxante *e também* três vezes a dose recomendada de antidiarreicos. Até para mim parecia ser algum tipo de tentativa de suicídio mal planejada. No entanto, em comparação, tomar somente *uma* dose de antidiarreico me pareceu ligeiramente racional. “*Seguramente*”, pensei, “*isso fará com que eu seja mais crível e com menos chance de ser considerada suicida.*”

Obviamente, o antiácido não foi páreo para a força bruta do laxante e foi como usar caneleiras no meio de um furacão, só que menos efetivo ainda, pois pelo menos com as caneleiras, quando encontrassem seu corpo, ainda se poderia vestir uma saia no caixão (a não ser que suas pernas tivessem sido completamente arrancadas, o que é passível de acontecer). Mas o antiácido não fez nada a não ser deixar minha língua preta.

Passou pela minha cabeça que talvez adiantasse comer um monte de queijo, pois uma vez tive uma colega no colégio que comeu muito queijo e ficou tão constipada que teve de ir ao hospital para que *um médico* retirasse o cocô. Depois de ficar sabendo disso, nunca consegui olhar para ela da mesma maneira e com frequência eu me perguntava se ela pôde ficar com o cocô que retiraram, como quando se retiram as amígdalas. Em seguida me lembrei de que não *havia* queijo em casa e, mesmo se houvesse, não faria diferença, pois não conseguia deixar a privada por tempo suficiente para ir buscá-lo. E foi então que escutei um barulho na porta do banheiro.

Parecia que alguém estava encostado na porta e batendo nela levemente com os dedos. Pensei: “*Meu Deus, nem tranquei a porta do banheiro*”, e em seguida lembrei: “Peraí, por que *precisaria* trancar a porta do banheiro, já que sou a única em casa?”. A primeira coisa que pensei era que havia um assassino ou estuprador, o que rapidamente foi seguido pelo pensamento de que, se *fosse* um estuprador, ele ficaria bastante decepcionado. Em seguida, pensei como era estranho eu ter fechado a porta do banheiro para início de conversa, já que estava sozinha, mas tecnicamente acho que nunca se deve deixar a porta aberta

quando se vai ao banheiro, pois é assim que a sociedade desmorona. Voltei a escutar o possível estuprador e tossi, porque achei que poderia ser um ladrão que não se havia dado conta de que eu estava em casa. Esperava que a tosse lhe desse a dica de que precisava ir embora, apesar de que, tecnicamente, os outros barulhos saindo do banheiro provavelmente fossem mais intimidadores do que a tosse. Mas eu estava tentando ser educada, *pois sou uma dama*.

Em seguida alguém passou um bilhete por debaixo da porta.

Fiquei parada só olhando para ele, pois, fala sério... *que porra é essa?* Foi tão desconcertante que não consegui nem sentir medo. Tentei alcançar o bilhete com o pé (que era um pequeno pedaço branco de papel), mas não consegui, então exclamei fracamente: “Oi? Você... *acabou de me passar um bilhete?*”. Ninguém respondeu. Comecei a surtar e agradei a Deus silenciosamente por ter pensando em levar o telefone comigo no banheiro caso eu precisasse ligar a respeito da overdose por laxante. Peguei o telefone para chamar a polícia, mas aí pensei como seria quando eu lhes dissesse que estava ligando de dentro do meu banheiro, onde havia tomado uma overdose de laxantes e que um possível estuprador estava me passando bilhetes por debaixo da porta. Pensei que seria bem estranho se o bilhete dissesse algo do tipo: “Você gosta de mim? Circule sim ou não”, e provavelmente teria rido se não fosse a combinação de laxante/estuprador pesando sobre mim. Então outro bilhete começou a aparecer devagarzinho debaixo da porta e percebi que não era um bilhete. Na verdade, era uma embalagem de Band-Aid e foi então que percebi que provavelmente estava lidando com um psicopata, pois *por que alguém me passaria uma embalagem de Band-Aid a não ser que fosse completamente insano?*

Gritei, “**ESTOU LIGANDO PARA A POLÍCIA! E ESTOU COM DIARREIA! Por causa de... Aids!**”, pois achei que isso desmotivaria o estuprador. Não tinha certeza se Aids causava diarreia, mas pensei que provavelmente sim. Então tudo ficou bem quieto e, de repente, a embalagem de Band-Aid foi arrancada violentamente de debaixo da porta e eu disse: “Que diabos?”. Ela voou de novo para dentro do banheiro, mas dessa vez pude ver que estava sendo empurrada por debaixo da porta *por uma maldita pata de gato*. Então me dei conta de que o gato havia derrubado minha bolsa e estava enfiando os recibos e tranqueiras que estavam dentro dela debaixo da porta. Aí eu matei meu gato, mas só na minha cabeça.

Ocorreu-me que eu deveria anotar o que havia acontecido, mas eu não tinha nada no qual escrever, exceto pelo papel que o gato havia empurrado por debaixo da porta, então gritei: “Posey, empurre o papel mais um pouco!”, mas ele não o empurrou, porque é um babaca. E também porque ele é um gato e não fala inglês. Então, em vez disso, escrevi tudo isso no papel higiênico, com batom (mas só as palavras-chave, não a coisa inteira, pois *isso, sim*, seria ridículo). Fiz uma pequena prece agradecendo a Deus por ter me salvado de um ataque e também por não ter me obrigado a explicar ao motorista da ambulância que eu havia confundido sem querer meu gato com um estuprador depois de ter tomado uma overdose proposital de laxantes para que meus antidepressivos funcionassem melhor. Principalmente porque esse é o tipo de história que é contada repetidamente aos novos recrutas da equipe de ambulância. Mas eu me lembrei da garota do colégio que precisou ter uma bolha de cocô removida, então, em comparação, talvez minha história não fosse tão esquisita assim.

Só que, quando Victor chegou em casa, contei a ele a respeito (porque é *impossível* não compartilhar essa história) e ele ficou irritado por causa dos laxantes e insinuou que “não podia confiar em mim para ficar sozinha em casa sem supervisão” e eu disse: “*Copo meio cheio, idiota*. Não fui estuprada, certo?” e ele gritou: “*Você nunca correu o risco de ser estuprada*”, mas acho que ele disse isso para me magoar, então repliquei: “Ah, estou **SEMPRE** correndo o risco de ser estuprada, *muito obrigada*”, e ele disse: “Não estou questionando sua estuprabilidade, **SÓ ESTOU DIZENDO QUE NÃO POSSO ME AUSENTAR POR DOIS DIAS SEM QUE VOCÊ TOME UMA OVERDOSE DE LAXANTES**”. E foi então que fiz uma nota mental para nunca mais contar a ele sobre overdoses de *qualquer coisa*. E também que talvez eu deveria fazer amizade com motoristas de ambulância, pois aposto que eles têm umas histórias porretas.

Carta aberta ao meu marido, que está dormindo no quarto ao lado

Oi.

Eu sei. A marca estranha na manteiga, certo? Você já deve tê-la descoberto e provavelmente está surtando. Bem, ontem à noite descobri que se eu fizer *waffles* posso pular a faca de manteiga e simplesmente depositar o *waffle* diretamente na manteigueira. É demais. Só que o *waffle* quente derrete um padrão estranho na manteiga, como um xadrez todo amarelo, e a manteigueira de plástico derrete um pouquinho. Sei que você gostaria que eu usasse uma faca, pois você é meio neurótico com esse tipo de coisa, mas, honestamente, *não sou esse tipo de garota*. Especialmente porque estou tentando salvar o meio ambiente não sujando uma faca que teria de ser lavada. Sou meio que uma heroína. Além do mais, as facas estão, tipo, lá do outro lado da cozinha. Mau planejamento da sua parte. E “por sua parte” quero dizer “ter me deixado desempacotar a cozinha quando nos mudamos”. Quer dizer, *suponho* que poderíamos simplesmente trocar a gaveta com os talheres pela gaveta dos panfletos de entrega de comida, mas isso me parece ser muito trabalho. A não ser que eu simplesmente tire as gavetas completamente e as troque!

Certo, agora temos duas gavetas no chão da cozinha. Consegui tirar as duas, mas não consigo colocá-las de volta. Desculpe. Não sei o que há de errado comigo. Não olhe na manteigueira.

P.S. Você deveria era *me agradecer* pelo texturizador de manteiga. Lembra aquele maldito carro Burberry xadrez ridículo que você viu e disse: “*Uau! Gostaria que alguém fizesse isso com meu carro e/ou manteiga!*”. Bem, *Feliz Natal, babaca*.

P.P.S. Desculpe por ter lhe chamado de babaca. Foi desnecessário. Além disso, a essa altura você já deve ter lido esta carta e seguramente irá alegar que você *não* pediu que eu transformasse o carro ou qualquer outra coisa colocando estampa xadrez, mas na verdade você tem coisas mais importantes com que se preocupar. Como consertar as três gavetas que estão no chão da cozinha.

Eu sei.

Mas eu pensei que se tirasse mais uma lentamente poderia ver como funcionava e assim poderia consertar as outras antes de você acordar, mas isso não funcionou mesmo. Mas parei na terceira. *Não há de quê.*

P.P.P.S. *Merda*. Certo, pensei que talvez mais outra gaveta me daria a chave secreta de como colocar as gavetas de volta. Adivinha! Não muito. Estou considerando botar fogo na cozinha para encobrir meus

rastros, mas tenho certeza de que você simplesmente me culparia por isso também. Então não vou fazê-lo, pois sei que você daria uma de babaca. E também porque seria errado. Nunca incendiaria nossa casa.

P.P.P.P.S. Tudo bem, acabei de incendiar a casa, mas foi completamente sem querer. Estava tentando fazer uma pizza para seu café da manhã e acidentalmente coloquei um monte de toalhas no forno. Sei que isso parece suspeito, pois acabei de falar de incendiar a casa, mas foi apenas uma coincidência muito, muito terrível. Só consigo pensar que isso nunca teria acontecido se nossa construtora não tivesse colocado o banheiro tão perto do forno. É como se *quisessem* que eu botasse fogo na casa. *Esses caras* são os babacas. *Você* não. Eu *amo* você.

P.P.P.P.P.S. Vou parar no mercado na volta para casa e comprar um pote de manteiga só seu para que você não precise ver o que está derretido e estampado como um Burberry. Perdão. Não sei por que não pensei nisso antes.

P.P.P.P.P.P.S. Nada disso de fato aconteceu tirando a parte da manteiga. Você não está aliviado? Sei que está. E agora é menos provável que você surte por causa da manteiga porque, *Cristo, não é como se eu tivesse tentado incendiar a casa* (tirando aquela vez que a incendiei, mas foi realmente um acidente e também foi culpa da construtora, pois sabe quem diabos deixa o manual do forno dentro do forno? Alguém que quer nos matar, *isso sim*. Isso tudo foi apenas um exercício de perspectiva).

P.P.P.P.P.P.P.S. Não olhe na manteigueira.

Só para esclarecer: não dormimos com cabras

“Acho que tem uma cabra na nossa casa”, diz minha irmã, fazendo algum esforço para se levantar, virando a cabeça ligeiramente para ouvir os barulhos estranhos vindos do corredor.

Ela está enganada; tenho certeza. Não porque não *fosse possível* ter uma cabra em casa, mas porque esta não é mais *nossa casa*. É a casa na qual havíamos crescido e ainda nos parece aconchegante e familiar, mas consigo me desassociar da responsabilidade de ter de expulsar cabras errantes de uma casa onde não moro há mais de uma década.

“Não”, explico eu, olhando novamente para os álbuns de fotografia que espalhamos no chão de nosso antigo quarto. “Tem uma cabra *na casa da mamãe e do papai*.”

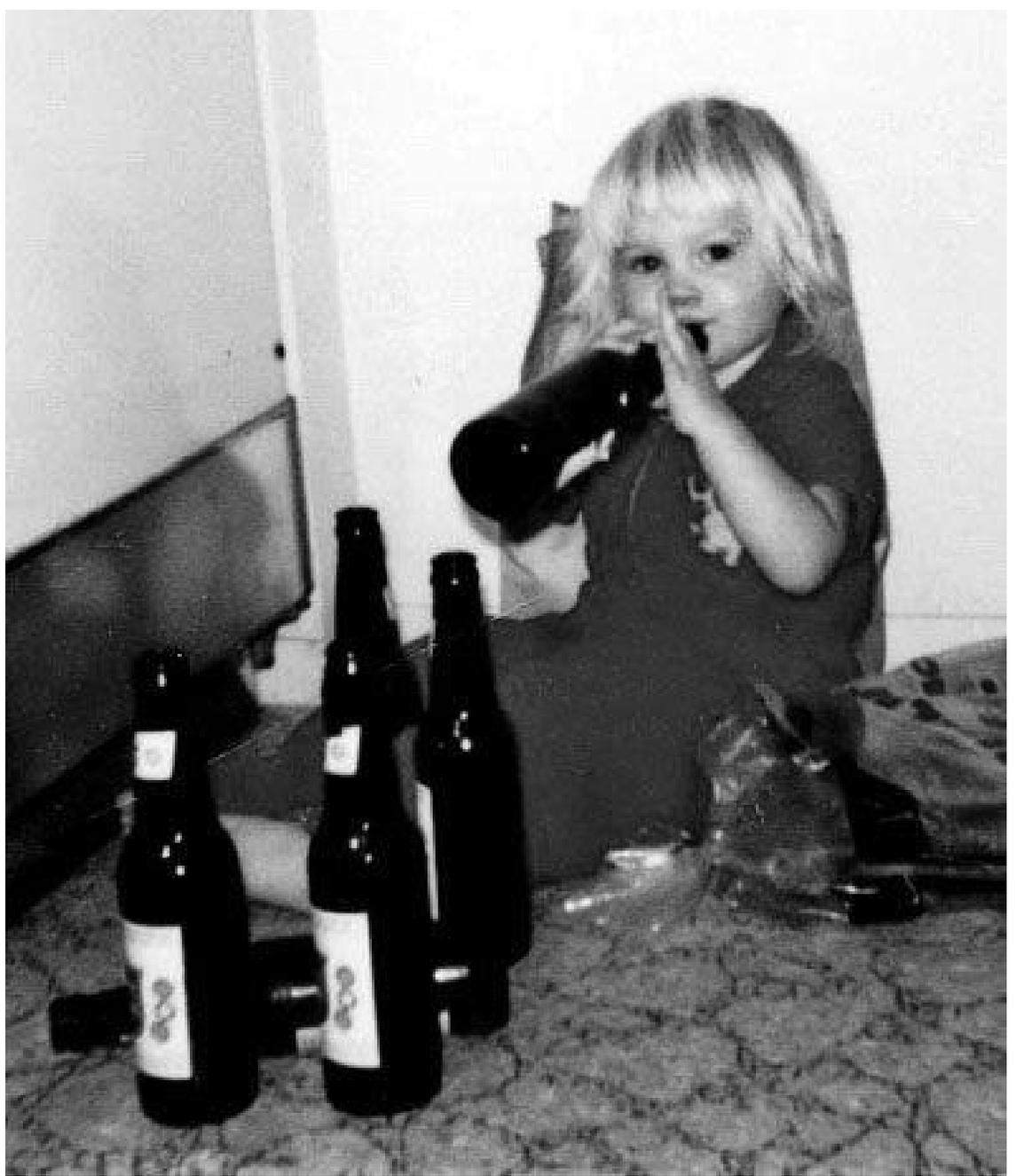
Ela me aponta um dedo e pisca. “Ah. Você tem razão. Ei, olhe essas fotos de você usando perucas quando era bebê. Que diabos está acontecendo aqui?” Eu fixo o olhar no álbum e começo a responder, quando o pisotear no quarto ao lado fica mais alto e alguma coisa começa a gritar.

“Tem *mesmo* uma cabra em casa”, ela repete. “Ou talvez um pônei.”

É o tipo de coisa que seria chocante se estivesse acontecendo em nossas próprias casas, mas esta semana voltamos a Wall para visitar a família e esse tipo de coisa era praticamente esperada em uma casa pequena com oito pessoas, um chuveiro e muitas cabras.

Continuo a folhear o álbum de fotos como se nada estivesse acontecendo. “Simplesmente vou ficar nesse quarto até isso sumir. Não é da minha responsabilidade, *nem um pouco*.” Algo pesado bate na parede. “*Juro por Deus que estou tendo flashbacks da minha infância agora*.” Lisa dá um suspiro enquanto o grito fica mais alto. “É o estresse pós-traumático. Mas” — a voz dela treme com ligeira dúvida — “nossos filhos estão lá, então talvez devêssemos dar uma conferida.”

Lisa parece acreditar que somos responsáveis por proteger nossos filhos daquilo que nosso pai está arrumando, mas tendo a seguir o exemplo de minha mãe a esse respeito. “*Como vão aprender se nós sempre os resgatarmos?*”, pergunto eu. “Quando *nós* tínhamos a idade deles, já havíamos aprendido a nos refugiar até que os barulhos acabassem. Além do mais, tenho quase certeza de que são gritos de alegria, então é provável que esteja tudo bem. Ou também é possível que as horas seguintes sejam bastante trágicas.”



O que é estranho sobre essa foto é que meus pais não bebem. Só posso supor que Lisa tinha algum tipo de problema.

“Ah, me lembro disso”, diz Lisa, franzindo a testa ao ver uma foto dela com um ano de idade rodeada de garrafas vazias de cerveja. “No dia antes de você chegar, o papai veio e perguntou aos meus filhos se eles queriam ver os ‘novos bichinhos’ deles e, quando disseram que sim, ele jogou um saco de patinhos vivos no chão da sala para as crianças caçarem. A mamãe ficou *puta*. E o papai nunca pensou em contá-los antes, então só Deus sabe se pegamos todos.”

“*Quem carrega patinhos num saco?*”, me perguntei, mas eu tinha apenas uma resposta. Os gritos haviam diminuído e escutei risos, alguém correndo e um possível grasnar de pato. “*Merda*”, eu disse, com resignação. Não estava preocupada com as crianças (que tinham entre dois e nove anos e que geralmente cuidavam umas das outras), mas *estava* preocupada com os patinhos. Olhei para Lisa e revirei os olhos em sinal de derrota. “*Tudo bem. Vou pegar a vassoura. Você fica vigiando a porta da frente para que eu possa enxotá-los sem que as cabras entrem.*”

A cena era caótica, mas familiar. Os patinhos grasnaram e correram por toda parte, se escondendo debaixo da poltrona e tentando se enfiar debaixo do piano decorativo, mas que não funcionava. Quando eram encurralados pelas crianças, elas os pegavam com as mãos e imediatamente os patinhos faziam

cocô, fazendo com que as crianças saíssem gritando às gargalhadas, deixando eles caírem e iniciando o ciclo novamente.

“Henry! O que você fez?”, minha mãe gritou, enquanto meu pai ria da baderna que havia criado, o brilho no seu olhar ainda iluminado depois de tantos anos.

“O quê?”, ele disse de forma provocadora. “Eu coloquei jornal no chão antes.”

Era verdade. Havia um pequeno pedaço de jornal vazio no meio da sala.

“E você achou que os patos iam entender que era para ficar no jornal?”, ela disse sarcasticamente, ao arrancar um patinho apavorado da mão pegajosa de uma das crianças.

“Bem, acho que não”, meu pai admitiu, mas estava contente de ver os meninos rindo, e todos sabíamos que isso iria acontecer muitas vezes. Minha mãe o enxotou, já que ele só estava piorando as coisas com seus gritos de “QUEM PEGAR O PINTADINHO GANHA UM PRÊMIO”.

A cena havia adquirido uma qualidade carnavalesca perigosa e eu estava grata por Victor ter ficado em casa em Houston para trabalhar, pois ele nunca me deixaria esquecer o assunto. Eventualmente, capturamos o último patinho nervoso e os colocamos dentro de um balde num quarto escuro e silencioso para que pudessem se acalmar (e para que o papai não os jogasse de novo em casa assim que os colocássemos para fora). Lisa e eu nos acomodamos novamente na nossa velha cama e pegamos os álbuns como se nada tivesse acontecido. É um pouco desconcertante quando esse tipo de merda se torna banal, mas assim é a vida e você tem de aprender a ter jogo de cintura, mesmo se no meio do jogo você seja arranhada por patinhos furiosos que não entendem que você só está tentando ajudar.



Seria mais fácil julgar esse alambique com severidade se minha filha não tivesse ajudado a construí-lo.

Sempre que íamos visitar meus pais, Hailey brincava com o alambique de bebida. No quintal, ela montava no Jasper, o burro miniatura. Ela e os primos brincavam nos tratores velhos e nas antigas carruagens que povoavam a área atrás da casa. Eles riam, brincavam e exploravam a oficina de

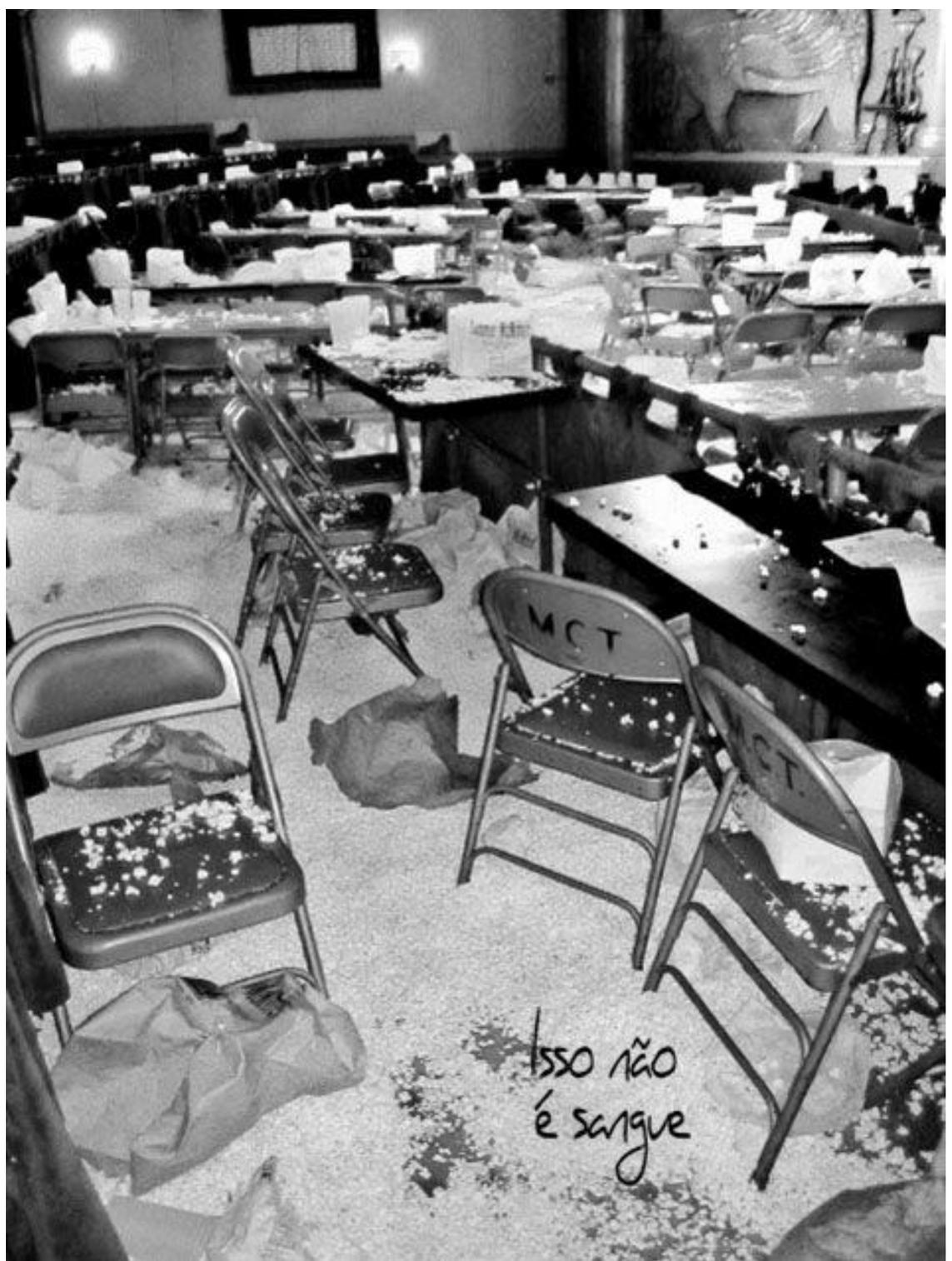
taxidermia do meu pai e usavam caveiras de vaca como máscaras. Procuravam tesouro enterrado com mapas envelhecidos que meu pai “encontrava” e desenterravam baús de madeira cheios de moedas e bijuteria e pontas de flecha que meu pai havia enterrado para eles. Os meninos vagavam pelo terreno, correndo atrás de cabras e se divertindo, e Lisa e eu tínhamos de admitir que a alegria deles compensava pelo patinho errante que de vez em quando entrava no quarto no meio da noite.

No dia seguinte, Victor foi até a casa dos meus pais para que pudéssemos comemorar nosso aniversário de casamento, só que eu não comemoro nada com *um certo número azarado*, pois ainda tenho TOC. Eu o fiz jurar que ele simplesmente diria às pessoas que era “nosso segundo aniversário de doze anos”, o que teria funcionado perfeitamente se Victor levasse a sério minhas fobias e não tivesse um desejo de morte. Em vez disso, ele ficou dizendo o número azarado sem parar e eu falei: “É *exatamente* por isso que não queria comemorar de jeito nenhum este ano, pois se você não parar de falar esse número vou me divorciar de você e esse é *exatamente* o tipo de coisa que aconteceria num ano azarado, então *pare de tentar o destino, porra*”. Então ele ergueu a sobrancelha e disse inocentemente: “*Que número? ___?*” E DISSE O NÚMERO OUTRA VEZ. Decidi que iria cortar fora um de seus testículos em algum ponto deste ano, pois isso tomaria conta de todo nosso azar de uma só vez e aí ficaríamos casados, pois todo o azar teria sido usado em um único acidente intencional de remoção de saco. Victor explicou que não existia isso de “acidente intencional” e ficou um pouco perplexo que eu tenha saltado diretamente do divórcio para a remoção de um de seus testículos, mas este é nosso segundo aniversário de doze anos, então ele já devia estar acostumado com essas coisas minhas. Além do mais, você nem *precisa* de dois testículos. Lance Armstrong me parece estar passando muito bem só com um. E, além do mais, ESTOU SALVANDO NOSSO CASAMENTO, BABACA.

Minha mãe cuidou de Hailey no nosso aniversário para que Victor e eu pudéssemos ir ao *Summer Mummies*, uma peça melodramática-vaudevilliana que acontece todo verão desde os anos 1940 em Midland, Texas. Há muita bebida e você é incentivado a gritar pelo herói e vaiar o vilão de capa e a comprar sacos de pipoca para jogar no palco sempre que o mau sujeito de bigode entrar em cena. Infelizmente, tenho um braço fraco, então acabei jogando a pipoca nas pessoas diretamente a nossa frente. Elas se viravam, e Victor sorratamente apontava as pessoas sentadas ao nosso lado, como quem os estivesse culpando, mas nossos vizinhos perceberam e então explodiu uma terrível batalha de pipoca. Victor subiu na cadeira e gritou: “VOU ACABAR COM VOCÊS”, e comprou trezentos dólares de pipoca. Foi um daqueles momentos quando me dei conta de quão sortuda eu era de estar comemorando meu segundo aniversário de doze anos de casamento com alguém disposto a gastar todo o dinheiro que havíamos planejado usar com um quarto chique de hotel para comprar baldes de pipoca só para que ele pudesse enterrar perfeitos estranhos em um empreendimento bêbado e napoleônico. *Acabamos* com aquela gente.

A noite foi perfeita, tirando uma vez quando Victor foi reabastecer (comprando outro balde de pipoca) e eu fui atacada por um cara que parecia exatamente com o Sam Elliot. Fiquei com tanta pipoca dentro do meu vestido que parecia que eu havia desenvolvido uma série de tumores terríveis. Além do mais, sabe quando um pedaço de pipoca irritante fica preso entre os dentes, mas não dá para tirá-lo porque seria vergonhoso demais enfiar o dedo no dente na frente de estranhos? Imagine isso acontecendo, só que, em vez de entre os dentes, está preso no canal auditivo. E por “canal auditivo” quero dizer “vagina”.

Em seguida, as meninas do canção saíram e todos cantaram a canção “Deep in the Heart of Texas” e “The Yellow Rose of Texas” junto com a orquestra ao vivo. Um homem no palco citou Sam Houston, dizendo, “Texas pode sobreviver sem os Estados Unidos, MAS OS ESTADOS UNIDOS NÃO SOBREVIVEM SEM O TEXAS!”, e todo mundo *na porcaria da plateia inteira* gritou junto com ele e eu pensei: “Nossa. Não é de se admirar que o resto dos Estados Unidos odeie a gente”.

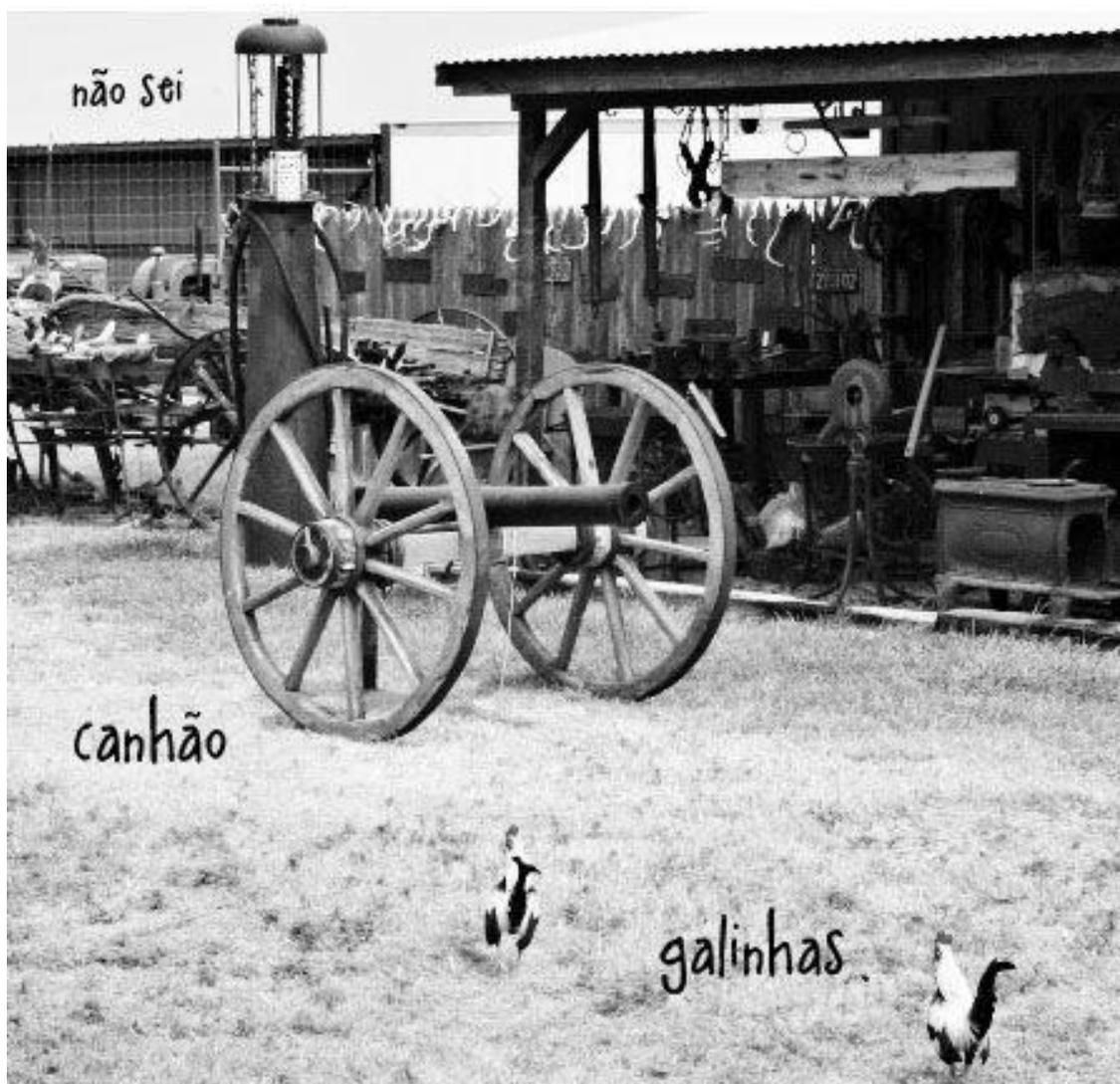


Depois que a peça/melodrama/cabaré terminou, olhei para baixo e vi pequenas manchas de sangue no chão e fiquei um pouco perturbada, pois Victor *havia* ameaçado colocar pedras na pipoca dele para conseguir derrubar a primeira fileira inteira. Mas acontece que o carpete era vermelho e essa era a única parte dele que dava para enxergar por debaixo dos montes e mais montes de pipoca.

Ao sairmos, reparei que uma mulher que eu havia visto sentada num canto afastado estava andando a nossa frente. Obviamente, ela havia esperado outra coisa quando lhe disseram que ela veria “teatro ao vivo” aquela noite e parecia estar assustada e horrorizada com o comportamento malcriado dos outros. Ao caminhar por entre as dunas de pipoca, ela resmungou ao seu acompanhante: “Eca... que desperdício terrível de comida. Pense só em todas aquelas crianças famintas na África”. Talvez ela tenha razão, mas achei um pouco ofensivo querer dar pipoca que havia encostado na minha vagina para pessoas famintas. “Tome aqui”, pude imaginá-la dizendo condescendentemente ao aldeões. “Pegue um pouco mais de

pipoca de vagina. Essa porção ficou no chão por apenas uma hora. Você precisa mais dela do que nós.” Parecia-me ofensivo e tinha quase certeza de que até pessoas famintas torceriam o nariz. “Não, não. Estamos bem. *De verdade*. Por favor, pare de me dar pipoca de vagina.” Além do mais, a pipoca estava meio velha e nojenta e sei disso porque comi um pouco e depois me senti muito mal. Victor salientou que não era de se surpreender. Eu estava comendo do mesmo saco de pipoca que havia jogado nas pessoas e que elas haviam jogado de volta e que caía no meu peito e eu a tirava de lá e jogava de volta e eles o voleavam de volta. Inevitavelmente, um pouco de pipoca estava caindo no saco do qual estava comendo e tenho quase certeza de que foi assim que contraí a gripe suína.

No dia seguinte, voltamos para a casa de meus pais para soltar fogos de artifícios a fim de comemorar o Dia da Independência e, quando terminamos de montar os rojões, meu pai disse: “Oh! Prometi a meus netos que poderíamos disparar o canhão esta noite”, e Hailey gritou: “Eba!”



O quintal dos meus pais. A bomba de gás não é funcional. O canhão e as galinhas, sim.

“Você prometeu a uma criança de idade pré-escolar *que ela poderia disparar um canhão?*”, perguntei incrédula.

“Não. *Claro que não*”, ele respondeu. “Eu disse para o Tex que ele poderia fazê-lo.” E isso me pareceu ser bem mais seguro, pois *Tex tinha apenas seis anos, porra*. Olhei para minha irmã para ver se ela estava de boa com a ideia de seu filho acender um canhão da Guerra Civil, mas ela apenas deu de ombros, pois estava acostumada a esse tipo de coisa e havia aprendido a escolher suas batalhas.



“Tem certeza de que é seguro?”, Lisa indagou, e o papai garantiu que ele só deixaria o Tex encher e preparar o canhão – o que consistia de Tex ficando bem na frente de *um maldito canhão gigante e carregado* – mas minha irmã estava bastante impassível, pois sabia que de, qualquer maneira, o papai provavelmente não conseguiria acender o canhão enferrujado. Ela estava certa. Mas ele decidiu que só precisava de mais fogo e então pegou o maçarico para acender o canhão problemático. Eu corri para pegar minha câmera, pois sabia que ninguém jamais acreditaria em mim. O canhão indubitavelmente seria barulhento e seria antipático com os vizinhos, mas lembrei que os vizinhos estavam soltando rojões à meia-noite a semana inteira, então cheguei à conclusão de que seria uma revanche incrível se o canhão de fato disparasse. E disparou. E foi incrível e ninguém morreu *nem* respingou sangue em ninguém, então consideramos aquela uma das noites mais bem-sucedidas daquela semana.



Ao entrarmos em casa para a última noite com meus pais, Victor apontou para uma mesa que havia sido pendurada com correntes ao teto da garagem. Ele disse que parecia haver um urso morto nela e eu supus que Victor estivesse bêbado, mas, quando saímos para colocar as malas no carro na manhã seguinte, percebi que Victor estava certo. Meu primeiro pensamento foi que eu provavelmente precisava de óculos, pois parecia estranho não notar a existência de um urso morto flutuando numa mesa no quintal a semana inteira. Mas me dei conta de que, inicialmente, tampouco havia visto o canhão e culpei o fato de estar distraída demais pelas outras coisas. Pois esse é o tipo de quintal que eles têm. Onde canhões e ursos

flutuantes não se destacam.

Fiquei olhando para o urso e me perguntei se o papai estava tentando ressuscitá-lo, ao estilo Dr. Frankenstein, quando ergueu o monstro até o telhado para atrair os relâmpagos. Mas então me dei conta de que provavelmente era apenas uma maneira educada de se remover um urso morto quando se tinha visita e, de certo modo, me pareceu genial. Tal como as persianas, só que com ursos mortos.

Victor concordou que isso tinha sentido, mas aí ele me pareceu um pouco assustado e insistiu que voltássemos imediatamente para casa, pois, quando tudo isso começa a nos parecer racional, costuma ser um sinal de que está na hora de irmos embora.

Apunhalada por um frango

Alguns anos atrás, um de meus dedos inchou feito um salsichão enorme. Do tipo que se compra na feira e que fica gordinho quando é cozido. Não do outro tipo. Isso seria esquisito. Nem sei por que estou esclarecendo isto. *Vamos começar de novo.*

Alguns anos atrás, um de meus dedos inchou feito uma vagina enorme. *Brincadeira.* Na verdade, apenas inchou feito um dedo enorme e inchado. Parecia que eu estava usando um daqueles dedos de borracha que diz “somos número um!”, só que eu não estava. Em algum momento durante a noite havia sido atingida por um caso letal de câncer de dedo. Victor revirou os olhos e murmurou que eu era uma hipocondríaca crônica. Eu lhe devolvi um olhar furioso e esfreguei meu dedo enorme e não borrachudo na bochecha dele, sussurrando, “Mais fino”. Então ele me fez ir ao médico. Sozinha. Pois aparentemente ele acha que sou forte o suficiente para lidar com um diagnóstico de câncer de dedo sem apoio nenhum. Ou porque ele não entra em contato com suas emoções e não queria considerar a minha própria mortalidade. Ou então porque ele achava que eu simplesmente o havia machucado de novo, como quando nosso cachorro me apunhalou com um frango no dedo. Provavelmente pelo último.

Agora eu entraria em detalhes sobre meu câncer de dedo, mas minha editora acabou de ler esta parte e me disse que não se pode alegar que o cachorro o apunhalou com um frango e não explicar isso logicamente. Eu lhe disse que a lógica não entrava na história, e ela concordou, mas talvez não pelos mesmos motivos. Então, *tudo bem.* Eis a sequência para a história da explosão-de-câncer-de-dedo que simplesmente copiei de meu blog porque aconteceu anos atrás e só me lembro vagamente dos detalhes. Pois os reprimi. Porque meu cachorro tentou me matar. Com frango.

Postagem do blog: Mal posso digitar isto porque minha mão ainda está inchada, mas eu estava levando meu pug (Barnaby Jones Pickles) para cama quando, de repente, ele deu um salto mortal que quase quebrou meu dedo médio. Em seguida ele correu por entre minhas pernas e eu caí com tanta força que nem conseguia me mexer. Só para tornar tudo ainda mais festivo, o cachorro estava pulando em cima da minha cabeça (provavelmente para fazer parecer que apenas estávamos brincando de luta e que ele *não* estava tentando me matar, caso houvesse testemunhas assistindo à cena), mas eu não caí nessa. Gritei pelo Victor, que me encontrou deitada de barriga para baixo na frente da geladeira. Ele disse: “*Que. Diabos. Você fez?*”, e eu disse: “O cachorro tentou me matar”. Victor se inclinou e levantou uma sobrancelha desnecessariamente enquanto disse incrédulo: “*Nosso cachorro? Nosso cachorrinho minúsculo fez isto com você?*”, e eu respondi: “ELE É UM NINJA!”. Victor afirmou: “Ele é um maldito *pug*. Não consegue nem alcançar o sofá”, e eu respondi: “ESTOU VULNERÁVEL, SEU CRETINO”, e então Victor tentou me ajudar a levantar e eu gritei, pois tenho quase certeza de que não se deve mover uma vítima de acidente, pois podem estar paralisados.

Victor concordou em me deixar deitada no chão, mas só se eu conseguisse mexer meus pés para ele. Mas àquele ponto eu estava com medo demais de que poderia quebrar a coluna ao sacolejar as pernas, então ele pegou o telefone e eu gritei: “VOCÊ *não* VAI LIGAR PARA A AMBULÂNCIA”. Ele suspirou, dizendo, “Se você não mexer suas pernas, vou ligar para a ambulância. Só que provavelmente *eu* é que serei preso por violência doméstica, pois *que diabos aconteceu?!* E eu exclamei: “Meu Deus do céu, tem *muita* bolinha de gude debaixo da geladeira. *Quando tivemos bolinha de gude em casa?*”. Então Victor fez aquele barulho que

geralmente faz quando cobre o rosto com a mão e sacode a cabeça como quem não consegue acreditar que essa é sua vida, mas depois de alguns segundos ele parou e disse: “Perai. *De onde está vindo todo esse sangue?*”. Nesse momento percebi que havia um corte superficial e comprido na minha mão e me apoiei nos cotovelos para dar uma olhada nele, dizendo, “Como *aconteceu isso, droga?*”. E foi assim que descobrimos que eu não estava paralisada.

Parte de mim suspeitava que Victor havia derramado sangue falso em mim só para que eu ficasse distraída o suficiente para me mexer, mas ele quase nunca carrega sangue falso consigo. Ele simplesmente não é esse tipo de cara. Ele pode até ter uma fita métrica ou um cartão de crédito vencido com ele, mas, se você precisar de um braço falso ou uma pata de urso, não é com ele. No entanto, foi legal ver que eu estava sangrando, pois sabia que pelo menos Victor iria me levar mais a sério. Contudo, rapidamente descobri que o principal motivo por ele ter surtado ao ver o sangue foi porque ainda não havíamos selado o rejunte do chão da cozinha e isso certamente deixaria uma mancha. Era um pouco desatencioso, mas eu entendi seu desespero, pois, se um dia eu fosse abduzida, essa mancha de sangue poderia conectá-lo ao assassinato. No entanto, não toquei no assunto, pois não queria lhe dar nenhuma ideia. Além do mais, pode ser que ele apenas estivesse puto por causa das bolinhas de gude debaixo da geladeira. Mas eu ignorei suas tolas preocupações com limpeza, pois de repente percebi que eu estava sangrando PORQUE HAVIA SIDO APUNHALADA POR UM FRANGO.

Por coincidência, também foi o fator que faria com que ninguém acreditasse nessa cena e que também faria com que Victor *definitivamente* fosse para a cadeia, pois *quem é apunhalado por um frango?* Eu, *pelo jeito*. Era uma daquelas comidinhas para cachorro feito de peito de frango que eu estava segurando na mão porque ia dar para o Barnaby Jones comer. Era ~~ligeiramente~~ *perigoso* *absurdamente* afiado e aparentemente esfaqueador o bastante com a força suficiente. Parecia inacreditável, mas era o tipo de coisa que poderia acontecer com qualquer um que caísse em cima de um canivete feito de ave. Só que, agora, que estou pensando a esse respeito, eu talvez seja a única pessoa no mundo a já ser apunhalada por um frango. Então *eu ganhei*. Ou perdi. Talvez ambos.

Expliquei ao Victor que apenas tinha sido apunhalada por um frango e ele começou a ligar para a ambulância de novo, pois supôs que eu havia sofrido uma concussão. Suspirei, puxando as calças dele para chamar sua atenção, e fiz uma demonstração pegando o canivete de frango e fazendo um movimento de esfaqueamento com minha mão boa. Ele me olhou perplexo e desligou o telefone, porque finalmente entendeu, ou talvez porque achasse que eu estava ameaçando esfaqueá-lo. Victor explicou que, de qualquer maneira, ele não sabia o que dizer ao motorista da ambulância, pois “*Nunca vão acreditar que nosso cachorro adorável poderia causar esse tipo de prejuízo*”. Ele disse isso de forma *bem* condescendente e crítica, e acho que é por isso que eu me vi gritando defensivamente: “VOCÊ NÃO SABE COMO SÃO AS COISAS QUANDO VOCÊ NÃO ESTÁ AQUI!”. Então ele colocou Barnaby Jones debaixo do braço e disse: “Não preste atenção aos delírios da mamãe, Sr. Jones”, e o levou para a cama para que pudessem assistir ao programa *MythBusters* juntos. Talvez tenha gritado do chão: “*Se tivéssemos escadas ele teria me empurrado escada abaixo*”. Talvez também tenha dado a entender que Barnaby Jones provavelmente iria arrancar nossas gargantas enquanto dormíamos, agora que ele havia desenvolvido um gosto por sangue humano, e Victor gritou que Barnaby Jones não conseguia ouvir a televisão por causa da gritaria e que ele não conversaria com alguém que estava exagerando no chão da cozinha. Expliquei que “exagero” é um sintoma comum de uma pessoa entrando em choque, e ele disse que não era, então eu mesma tive de procurar meu dicionário médico com meu dedo quebrado e nem consegui encontrá-lo. Eu deveria estar enrolada em um cobertor quente e não poderiam me deixar adormecer. Ou talvez eu devesse dormir. Um desses dois. Ou talvez eu precisasse de um chazinho quente. Eu provavelmente *conhecia* o procedimento correto para esse tipo de coisa antes de o cachorro me causar uma concussão ao tentar me matar com um frango.

P.S. Victor me deve *pra valer*, pois ele automaticamente teria sido preso porque estava usando apenas uma meia camisa e, se você não estiver usando uma camisa inteira quando a polícia chega, você vai preso. É assim que funciona a prisão.

P.P.S. Só para esclarecer, é uma meia camisa no sentido de que não tem manga. Não é o tipo que termina debaixo dos mamilos. Victor não ficaria bem nesse tipo de visual. Não sei se você seria preso com esse tipo de camisa. Provavelmente sim, se houver um *bustiê* mostrando os mamilos, um cachorro e um monte de sangue humano envolvidos.

P.P.P.S. Como se sabe se as pupilas estão dilatadas? Qual seria a aparência normal delas? Por que o site *WebMD* é tão complicado? Por que não consigo parar de ler sobre câncer quando estou tentando pesquisar sobre concussões? Maravilha. *Agora tenho câncer*. Muito obrigada, Barnaby Jones.

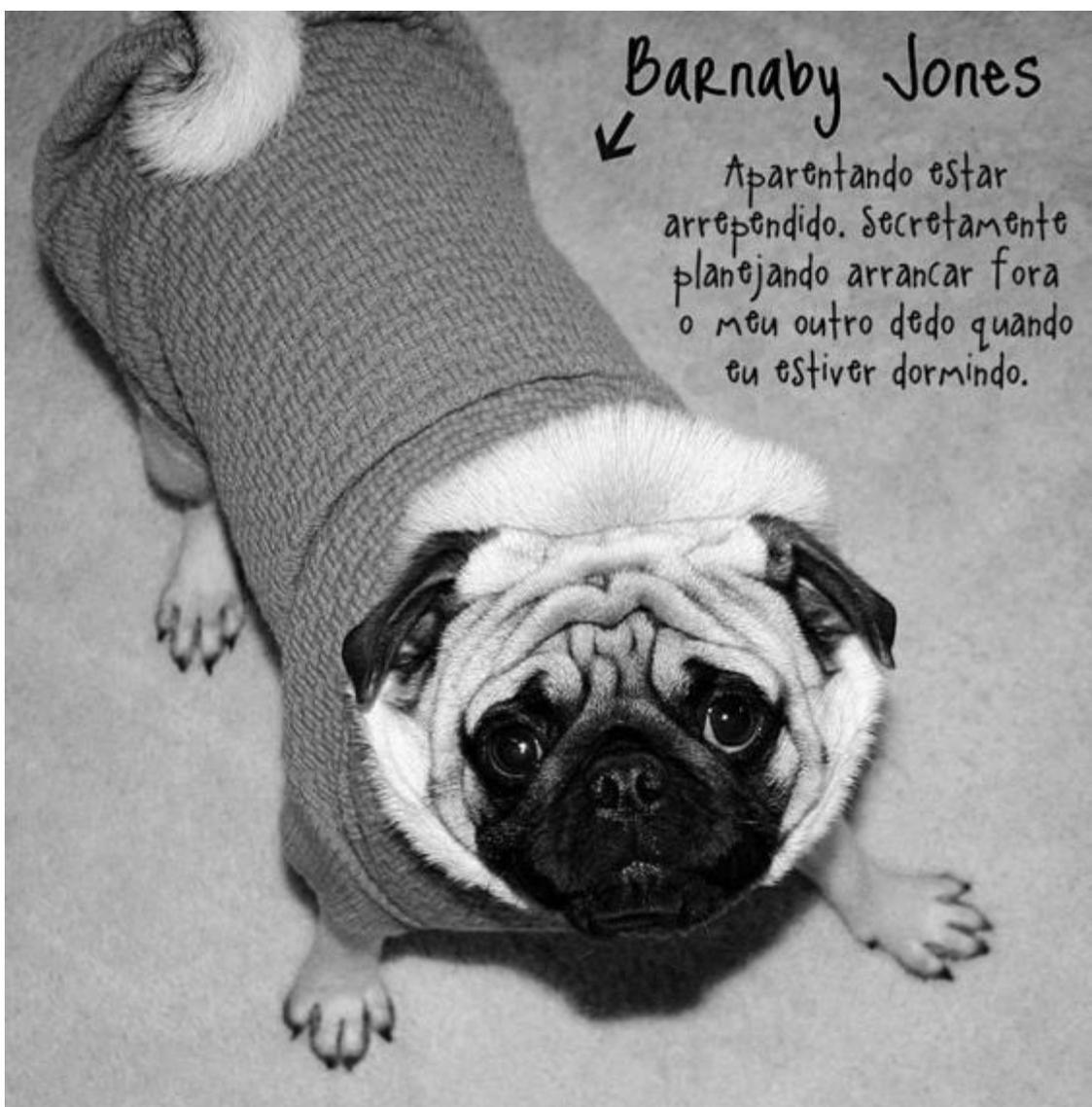
Atualizado: Fui ao pronto-socorro hoje de manhã. Expliquei a situação. Eles escreveram “apunhalada por um frango” na minha ficha. Em seguida me perguntaram se eu tinha “problemas mentais”, mas pensei que haviam dito “poderes mentais”, então respondi: “Tipo... *se eu posso ler sua mente?*”. Eles me colocaram num quarto particular. Acho que a lição aqui é que se deve fingir ter uma doença mental para conseguir atendimento mais rápido. Acontece, no entanto, que foi apenas uma distensão, então tenho de usar uma tala até curar e também tenho de mantê-lo elevado. Aqui está uma foto de mim no carro voltando para casa:



Parem de buzinar para mim. Sou deficiente, seus cretinos.

Maneiro. As pessoas da minha vizinhança têm sorte de me terem como vizinha.

P.P.P.P.S. Vários de meus amigos deixaram entender que Barnaby Jones provavelmente estava agindo em defesa própria, já que não se deve dar osso de frango para cachorro, mas estes são *filés de peito de frango chiques e desossados*. Enquanto isso, *eu* estou comendo Miojo e o agasalho dele custou mais caro que tudo que estou vestindo agora. Que coisa, galera, botando a culpa na vítima. *Talvez eu nunca volte a tocar o ukelelé.*



Ninguém vai cair nessa, Barnaby Jones.

E ESTE É O FIM da história “fui apunhalada por um frango”. A não ser que eu esteja numa festa. Aí não *paro de contar essa história*, porque nunca me canso dela. A não ser que você seja o Victor, que diz que prefere que eu nunca voltasse a mencioná-la. Provavelmente porque ele fica parecendo um cúmplice. Além do mais, acho que ele fica com vergonha quando falo das uvas que descobri debaixo da geladeira, então, por consideração a ele, mencionei “bolinha de gude” neste livro. *De nada, Victor.*

Enfiiim, agora você deve estar se perguntando: “*Quantas histórias de dedo machucado essa garota pode ter?*”, e a resposta é “muitas”. Mas a única que vou lhe contar (tirando o apunhalamento por um frango) é a que começou bem no início deste capítulo, pois estou guardando o resto para o segundo livro. Mas estas são minhas melhores histórias de todas sobre dedos, então esteja avisado que, quando o segundo livro sair, *Publishers Weekly* irá comentar: “*Se você estiver esperando mais das mesmas histórias brilhantes sobre dedos machucados recontadas magistralmente pela Jenny Lawson, santa sofrida e que virou sensação da noite para o dia, pense novamente, pois este livro vai deixar você de mãos abanando*”. Ou então eles podem dizer algo sobre “trocar os pés pelas mãos”. Fica difícil saber quando se trata da *Publishers Weekly*. Sinceramente, eles escrevem críticas horríveis. Na verdade, aposto que estão escrevendo uma crítica terrível desse livro agora mesmo, mas provavelmente só porque eu os denunciei e, *além do mais*, acabei de usar a crítica que *eles* gostariam de ter usado e estão pensando: “Que diabos vamos dizer agora? Ela pegou todas as frases boas. Quer dizer, ‘mãos

abanando'? Isso é ouro, galera". Sinto muito por isto, *Publishers Weekly*, mas sou escritora. *É o que eu faço.* (Nota do Editor: Desisto.)

Então. Como havíamos discutido anteriormente, estou no consultório do médico, sozinha com meu câncer de dedo, me perguntando se eu deveria simplesmente ter ido direto para um oncologista, mas eu mostro meu dedo inchado corajosamente e o médico me olha condescendente e diz: "Ah. Você tá com um dodói, é?". Aí eu lhe dei um chute bem no saco. Mas só na minha cabeça, pois médicos não pensam duas vezes antes de fazer boletim de ocorrência, pois eles podem inventar uns estragos médicos. Tipo assim, *um médico* pode dizer que eu lhe causei "saco estourado" e nenhum júri do mundo irá questioná-lo, mas, se *eu* insistir que tenho câncer de dedo, as pessoas ficarão olhando para mim como se eu fosse louca (da mesma maneira, por coincidência, que o médico estava me encarando bem naquela hora. Como se a doida fosse *eu*.) Lembrem-se de que *ele* é que está *me* processando por algo chamado "saco estourado". Só que isso também só aconteceu na minha cabeça. Pensando bem, não se lembre disso. Este parágrafo bem que não está me ajudando em nada.

O médico rapidamente descartou minhas alegações de câncer, mas eu insisti que antes ele pesquisasse câncer digital, pois estava quase certa de que estava morrendo disso.

"O que é isso? Você acha que tem câncer devido à exposição digital?", perguntou o Dr. Roland por cima do aro dos óculos.

"Não", respondi irritada. "Tenho quase certeza de que 'digital' é latim para 'dedoral', então câncer de dedo é igual a câncer digital. *Isso é anatomia básica, Dr. Roland.*" Aí o Dr. Roland me disse que ele achava que eu estava extrapolando e que "dedoral" nem era uma palavra de verdade. Eu lhe respondi que achava que ele estava *subpolando*, provavelmente porque estava com vergonha por não saber como funciona o latim. Aí ele disse que "subpolar" tampouco era uma palavra. A qualidade do atendimento do cara é péssima.

Dr. Roland meio que pigarreou para mim e eu apontei meu enorme dedo alienígena a ele, exigindo: "*Isto não lhe parece cancerígeno?!*". Ele me garantiu que não era câncer e que era simplesmente uma mordida de aranha. Uma aranha selvagem e nociva que injeta os ovos de seus filhotes com uma mordida venenosa para que eles possam se multiplicar e se alimentar da carne do dedo de uma jovem escritora que nem desconfia e que provavelmente tenha nas suas mãos (cancerígenas, talvez) um *baita* de um processo por negligência médica. Na verdade, o médico não disse nada dessa última parte, mas dava para ver nos olhos dele.

Quando cheguei em casa, Victor me perguntou o que o médico havia dito e eu expliquei: "Ele me mandou para casa morrer".

"*Ele fez o quê?*"

"Quer dizer, ele me mandou para casa com uma pomada." Foi tudo bem anticlimático.

Acontece, porém, que Dr. Roland estava muito enganado e, depois de muitos exames de sangue (e um novo médico), descobri que eu não tinha câncer de dedo *nem* aranha de dedo, mas que, em vez disso, eu tinha artrite.

Sempre que conto às pessoas que tenho artrite elas costumam dizer: "*Mas você parece ser tão jovem*", o que é um elogio às avessas que nunca me canso de odiar. Provavelmente vou odiar ainda mais essa frase quando as pessoas *pararem* de dizê-la e de repente começarem a dizer: "Ah, artrite. Óbvio que você tem". Aí minha intenção é atropelá-los com minha cadeira de roda. Sempre explico que é artrite *reumatoide* (também conhecido como AR), que pode acometer até uma criança. Na verdade, nem sei por que é chamada de artrite, pois é apenas vagamente relacionada à osteoartrite sobre a qual reclama sua bisavó. Já considereei pressionar a área da medicina para renomearem a artrite reumatoide de algo mais sensual, jovem e exótico. Algo como "A Morte da Meia-Noite" ou "Vampirismo Iminente". Ou talvez pudesse ter o nome de alguém famoso. Como "Doença de Lou Gehrig, parte dois: O ARREBATAMENTO". Afinal, a artrite reumatoide é sofrida demais sem ter o constrangimento adicional

de parecer algo que sua avó teve, então me parece justo que possamos dizer às pessoas que tivemos de perder a festa por causa de uma crise inesperada de “Vampirismo Iminente”.

Meu novo médico de AR era bem gentil e me assegurou que um diagnóstico de AR não era a sentença de morte que já tinha sido um dia. Comecei a hiperventilar um pouco porque o médico havia acabado de dizer “sentença de morte” e ele chamou a enfermeira para me ajudar a colocar a cabeça entre os joelhos e respirar fundo. Então ele disse que, apesar de não ter cura, havia muitos tratamentos experimentais que poderíamos “tentar”. Aí eu desmaiei, mas provavelmente nem tanto pela notícia de que eu tinha uma doença incurável, mas porque eu tendo a desmaiar quando vejo pessoas de jaleco. Já desmaiei em excursões escolares a clínicas, no optometrista, durante a consulta no ginecologista e até uma vez no veterinário, quando desmaiei inesperadamente e caí em cima do meu gato. (Esta última foi mais desconcertante, pois retomei a consciência na recepção com um monte de cachorros e estranhos inclinados sobre mim e me dei conta de que minha blusa estava completamente desabotoada enquanto uma equipe de paramédicos examinava meu coração e que meu gato estava agachado debaixo da cadeira, me encarando com um olhar acusador.) Quando retomei a consciência no consultório de AR, meu médico me fez deitar, explicando que não era motivo para entrar em pânico e que, apesar de ninguém saber o que causava a doença, suspeitavam que fosse congênito. Eu não escutei muito bem, porque estava ocupada demais tentando segurar o vômito, e então olhei para o médico com olhos arregalados e disse: “Perdão. *Genital?*”

“Hã... *o quê?*”, perguntou o médico.

“*Você disse que minha artrite é genital?*”

“Não.” Ele riu. “*Congênito. Ou talvez hereditário.*” Dei um suspiro de alívio, encontrando pelo menos um pouco de conforto na sua resposta, e comecei a me perguntar qual seria a aparência de uma vagina artrítica. Ele me garantiu que meus genitais ficariam bem, mas, sinceramente, ele me pareceu um pouco assustado. É provável que nunca havia lhe ocorrido pesquisar a artrite da vagina. Mas eles deveriam. Até agora, já tive artrite em todos os dedos, meu pescoço, braços, pernas, pés e uma orelha. Só consigo imaginar que a artrite vaginal esteja no virar da esquina, esperando para atacar quando menos se espera. O que é *sempre*, na verdade. Ninguém nunca espera pela artrite vaginal.¹⁰

Meu médico explicou que eu tinha uma forma rara da doença chamada poliartrite, o que significava que, em vez de ficar num só lugar, a artrite pula para diferentes partes do corpo quase que diariamente. Um dia eu acordo e o calcanhar está tão inchado que parece que estou usando uma meia cor de pele recheada de maçãs. No dia seguinte, meu calcanhar está bem, mas não posso mexer o ombro esquerdo sem ter vontade de esfaquear um gatinho. A melhor maneira de explicar a doença é como se toda noite fosse dormir sabendo que Freddy Krueger está me esperando para me dar uma surra com um taco de beisebol e que vou acordar com seja lá que lesões. Só que este não é um filme sobre a Rua Elm, é minha vida. Além do mais, Johnny Depp não está aqui. Então é uma droga em múltiplos sentidos.

O médico tinha razão sobre existirem muitas opções de tratamento, mas fiquei decepcionada em descobrir que nenhum deles incluía Segways medicamente prescritas, ou macacos como mordomos pessoais para me ajudar a abrir potes de pickles. Em vez disso, me deram um remédio que começa com “met-” e termina com “seu-cabelo-vai-cair-e-você-nunca-vai-parar-de-vomitare-se-não-tomar-um-antídoto-diário”, pois aparentemente também é um remédio de quimioterapia. Curiosamente, um dos muitos efeitos colaterais do remédio é que, apesar de ser uma medicação projetada para combater o câncer, A PORRA CAUSA CÂNCER. O médico me explicou que câncer induzido por remédio acontecia somente em casos raros, mas, considerando que eu tinha acabado de ser diagnosticada com uma das formas mais raras de uma doença rara para início de conversa, me parecia que este era o tipo de loteria que eu deveria evitar. Ele me convenceu que os riscos valiam a pena, mas avisou para não entrar em pânico, pois a bula do remédio iria me assustar pra caralho. Ele tinha razão. Dizia assim: “Putá *merda*, FILHO DA MÃE. *VOCÊ VAI MORRER, CARALHO!*”¹¹ Estou apenas parafraseando, mas a essência é

esta. Além do mais, na minha cabeça soava como se Samuel L. Jackson estivesse falando, então fiquei com medo e ao mesmo tempo entretida.

E o que é realmente uma droga é que NINGUÉM SABE COMO ESSA MEDICAÇÃO FUNCIONA. Eles acreditam que *talvez* age arregaçando todo o sistema imunológico e impedindo que as células cresçam normalmente para que o corpo ataque o sistema imunológico em vez de suas articulações. Pois quem precisa de um sistema imunológico funcional, quando se tem uma doença autoimune que o deixa tão doente que a melhor opção é tomar um remédio que *pode matar*? É basicamente como ser esfaqueada no pescoço para se distrair de um dedão machucado. Mesmo assim, os remédios parecem ajudar um pouco, então eu os tomo e tento não imaginar como seria sem eles.

Faz dois anos agora que tenho artrite e às vezes desaparece e às vezes não consigo sair da cama, mas, de qualquer modo, tenho de fazer exames de sangue e radiografias constantemente. A melhor notícia que o médico pode me dar é que meu sangue não está tóxico e que “ainda não há nenhuma deformidade aparente”. São nestes momentos que se sabe estar fodido. Quando um profissional da saúde tenta comemorar *porque você não está tão deformada quanto esperavam*.

Eu passei pelos primeiros anos sem muita clareza do que estava fazendo, sempre esperando que de repente descobriria que havia sido curada.

“Não entendo”, disse ao meu médico. “Faz anos que faço vários tratamentos diferentes e ainda sinto dor.”

“É fácil ficar desmotivada”, ele disse gentilmente, “mas você não pode esquecer que tem uma doença degenerativa.”

“Sim, mas eu pensei que estaria melhor a essa altura.”

“Ah”, disse meu médico. “Acho que talvez você não esteja entendendo o significado de ‘degenerativa’.”

Maravilha. Eu nunca seria curada e meu conhecimento de vocabulário estava sendo questionado.

Quando saiu o resultado do último exame de sangue, o médico disse que não era de surpreender que eu estivesse sentindo tanta dor, pois meus resultados indicaram uma artrite “duplamente positiva”. Não estava certa do que isso queria dizer, mas suspeito que significava que minha artrite era uma perfeccionista exagerada.

Comecei a tomar suplementos de erva e comprimidos gigantes de óleo de peixe e, quando Victor reclamou que eu só estava jogando dinheiro fora, destaquei que óleo de peixe é bom para as articulações, pois os peixes são... bem lubrificadas, talvez? Ele ficou me encarando, perplexo com meu raciocínio.

“Bem, fazer mal não faz”, respondi. “Quase nunca vemos um peixe com calcanhares ruins. Ou... sabe... mancando.”

“Acho que alguém lhe vendeu gato por lebre. Eles não costumavam vender óleo de peixe lá no século XIX para otários?”

“*Não*”, respondi, “Era óleo de *cobra*. Embora eu nunca tenha entendido como se consegue óleo de uma cobra. Me parece ser trabalho demais para algo que nem funciona. Imagine quantas pessoas eram mordidas todo dia tentando tirar óleo das cobras.”

“Do que você está falando? Não se tira *óleo* das cobras.”

“Sim, se tira sim. Tenho quase certeza de que neste caso é como as vacas. Se consegue leite tirando leite da vaca, então se consegue óleo tirando óleo da cobra. É uma questão de conhecimento básico, de senso comum.”

Foi então que Victor me perguntou exatamente quais suplementos de erva eu estava tomando e insistiu que eu parasse de tomar aqueles que não estavam escritos em inglês ou vinham em sacolinhas de lojas suspeitas de produtos de saúde. Ele tinha razão, mas eu estava desesperada, e foi essa crise de desespero que me fez concordar em deixar o Victor me levar a um acupunturista.

Nunca havia ido a um acupunturista antes, mas eu havia escutado o suficiente sobre eles para achar que

sabia no que estava me metendo. Mas acontece que todas aquelas pessoas que me disseram que a acupuntura é incrível e não dói nada *são malditas mentirosas*. Ou talvez meu acupunturista seja ruim, ou apenas realmente odeie gente branca. Difícil saber.

De qualquer forma, acho que estaria fazendo um favor ao mundo se explicasse o que de fato acontece na acupuntura para que você não entre nessa tão cega quanto eu:

1. A enfermeira manda você tirar tudo menos a calcinha. Então talvez você deva vestir uma calcinha. E talvez eles devessem *nos avisar disso* quando se marca a consulta.
2. Recado especial para as pessoas que levam as crianças pequenas: que diabos há de errado com você? A “casa de bonecas” no chão da recepção não é uma casa de bonecas. É um altar. Se você deixar o boneco G.I. Joe do seu filho “conquistar e reivindicá-lo em nome dos Estados Unidos”, você provavelmente irá para o inferno. Além do mais, talvez não se deva irritar o cara que está prestes a enfiar agulhas em você. Só uma sugestão, moça.
3. O acupunturista entra e você tenta explicar o que dói. Aí ele sacode a cabeça, pois não fala inglês. Ele chama a enfermeira e você explica onde fica seu reumatismo e por quanto tempo tem sentido dor e que medicação você toma, e ela olha para o médico e grita: “ELA DIZ QUE DÓI”, e então sai da sala. O médico lhe lança um olhar que diz: “Por que você está desperdiçando meu tempo? *Claro que você está com dor*. Por que alguém perfeitamente normal viria aqui para que alguém lhe enfie agulhas?”. Aí ele faz você deitar novamente na mesa e começa a espetá-lo com agulhas.
4. As agulhas são pequenas e não doem nem um pouco. Na verdade, chega a ser gostoso. Ha, ha! Brincadeira. Parecem agulhas. *Pois é isso que são*.
5. O médico enfia um agulha na orelha e ela começa a sangrar. Você sangra da orelha. Não consigo enfatizar isso o bastante. SANGRANDO DA ORELHA. Em seguida, ele abre um livro em inglês sobre acupuntura e faz você ler um parágrafo sobre como a orelha está no formato de um feto de cabeça para baixo então por isso é bom enfiar agulhas nela. Desesperada, eu torço para que algo nesse parágrafo tenha se perdido na tradução, pois tenho quase certeza de que não se deve enfiar agulhas em fetos. Fiz uma anotação mental para perguntar a meu ginecologista sobre isso. Aí fiz uma nota mental para não perguntar mais, pois, mesmo se eu conseguisse descrever isso adequadamente, perguntar ao meu ginecologista se tem problema enfiar agulhas em fetos só fará a próxima coleta para o Papanicolau ainda mais constrangedora.
6. Quarenta e quatro agulhas depois. Várias delas estão sangrando. As outras estão formigando um pouco. O médico vai embora e você tenta olhar para si mesma, mas não consegue, pois isso faz com que as agulhas no pescoço se aprofundem ainda mais. Nesta altura você desmaia de choque. O acupunturista volta e diz todo convencido que você adormeceu devido a todo o *chi*. Concordo, se *chi* for chinês para “grande perda de sangue”.
7. As 44 agulhas são retiradas. Você começa a se levantar, mas o médico ri e diz que ele apenas começou e agora ele tem de fazer o “traseiro”. Aí você diz: “O traseiro?”, e ele diz: “Não. O traseiro”. Aí a enfermeira grita: “A parte traseira!” e ele diz: “Sim, seu traseiro”. Maravilha.
8. Mais 42 agulhas. Todas no meu traseiro. Duas doem pra caramba e sangram bastante. Começo a suspeitar que o acupunturista está com raiva. Tento explicar que não estou com aquela mulher na recepção que deixou a figura de ação do filho dela conquistar o altar. Ele não acredita nem um pouquinho.
9. Quarenta e duas agulhas são retiradas. Então ele derrama algum tipo de líquido em você que eu decidi chamar de “suco fedido”. Ele o massageia nos poros para que você fique fedendo que nem uma velha meia suja que tem patchouli e Vick VaporRub dentro dela.
10. Em seguida, escuta-se o som de um isqueiro e você suspeita que vão atear fogo ao seu cabelo, mas o

acupunturista explica que vai fazer um pouco de “sucção”, o que meu primeiro namorado chamava de “dar uns malhos”. Isso me parece ser completamente inapropriado e começo a protestar, mas acontece que a sucção consiste apenas em o médico atear fogo ao álcool que está dentro de um copo pequeno e colocá-lo por cima da pele para que aja como um vácuo e provoque um chupão enorme. O que, pensando bem, também me parece pouco apropriado.

11. Em seguida, o acupunturista abre um pedaço de lenço de papel cheio de pó branco e o entrega a você, olhando para você cheio de expectativa. Você pergunta: “Você quer que eu... *é para cheirar isto?*”. Ele sacode a cabeça com a sua idiotice e faz você abrir a boca para que ele possa derramar o que parece ser talco dentro dela. Ele ri com a sua cara de terror e lhe dá um copo de água para que continue bebendo e enxaguando até que tudo tenha sumido. Então ele diz: “Chá de *ginseng* para desintoxicação”, e você responde: “*Não é assim que se faz chá*”. Ele sorri e sai da sala enquanto você fica lá se perguntando por que permitiu que um chinês estranho lhe desse um pó misterioso enrolado num lenço de papel *quando ele nem sabe como o chá funciona*. Você pode parar de se perguntar agora, pois não há uma boa resposta a essa bendita pergunta.
12. O acupunturista sai e você se veste, sentindo-se levemente atacada e vagamente confusa. Então você percebe que consegue de fato vestir a camisa pela primeira vez naquela semana sem gritar de dor. Assim, você marca outra consulta para a semana seguinte. Só que, dessa vez, seu marido jura que nunca mais lhe dará carona, pois ele alega que o carro está fedendo a um “*hippie* velho e sujo”.

Mas o negócio é o seguinte: entre as ervas, o óleo e a acupuntura e os remédios para câncer e tudo o resto, de vez em quando existem dias sem dor. Dias nos quais você aprende a apreciar simplesmente, porque ninguém teve de enfiar 86 agulhas em você naquela manhã. Dias nos quais você faz um piquenique improvisado no quintal porque você consegue dobrar os joelhos. Dias nos quais se publicam estudos mostrando que o álcool ajuda a evitar novos ataques de artrite. Esses são os dias de ouro.

E, mesmo nos dias em que estou de repouso e não consigo me mexer, sou grata por minha filha se aninhar ao meu lado e assistir a antigos episódios de *Os Pioneiros*. Tento ser grata por tudo que tenho em vez de ficar amarga por tudo que perdi. Tento aceitar esta doença com graça e espero pacientemente pelo dia que encontrem a cura. E que eu ganhe meu mordomo macaco.¹²

[10](#) Ou pela Inquisição Espanhola.

[11](#) A bula de verdade: “Alguns efeitos colaterais podem causar morte. Só se deve ingerir esta medicação para tratar de câncer de natureza agressiva ou certas condições outras que são bastante graves e não podem ser tratadas com outras medicações.”

[12](#) Além do mais, de agora em diante, todas as vagas de deficiente físico pertencem a quem realmente usa cadeira de roda, e não às pessoas que apenas se *sentem* deficientes porque tiveram cólica menstrual forte naquele dia. E também, se você estiver numa cadeira de rodas, tem preferência na fila da loja de conveniência. E também ganha sapatos *sexy* de graça. Precisamos aprovar tudo isso no Congresso ~~antes que eu fique deficiente, pois senão vai ficar parecendo que estou fazendo isso só por mim~~ *pois é isso que Jesus faria.*

O crack nem era meu

Logo depois de deixar meu emprego para virar escritora, Victor largou o dele para se tornar um executivo numa empresa de *software* médico. Isso foi maravilhoso, se não fosse pelo fato de que, agora, ambos trabalhávamos em casa e constantemente queríamos matar um ao outro. Aceitei vários trabalhos de escritora *freelancer* para pagar as contas, incluindo um no qual fui paga para escrever uma crítica de pornografia de péssima qualidade. Victor andava pela casa com seu telefone auricular Britney Speareense, fechando negócios e gritando coisas como “COMPRE! VENDA! PRECISAMOS DE MAIS ELEFANTES NESTE PROJETO!”. Ou algo parecido. Sinceramente, eu não prestava muita atenção, só sei que nada distrai mais do que um homem andando sem rumo pela sua casa enquanto grita consigo mesmo sobre planilhas e retornos de investimento quando você está tentando escrever um artigo satírico sobre a eterna relevância cultural de *Edward Mãos de Pênis*.

Inevitavelmente, Victor entrava às cegas no meu escritório ao vagar pela casa e parecia estar gritando com os gatos sobre gerenciamento de projetos. Confusos, os gatos se escondiam debaixo da escrivaninha. Eu lhe lançava olhares furiosos, mas ele nunca se tocava. Então eu abria um clipe de pornografia do meu trabalho no computador, pulava para a cena mais picante e colocava o volume no máximo. Victor olhava para mim horrorizado enquanto cobria o microfone e saía correndo de lá, apertando o botão do mudo desesperado e gritando de forma sussurrada para mim sobre como aquilo era uma teleconferência importante. Então ele perguntava – no seu tom de voz profissional de telefone – se todos estavam bem, pois deu a impressão de que alguém havia se machucado. Eu tinha de admitir que era uma boa recuperação. Mais tarde, ele voltava e explicava a importância do silêncio nas suas teleconferências importantes e eu estressava a importância de ele ficar na porcaria do escritório dele. Em seguida, ele enfatizava a importância de eu “fazer um trabalho de verdade em vez de simplesmente assistir a filmes pornô às três da tarde”, e eu destacava que não estava “curtindo” pornografia, mas apenas o “criticando”. PARA MINHA PESQUISA. Levando em conta que passávamos a maior parte da nossa jornada de trabalho de pijamas enquanto havia pornografia tocando no fundo, existia uma quantidade surpreendente de estresse no ambiente de trabalho.

Às vezes, Victor saía esbravejando, murmurando algo sobre a ética e a cortesia. Eu gritava pelo corredor: “ESTE É MEU TRABALHO, BABACA. PARE DE ME IMPORTUNAR, SENÃO VOU ESFAQUEAR VOCÊ NO OLHO”, e então ele colocava a ligação no mudo outra vez e ameaçava envenenar meu café. Era bastante parecido com trabalhar num escritório comum, só que em casa havia gatos e também se podia dizer em voz alta exatamente tudo o que você teria dito apenas na sua cabeça se trabalhasse em um escritório com baias e seguranças.

Antes, quando trabalhávamos fora de casa, voltávamos para casa e nos aproximávamos ao reclamar

sobre as pessoas idiotas que trabalhavam em nossos escritórios respectivos, pessoas que obviamente estavam tentando acabar conosco. Agora, no entanto, nem podíamos ter essa conversa, pois, como éramos só nós em casa, ficava perfeitamente claro que os únicos colegas idiotas de trabalho tentando acabar conosco na verdade *éramos nós mesmos*. Depois de muitos meses de esfaqueamentos iminentes, finalmente concordamos que precisávamos de uma casa na qual nossos escritórios ficassem mais distantes um do outro e nos demos conta de que não havia mais nada nos prendendo a Houston. Estávamos livres para nos mudar para onde quiséssemos. Victor sugeriu Porto Rico, mas, quando consultei meu coração, sabia para onde queria me mudar. Ninguém estava mais chocado com isso do que eu, pois ia contra tudo o que eu havia me prometido anos atrás no nascimento da Hailey.

Quando Hailey nasceu, a primeira coisa que pensei foi que eu precisava de uma bebida e que os hospitais deveriam ter bares. A segunda coisa foi prometer a mim mesma que Hailey teria uma *infância completamente diferente* da minha. Olhei para seu rostinho e jurei que nunca iria jogar animais grandes e mortos em cima da mesa da cozinha, nem soltar pumas dentro de casa. Victor parecia confuso, mas concordou, pois ele supôs que ainda fosse efeito das medicações. De fato era, mas isso não mudava o fato de que eu estava determinada que Hailey tivesse uma vida de aulas de balé e museus e que ela nunca iria até o quintal ver os lince enjaulados e acabasse encontrando um pato de estimação cujo bico havia sido comido por um guaxinim selvagem.

Depois do nascimento da Hailey, Victor e eu nos acomodamos à vida nos subúrbios nas proximidades de Houston e eu me esforcei em vão para me encaixar lá. Hailey tinha quase quatro anos agora e estava protegida e levemente pálida devido à falta de sol em sua pequena escola particular, onde ela aprendia música e dança e como ser exatamente como todo mundo. Nós a matriculamos na aula de ginástica olímpica, mas as outras crianças pareciam estar treinando para as Olimpíadas e mais de uma mãe chegou a mencionar dietas para as filhas, o que era completamente pirado. No final, decidimos simplesmente desistir e deixá-la pular no sofá. Mesmo assim, ela estava no caminho perfeito para se encaixar lindamente em uma vida normal e bonitinha, *e isso me assustava pra caralho*. Tinha medo porque não tinha certeza de estar lhe fazendo bem ao protegê-la de uma vida da qual, na verdade, sentia falta e também porque tinha de admitir que sentia um pouco de pena de Hailey. Pena por não poder explorar os canais, ou alimentar os cervos no quintal, ou ter lembranças de brincar com filhotes de guaxinim dentro de casa. Tínhamos nossos gatos e ela amava nosso doce pug, Barnaby Jones Pickles, que era demais (e que era o que tínhamos de mais parecido com o buldogue malhado da Laura Ingalls), mas ele não era uma banheira cheia de guaxinins, e suspeito que até ele teria concordado com isso.

Foi então que me vi convencendo Victor a nos mudarmos para alguns hectares de terreno no interior, de modo que Hailey pudesse correr, explorar e vivenciar um pouco o tipo de vida rural maluca que havia feito com que Victor e eu conseguíssemos fingir estar à vontade em diversos círculos sociais sem de fato nos encaixar em nenhum deles. Nós dois tínhamos memórias saudosas dos lugares espaçosos onde tínhamos crescido, e eu fiquei chocada de perceber repentinamente que agora, que havia visto como era morar “do outro lado”, o lado agradável-porém-entediante, conseguia apreciar a infância no interior da qual quis poupar Hailey. O calor, os animais selvagens e o isolamento haviam moldado quem eu era e eu me vi orgulhosa daqueles troços no caminho que haviam me formado. Eu achava injusto privar Hailey dessas mesmas experiências e nos mudar para o campo parecia ser a solução perfeita.



Hailey descobrindo o prazer da terra.

O Oeste do Texas havia mudado demais e não parecia mais nosso lar, mas acabamos encontrando uma casa na região serrana do Texas, a uma hora de Austin. Ficava em uma cidadezinha minúscula, a cinquenta quilômetros do supermercado mais próximo, mas era silencioso e gostoso, e a casa estava situada em alguns hectares de árvores que se estendiam até um campo bonito e aberto cheio de flores azuis. Eu me sentia em casa. Ademais, meu escritório ficava do outro lado da casa do escritório do Victor, e os dois tinham portas que fechavam de verdade.



E havia sol.

Como todas as outras vezes em que compramos uma casa nova, Victor fazia as perguntas sobre as

restrições da escritura, à medida que eu fazia as duas perguntas que sempre eram de minha responsabilidade: “Alguém já morreu nesta casa?” e “Quantos corpos estão enterrados no terreno?”. Sempre presumo que corretores de imóvel dizem a verdade na primeira pergunta, pois legalmente são obrigados a revelarem esta informação. Tecnicamente, porém, não acho que eles tenham de responder a segunda. Antes, eu costumava perguntar se havia *alguém* enterrado no terreno, mas tinha receio de que os corretores não estavam sendo sinceros comigo, então mudei a pergunta para “Quantos corpos estão enterrados no terreno?”, pois aí faz parecer que eu espero que haja corpos enterrados, pois é completamente normal, e assim eles ficariam aliviados e deixariam escapar que há somente dois corpos e meio enterrados ali. Victor diz que minhas perguntas têm exatamente o efeito oposto e que estou deixando todo mundo sem graça. Respondo que eu não tenho problema nenhum com corpos enterrados no terreno, mas que quero saber onde estão no caso de um apocalipse de zumbis. A essa altura, a maioria dos corretores pede licença e se afasta. Provavelmente porque seja muito entediante sempre ter de ver casais brigando sobre o apocalipse de zumbis o maldito tempo todo. Acho que esse tipo de coisa é a desvantagem de ser corretor de imóveis.

Finalmente, no entanto, compramos a casa e começamos as cinco etapas da mudança:

DIA 1: Embrulhe tudo bonitinho com plástico bolha. Limpe tudo antes para que esteja novinho e pronto para ser desempacotado. Rotule as caixas de todos os lados.

DIA 2: Comece a quebrar as coisas deliberadamente para que se tenha um motivo para não embrulhar e empacotá-las.

DIA 3: Encontro dezoito trituradores nas gavetas da cozinha. Exijo que Victor pare de comprar merda das infomerciais que passam de madrugada. Quebro dezessete trituradores intencionalmente.

DIA 4: Você se pergunta por que diabos começou a colecionar pequenos animais de vidro e quem permitiu que você tenha quatorze mil deles? Além do mais, por que temos três gavetas de tranqueiras? Isto é um sinal de que finalmente somos bem-sucedidos, ou um sinal de que somos acumuladores? Tenta entrar no Twitter para perguntar aos seus amigos, mas então você se dá conta de que seu marido já empacotou os fios do computador. Você se sente completa e absolutamente sozinha. Vai chorar no banheiro, mas é incapaz de assoar o nariz pois não consegue achar a caixa na qual guardou o papel higiênico.

DIA 5: Comece uma grande fogueira na sala de estar. Ria maniacamente ao empurrar as caixas de papelão para dentro dela.

Tudo isso é verdade tirando a última parte. Na verdade, meu sogro (Alan) veio no quinto dia para nos ajudar a jogar tudo nas caixas e para me impedir de jogar os trituradores no Victor, que havia passado os quatro dias “empacotando” a garagem, que, eu tinha quase certeza, não continha absolutamente nada de valor e que eu poderia vender por vinte dólares na internet se Victor morresse. Não entendo muito bem por que um homem precisa de dois armários cheios de ferramentas quando *eu* consegui sobreviver 35 anos de vida apenas com uma chave de fenda e fita prateada isolante. Victor diz que é porque “não se reconstroem carburadores com fita isolante”, mas estou quase certa de que Victor só não sabe quão versátil é essa fita.

Depois de carregarmos o caminhão da mudança, começamos nossa longa viagem até a casa nova. Alguns minutos depois de começarmos, Alan pigarreou e todo sem graça tirou um saquinho do bolso da frente. “Ah. A propósito. Eu encontrei um pouco de... uh...crack, talvez?”, ele disse ao me entregar hesitante a sacola Ziploc de crack. A primeira coisa que pensei foi que era estranho meu sogro bem conservador estar me oferecendo crack e me perguntei se isso era algum tipo de teste. A segunda coisa

que pensei foi que, apesar de nunca ter visto crack antes, supunha que fosse caro e isso me parecia ser *bastante* crack para se ter de uma só vez. A não ser talvez que ele o estivesse vendendo, o que parecia esquisito, pois Alan era um empresário muito bem-sucedido. Mesmo assim, sabia que ele havia sacrificado um dia inteiro para vir nos ajudar, então tentei não julgar enquanto me esforçava para encontrar uma maneira educada de recusar. Então reconheci minha letra na saquinho. Com alívio, me dei conta de que Alan devia ter encontrado o saco quando estava empacotando as coisas e foi gentil o suficiente para trazê-lo conosco. Ri e expliquei, “Ah, esse crack não é meu. É da Hailey”, e ele me pareceu um pouco mais enjoado e esclareci que era da Hailey *e que também* não era crack. Era um pó que se compra para criar neve de mentira, fazendo-o inchar quando se adiciona água. Expliquei que a Hailey brincava com ele todos os invernos, já que não tínhamos neve de verdade no Texas e que era reutilizável, mas, quando fica desidratado, parece crack. Joguei uma pequena pedra de crack numa garrafa de água quase vazia e ela instantaneamente ficou cheia de neve e Alan suspirou aliviado. Foi um pouco ofensivo ele ter encontrado crack e automaticamente presumido que fosse meu, mas levei em consideração as outras pessoas que moravam na casa e lhe dei crédito por me conhecer tão bem.

Logo depois de nos mudarmos, comecei a pesquisar a história da região e descobri que agora morávamos na beirada de “*The Devil’s Backbone*” (as costas do diabo), um dos trechos de terra mais assombrados do Texas. Sempre fui fascinada por histórias de fantasmas, então não me incomodei com isso até um vizinho vir nos contar sobre os corpos que haviam sido enterrados mais adiante na nossa rua. “O *que* enterrado *onde?*”, eu lhe perguntei. Acontece que uma família havia sido enterrada no que na época fora seu quintal, mas a natureza selvagem havia crescido em volta dela e agora os túmulos estavam perdidos. Isto me incomodava. Não que houvesse um cemitério improvisado ao longo da estrada (vizinhos mortos são vizinhos silenciosos... Acho que o Robert Frost disse isso), mas que havia um cemitério perdido na nossa subdivisão que ninguém conseguia encontrar. Será que construíram por cima dele? Os túmulos eram novos? Eu estava feliz de estarmos tão longe da cidade que não seríamos atacados por um exército de zumbis das cidades superpovoadas, mas fiquei preocupada com o fato de que, se houvesse um apocalipse de zumbis, poderíamos ter zumbis feito em casa plantados por perto e não fazia ideia de que direção eles viriam. Eu estava preocupada. Victor também, que disse que ficaria agradecido se eu parasse de falar sobre o apocalipse de zumbis na frente dos vizinhos. “Ela merece saber”, repliquei, e disse ao Victor que precisávamos encontrar esses túmulos, pois não iria conseguir dormir até saber onde estavam.

“Não”, ele disse firmemente. “Não vamos passear pelo bosque na busca por corpos no caso improvável de acontecer um apocalipse de zumbis.”

“VIGILÂNCIA COSNANTE”, eu (talvez) gritei. “*Estou fazendo isso para todos nós, idiota.*” Eu estava mesmo. Tínhamos um jardim de zumbis por perto e queria me assegurar de que era velho o suficiente para que os zumbis não fossem uma ameaça. Brigamos a respeito por dias, até que por fim ele concordou em descobrir onde estavam os túmulos, provavelmente porque ele finalmente tenha percebido que existem algumas coisas desagradáveis que são da responsabilidade do protetor da casa. Ou talvez porque eu continuamente o acordava de três em três horas para perguntar se ele havia escutado algo na varanda que parecia estar “com fome e se arrastando”.

Victor encontrou um cara da região que dizia saber onde os túmulos estavam e ele disse para simplesmente pegarmos a estrada no final da rua. Exceto que *não havia* uma estrada no final da rua. Apontei para duas trilhas cobertas de vegetação na grama. “Acho que ele estava se referindo a isso.”

“Isso não é uma estrada”, Victor disse desdenhoso, mas não havia mais nada lá.

“Estou quase certa de que é uma estrada”, expliquei. “Dá para perceber por causa do hidrante do lado dela.”



Victor ficou me encarando, irritado, e cerrou os dentes ao virar o carro na estrada que não era uma estrada. Vários minutos (e um cârter amassado) depois, chegamos a um beco sem saída e Victor me lançou um olhar furioso. Então algo saiu correndo do mato e gritei: “CHUPA-CABRA!” Victor meteu o pé no freio e ficou me olhando como se eu tivesse enlouquecido. Deve ter sido porque eu havia ficado tão nervosa que sem querer gritei: “*CHALUPA!*”, o que *admito* ser algo desconcertante de se escutar quando se está sendo atacado por uma criatura perigosa. Em minha defesa, porém, não se pode esperar que ninguém se comunique adequadamente após ter visto um monstro chupador de cabras vil correndo pelo bosque. Victor disse que concordaria comigo completamente se o chupa-cabra não fosse na verdade um pequeno cervo. Foi desanimador. Não só estávamos morando numa vizinhança infestada de chupa-cabras¹³ que eram ótimos em personificar cervos, como tampouco encontramos os túmulos. *Além do mais*, agora queria comer uma *chalupa* e não havia um restaurante mexicano num raio de cem quilômetros. Foi um fracasso de todos os ângulos, mas consolei Victor ao lembrá-lo de que pelo menos não tínhamos de nos preocupar com cabras sendo chupadas, pois não tínhamos nenhuma. Então Victor pediu que eu parasse de falar e me disse (pela primeira do que seriam eventualmente oito mil vezes) que havia sido um erro terrível ter nos mudado para o interior.

Eu defendi nossa nova cidade e lhe assegurei que apenas precisávamos nos readaptar, mas ele tinha razão. A situação era evidentemente muito complicada e eu sentia que era apenas uma questão de tempo até um de nós ficar com disenteria ou febre amarela. Até isso acontecer, porém, nos reacomodamos, tranquilizados de saber que tínhamos de alguma maneira escapado da morte só por ter nos mudado... certos de que, quando o fim chegasse, não seria porque Victor e eu havíamos nos esfaqueado devido ao estresse do trabalho, mas por causa da natureza selvagem inexplorada (e talvez cheia de cabras zumbis) do lado de fora da porta. Victor e eu ficamos confortados em saber que nossos escritórios agora estavam longe o suficiente e que não seríamos um perigo um ao outro, mas mesmo assim estávamos preocupados.

E não era sem razão.

[13](#) O corretor ortográfico se recusa a reconhecer a palavra “chupa-cabra”. Provavelmente porque é racista. O corretor, quero dizer. Não as chupa-cabras. Chupa-cabras são monstros do México que chupam o sangue das cabras. Eles não se importam com sua raça. É bizarro, mas o corretor ortográfico não tem problema nenhum com a palavra “CHUPA-CABRA!” em letra maiúscula, o que não faz sentido algum. A não ser que seja porque ele reconhece que a única maneira que se usaria esta palavra seria aos gritos. *Touché*, corretor. P.S. Palavras verdadeiras que o corretor insiste não serem palavras de verdade: Velociraptors. Peixeira. Chupa-cabra. Viva. É quase como se o corretor nem *quisesse* que eu escreva minha autobiografia.

Sinceramente, nem sei de onde tirei aquele facão: uma tragicomédia em três partes dias

Dia 1:

O dia em que Barnaby Jones Pickles morreu foi um dia difícil.

Ainda estávamos nos acostumando à nova casa e estávamos planejando como construir uma cerca no quintal de trás que o mantivesse dentro e os escorpiões, fora. Até então, no entanto, simplesmente o havíamos deixado correr pela casa atrás dos gatos e aí o colocávamos numa correia/trela com um cabo incrivelmente comprido presa ao corrimão da varanda para que ele pudesse correr até o campo atrás de nossa casa. Contudo, ter um cachorro no quintal, mesmo que por pouco tempo por dia, era arriscado, e eu havia aprendido que no campo era perigoso pra caramba.

Aprendam com meus erros, pessoal.

Eu me convenci de que ele ficaria bem, já que ele tinha uma varanda coberta debaixo da qual podia descansar e vários ventiladores ao ar livre que estavam constantemente ligados, além de um regador onde ele podia correr. Tinha certeza de que ele estava perfeitamente fora de perigo de tudo menos dele mesmo. Eu ficava assistindo da sala enquanto ele traquinava por ali e, dois minutos depois, dava outra olhada e o encontrava sem mais espaço na correia, tendo de alguma maneira tecido um tipo enorme de teia de aranha horrivelmente projetada. Todas as cadeiras da varanda estavam presas dentro da teia de forma antinatural e ele olhava para mim, sua cabecinha de pug inclinada para um lado como quem diz: “... *que diabos acabou de acontecer?*”. Meticulosamente, eu o desenrolava e mudava as cadeiras para o lado de frente da casa, mas, quando voltava, ele já estava amarrado à churrasqueira, me dando exatamente o mesmo olhar.

Comecei a suspeitar de que numa vida passada ele havia sido um pirata pequeno e não muito bom, cuja especialidade era se atar ao mastro nas horas mais inoportunas. Podia imaginar o capitão dando a ele o mesmo olhar de pena, mas também de frustração quando ele subia depois da soneca para descobrir que Barnaby Jones Pirata havia se amarrado ao timão porque ele achou ter visto um ciclone, o que na verdade eram apenas uns pássaros. Eu sabia exatamente como o capitão deve ter se sentido, enquanto ele indubitavelmente suspirava e passava mais meia hora desenrolando as cordas amarradas em nó, ao passo que Barnaby o lambia incontrolavelmente no rosto. Ou pelo menos era o que ele sempre fazia comigo enquanto eu o desenrolava. Suspeito que Barnaby Jones Pirata também o fazia. Não havia muitas piratas mulheres por perto e não vou julgar um monte de piratas e suas práticas de lambidas. Sou completamente pró-lambidas-do-mesmo-sexo. E a favor de piratas. Exceto pela parte de estuprar e saquear. Sou anti-estuprar-e-saquear. Sou pró-ganchos-e- pernas-de-pau. Acho que isso faz de mim uma agnóstica de pirata.

Contudo, nunca gritei com o Barnaby, pois é difícil ficar brava com alguém que está feliz pra caramba de ver você. “Bom e velho Jones”, eu dizia asperamente, enquanto esfregava suas orelhas e ele

alegremente tentava roer os sapatos dos meus pés. Ele sorria daquele jeito meio distraído que os pugs aperfeiçoaram e me esforçava bastante para não me fixar no coelho furioso que se escondia nas rugas da testa dele (sempre me encarando de forma acusatória), tanto porque parecia constranger o cachorro, como também porque Victor disse que ver um coelho furioso imaginário na testa de seu cachorro provavelmente seja um tipo de teste Rorschach que comprova alguma doença mental que, de qualquer maneira, não tínhamos dinheiro para medicar adequadamente. Mas o coelho estava mesmo lá. Veja abaixo:



Desenhei a cara do coelho para as pessoas com pouca imaginação, mas, uma vez que você o vê, é impossível deixar de vê-lo.

Então chegou o terrível dia quando chamei Barnaby Jones para entrar e o encontrei morto no quintal; seu cenho de coelho enrugado para sempre desaparecido. Seu rosto estava inchado e depois nosso veterinário disse que ele provavelmente havia sido mordido por uma cobra. Eu escreveria algo obscuramente cômico agora para amenizar a tristeza da situação toda, mas não consigo, pois *eu amava aquele maldito cachorro*.

Na minha cabeça gritei obscenidades comigo mesma por tê-lo deixado fora de casa, mas tive de ficar quieta para que Hailey não percebesse. Não queria que ela o visse daquela maneira. Victor estava viajando e a secretária eletrônica do consultório do veterinário dizia que estavam fechados no fim de semana, então peguei Barnaby e o carreguei até o campo atrás da casa e chorei até não poder mais. Então, depois de uma hora de trabalho árduo, cavando um buraco no solo que era quase inteiramente pedra, o enterrei no campo onde ele adorava saltitar. Empilhei um dólmen de pedras em cima do túmulo para marcá-lo. Fiz isso sozinha, e foi uma droga.

Quando terminei, contei para Hailey e a abracei enquanto ela chorava. Nos abraçamos no sofá e a cada par de horas ela me perguntava se não passava de um pesadelo. Quisera eu. Ela perguntou se podíamos comprar outro pug e chamá-lo de Barnaby Jones e simplesmente fingir que ele nunca havia morrido. Eu

disse que não seria justo fazer isso com Barnaby, mas a verdade era que eu sabia que não conseguiria lidar com isso outra vez, então fiz uma resolução naquele momento: “*Nunca vou ter outro cachorro*”.

Liguei para Victor para lhe contar o que havia acontecido, e ele chorou. Eu lhe contei que havia enterrado Barnaby Jones no nosso campo e então Victor ficou bem quieto, pois ele sabia muito bem que quase não há terra no campo. Suspeitei que ele estivesse quieto, pois havia percebido em que aperto terrível ele me havia colocado por não estar em casa, mas então ele disse enigmaticamente: “Fique de olho no local onde você o enterrou”. Ele disse isso exatamente do mesmo modo que o cara no *Pet Sematary* (ainda escrito dessa maneira intencionalmente) o diria se você tivesse acidentalmente enterrado um ente querido na parte do cemitério que ressuscita os corpos. Suspirei e comecei a chorar novamente, pois a última coisa que queria fazer era ter de matar outra vez meu cachorro que já estava morto quando seu corpo sem alma se desenterrasse do túmulo. Victor perguntou: “*Que diabos você está dizendo?*”, e eu respondi: “Sabe... ÀS VEZES ELES RETORNAM?”. Em seguida, Victor disse que ligaria para os pais dele irem me buscar, pois obviamente eu estava tendo algum tipo de colapso nervoso. Na época, achei que ele estava dizendo isso porque eu estava confundindo todas as histórias do Stephen King na minha cabeça, mas, em retrospectiva, pode ter sido porque eu tinha acabado de falar sem parar sobre ter de assassinar nosso cachorro que já estava morto sem nenhum contexto real. De qualquer maneira, o pior havia passado e garanti a Victor que eu ficaria melhor com o passar do tempo.

E teria melhorado mesmo. Se Barnaby Jones Pickles não houvesse se levantado do túmulo.

Dia 2:

Minha vizinha passou aqui para dizer que havia me visto cavando uma cova no campo ontem e achou melhor passar para ver se estava tudo bem. Fiquei tocada, tanto porque ela havia vindo verificar se estava tudo bem como porque ela havia presumido que eu estava cavando uma cova e não chamou a polícia. “*É exatamente por isso*”, pensei comigo mesma, “que adoro o interior.” Ela também me disse que era provável que uma cascavel houvesse mordido Barnaby, pois já havia acontecido com dois de seus cachorros. “*E é exatamente por isso*”, pensei comigo mesma, “que odeio o interior.”

Liguei para Victor, que ainda estava viajando a semana toda. “Barnaby Jones Pickles foi morto por uma cascavel. Além do mais, pelo jeito, elas estão em todo canto e querem matar os cachorros. Nunca mais vou sair de casa. Como se usa uma arma?” Victor ficou apavorado com essa série de perguntas e se recusou a me dar a combinação do cofre de armas, pois aparentemente ele queria que as cascavéis comessem Hailey e eu. Aí ele destacou que cascavéis não comem as pessoas e que era igualmente provável que Barnaby houvesse morrido de uma reação alérgica a uma abelha como de uma cascavel e que eu provavelmente estava me fixando nas cascavéis para não ter de passar pelo luto por Barnaby. Então desliguei o telefone na cara dele e pesquisei no Google “Como faço para as cascavéis me deixarem em paz?”.

De acordo com a Wikipédia, as cobras detestam a naftalina e irão correr delas a todo custo (o que me parecia questionável, já que as cobras não têm pernas). Suspeitava que a Wikipédia havia confundido cobras com traças, mas a solução da naftalina se repetia também em outros sites, então comprei seis caixas de tamanho econômico de naftalina e as salpiquei em volta do perímetro da casa com tanta espessura que parecia que havia chovido granizo em uma configuração muito da esquisita. Também cheirava como se a casa estivesse cercada por senhoras velhinhas, o que era lamentável, mas eu visualizava que elas eram vovozinhas ferozes que estavam armadas com machados-de-batalha-picadores-de-cobra, e isso fazia com que ficasse mais fácil.

Chamei o exterminador também, que disse que a naftalina era um bom começo e que ele traria uma lata gigante de repelente de cobra para borrifar ao longo do perímetro para manter as cobras a distância. Perguntei: “Então como você garante que a cobra já não está escondida *dentro* do perímetro e ficará presa aqui comigo?”.

Ele pausou por um segundo e respondeu: “Nossa. É uma boa pergunta. *Como* saber?”. E eu disse: “*Não é uma prova*. Estou perguntado a você... como você sabe?”. Então ele disse que, se a cobra já não tivesse ido embora, ela seria capaz de passar por cima do repelente só para se afastar do cheiro. Indaguei: “Então não é como colocar um círculo de sal ao seu redor para afastar os demônios?”, e ele falou: “*Isso funciona?*”. Comecei a pensar que talvez precisasse arranjar um novo exterminador.

Saí para colocar uma segunda camada de naftalina e percebi que o túmulo de Barnaby Jones havia sido perturbado. O dólmen de pedras que eu havia colocado no seu pequeno túmulo havia sido derrubado e vi um pequeno e terrível indício de uma pata espetada para fora. Por um breve segundo fiquei apavorada de que Barnaby Jones estivesse de fato voltando do túmulo e fiquei paralisada, me perguntando se eu deveria ajudá-lo a sair ou ligar para um exorcista. Mas, enquanto eu olhava, um enorme pássaro escuro se precipitou e tentou retirar a perna. Devagarzinho descí o morro até o campo enquanto uma legião gigante de raptos gritavam e decolavam da árvore onde ficavam.

Urubus.

Corri até a garagem para pegar o facão, mas, toda vez que me afastava do túmulo de Barnaby, eles investiam novamente. Então eu gritava e corria na direção deles, sacudindo meu facão furiosamente, e eles davam um passo para trás e olhavam para mim como se eu estivesse sendo ridícula. “Você nos deixou comida”, eles pareciam dizer. “Por favor, pare de tentar nos bater na cabeça com um facão. Como se não bastasse você ter *enterrado* nosso lanche. Honestamente, você está envergonhando todo mundo.”

Eu me sentia como a Laura Ingalls quando ela estava enxotando os gafanhotos da plantação de trigo, só que minha plantação de trigo era um cachorro morto e eu não estava vestindo uma touca de sol. Finalmente liguei para minha mãe, e ela foi bem compreensiva e solidária. No entanto, ela também é realista e sugeriu que talvez devêssemos deixar a casa por alguns dias e simplesmente deixar que Barnaby Jones tivesse um enterro celestial tibetano acidental. Minha mãe era a pior ateia do mundo. Além do mais, era possível que ela não fosse tão pró-enterro-celestial-tibetano e só estava nervosa de saber que eu tinha um facão próprio. É como se minha mãe nunca tivesse me conhecido.

No entanto, ela tinha razão. O ciclo da vida *era* assim, mas eu não estava de acordo com o Barnaby Jones virar um tira-gosto nesse ciclo. Também tinha medo de Hailey ver os urubus tirando Barnaby de sua cova. Ela já os estava espreitando desconfiada e havia perguntado por que estavam lá. “Eles estão... rezando”, respondi, dizendo a primeira coisa que me veio à cabeça. “Estão rezando e fazendo um enterro para o Barnaby.” Por sorte, isto teve sentido para uma menina de seis anos criada com desenhos ilógicos da Disney.

Liguei novamente para o Victor. “Na verdade, Barnaby Jones foi morto por um tubarão.”

“*O quê?*”, ele disse engasgando.

“Brincadeira. Mas ele *está* se levantando do túmulo.”

“Estou *trabalhando*”, ele sussurrou, a voz tensa. “Você está bêbada?”

“Nunca estive mais sóbria – *ou com mais necessidade de beber* – em toda minha vida.” Então Victor desligou para voltar ao trabalho e pensei em enxotar nossos gatos domésticos para fora da casa para afugentarem os urubus, mas tinha medo de eles se perderem, já que eles nunca estiveram do lado de fora, ou que os urubus os vissem como um lanche mais fácil, os pegassem e os levassem embora. Não só seria muito deprimente, mas também tinha plena consciência de que, se eu sem querer matasse todos os nossos bichos de estimação em um único fim de semana, Victor nunca mais me deixaria sozinha e provavelmente começaria a esconder o facão. Em vez disso, decidi simplesmente fechar as cortinas e fingir que isso não estava acontecendo mesmo.

Dia 3:

“Putá merda”, pensei comigo mesma. “Isso está mesmo acontecendo.”

Agora havia uma dúzia de urubus pairando sobre o túmulo de Barnaby e derrubando as pedras. Liguei

para um milhão (um milhão = quatorze) de lugares para conseguir que alguém viesse desenterrar meu cachorro – que já estava parcialmente desenterrado por urubus terríveis que eu estava atacando com um facão –, mas ninguém podia vir, pois era fim de semana. Pelo jeito, as pessoas precisam desenterrar os cadáveres de seus cachorros somente em dias úteis. Então encontrei um cara na seção de “serviços” dos classificados que alegava fazer “absolutamente *qualquer serviço* pelo preço justo”, mas, quando pesquisei seu endereço de *e-mail* na internet, descobri que ele também tinha anúncios para pessoas que estavam procurando por prostitutas, então basicamente ele era um cafetão e me parecia esquisito convidar um cafetão a minha casa quando só estávamos eu e Hailey. Comecei a gritar dentro de minha cabeça, “*POR QUE VICTOR AINDA NÃO CHEGOU EM CASA?*”.

Liguei para ele outra vez. “Na verdade, Barnaby Jones foi morto por um exército de... Sei lá. *Nem tenho forças para inventar alguma merda*. Mas encontrei um cafetão que pode vir desenterrá-lo.” Em seguida, Victor destacou que o cafetão provavelmente não estivesse se referindo tanto a serviços que envolvessem desenterrar animais mortos e mais a serviços que envolvem mãos e boquetes. Eu repliquei: “Não posso pagá-lo com cocaína. *NEM SEI ONDE CONSEGUIR COCAÍNA*”. Então Victor me disse para simplesmente ficar num hotel e que ele cuidaria de tudo quando voltasse dentro de alguns dias. Fiquei parcialmente tentada, mas disse a Victor que já me sentia mal o suficiente por não ter estado presente quando Barnaby morreu, e até parece que iria abandoná-lo quando estava sendo comido. Victor disse para me acalmar, pois parecia que eu estava hiperventilando. Salientei que apenas estava sem fôlego, pois estava lá fora, sacudindo o facão para os urubus.

Victor percebeu que eu deveria estar usando seu telefone auricular e ficou bastante puto por eu estar “deixando-o todo suado”. Então desliguei na cara dele. Porque sujar um telefone auricular de suor era café pequeno perto do fato de que eu estava brandindo um facão diante de grandes raptos, ao mesmo tempo que considerava as vantagens e desvantagens de contratar um cafetão para desenterrar nosso cachorro morto. Victor ficou gritando comigo no entanto, pois, tecnicamente, não sei desligar um telefone auricular. Mas eu lhe expliquei que ele estava gastando o latim dele, pois na minha cabeça eu já havia desligado o telefone e não estava prestando mais atenção. Aí ele ficou todo gritante e comecei a cantar “Total Eclipse of the Heart” para abafar sua voz. Foi neste exato momento que minha vizinha apareceu mais uma vez.

Desta vez, ela parecia estar mais preocupada, talvez porque eu estava berrando uma canção da Bonnie Tyler e chorando enquanto balançava um facão por cima de uma cova parcialmente revirada. Ou talvez fosse porque ela estava pensando: “Você está encharcando esse telefone de suor”. As pessoas são esquisitas e é difícil adivinhar o que estão pensando. Ela olhou para os urubus e logo entendeu o que estava acontecendo e trouxe uma lona azul de plástico gigante para me ajudar a cobrir o Barnaby. Colocamos pedras pesadas em volta da borda da lona e os urubus pareciam estar fulos, mas eu estava tão grata que chorei. Fui para dentro e tomei um banho muito, muito comprido. Quando voltei, percebi que os urubus eram surpreendentemente fortes e que a lona azul de plástico havia se tornado algum tipo de Cubo Mágico, cada um dos pássaros num canto tentando resolvê-lo. Eu estava tendo um colapso nervoso, mas pelo menos estava aproximando a comunidade de urubus.

Minha amiga Laura (sim, a mesma que me havia arrastado para a região dos vinhos) percebeu que minhas postagens no Twitter estavam cheias de atualizações sobre urubus, e facões, e cachorros mortos, e como estava feliz que existe a *Cartoon Network*: então decidiu me ligar. Eu afirmei: “*Está tudo bem*”, e angustiada ela disse: “Bem, não *parece* estar tudo bem. Vou passar aí para desenterrar seu cachorro morto”. Eu respondi: “*Não!* Ninguém precisa ver isso. *Especialmente* você, porque você o conhecia”. Ela concluiu: “Você parece estar péssima. Já vamos para aí. Vou trazer meu filho de quatro anos. E uma pá”. E assim o fez.

Não podia deixar que ela o fizesse sozinha, então colocamos um videogame para Hailey e Harry e lhes dissemos que íamos jardinar. Vestimos luvas e ela colocou um lenço sobre o rosto para mascarar o cheiro

e o fizemos. E por “o fizemos” quero dizer que desenterramos meu cachorro e o selamos em uma caixa térmica. Só que, *tecnicamente*, eu o fiz de olhos fechados, pois não suportava olhar, e a Laura ficava dando as instruções: “Certo, levante. Pá para a esquerda. SUA OUTRA ESQUERDA. PUTA MERDA, NÃO OLHE. Mais para frente... mais... abaixe para dentro da caixa... *PRONTO! TOCA AQUI, EQUIPE.*”

E assim conseguimos, e Laura, uma mulher cosmopolita e ganhadora do *Emmy* que tinha sapatos que custavam mais caros que meu casamento, ergueu o queixo para os urubus (que estavam todos nos encarando furiosos a alguns metros de distância) e murmurou ameaçadoramente: “É isso aí, babacas. Essa merda *acabou*”. Foi surpreendentemente empoderador para nós duas.

Selamos a caixa térmica completamente e a levamos até a garagem, onde poderia esperar em paz até o crematório vir buscar Barnaby Jones na segunda-feira. Parecia ridículo e também terrivelmente triste, mas então Laura me olhou com expressão compreensiva e disse: “*Ai. Somos as carregadoras de caixão-térmico do Barnaby. Entendeu? Agora ria.*” E eu ri. Ri pela primeira vez em dias enquanto tirava meu cachorro meigo e morto de seu tumulozinho raso e profanado. Foi aí que percebi que sorte incrível a minha ter amigas como a Laura. Pois ela pegou algo traumático e terrível e fez com que ficasse... *tudo bem*. E também porque, quando pedi desculpas – pela décima oitava vez – por tê-la metido nisso, ela disse: “Não tem problema algum”, e sacudiu a mão para minimizar a questão, como se eu apenas tivesse derramado meu Martini na mesa. Ela disse: “Cara. Seu cachorro é como Jesus. Ele está ressuscitando no terceiro dia”. Eu lhe disse que ela era como “Maria Madalena, só que menos safadinha”, e ela falou: “Bem, não é uma *competição*”. Fomos para dentro e esfregamos nossas mãos por duas horas, e ela me disse que tinha na bolsa tudo para fazer molho fresco, incluindo cerveja e um minúsculo processador de alimentos, pois ela sabe que não tenho eletrodomésticos. Era como se a bolsa dela fosse mágica e eu dei uma olhadinha dentro dela, perguntando onde estava o pônei. “*Eca*”, ela me disse criticamente pela primeira vez naquele dia. “Que droga, quem coloca um pônei na *salsa*? Você *realmente* é uma péssima cozinheira.” E, ao final de uma semana que tinha sido tão terrível e que eu achei que nunca acabaria, de alguma maneira, acabei sentindo algo que nunca imaginaria sentir.

Eu me senti *sortuda*.

Lembrei-me de algo que meu pai dizia quando eu lamentava os amigos que escolhia (que ocasionalmente acabavam sendo assassinos e mendigos). Pela primeira vez me vi concordando com seu mantra: “Um amigo é alguém que sabe onde você enterrou todos os corpos. Pois ele o ajudou a colocá-los ali”.

Ele tinha razão. E às vezes, se você tiver muita sorte, eles o ajudam a desenterrá-los.

EPÍLOGO: Hailey e Harry decidiram que precisavam de uma foto minha e de Laura depois que tínhamos terminado de “jardinar”. É a pior *e a melhor* foto que eu tenho.

É como alguma versão fodida da pintura *American Gothic*, só que com menos forquilhas e mais *rappers*. Se houvesse uma música para este capítulo, seria o tema de *As Supergatas*. Só que menos idiota e com um solo de guitarra foda no meio. A letra diria, “*Você verá que o maior presente será o meu e o cartão dirá, ‘Obrigada por me ajudar a desenterrar meu cachorro morto’*”. Isto é material de *ouro* para o *Emmy*, galera.



Pá, Laura, pá para anões (aparentemente), eu.

Algumas semanas depois, um entregador veio à nossa porta com um pacote e fiquei muito animada pensando que fosse o cachecol que havia pedido. Mas então o abri e me dei conta de que era uma caixa com as cinzas de Barnaby Jones. Nunca estamos preparados para pacotes assim. Mas, na verdade, deveríamos estar. Alguns dias são bons, outros são ruins, e alguns dias são aqueles em que recebemos um cachorro morto pelo correio. Nem todos serão uma maravilha.

Mais tarde, jogamos um pouco das cinzas de Barnaby Jones nas “costas do diabo” onde moramos, pois, aparentemente, é um lugar muito assombrado por índios e monges espanhóis, e gostaria de pensar que seria menos aterrorizador se as pessoas topassem com o fantasma de um índio solitário que estivesse

relutantemente acompanhado de um pug sorridente, *feliz pra caramba de te ver.*
De nada, Texas.

Vou precisar de um padre velho e um padre jovem

A seguir apresento uma série de eventos verdadeiros tirados do meu diário que me fizeram acreditar que nossa casa estava possuída por demônios e/ou construída em cima de um antigo cemitério indígena. (Além do mais, por favor, tomem nota de que a primeira parte deste capítulo ocorreu *antes* do capítulo anterior e a última parte dele acontece logo *depois* dele. Isso poderia ser entendido como “desengonçado e esquisito”, mas prefiro pensar nele como “intelectualmente desafiador e cronologicamente surreal”. Como se o filme *Amnésia* fosse um livro. Sobre cachorros mortos e vaginas e fantoches feitos de cadáver de esquilo. Sinta-se à vontade para usar essa citação se você estiver escrevendo uma resenha deste capítulo ou se você for um estudante e seu professor lhe perguntar: “O que a autora estava tentando dizer aqui?”. Era isso. Foi *isso* o que eu estava querendo dizer. Isso e “*Use camisinha se for transar, pelo amor de Deus. Existem piriquetes demais por aí*”. (Não trato muito desse assunto neste livro, mas não deixa de ser um bom conselho.)

Vamos começar.

Sabe o que seria uma droga? Se depois de se mudar você lembrasse de repente que pode ter esquecido na garagem uma caixa de charuto que contém um bagulho de dez anos e seu marido não lembra se a viu e você não sabe se os homens da mudança a encontraram e a empacotaram para você, então agora *pode ou não ser* que haja drogas ilegais em algum lugar da casa. Você quer contratar um cão farejador de drogas para vir cheirá-la para que sua filha não encontre a caixa um dia desses, mas não conhece ninguém que aluga cães farejadores. E você meio que quer ligar para a polícia para que eles venham encontrá-la e você dirá que podem ficar com ela se o acharem, mas não sabe se eles irão prendê-lo ou não, mesmo que, tecnicamente, seja apenas uma tentativa de se livrar de drogas ilegais. Tudo isto é hipotético. Também é motivo pelo qual estamos perdendo a guerra contra as drogas. Além do mais, a maconha é ilegal se estiver vencida? E como você sabe que está vencida? Estas são perguntas que faria à polícia se não tivesse tanto medo de ligar para eles.

Putá merda, galera. Acabei de olhar pela janela e vi uma raposa no quintal. *Uma maldita raposa*. Sei que não é grande coisa para a maioria das pessoas, mas eu fico estupefata de vivermos tão no interior que existem rapozelas de verdade morando em nossos morros. Também, o corretor ortográfico se recusa a reconhecer a legitimidade de “rapozelas”, apesar de *obviamente* ser uma palavra. Jovens meninas são donzelas; jovens raposas, rapozelas. Isso é linguística básica.

Victor e eu estamos tendo uma grande discussão sobre se devemos ou não alimentar as rapozelas. Victor diz que devemos, pois são adoráveis e – de acordo com os vizinhos – são bastante mansas. Eu digo que não, pois temos um pug gordinho que de vez em quando gosta de brincar lá fora e não quero que ele seja comido. Pensei que estivéssemos de acordo sobre as rapozelas, mas o Victor foi e jogou uma maçã nela. Eu disse: “*Que porra é essa? Não alimentamos as rapozelas*”, e ele respondeu: “Estava jogando a maçã para afugentá-la”, mas Victor é um baita mentiroso e não foi resgatar a maçã, provavelmente porque ele sabe que as rapozelas adoram cidra de maçã. Além do mais, tudo que aprendi sobre raposas aprendi com o filme *Fantástico Sr. Raposo*, que foi um ótimo filme, mas suspeito que não tenha sido *inteiramente* baseado em fatos. Isso tudo provavelmente seja óbvio mesmo sem a explicação.



Uma raposa de verdade no meu quintal. Procurando cidra, suponho eu.

As rapozelas não desistiram de passar o tempo aqui no nosso quintal como um monte de adolescentes vagabundeando que precisam arranjar um maldito emprego. Grito “*Saiam do meu quintal*”, mas elas apenas me olham inquisitivamente e se reviram em cima das costas como se quisessem que alguém lhes coçasse a barriga. *Não vou coçar suas barrigas, rapozelas.*

Victor caiu nos truques astuciosos delas e está levando comida escondido até o quintal para alimentá-las. Pois Victor pensa que sou uma idiota. Ele revistava a geladeira e cuidadosamente retirava salsichas e ovos em perfeitas condições. Então afirmava em bom tom que estavam estragados e os jogava pela porta dos fundos, esperando algum movimento. Ele dizia estar fazendo “compostagem”, mas eu lhe disse que não caía nessa lorota. “*Você não pode alimentá-las*”, expliquei novamente. “É como usar isca para seduzir rapozelas. Não vou chamá-las usando um monte de isca e então colocar o Barnaby Jones lá fora. Vamos sair e encontrar uma raposa mastigando uma correia vazia.”

“MAS QUERO VER UMA DE PERTO”, Victor gritou.

“Parecem gatos”, respondi. “Tipo gatos cinzentos e estrategistas.” Ele se recusou a acreditar em mim, então, no dia seguinte, dirigimos por um bútio comendo uma raposa na beira da estrada e eu disse: “OLHA! UMA RAPOSA!”. Em seguida eu disse com arrogância: “*Pronto. Agora você já viu uma. Não é tão interessante assim, não é mesmo?*”. Victor salientou que o animal morto era um gato e eu respondi: “*Exatamente. PARA VOCÊ VER COMO SÃO PARECIDOS*”. Além do mais, pode ter sido mesmo um gato. É difícil perceber o que os bútios estão comendo quando se passa dirigindo por eles a cem quilômetros por hora.

As rapozelas precisam ir embora. Barnaby Jones Pickles parece achar que são gatinhos amigáveis e fica tentando correr até elas para brincar. Felizmente, a correia dele não vai muito longe, então as rapozelas ficam além de seu alcance e ficam encarando-o pacientemente, como se ele fosse uma criança que está incomodando os adultos. Elas o ignoram e não parecem ser uma ameaça, mas a essa altura estou um pouco envergonhada pela exuberância de Barnaby e seu desejo desesperado e óbvio de brincar com as rapozelas que evidentemente se acham melhores do que ele. Essas rapozelas estão sendo umas babacas e não vou tolerar esse tipo de atitude.

Minha amiga Karen me disse que, quando há um problema com raposas na Inglaterra, o homem da casa faz xixi em volta de todo o perímetro, pois existe algo na urina masculina que, por algum motivo, assusta as raposas pra caralho. Parece-me legítimo, então digo para Victor que ele precisa fazer xixi em volta da nossa casa para proteger o cachorro. Victor sai do quarto e se tranca no escritório. Quase consigo *ouvi-lo* sacudindo a cabeça pela porta. Em retrospectiva, talvez pudesse ter começado com mais contextualização.

Estava lendo este capítulo para uma amiga e ela me interrompeu para perguntar: “Peraí, o Barnaby não morreu no último capítulo?”. Então vou me intrometer aqui para esclarecer (mais uma vez) que toda esta parte aconteceu antes de o Barnaby morrer. Não estava tentando proteger meu cachorro zumbi morto das rapozelas críticas e vagabundas. *Pois isso seria maluquice.*

Já faz dias e as rapozelas parecem adorar dormir justo fora do alcance de Barnaby. Victor diz que isso apenas prova como elas são mansas, mas estou quase certa de que elas estão tentando lhe passar algum tipo de doença de raposa transmitida pelo ar. “VAI FAZER XIXI!”, grito desesperada com Victor. “Se

você amasse Barnaby Jones, estaria mijando TUDO em cima dele agora mesmo.”

Victor levantou a cabeça. “Você escuta essas coisas que diz em voz alta?”

“Bem, *me esforço para não escutar*”, admiti. “Mas neste caso? *Tenho razão*. Você precisa mijar em volta do quintal inteiro. E talvez na frente da casa também. E no cachorro.”

Victor sacudiu a cabeça. “Não vou mijar no quintal. Não temos cerca. *É assim que se vai preso*. E eu nem *tenho* esse tanto de xixi.”

“SABE DE UMA COISA?”, gritei com os braços cruzados furiosamente. “*TUDO BEM*. Eu estou tentando salvar nosso cachorro e *você* está guardando xixi para você. SEU ACUMULADOR DE XIXI.”

“Não estou *ACUMULANDO* xixi”, Victor gritou. “Estou dando a descarga para que desça pela privada. ONDE ELE PERTENCE.”

“Você está *DESPERDIÇANDO SEUS RESÍDUOS!*”

“É isso que *se deve* fazer. É *POR ISSO QUE SE CHAMAM RESÍDUOS*.”

“Maravilha”, respondi. “Aposto que servirá de grande consolo para o Barnaby Jones saber que ele morreu de uma doença de raposa *por causa de semântica*.”

Liguei para minha mãe para perguntar se o papai poderia fazer uma viagem de algumas horas para vir fazer xixi em volta da minha casa para protegê-la, mas ela disse que ele não podia, pois é uma época bem agitada para a taxidermia. No entanto, ela disse que se eu “realmente precisasse” talvez ela pudesse mandar um pouco de xixi pelo correio. Pensei a esse respeito, mas recusei a oferta, pois, em primeiro lugar, *jamais quero assinar por um pacote desses*, e, em segundo lugar, já posso prever que Victor ficaria puto dentro das calças (sem trocadilho) por eu ter pedido que meu pai nos protegesse das rapozelas. Victor diria: “*EU SOU O MACHO ALFA NESTA CASA E NINGUÉM ALÉM DE MIM MIJARÁ NELA*”. Então a próxima vez que meu pai vier eles acabarão competindo para ver quem é mais macho. *Literalmente*. Só que Victor é competitivo demais e acabaria dizendo, “Ah é? Esqueça o xixi; *eu vou vomitar por todos os lados!*”, e eu diria: “Seu perfeccionismo é nojento”. Nunca tivemos esses problemas quando morávamos nos subúrbios.

Na semana passada, Barnaby Jones morreu corajosamente devido a uma picada de vespa/mordida de cobra/ataque de tubarão. Foi terrível e ainda não consigo escrever a respeito disso sem chorar. *Eu amava aquele maldito cachorro*. As rapozelas já foram inocentadas de qualquer suspeita de envolvimento na sua morte. Pelo Victor. Que, acho, pode estar enviesado, pois parece determinado a domesticá-las e criar um circo de rapozelas. *Isto não pode ser*. Sinceramente, sei que as rapozelas não foram responsáveis pela morte de Barnaby, mas suspeito que se Victor não as estivesse alimentando o tempo todo, elas estariam com fome suficiente para comer a vespa/cobra/tubarão que matou Barnaby. Proibi Victor de jogar comida no quintal. Ele diz que sou maluca e que ele parou de fazer isso há muito tempo. Três horas atrás vi uma raposa passar pela janela do quarto comendo um hambúrguer. *Filha da mãe*.

Nossa casa parece estar infestada de escorpiões. *Maravilha*. E não são do tipo letal, mas dói pra caramba se você for picado e são nojentos e feitos por Satã. Felizmente, os gatos são imunes ao veneno de escorpião (fato divertido!), então estão seguros. *Infelizmente*, os gatos não entendem que eu não sou imune ao veneno de escorpião, então, em vez de matá-los, eles simplesmente dão um tapa neles na direção dos meus pés descalços enquanto estou assistindo à televisão. Deve ser porque eles querem que eu participe da brincadeira. Ou então porque estes gatos são uns filhos da mãe. Estou mais inclinada a

escolher a última opção, pois são os mesmos gatos que assassinaram os sapos de estimação de Hailey hoje. Foi um maldito massacre. Primeiro as cobras, depois os sapos, e agora uma praga de escorpiões. Estou começando a suspeitar que chegamos ao fim dos dias ou então a casa foi construída em cima de um cemitério indígena. Continuo procurando por corpos que supostamente estão enterrados na vizinhança, mas, se não os encontrar logo, simplesmente vou ter de supor que alguém construiu a casa em cima deles.

Os exterminadores vieram passar um spray para escorpiões quatro vezes no último mês e não está funcionando. Li na internet que galinhas comem escorpiões, então pensei em comprar algumas, até Victor me lembrar das rapozelas. Então, basicamente, não posso comprar galinhas para cuidar da infestação de escorpiões, pois as galinhas serão comidas pela infestação de rapozelas. Acho que preciso de um leão para comer as rapozelas. Só que não *podemos* ter um leão, por conta das restrições da escritura.

Sinceramente, nem sei qual foi o objetivo de nos mudar para o campo se não podemos ter leões.

O exterminador disse que os escorpiões devem estar vindo todos do sótão, pois é lá que os escorpiões gostam de morar, então entrei numa sala de bate-papo na internet buscando conselhos.

CARA DA INTERNET: Você precisa comprar patos. Patos comem escorpiões feito doidos.

EU: Mas os escorpiões estão no meu sótão.

CARA DA INTERNET: É só enfiar uns quinhentos patos lá em cima e você não vai ter de se preocupar, pois não vai sobrar nenhum escorpião no seu sótão.

EU: Certo... deve ser. Mas aí vou ter quinhentos patos no meu sótão.

CARA DA INTERNET: Você tem uma arma?

E é exatamente por isso que não se deve pedir conselhos na internet.

Victor comprou uma sacola enorme de *terra diatomácea* que ele vai usar para matar todos os escorpiões. Aparentemente, é uma terra que faz com que os escorpiões cometam suicídio e parece algo que bruxos venderiam.

“Eles não lhe ensinaram como pronunciar ‘*Avada Kedavra*’ quando você o comprou?”, perguntei. Victor ficou olhando para mim. Provavelmente porque ele nunca leu nenhum dos livros de *Harry Potter*. “Desculpe”, explico. “É só que tenho quase certeza de que você comprou algo feito por feiticeiros. Não tinha mais nenhum feijão mágico?”

“Não é mágica. São só conchas moídas”, Victor fala. “Pelo jeito, escorpiões realmente detestam isso.”

“Ah”, eu digo. “Bem, isto explica por que nunca se veem escorpiões tirando férias na praia.”

Os escorpiões deixaram o sótão. E vieram para a casa. Estou encomendando um lança-chamas para deixar ao lado da cama. Um pequeno, no entanto, pois sou bem preocupada com a segurança contra incêndios. Comprei do tipo que se usa para que a parte de cima do *crème brûlée* fique crocante. E muito acendedor líquido. Ainda enxoto aranhas e mariposas para fora da casa usando um copo plástico, mas esses escorpiões vão ter uma morte dolorosa.

Os vizinhos nos aconselharam a colocar potes de vidro nos pés da cama para impedir os escorpiões de

subirem na cama conosco de noite, pois vidro é a única superfície na qual não conseguem subir. Fiquei pensando quanto custaria cobrir tudo na casa com uma camada de vidro, mas Victor me convenceu de que um sofá de vidro deixaria marcas suspeitas nos dias quentes de verão. Acrescentei “mandar fazer sapatos de vidro” a minha lista de afazeres para que os escorpiões não subam por meu sapato quando eu ficar em pé no mesmo lugar por muito tempo. Suspeito que a Cinderela tivesse algum problema misterioso com infestação de escorpiões na sua casa também. Apesar de que, conhecendo ela, provavelmente estava-os criando. Eu faria isso se fosse forçada a ser uma escrava na minha própria casa. Além do mais, ela mandava os ratos, camundongos e pombos costurarem roupas para ela, então deve ter ensinado alguns truques aos escorpiões também. Talvez a segurarem espelhos de mão para ela com suas pinças. Ou punir os ratinhos mais preguiçosos que preferiam procurar queijo a tecer uma faixa. Pensando bem, Cinderela era meio que uma megera.

Hoje o exterminador veio para aplicar spray de escorpião *outra vez* e deixou um recado dizendo que havia encontrado uma pele de cobra enorme ao lado da casa. Gritei, “TUDO NO INTERIOR QUER NOS MATAR”, e Victor me mandou deitar. Mas então fui ver a pele de cobra e disse: “Isto é um papel toalha usado”. Victor respondeu: “Cara. Isso não é outra coisa que pele de cobra descamada. Olha o desenho das escalas em forma de diamante”. Eu repliquei: “Isso é a costura texturizada de diamante feita para absorver mais umidade. Dá para perceber que é um papel toalha porque a pele de cobra não é redonda. Ou perfurada”. Espalhei-o no chão e ele disse: “Hum. É uma porcaria de papel toalha. Acho que precisamos de um novo exterminador”.

Acho que não vamos sobreviver ao ano.



Meu pé. Meu capacho. Meu hóspede não convidado. (Uma centopeia venenosa quase morta.) Também encontrei quatro escorpiões no mesmo dia. É bem provável que eu vá morrer aqui.

Ainda estou concentrada em encontrar o cemitério familiar no nosso terreno e passei a vaguear pelos campos vazios, procurando lápides. Uma vizinha que eu ainda não havia conhecido se aproximou de carro para se apresentar e me disse para tomar cuidado com as cobras ao fazer caminhadas. Eu lhe agradei, mas expliquei que não estava fazendo caminhada, apenas estava procurando por corpos mortos. Victor diz que não tenho mais permissão para falar com os vizinhos sem ele.

Ontem à noite Victor estava viajando, então não havia ninguém para impedir que eu entrasse em pânico quando algo grande começou a se debater violentamente contra a parede do meu quarto à meia-noite. Liguei para o exterminador reclamando que havia algo muito barulhento se jogando contra minha parede. Ele respondeu que provavelmente era um camundongo preso na parede e eu afirmei: “Não. Me parece

incrivelmente perigoso e *enorme*. Parece ser um demônio jogando um urso na parede. Ou um chupa-cabra... com uma pistola”. O cara das pestes respondeu: “Um *chupa-o-quê?*”. Pois ELE NUNCA HAVIA OUVIDO FALAR EM UM CHUPA-CABRA. Eu disse: “Peraí... *é sério? Você é novo?*”. Porque este é exatamente o tipo de merda que espero que meu cara de controle de pestes saiba. Então liguei para o Victor e falei: “Certo, nosso cara de controle de pestes *não sabe o que é um chupa-cabra*”, e ele disse: “*É mesmo? Moramos no Texas. Essa porcaria deveria estar no exame*”, e eu falei: “*EXATAMENTE*”. Esta semana está sendo uma tremenda porcaria.

Meu quarto está com um cheiro horrível. Faz uma semana desde que todos aquele barulhos terríveis cessaram e está óbvio que morreu um *chupa-cabra* na parede. O exterminador se enfiou lá no sótão e pensa que foi um esquilo que caiu no buraco entre as paredes e que ele iria tentar “enganchá-lo” lá do sótão. Vinte minutos depois, disse que simplesmente não conseguia alcançá-lo, então desistiu. Ele também me disse que há um monte de terra no sótão e que talvez devêssemos dar uma olhada.

No dia seguinte, apareceu um outro pescador de esquilo morto da mesma empresa, pois havia ouvido falar da história e *ele* queria tentar enganchá-lo. Então, basicamente, minha casa era como um jogo de pegar bichinho de pelúcia gigante e o prêmio era um esquilo morto. Depois de trinta minutos comecei a suspeitar que ele havia sido assassinado pelos chupa-cabras remanescentes, mas acontece que ele havia desistido e tinha derramado uma garrafa de *Ratsorb* dentro da parede. Isto existe de verdade, pessoal. *Ratsorb*. Para absorver o cheiro do animal morto. Está no rótulo. Pelo jeito, simplesmente vou ter de conviver com um esquilo morto dentro da parede do meu quarto pelo resto da vida. O exterminador diz que isto é muito comum e que *todas* as casas têm animais mortos ressecados dentro das paredes. Olhando pelo lado bom, na próxima vez que me sentir intimidada num jantar chique, posso me lembrar que provavelmente existem animais mortos por todos os lados. É como quando a gente tem de falar na frente de um grupo e imagina todo mundo pelado. Só que os animais mortos na parede não são imaginários e estão de fato pelados. Não sei se isso melhora ou piora a situação.

Faz uma semana desde o *Ratsorb* e o cheiro finalmente se dissipou, mas alguns minutos atrás escutei algo se mexendo nas paredes. Não consigo passar por isso outra vez, então decidi afugentar a criatura aos gritos, rosnando e batendo nas paredes como se eu fosse um predador feroz. Mas, quando me virei, os dois gatos estavam simplesmente olhando para mim enojados como quem diz: “*Você está constrangendo todos nós*”, e eu disse: “*Ah, vão se foder, gatos. Pelo menos eu estou tentando*”. Então percebi que o carteiro estava me olhando pelo vidro da porta da frente. Expliquei que estava tentando afugentar um possível chupa-cabra que parecia estar morando na minha parede. O carteiro disse: “*Ah. Deve ser o W. C. Fields*”, e eu fiquei simplesmente parada ali, pois costumo ser a esquisita da conversa e queria apreciar este momento. Acontece, no entanto, que de fato havia um macaco-aranha bravo fugido que estava rondando a nossa região e que havia acabado de atacar uma mulher ao ser preso na garagem por uma hora. Isto tudo é verdade, galera.¹⁴

Pesquisei “macaco-aranha” na internet e aparentemente eles têm medo de pumas, então hoje de manhã fiquei tocando sons de gritos de pumas (em *loop*) no meu computador e até agora não ouvi mais barulhos vindos das paredes, o que basicamente confirma que temos mesmo um problema de macaco-aranha aqui. Victor diz que isto apenas confirma que é impossível escutar alguma coisa quando a casa está cheia de pumas gritantes. Então ele brigou comigo sobre a cozinha estar uma bagunça, mas foi fácil abafá-los por conta dos pumas. E sabe o quê? *Isso é meio que um bônus*. Pumas gritantes são minha nova trilha sonora.

P.S. Citação real da MSNBC sobre W.C. Fields, o macaco-aranha que fugiu: “*Fique dentro de casa.*”

Não faça amizade com ele". Puta merda. O macaco-aranha acabou de se tornar o herói de *O Sobrevivente*.

Sabe o que é maravilhoso? Quando a gente muda para uma casa nova (para você) e sente um cheiro embolorado no banheiro. Você chama alguém para dar uma olhada naquilo que você espera *muito* não seja mofo preto e eles dizem: "Puta merda, senhora. *Você tá fodid*.". Então vem um cientista para tirar amostras de laboratório e diz: "Você não tem dormido perto deste quarto, né?". Ele isola toda aquela seção da casa e coloca um zíper nela para que os esporos de mofo não se espalhem. Eles se vestem exatamente como aquelas pessoas do FBI que tentaram matar o E.T. e arrancam as placas de gesso e os armários. Você quer tirar fotos, mas eles não permitem, a não ser que se esteja usando equipamento protetor, e então eles dizem: "*Não, senhora, pijama de pezinho não vai ser o suficiente*". Você tenta entrar escondida no banheiro para pegar a pasta de dente, mas tropeça na entrada, pois é quase impossível entrar num quarto que tem um zíper como porta. A queda dói tanto que você esquece que não podia respirar e, assim, acaba inspirando o que provavelmente matará você. Então você começa a se sentir doente, mas lembra que faz meses que você tem tomado banho naquele quarto, então, de qualquer maneira, já deve ter contraído tuberculose. No entanto, não há dinheiro suficiente para a hospitalização, pois você já está gastando todo o dinheiro com amostras de ar e técnicos de laboratório e sustentando as pessoas que provavelmente mataram o E.T. Em seguida, você deita e chora por um minuto e os caras do mofo dizem: "Sabe, é melhor não usar esse quarto".

Sim, isso é uma maravilha.

P.S. Por "maravilha" quero dizer, "Gostaria de me esconder debaixo da casa, mas acho que os escorpiões estão morando lá agora que os chupa-cabras tomaram conta do sótão". Sim, claro que tenho fotos:



É como morar em uma barraca de acampamento – se a barraca estivesse cheia de esporos que podem matar.



É assim que os caras do mofo ficam quando você se aproxima sem avisar. Além do mais, eles podem bater em você com uma tábua. Mas não de propósito. Deve ser apenas um reflexo.



“Acabei de matar seu alienígena e o enfiei nesse saco. Vou deixar você sozinha com ele para que você possa chorar e trazê-lo de volta à vida. Acabei de estragar E.T. para você. Alerta de estraga-prazeres.”

Eventualmente, eles arrumaram tudo e fiquei muito aliviada até me dizerem que, quando abriram um

buraco na parede, caiu um monte de escorpião morto. Nunca mais vou dormir. Provavelmente por causa da combinação de medo, concussão e tuberculose.

Victor viajou e fico escutando barulhos estranhos de dentro e de fora da casa. Racionalmente, sei que deve ser apenas a casa se assentando, mas tenho quase certeza de que vamos todos morrer aqui e *acho que precisamos de um exorcista. Nos últimos seis meses, tivemos escorpiões, mofo, bichinhos de estimação assassinados e possíveis chupa-cabras nas paredes. Suspeito que a casa tenha sido construída em cima de um cemitério indígena. Eu me pergunto quanto custa um exorcismo e se é mais caro se eu não for católica. Há um cupom que posso usar? Isso deve ser exatamente o tipo de coisa que ensinam no catecismo.*

A internet recomendou “defumação”, uma prática dos índios norte-americanos de queimar sálvia para purificar as coisas. Então queimei uma tigela de sálvia seca e caminhei pela casa com ela, entoando frases bíblicas que havia escutado em *O Exorcista* e soprando fumaça de sálvia por todos os lados. Também disse aos espíritos que queria que fossem embora, mas talvez eles devessem dar uma olhada no Havaí, pois tinha ouvido falar que era incrível. Então entoei alguns cantos ao estilo gregoriano, mas não sabia a letra, então simplesmente substituí as palavras por “*Vocês não precisam ir para casa, mas não podem ficar aqui*”. De repente houve um grito ensurdecedor e eu berrei e dei graças a Deus que Hailey estava passando a noite com meus sogros, pois suspeitava que as paredes iriam começar a derramar sangue, mas percebi que o barulho era apenas o alarme de incêndio que havia sido ativado. Foi praticamente a mesma coisa que tinha acontecido na outra casa, só que, desta vez, fora causado por espíritos irritados, em vez de eu ter botado fogo nas toalhas.

Liguei para minha mãe para lhe perguntar como se desliga os alarmes de incêndio, mas o barulho estava tão alto que ela mal conseguia me escutar. Você já fica parecendo uma boba quando diz a alguém que está queimando sálvia dentro de casa para apaziguar o cemitério indígena que pode estar debaixo de sua casa, mas você soa *absolutamente ridícula* quando está gritando exatamente a mesma coisa por cima do som de alarmes de incêndio. Tentei explicar que um *Poltergeist* era a única conclusão lógica em vista de toda a merda que havia acontecido recentemente. Ela disse que era mais provável que fosse uma série de eventos trágicos, porém corriqueiros, que por coincidência haviam ocorrido ao mesmo tempo. Respondi dizendo que não me parecia “corriqueiro” ter de proteger um cachorro morto correndo atrás de urubus com um facão. Minha mãe disse: “Não seja ridícula. Onde que um urubu iria arranjar um facão?”. Não porque ela fosse burra, veja bem... simplesmente porque ela não considerava essa emergência importante o suficiente para que eu começasse a ficar desleixada com minha construção de frases.

Minha mãe assinalou que os índios norte-americanos reverenciavam os urubus, então, se *houvesse* um cemitério indígena debaixo da minha casa, eu provavelmente os havia deixado fulos da vida e sugeri que eu fizesse uma oferenda aos urubus, e eu teria feito mesmo se Victor não tivesse dado todos os hambúrgueres às rapozelas. Ela me explicou como desconectar os alarmes de incêndio, mas me pareceu muito complicado, então simplesmente fiquei acenando com a cabeça até ela parar de falar e depois peguei uma vassoura e bati no alarme como se fosse uma *piñata* até que o barulho parou, o que foi um alívio para mim (e provavelmente para nossos vizinhos, considerando que eram onze da noite).

No dia seguinte, Victor chegou em casa e viu os fios pendurados do alarme de incêndio destruído e confessei que havia tentando afugentar os fantasmas usando fumaça e eu suspeitava que os alarmes fossem um sinal de que os espíritos haviam sido apaziguados. Ele me encarou e afirmou que era mais provável que fosse um sinal de que o detector de fumaça estava funcionando adequadamente até que eu o assassinei depois de ter enchido a casa de fumaça de propósito. Soava bem pior quando Victor colocava as coisas dessa maneira.

Esta tarde, perambulei até o escritório de Victor e disse, toda convencida, “Então, *pelo jeito* meu plano ‘*maluuuco*’ de disparar o alarme de incêndio para aplacar os fantasmas funcionou, pois adivinha quem acabou de encontrar os corpos mortos que estava procurando? *EU, FILHO DA MÃE. Eu encontrei os corpos mortos*”. Levantei minha mão para o “toca aqui” inevitável, mas em vez disso ele apenas apertou o mudo de seu telefone do escritório e deixou a cabeça cair nas mãos. O que foi decepcionante para ambos. E, *tudo bem*, isso talvez fosse mais bem recebido se eu houvesse percebido que ele estava numa conferência importante, mas, para falar a verdade, não é culpa minha que Victor não sabe como usar o botão do mudo corretamente.

Victor finalmente levantou a cabeça e então me disse para abaixar a mão, pois ele não ia me cumprimentar por ter desenterrado cadáveres, e foi então que comecei a pensar que Victor era um homem muito esquisito, pois *por que eu iria desenterrar cadáveres?* Expliquei que o que queria dizer é que finalmente havia topado com o cemitério perdido pelo qual vinha procurando desde que nos mudamos e que os túmulos eram tão velhos que os corpos não seriam mais uma ameaça durante o apocalipse de zumbis. Ele não pareceu tão aliviado quanto eu, então decidi ficar aliviada o suficiente por ambos.

Em seguida, eu lhe disse que queria comprar o terreno onde ficava o cemitério para que pudéssemos intencionalmente *não* construir em cima dele. Assim, se *estivéssemos* mesmo morando numa casa construída em cima de túmulos, isso meio que equilibrava as coisas cosmicamente. Victor não se convenceu, mas eu fiz uma oferta no terreno que foi prontamente recusada, pois aparentemente os donos eram da família de quem estava enterrado lá e eles não estavam interessados em vender os parentes mortos. O que era ótimo, pois eu não tinha como gastar dinheiro com o terreno e, além do mais, eu ganhava crédito cármico por ter tentado. Victor disse que não é assim que o carma funciona, mas alguns segundos depois ele mencionou que havia encontrado algo naquela manhã que ele presumia fosse meu e tirou a caixa de charuto perdida que continha o baseado de dez anos. Gritei: “É ISSO AÍ! *Estava procurando por isso em todos os cantos!*”. Victor me lançou um olhar furioso e eu disse, “... para jogar fora, quer dizer. Vou me livrar disso agora mesmo”. Ele ficou me encarando de forma bem severa por eu ter um baseado de dez anos numa caixa de charuto, então eu disse: “Com você, pai. *EU APRENDI OBSERVANDO VOCÊ*”, e ele ficou me olhando perplexo, pois pelo jeito não havia assistido a muita televisão nos anos 1980.



Nossos vizinhos extremamente silenciosos.

A semana havia sido um alívio, e eu sentia que as coisas finalmente estavam melhorando. Peguei a caixa de charuto contendo o baseado antigo e fui para fora com ele, pensativa. Pensei em jogá-lo fora, mas depois de um instante mudei de ideia e o acendi, deixando-o queimar no mesmo pote de vidro no qual havia queimado a sálvia. Esperava que essa fosse a última e mais perfeita oferenda de cachimbo da paz para os índios norte-americanos que talvez estavam jogando escorpiões em nós.

Enquanto a última brasa se apagava, pensei sobre nossa nova vida aqui. Havíamos perdido nosso

querido cachorro, mas havíamos resgatado um gatinho travesso que parecia ter o dom de encontrar escorpiões. Havíamos lutado para afastar um exército de insetos, mas havíamos adotado uma matilha de rapozelas e passado muitas noites observando dúzias de cervos passando silenciosamente por nossa varanda. Havíamos deixado velhos amigos para trás e feito novos ao longo do caminho. Havíamos encontrado uma felicidade pacata enquanto assistíamos à Hailey dançar pelo campo, com um pôr do sol flamejante se estendendo eternamente em volta de nossa nova casa. Sem querer, havíamos seguido os passos de Laura Ingalls e encontrado um pouco do simples contentamento que se alcança com esforço sobre o qual ela escreveu havia cem anos. Respirei fundo e pensei: “*Estou em casa*”.

Em seguida Victor veio para fora e disse: “Por que estou sentindo cheiro de maconha? *Você está fumando um baseado de dez anos? QUE DIABOS HÁ DE ERRADO COM VOCÊ?*”. Ele pode ter estragado um pouco do romance daquele momento, mas suponho que ele tenha criado outro momento que era mais adequado. Eu ri e lhe assegurei que os únicos fumando no quintal eram os índios. Ele não entendeu, mas não me dei ao trabalho de explicar, tanto porque achava que seria impossível descrever essa versão dos índios norte-americanos de reverenciar o santo jogando cachaça no chão sem que parecesse ridículo, como também porque suspeitava que podia estar chapada por exposição à fumaça. De qualquer maneira, sorri com doçura e dei um tapinha na cadeira ao meu lado enquanto Victor fazia uma pausa, acomodando-se na varanda comigo para ver os beija-flores zumbindo em volta das belezas de uma manhã silvestre, e escutávamos o barulho do vento e entendíamos por que ninguém nunca iria querer sair dali... mesmo tendo a chance de ir para o Havaí.



Lar. A vista compensa os escorpiões. Mais ou menos.

[14](#) Manchete real da MSNBC: “Macaco-aranha foge e vaga por San Antonio: ‘W.C. Fields escapa de reserva de primatas após tempestades provocarem danos a sua jaula’”.

E é por isso que se deve aprender a escolher suas batalhas

Hoje de manhã tive uma briga com Victor sobre toalhas. Não sei contar os detalhes, pois não foi interessante o suficiente para que eu documentasse na hora, mas basicamente eu disse a Victor que precisava comprar toalhas de banho novas, e Victor insistiu para que eu NÃO comprasse as toalhas pois eu tinha “*acabado de comprar toalhas novas*”. Eu assinalei que as últimas toalhas que havia comprado eram toalhas de praia rosa-shocking e ele disse “EXATAMENTE”, e então eu bati minha cabeça contra a parede por uma hora.

Então Laura veio me buscar para que pudéssemos ir a um bazar juntas, e Victor me deu um beijo de despedida e sussurrou amavelmente: “*Você não tem permissão para trazer mais porcarias de toalhas para esta casa ou eu vou estrangular você*”. Era exatamente isso que estava ecoando na minha cabeça uma hora depois, quando Laura e eu paramos os carrinhos de compra e, com assombro confuso e silencioso, olhamos para a exposição de *enormes* galos e galinhas de metal, feitos com tambores de óleo enferrujados.

LAURA: Acho que você *precisa* de um desses.

EU: Você está brincando, mas até que são meio que terrivelmente incríveis.

LAURA: *Não estou brincando*. Precisamos comprar um para você.

EU: O galo de um metro e meio custava trezentos dólares e baixaram o preço para cem. É como ganhar duzentos dólares de frango *de graça*.

LAURA: Só um maluco *não* o compraria. Quer dizer, olhe bem para ele. É UMA EXTRAVAGÂNCIA SÓ.

EU: Victor ficaria puto.

LAURA: Sim.

EU: Mas sabe qual o lado bom? Não são toalhas.

LAURA: Sim.

EU: Seu nome será Henry. Ou Charlie. Ou O’Shaughnessy.

LAURA: Ou Beyoncé.

EU: *Ou Beyoncé.* Sim. E quando nossos amigos estiverem tristes podemos deixá-lo na porta deles para alegrá-los.

LAURA: *Exatamente.* Será tipo, “*Você achou que ontem foi ruim? Bem, agora você tem de lidar com um galo de metal enorme. Perspectiva. Agora você a tem*”.

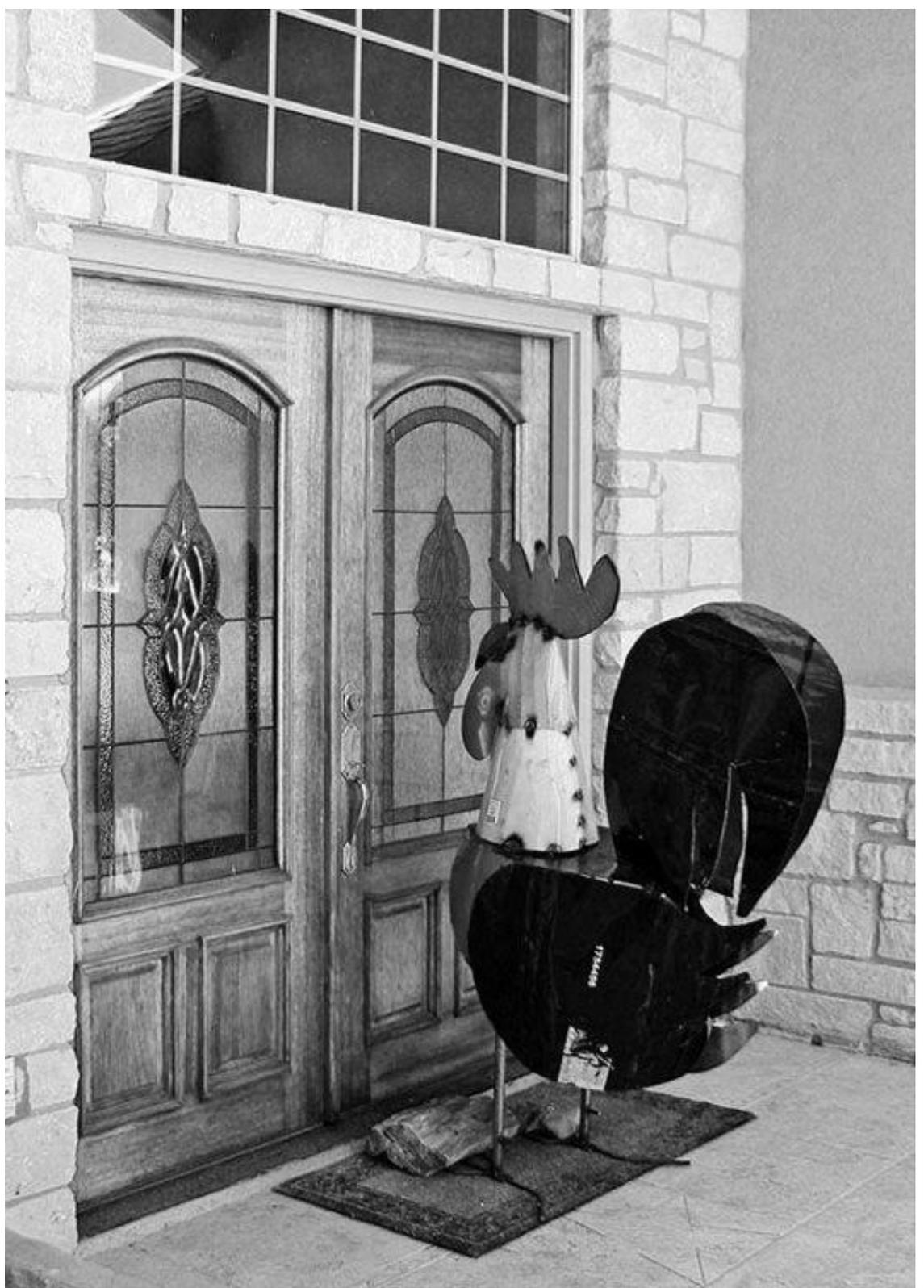
Conseguimos encontrar um vendedor e lhe perguntamos “O que você pode nos dizer sobre essas galinhas?” como se estivéssemos numa galeria de arte, e não em uma loja especializada em tapetes de banheiro do ano passado. Ele não sabia nada sobre elas, mas disse que só haviam vendido uma e foi para uma senhora muito bêbada, então Laura e eu dissemos: “*VENDIDO.* Esse frango todo agora nos pertence”.



Ele o colocou num carrinho, mas o Beyoncé era surpreendentemente desequilibrado e o galo de metal enorme de um metro e meio se espatifou no chão. Laura e eu brincamos: “CAIU UM GALO! LIMPEZA NO CORREDOR TRÊS”, mas ele não riu. Então o gerente chegou para ver qual era o motivo de tanta comoção e encontrou um vendedor muito conservador e infeliz lutando para consertar um galo entusiasticamente pontudo que era quase da altura dele. O vendedor estava tendo dificuldades e disse para todo mundo se afastar, “pois esse galo vai *dar uma bicuda em vocês*”, e de primeira achei que ele estivesse dizendo isso como uma ameaça, do tipo “Essa galinha tem uma peixeira”, mas acontece que ele só quis dizer que todas as beiradas da galinha eram afiadas e enferrujadas. Era maravilhoso, e Laura e eu concordamos que, mesmo que tivéssemos com tétano, esse galo já se pagara antes mesmo de ser colocado na caminhonete.

Chegamos a minha casa, em silencioso segredo posicionamos o galo na porta da frente. Tocamos a campainha e nos escondemos atrás da quina da parede.

Victor abriu a porta e olhou para o galo num silêncio estupefato por mais ou menos três segundos. Então ele suspirou, fechou a porta e *foi embora*.



“Toc, toc, filho da mãe.”

LAURA: Que porra é essa? *É só isso? Essa é a única reação que vamos ter?*

EU: É só isso. Ele é um homem difícil de se abalar.

Victor ficou surpreendentemente furo que eu havia “desperdiçado dinheiro” com um galo enorme, pois pelo jeito ele não consegue apreciar o valor histórico de um galo de um metro e meio tocando a campainha. Então eu disse: “Bem, pelo menos não são *toalhas*”, e aparentemente foi um erro dizer isso, pois foi então que Victor gritou e saiu esbravejando, mas eu sabia que ele havia se trancado no escritório, pois dava para ouvi-lo dando murro nas coisas lá dentro. Gritei pela porta: “*É um presente de*

aniversário de casamento para você, seu idiota. Com duas semanas de antecedência. QUINZE ANOS SÃO GALINHAS ENORMES DE METAL”.

Então ele gritou que era para o galo sumir, mas eu não conseguia movê-lo sozinha, então só disse “beleza” e fui assistir à televisão. Quando o carteiro chegou eu me escondi, mas ele disse: “Cara. Que galo legal”, e Victor gritou, “NÃO É UM GALO LEGAL”. O que deve ter sido bastante confuso para o carteiro, *que apenas estava tentando ser educado, Victor*. Victor me parecia mais mal-humorado do que de costume, então finalmente arrastei o galo até o quintal e o enfiei num agrupamento de árvores para que ele pudesse afugentar as cobras. Entrei, e Victor, furioso, me puxou para dentro de seu escritório para que eu visse que havia estacionado Beyoncé bem na frente da única janela dele. Respondi, “*Exatamente. DE NADA*”. Eu lhe disse que podia retirá-lo se quisesse, mas ele não ia mesmo. Provavelmente por causa de todas as pedras gigantes que empilhei nos pés de Beyoncé para dissuadir os ladrões. Ou talvez porque ele estava começando a se afeiçoar a Beyoncé. Mesmo assim, não posso deixar de pensar que *nem estaríamos tendo* essa discussão se Beyoncé fosse toalhas. Sinceramente, esse galo é uma lição sobre escolher suas batalhas com mais cuidado. Além do mais, ele é incrível, e não consigo parar de rir toda vez que olho para ele. Beyoncé, isto é.

O melhor. Aniversário de quinze anos de casamento. *Da vida.*

Ratos sem pelo: grátis somente para crianças

Hoje de manhã, Victor e eu seguimos nossa rotina de sempre. Nós nos levantamos, levamos Hailey para a escola e paramos na loja de conveniência para tomar café e ouvir a fofoca local. No caminho, paramos na frente do quadro de avisos que funciona como o jornal de nossa cidadezinha. Sempre está cheio de convites para churrascos da vizinhança e anúncios de venda de um trator quebrado ou pedindo terra limpa (que parece ser uma contradição), mas hoje vimos que a mesma pessoa que nos havia fascinado com anúncios bizarros no ano passado havia voltado. Era o tipo de anúncio que fazia a gente se perguntar o que exatamente estava acontecendo nessa casa e também questionar a própria sanidade. Eram anúncios assim:

“ESQUILOS VOADORES: BARATOS. ENTREGA GRÁTIS.”

Um mês depois esse foi substituído por um outro:

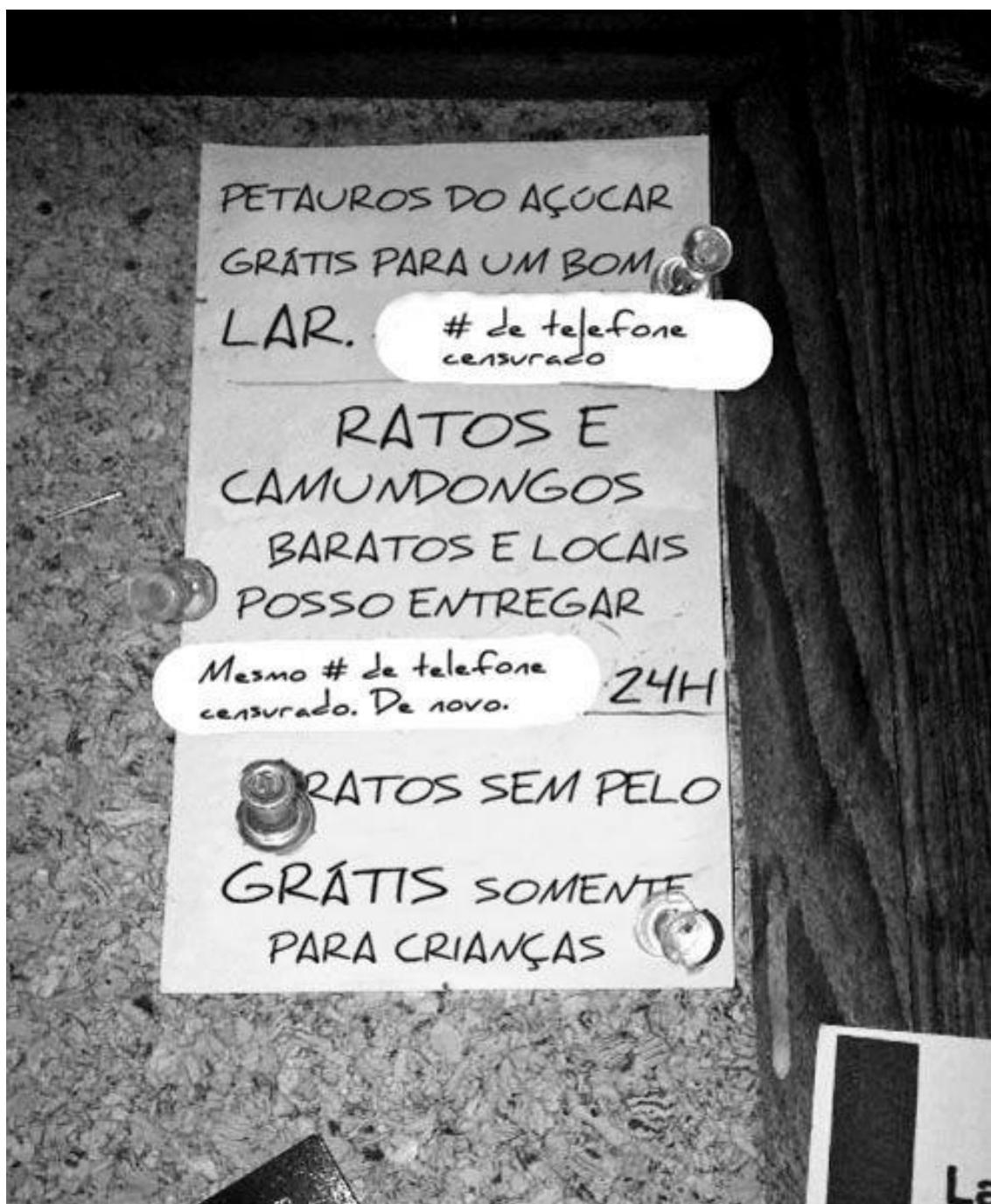
“ESQUILOS COMUNS – GRÁTIS PARA UM BOM LAR. *NÃO SÃO PARA COMER.*”

Eu o parabenizei pelo aviso ético, mas era intrigante. Será que os esquilos voadores haviam sido “comuns” este tempo todo? Será que demorou um mês para o comprador perceber que não tinham asas? Quantos esquilos haviam sido jogados do telhado antes de ele finalmente desistir e perceber que eles não estavam fingindo? Esses esquilos comuns eram de graça apenas porque agora todos sofriam de estresse pós-traumático e de vertigem?

Visualizei uma legião de esquilos, todos agachados no chão enquanto olhavam aterrorizados para os antigos amigos que costumavam pular com tanta graça de galho em galho. “VOCÊ VAI MORRER!”, gritava o esquilo e seus antigos colegas sacudiam as minúsculas cabeças com pena, perguntando-se que coisas terríveis esse amigo havia visto para que mudasse tanto. Na minha cabeça, era como se os esquilos fossem veteranos do Vietnã abalados, traumatizados e que não conseguiam lidar com a vida real depois das coisas horríveis que tiveram de testemunhar.

Victor disse que eu estava sendo ridícula, mas destaquei que também era ridículo doar esquilos que simplesmente podiam ser soltos, e ele admitiu que não tinha uma boa resposta para isso.

Os avisos continuaram ao longo do verão e muito abruptamente pararam. Era mais provável (Victor e eu especulamos) que fosse porque o homem (provavelmente muito bem-intencionado) eventualmente tivesse sido assassinado pelos próprios esquilos. Mas hoje de manhã, quase um ano depois de vermos o primeiro aviso, havia um novo anúncio com a mesma letra distinta dele. Ele estava vivo e isso fazia do mundo um lugar melhor:



Censurei o número de telefone pois quero protegê-lo de trotes. E porque queria ficar com todos os petauros para mim. Petauros que, suspeito eu, talvez sejam apenas camundongos com axilas flácidas e que sobreviveram depois de terem sido jogados do telhado.

VICTOR: Nossa. Acho que não gostaria de saber qual é a situação na qual você precisa que um rato seja entregue em casa com tanto desespero *que não dá nem para esperar até de manhã*.

EU: Ah, eu gostaria.

VICTOR: Bem, *claro que você gostaria*.

EU: Quem *não gostaria* de saber qual é situação emergencial de ratos na qual a urgência é que você **PRECISA** de um rato. É o exato oposto de toda situação emergencial de rato normal. Parece fascinante. Devíamos ligar para o cara só para ver qual é o lance. Aposto que ele tem ótimas histórias para contar. Quer dizer, quem dá ratos sem pelo a crianças? Ele é como uma versão bizarra do Homem dos Doces.

VICTOR: Então ligue para ele. Finja que você está se candidatando a um esquilo de graça e veja qual é sua história.

EU: Qual será o processo seletivo para isso? Seria muito deprimente ser rejeitado para ganhar esquilos de graça.

VICTOR: Verdade. *“Sinto muito. Vamos ter de rejeitar você. Sua casa nem é adequada para esquilos.”*

EU: Nossa casa é bem bagunçada, mas acho que *ao menos* seja adequada para esquilos. Eu responderia: *“Mas nossos esquilos parecem bastante contentes”*. Eu entraria com recurso com certeza.

VICTOR: *“Sinto muito, mas suas referências não foram boas.”*

EU: *“Mas nossas referências eram esquilos.”*

VICTOR: *“Certo. E não estão felizes. Além do mais, houve algumas denúncias de crime de ódio.”*

EU: *“O quê?”*

VICTOR: *“Na semana passada, você deixou cair um garfo e gritou, ‘Ratos me mordam’. Então em janeiro você reclamou que seu computador não estava funcionando corretamente e estava agindo ‘maluco feito um esquilo’. Temos informantes, sabe.”*

EU: *“Um momento. Essa gente são os esquilos que moram no sótão? Pois eles estão doidões e não sabem do que estão falando. Aqueles esquilos são drogados e não são de confiança.”*

VICTOR: *“Senhora, isso foi calúnia. Você será contatada pelo sindicato de liberdade civil dos esquilos. Além do mais, você precisa parar de se referir aos esquilos como ‘essa gente’. Por favor, controle-se.”*

EU: *Nossa. Parece que somos... completamente inaptos para ter esquilos. Agora nem quero ligar para o cara, pois estou com medo de ser julgada. Nem acho que conseguiria passar na entrevista.*

VICTOR: *Provavelmente não deveríamos nos candidatar para mais esquilos se não conseguimos impedir os nossos de cheirar pó.*

EU: ?

VICTOR: *É outra maneira de falar cheirar cocaína.*

EU: *Sim, eu sei o que quer dizer “cheirar pó”. Só não consigo me lembrar como chegamos ao ponto em que tenho de me defender contra as acusações imaginárias de um homem que dá ratos sem pelos às crianças da vizinhança e que aparentemente confia nos esquilos drogados inexistentes no sótão.*

VICTOR: *Verdade. Nem me lembro de termos essas conversas antes de nos mudarmos para o interior.*

EU: *Nem eu. Além do mais, acabei de me dar conta que vim para o posto de gasolina de pijama para tomar um cafezinho. Acabei de me tornar um aviso de cautela para os outros. Não consigo decidir se isso é um problema ou se apenas estou mais confortável aqui do que na cidade. Pode ser os dois?*

VICTOR: Sei lá. *Que diabos aconteceu com a gente?*

EU: [depois de alguns segundos de silêncio] Crescimento?

VICTOR: [Acenando com a cabeça lentamente] *Crescimento.*

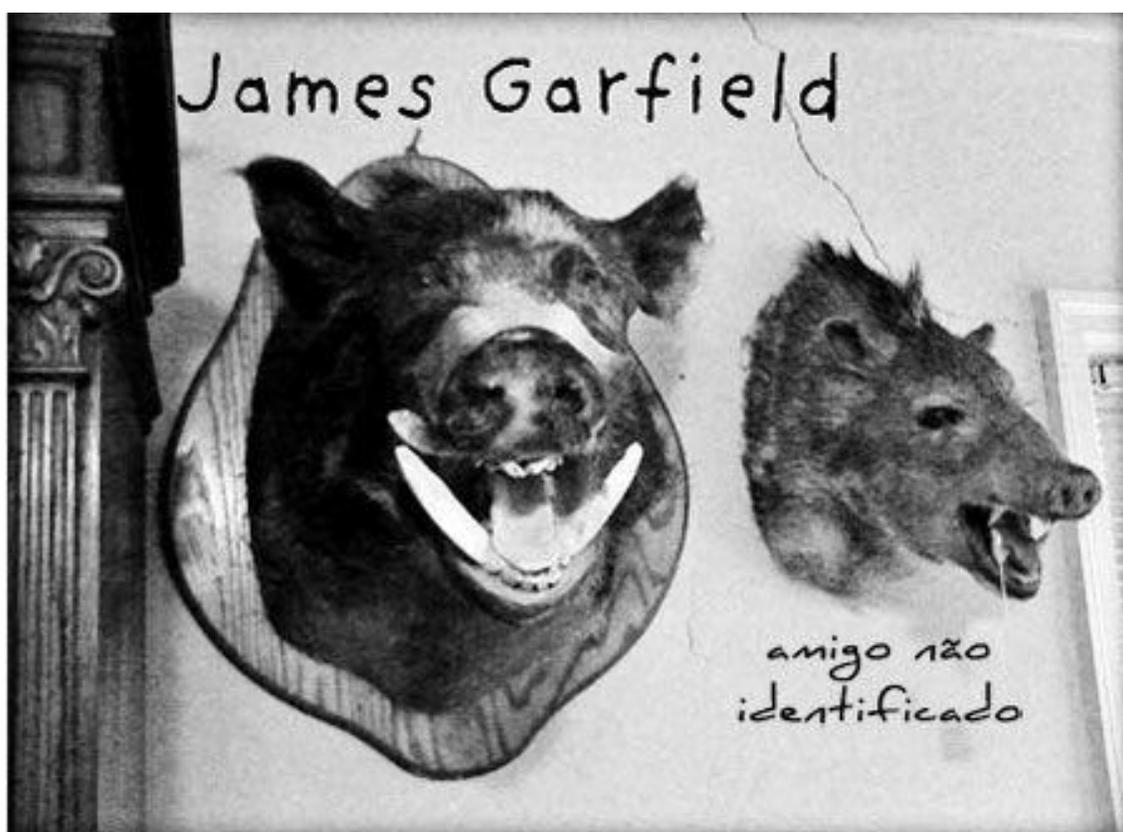
E então levei um jacaré cubano morto escondido no avião

NOVEMBRO, 2009:

Ele foi meu primeiro. Era grande, com um pescoço largo feito um jogador de futebol americano e um sorriso que dizia: “Aí está você! Estive o procurando por todos os lados”. Victor me encarou como se eu tivesse perdido o juízo e assinalou que ele estava perdendo o cabelo e vários dentes importantes estavam faltando, mas não importava. *Estava apaixonada.*

“Pague o que for preciso”, disse a Victor. “James Garfield SERÁ MEU.”

Foi assustador, tanto para Victor como para mim, esta paixão repentina para possuir a cabeça de javali empalhada e empoeirada que estava pendurada na parede rachada da casa que estava leiloando seus bens onde entramos sem rumo.



Victor se recusava a pagar por algo que achava hediondo, mas havia algo naquele sorriso cheio de

dentes que gritava “ESTOU FELIZ PRA DANAR DE TE VER”, e quando fomos embora sem ele eu estava positivamente arrasada. Passei a semana seguinte olhando para o espaço vazio na parede de onde James Garfield teria sorrido para mim. Sempre que Victor tentava me alegrar com uma piada ou com vídeos das pessoas se machucando, eu forçava um sorriso e então suspirava, dizendo, “James Garfield teria gostado disso”.

Por fim, a melancolia ficou forte demais e, furioso, Victor desistiu e me levou de volta ao leilão, onde ele não ficou nem um pouco surpreso de saber que James Garfield não havia sido vendido. Ele me fez ficar no carro, pois disse que meu olhar de anseio intenso afetaria sua habilidade de negociar e ofereceu 25 dólares por ele para o cara que estava tomando conta do leilão. O homem deu um sorriso desdenhoso e disse que ele poderia simplesmente arrancar as presas e vendê-las no eBay por esse preço, e Victor voltou para o carro e me contou como a negociação havia falhado. “VÃO DESMEMBRAR O JAMES GARFIELD?”, gritei, “IMPEÇA-OS. PAGUE QUALQUER COISA. ELE É UM MEMBRO DA FAMÍLIA.” Victor me olhou pasmo. “Eu faria isso por você”, expliquei. “Eu pagaria aos terroristas qualquer coisa para ter você de volta.” Victor suspirou e descansou a cabeça no volante.

Depois de vinte minutos tensos, ele voltou para o carro, arrastando consigo a linda cabeça de James Garfield como algum tipo de herói americano maldito. Chorei um pouco, e Hailey bateu suas mãozinhas de alegria. “Você será meu melhor amigo”, ela lhe disse enquanto fazia um carinho no seu focinho.

Victor olhou para nós duas como se fôssemos malucas e então olhou para a frente enquanto me fez jurar que isso não seria o começo de algum tipo de coleção de cabeças de javali. “Você está sendo ridículo”, disse eu. “James Garfield é único.”

Quando meus pais vieram nos visitar algumas semanas depois, minha mãe sacudiu a cabeça, perplexa. Eu esperava que meu pai se sentisse pelo menos um pouco justificado, pois, afinal, seu amor por taxidermia não havia pulado uma geração, mas ele parecia tão pasmo quanto Victor. Confuso, ele olhou para o pelo esfarrapado de James Garfield que estava caindo e me disse que podia fazer uma cabeça de javali bem melhor para mim, se era isso o que eu queria. “Não”, eu disse, “É só isso.” Não era uma fã de taxidermia e nunca seria. Ter um animal morto em casa é eclético e artístico. Mais de um cheira a *serial killer*. Realmente há uma linha tênue aí.

ABRIL, 2010:

Hoje chegou metade de um esquilo pelo correio. Era a parte de cima, quase até o umbigo, e estava montado em uma pequena placa de madeira.

Foi esquisito. Tanto porque não estava esperando receber nenhuma parte de esquilo como também porque o esquilo estava completamente vestido com roupas suntuosas de caubói. Ele estava segurando uma pistola minúscula, apontada de forma ameaçadora para o observador (presumo eu para defender o baralho em miniatura na sua outra mão minúscula) e seus olhos me seguiam de quarto em quarto, como um daqueles quadros de Jesus em 3D dos anos 1970.



“Ei, Victor?”, gritei da sala de estar. “Você comprou metade de um esquilo para mim?”

Victor saiu do escritório e parou de repente enquanto encarava o pequeno *bandito* que estava apontando uma arma para ele. “O que você fez?”, ele perguntou.

“Estraguei o Natal?”, adivinhei. Achei difícil me sentir culpada por estragar uma surpresa, no entanto, pois a caixa *estava* endereçada a mim, mas então vi o bilhete no pacote e percebi que, na verdade, era de uma garota que havia lido meu blog e que havia concordado que Victor estava completamente errado no mês passado, quando ele se recusara a comprar para mim um esquilo empalhado remando uma canoa¹⁵ que eu havia encontrado em uma loja de antiguidades.

“Ah, deixa pra lá”, eu disse. “Pelo jeito esse meio esquilo é um presente de alguém *que entende de belas artes.*”

“Você não pode estar falando sério.”

“Seria falta de educação NÃO pendurá-lo”, expliquei a Victor. “Ele vai se chamar Grover Cleveland.” Victor ficou me olhando, perguntando-se como que suas escolhas de vida o haviam levado até esse ponto.

“Você não me disse uma vez que ter mais que um animal morto em casa beira ao território de *serial killer?*”, ele indagou.

“Sim, mas esse aqui está usando um chapéu”, expliquei para ele secamente. Ele não podia argumentar contra esse tipo de lógica. Ninguém poderia.

JANEIRO, 2011:

“Sou uma escritora moderadamente bem-sucedida e se eu quiser comprar um rato empalhado e

vestido em roupas étnicas não deveria ter de me justificar para ninguém.”

Era isso que eu estava gritando enquanto Víctor olhava para mim, furioso, pingando água de chuva por toda nossa antessala. Na verdade, não estávamos discutindo se eu *podia* gastar dinheiro. Estávamos discutindo o fato de que o rato empalhado que eu havia comprado estava perdido. O site de entrega disse que havia sido deixado na nossa varanda, mas não o encontramos em lugar algum. Eu suspeitei de ladrões, mas mesmo a pequena compensação de imaginar suas expressões mistificadas ao abrir uma caixa contendo um rato morto não era o suficiente para me deixar menos chateada. Então percebi que a página que rastreava a entrega havia transposto o número da nossa casa, então mandei Víctor no escuro para encontrar o vizinho que provavelmente estava muito confuso sobre quem havia lhe enviado um rato morto. Víctor ficou um pouco perplexo com meu pedido, mas depois de gritar um pouco sobre... *Não sei; Não estava prestando muita atenção. Orçamentos, talvez?...* ele finalmente vestiu um casaco e foi em busca do rato. Retornou vinte minutos depois e me disse que o endereço nem existia e que ele havia perguntado às pessoas nas casas vizinhas onde o endereço poderia ficar e nenhuma delas tinha visto pacote algum. Ele estava molhado e frustrado, e eu presumi que isso explicava sua irracionalidade quando o empurrei porta afora para averiguar com todos os vizinhos da quadra.

“Você nem me contou que havia comprado um rato empalhado”, Víctor gritou. Eu disse: *“Pois você estava dormindo quando o encontrei online e estava tão barato que sabia que não estaria mais lá se não o comprasse imediatamente. Não queria entrar na pontinha dos pés no nosso quarto às três da manhã para cochichar: ‘Ei, querido? Consegui um ótimo negócio num rato empalhado que morreu de causas naturais. Posso pegar o número do seu cartão de crédito?’*, pois isso seria MALUQUICE. E foi por isso que usei o *meu* cartão de crédito. *Porque eu respeito suas horas de sono. Mas depois me esqueci de lhe contar, pois eram três da manhã e eu estava bêbada e vulnerável. Igual você com aqueles trituradores que fica comprando dos infomerciais. Só que isso é melhor, porque vou usar um rato empalhado. Isto é, eu teria usado... até que – merda – ele desapareceu”,* terminei num sussurro.

“Você está... você está chorando?”, Víctor perguntou, atônito.

Enxuguei os olhos. *“Um pouco.”* Odeio pensar nele lá fora na chuva. Sozinho.” Minha voz tremeu, e Víctor fechou os olhos. E esfregou as têmporas. E suspirou profundamente antes de me encarar e voltar de novo para a chuva. Quarenta minutos depois ele entrou com uma minúscula caixa molhada e um olhar que dizia: *“De agora em diante vou desabilitar seu computador quando eu for dormir”*. Mas eu corri até ele e lhe dei uma dúzia de beijos que ele aceitou asperamente enquanto se enxugava com a toalha que eu lhe havia dado.

“Estava na casa abandonada no fim da quadra”, ele disse. *“Aparentemente, alguém simplesmente abandonou tudo que não tinha um endereço correto lá. Acho que havia 25 pacotes jogados lá naquela varanda.”*

Mas eu não estava prestando atenção, pois estava ocupada demais tirando Hamlet von Schnitzel da sua sacola à prova de água.

“Que. Porra. É essa?”, Víctor indagou.

Era bastante óbvio o que era. Era um ratinho vestido como Hamlet. Seu colarinho bufante shakespeariano sustentava uma capa pequenininha de veludo e ele parecia estar falando com a caveira esbranquiçada que sua pata minúscula segurava com tanta nobreza. Mostrei-o para Víctor, guinchando: *“Pobre Yorick! Conheci-o, Horácio”*.



Victor olhou para mim preocupado. “*Você tem um problema.*”

“EU NÃO TENHO UM PROBLEMA.”

“É exatamente isso que as pessoas com problemas dizem. A negação é o primeiro sinal de que se tem um problema.”

“Também é o primeiro sinal de que *não* se tem um problema”, eu argumentei.

“Tenho quase certeza de que ficar na defensiva é o segundo sinal.”

Coloquei Hamlet von Schnitzel em um pote de vidro para proteger seus pequenos ouvidos das

acusações dolorosas de Victor. Mas tinha de admitir que eu tampouco entendia minha obsessão recente por taxidermia estranha. Isso me preocupava. Ainda não entendia a fascinação do meu pai por animais mortos e me recusava a comprar animais que não fossem terrivelmente velhos ou que não houvessem morrido de causas naturais. Ainda enxotava aranhas e lagartixas para fora com uma revista e uma sugestão prestativa de “Talvez você queira um pouco de ar fresco”. Eu me considerava amante dos animais, doava dinheiro aos abrigos e nunca usava casacos de pelo de verdade, mas isso ia de encontro ao outro lado da minha personalidade, que sempre vasculhava as lojas à procura de castores usando vestidos da época dos pioneiros, um diorama da *Última Ceia* feita inteiramente com lontras. Victor tinha razão: eu precisava parar. Eu disse a mim mesma que havia encerrado e jurei que não acabaria como meu pai, cercada pelos olhos impassíveis e sem alma de coisas mortas. E foi com um pouco de força de vontade que jurei superar minha curiosa e terrível obsessão.

ABRIL, 2011:

Acabei de comprar um jacaré cubano de 50 anos vestido como pirata.

Isso *não é* culpa minha. Victor quebrou o braço caindo de uma escada no México, então o acompanhei numa viagem a negócios até a Carolina do Norte para que eu pudesse ajudá-lo. A viagem foi tranquila até pararmos em uma pequena loja a caminho do aeroporto. Enquanto Victor foi ao banheiro, eu tropecei em um filhote de jacaré bastante envelhecido, completamente vestido e em pé nas suas patas traseiras. Ele estava usando uma roupa de feltro puída, uma boina e um cinto. Estava faltando uma mão e custava dezenove dólares. Seu cinto minúsculo pendia pateticamente e eu apreciei a ironia de um jacaré estar usando um cinto que não era feito de jacaré. Sua boca estava aberta em um enorme sorriso, como se estivesse esperando por mim lá há muito tempo. Lembrei-me do meu juramento de não comprar mais animais empalhados e freneticamente busquei uma brecha enquanto Victor me procurava pelos corredores. Considerei grampear uma alça aos ombros do jacaré, colocar um batom na sua boca e denominá-lo uma bolsa de jacaré, mas era tarde demais. *A boina por si só já me havia conquistado.*

Podia escutar Victor se arrastando do outro lado do corredor e timidamente levantei o pequeno jacaré por cima das prateleiras. “*Olá, mon ami! Sou Jean Louise*”, eu disse com um sotaque francês ousado. “*Nunca estive num avión e adoraria ter uma aventurrra!*”

“Ah”, disse a idosa do outro lado do corredor. “Bem, boa sorte para você?”

“Victor me deu um tapinha no ombro e gritei assustada. Ele olhou para mim e Jean Louise com nojo. “Não nos julgue”, disse docemente, enquanto abraçava o jacaré de forma protetora. “Só temos um ao outro.”

Victor sacudiu a cabeça, mas nada disse enquanto foi até o caixa em silêncio para pagar. Jean Louise se inclinou para a frente e sussurrou, “*Facilitador*”, mas mesmo assim Victor apresentou o cartão de crédito para o caixa perplexo. Por sorte, Victor não fala francês.

“Preciso fazer um pequeno gancho para colocar no lugar da mão que está faltando”, disse eu ao sairmos. Ele era quebradiço demais para ir na mala, então o coloquei na bolsa e Victor insistiu que não me deixariam entrar com um jacaré morto no avião de maneira alguma. Discordei, destacando que ele estava “desarmado” bem literalmente, mas seus dentinhos lustrosos me desmentiam, pois me lembrei do alicate de unha que fomos obrigados a jogar fora na área de raio-X uma vez. Recorri aos especialistas (todos que me seguem no Twitter).

Resumindo a história, se você perguntar às pessoas no Twitter se é contra a lei levar um jacaré empalhado pequenino no avião, a maioria dirá, “Hum, *sim*. Não se pode nem levar leite materno no avião”. Então você assinala que o jacaré tem pelo menos cinquenta anos, está vestindo roupas e tem apenas uma mão, e alguns mudam de ideia, mas a maioria ainda dirá que ele será considerado uma arma. Então você escreve: “Não consigo imaginar que alguém *realmente* ache que eu vou tentar dominar um avião usando como arma somente um pequeno jacaré vestido”, e todo mundo no Twitter responde:

“Sério? Você já se conhece? Pois parece *mesmo* algo que você faria”. E eles tinham razão.

Mas não fiquei preocupada de verdade até nos encontrarmos já na fila do raio-X do aeroporto. De repente me perguntei se alguém já poderia ter usado esse jacaré para contrabandear cocaína cinquenta anos atrás e depois se esqueceram de retirá-la e agora *eu* seria presa no aeroporto por causa de cocaína no estômago de um jacaré mais velho do que eu. Em voz baixa perguntei a Victor se tem como saber se a cocaína está vencida, ou se ela simplesmente permanece fresca para sempre e ele disse, “*QUE TAL NÃO DISCUTIRMOS ISSO NO RAIIO-X?*”. E EU RESPONDI: “Não é por mim. *Estou perguntando por causa do jacaré*”, e ele meio que me lançou um olhar furioso. Respirei fundo e me acalmei, imaginando que estava conversando com o segurança. “Ah, isso? É cocaína velha. Deve ter expirado, tipo, quarenta anos atrás. Não é meu. É do jacaré. Não posso ser responsabilizada pelo estilo de vida selvagem de um jacaré antes mesmo de eu nascer. Além do mais, ele não conhece suas regras. Ele é de Cuba.” Tinha certeza de que eles entenderiam. Além disso, esses são os riscos que se corre quando se traz um jacaré morto numa viagem de avião.

Obviamente, Jean Louise e eu passamos tranquilamente e ninguém sequer piscou com o jacaré na esteira rolante do raio-X. Pararam o Victor para uma revista total. Talvez porque ele estava suando e a veia da testa estava saltada. No meio da confusão, Jean Louise e eu passamos calmamente sem problema algum. Victor tem muito a aprender com aquele jacaré.

Retrato de um jacaré
de meia-idade amputado,
feliz pra caralho de estar
começando uma aventura.

Boina
vistosa

Mão faltante

Rabo quebrado



Quando finalmente nos acomodamos, abaixei a mesinha do Victor e posicionei Jean Louise nela para que pudesse olhar pela janela. “Tire essa porcaria da minha mesinha”, Victor sussurrou entredentes.

“Mas ele nunca esteve num avião antes”, expliquei.

“Voulez-vous les poltrona da janela?”, perguntou Jean Louise com simpatia.

Victor me olhou, furioso. “Não estou brincando. Vamos ser expulsos do avião. *Guarde isso.*”

“Você está sendo *ridículo*”, eu disse. O homem sentado do outro lado do corredor não parava de olhar para Jean Louise, então eu o virei para a cara dele, “*Votre chemise est muuuy bueno*”, Jean Louise disse com confiança. O homem encarou Jean Louise ligeiramente boquiaberto.

“Ele disse que gosta de sua camisa”, expliquei com naturalidade.

Victor colocou a cabeça nas mãos. “Se eu perder minhas milhas por causa disso vou matar você.”

Nesse exato momento, a comissária de bordo passou por nós, uma mulher com cara séria que parecia precisar de um drinque. Acenei para ela e dei um grande sorriso quando passou por mim, Jean Louise no colo. “Com licença, meu filho gostaria de conhecer a cabine do piloto.”

Ela hesitou por um momento ao olhar para Jean Louise e então disse: “Ah. Não fazemos mais isso”, antes de se afastar energicamente.

“Essas pessoas são racistas”, falei para Victor, que fingia estar absorto no catálogo do SkyMall.

“Hum”, respondeu ele, de forma a não se comprometer.

“Quando chegarmos em casa vou comprar uma camiseta minúscula de pirata com babados para Jean Louise. E um gancho para a mão que está faltando. E um rabo de cavalo bem atrevido.”

Victor abaixou a revista e lançou um olhar de fúria para o jacaré morto, que ele parecia estar enxergando como um verdadeiro buraco sem fundo “Pronto”, ele afirmou. “Você conseguiu. Você conseguiu virar seu pai.”

“Não seja ridículo”, eu disse com irreverência, enquanto contemplava quantas Barbies teria de escalar para fazer uma peruca de jacaré que prestasse. “Meu pai não tem gosto nenhum quando o assunto é roupa de jacaré pirata. Não sou *nada* parecida com meu pai. Sinceramente, quando você analisar bem, não sou parecida com *ninguém*.”

Victor olhou para mim e Jean Louise e aos poucos seu olhar se amansou. “Sabe? Você não faz ideia de como isso é verdade.”

Olhei também para Victor e então descansei a cabeça no ombro dele e coloquei Jean Louis e no assento vazio ao lado. E, como não sabia ao certo se deveria agradecer ou ficar ofendida, simplesmente fechei os olhos e caí no sono enquanto me perguntava se ainda faziam relógios de bolso minúsculos para jacaré.

[15](#) Eu havia planejado chamá-la “Pocahontas Wikipédia”, mas Victor disse que os gatos iriam comer as mãos dela. Então eu assinalei que, mesmo que isso acontecesse, eu a amaria ainda mais, pois ela não poderia mais remar e também estaria riacho acima sem mãos, o que me parecia cada vez mais como uma metáfora da minha vida.

Não volte para casa (a não ser que você queira ser massacrado por cães selvagens)

“Então”, diz minha irmã ao se encostar na cadeira de madeira na varanda de nossos pais, “Victor me disse que você foi atacada por um cachorro na última vez que vieram.” Ela diz isso com prazer, mais como uma afirmação do que uma pergunta, do mesmo jeito impassível que alguém diria: “Então, você decidiu deixar o cabelo crescer de novo”.

“Hã... *mais ou menos*. É uma longa história.” Sonolenta, me encosto numa cadeira igual à dela e coloco os pés numa autêntica miniatura de carroça de suplementos que meu pai havia construído. Nos meses natalinos, meu pai fixa nela uma rena em miniatura empalhada com galhadas gigantes de alce amarradas com um laço vermelho, numa estranha homenagem a *Como o Grinch roubou o Natal*. Durante o resto do ano, no entanto, permanece sem dono, como se tivesse sido abandonado depois de um comercial de ração de cachorro dos anos 1970.

“E por acaso tenho algum compromisso?”, Lisa pergunta.

Ela tem razão. Estávamos as duas na cidade para visitar nossos pais por uma semana. Lisa agora mora na Califórnia com seu marido e sua bela cria de filhos, mas todo ano ela vem de carro para passar algumas semanas no Texas e eu trago a minha família e temos uma reunião espontânea. Uma na qual nossos filhos montam alegremente nas cabras da família, na qual nossos maridos reclamam que estão lentamente sufocando com o calor e com a falta de acesso à internet Wi-Fi e na qual minha irmã e eu sacudimos a cabeça para eles, incrédulas com seu modo de vida protegido, lembrando-nos dos dias de sapatos feitos de sacos de pão e arrastando nossos colchões até a varanda para que a família inteira pudesse dormir lá nas noites mais quentes de verão.

“Então, foi realmente um ataque total, ou os cachorros apenas a lamberam com violência?”, ela pergunta.

“Não foi tanto um ataque total como foi um prelúdio de um massacre”, respondo. “Como quando a Julia Roberts foi assediada pelo George Costanza em *Uma Linda Mulher*.” Ela me olhou com expectativa, então lhe contei a história toda.

Ao atravessar a fronteira para a nossa cidade natal, é garantido que algo fodido lhe acontecerá, mas nunca se está realmente preparado para o que será. Você pode vir sabendo que provavelmente cairá um pouco de sangue em você, mas nunca se espera que seja o seu próprio sangue.

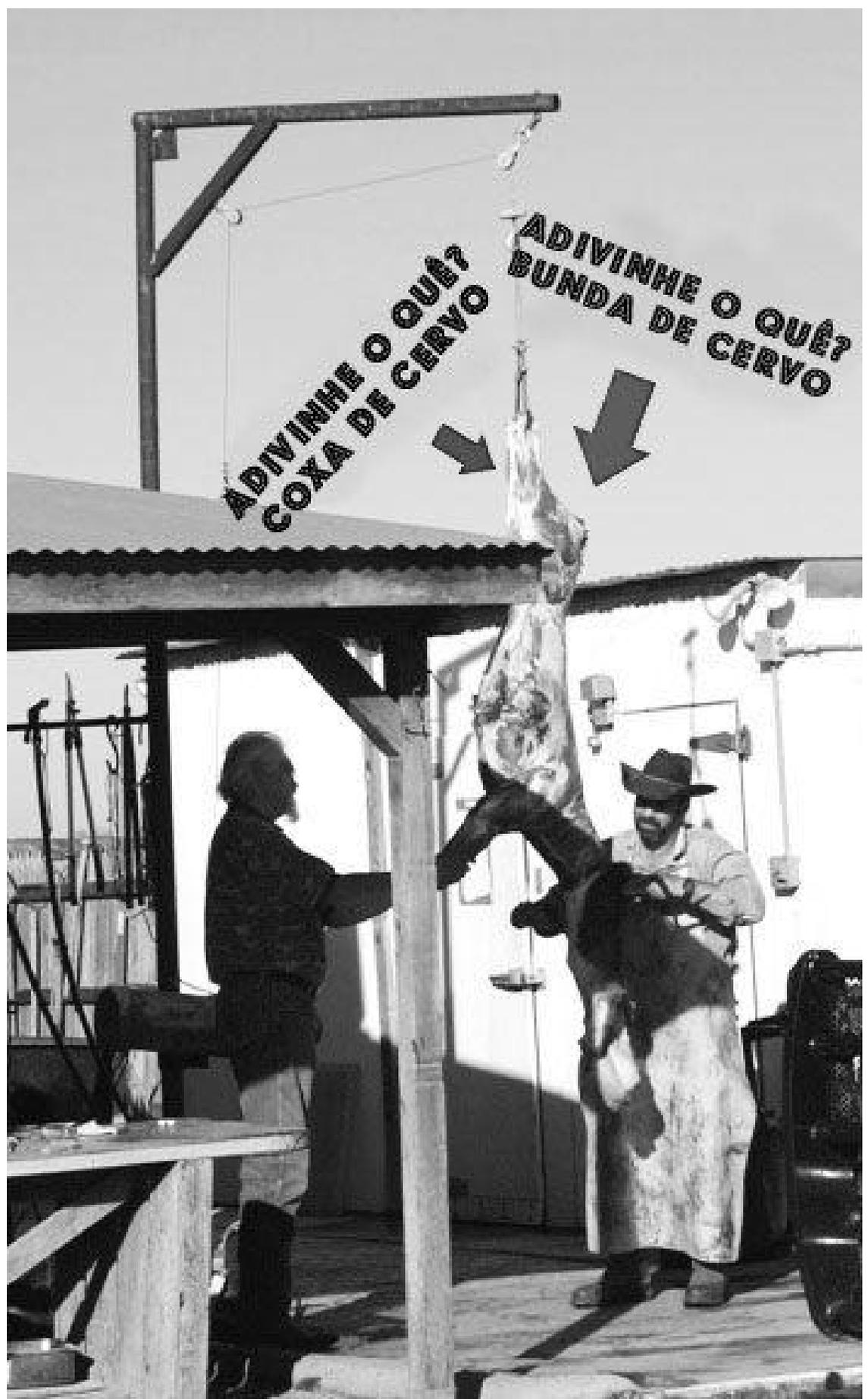
Na manhã do dia no qual fui parcialmente massacrada, Hailey e eu saímos pela porta dos fundos de meus pais e encontramos um estranho de chapéu preto e avental de borracha ensanguentado, que precisava apenas de uma máscara feita de pele humana e uma corrente para completar o traje. Pelo jeito, ele trabalhava para meu pai e havia pendurado um cervo que estava no processo de ter a pele retirada.

Ele sorriu naturalmente para mim e Hailey, enquanto parecia estar enfiando as mãos nos bolsos do cervo, como se estivesse procurando as chaves. Acontece, no entanto, que cervos nem têm bolsos e ele simplesmente havia perdido sua luva dentro dele. É esse tipo de coisa que se espera quando se vem para Wall, então a gente não é pega *completamente* de surpresa quando um estranho grita para sua filha pequena ir ajudá-lo a “despir o Sr. Rena, porque isso será divertido pra caramba!”. E quando ele diz a sua filha que ela pode se pendurar na pele do cervo para ajudar a arrancá-la, já terá um braço segurando a manga, puxando-a de volta para você, pois esse é o tipo de coisa para o qual se vem preparada. (Nota adicional para os não nativos – “Isso será divertido pra caramba”, vindo de um assistente de taxidermista, pode ser traduzido assim: “Isso lhe custará milhares de dólares de psicanálise e provavelmente arruinará seu vestido”.) Pessoalmente, prefiro evitar qualquer atividade que termine com um estranho se oferecendo para “tirar o sangue d’ocê com uma mangueira, marujo”. É só uma regra que eu tenho. Pois sou fresca. Além do mais, quando foi que meu pai contratou um pirata para fazer taxidermia? A coisa toda estava esquisita.

Lisa concordou que era incomum, mas não chegava a ser completamente “esquisito”. “Ontem, por exemplo”, ela explicou. “Ontem Victor pisou naquela poça lamacenta que fica atrás da casa e disse, ‘Eca, isso é da fossa?’, e eu respondi, ‘Onde você pensa que está? *Beverly Hills*? Isso é a água que sobrou da fervura de caveiras.’ Ele me pareceu nauseado, mas achei que ele devesse saber. Comparativamente, bolsos de cervo são bastante sem graça, na verdade.”

Ela tinha razão, mas mesmo assim me pareceu estranho. Eis uma foto do evento, mas talvez lhe cause nojo, então use seu discernimento:

Eu sei. Sinto muito. Mas, em minha defesa, eu o avisei.



Meu pai, o jantar por semanas, um taxidermista/andarilho/caubói/pirata aleatório.

De qualquer maneira, espero muitas coisas estranhas em uma cidade conhecida por suas corridas de tatu, coleções de urina de lince e rituais de fertilidade bovina no ensino médio, mas a única coisa que eu não esperava era ser atacada por uma matilha de cães selvagens. E, sim, talvez, *tecnicamente*, não

fossem tanto “selvagens” como “excitáveis”, e talvez não tenha sido atacada por uma *matilha* de cachorros, e sim por um cachorrinho pulador e outro mordedor, mas sinceramente posso dizer que o cachorro que me mordeu devia estar imbuído de suco de aranha radioativa e tinha presas movidas a diesel. E garras de adamantium. Além do mais, ele era parte urso e seu bigode era feito de escorpiões.

Lisa riu e eu peguei meu celular e lhe mostrei as fotos de mim depois de sair do hospital no dia seguinte. Coloquei um pouco de texto para deixar as coisas mais claras:





“*Putá merda*”, ela disse. “Isso é nojento. Certo, peço desculpas, pois tinha muita certeza de que essa história era um exagero.”

“Aceito suas desculpas”, disse eu, magnânima.

“Então, onde foi que você *achou* cachorros selvagens?”, ela indagou.

“Ah”, disse com hesitação. “Bem, ‘*selvagem*’ talvez seja uma palavra muito forte.”

Ela ergueu uma sobrancelha. “*Desembucha*.”

Expliquei que a mamãe, Hailey e eu havíamos ido para a casa do nosso tio Larry para que eu pudesse conhecer sua nova esposa, que era meiga e adorável e que tinha cães de estimação gigantescos.

“Ah, sim. Já os conheci”, disse Lisa. “Cachorros fofos.”

“Sim, bem, aparentemente eles foram treinados para *parecerem* muito fofos e abanarem o rabo alegremente para fazer você sair até eles para que eles possam comer seus ossos.”

“Você foi atacada pelos *cachorros de estimação* da Theresa? *Eles não são collies ou algo do tipo?*”, ela perguntou incrédula.

“São *animais. Literalmente*”, eu lhe garanti.

Ela olhou novamente para as fotos, em dúvida.

“Depois do jantar, levei Hailey para o quintal, pois ela queria ver os cachorros. Estava um breu, mas tio Larry os estava alimentando, então pensei que estariam distraídos e Hailey poderia simplesmente dar uma olhada. Mas um deles pulou de uma maneira que diz ‘sou um cachorro gigante e quero cheirar o topo de sua cabeça’ e Hailey estava se esgoelando de uma maneira que diz ‘sou uma criança de três anos loucamente empolgada e ligeiramente assustada’, e então de repente estou me perguntando por que estou do lado de fora, de uma maneira tipo ‘Esses filhos da mãe são do tamanho de ursos-polares’. Larry ouviu os latidos e acalmou um dos cachorros enquanto eu dava a ré na direção da porta. Mas o outro cachorro deve ter pensado que eu era um agressor, pois ele pulou e me mordeu no braço que estava segurando Hailey. (De uma maneira que diz ‘gostaria de derrubar você no chão e mastigar seu nariz’.) Eu sabia que havia sido mordida, mas também sabia que, se eu gritasse por socorro, Hailey iria se assustar e eu poderia soltá-la, então mordi meu lábio e fiquei de costas para o cachorro para proteger Hailey dele. Senti outra mordida no meu braço enquanto abria a porta dos fundos para empurrar Hailey para dentro. Tinha medo de que o cachorro estivesse tentando alcançá-la, pois ela estava gritando de animação, então bloqueei a porta com meu corpo para lhe dar tempo de entrar mais para dentro, e foi então que o cachorro me mordeu nas costas. Ele se agarrou e me puxou e por um segundo pensei que fosse cair no chão. Na minha mente passavam todas aquelas reportagens sobre mulheres mortas em acidentes esquisitos com cachorros. Coloquei uma perna para trás para me equilibrar, me certifiquei de que Hailey estivesse segura e então puxei com força para arrancar minhas costas da boca do cachorro e bati a porta atrás de mim.”

Lisa me olhou em silêncio por um momento. “*Cara*. E o povo surtou?”, ela perguntou.

“Não. Ninguém nem percebeu o que estava acontecendo. Peguei Hailey no colo e a examinei por toda parte, procurando por sangue e mordidas que eu sabia que ela *tinha* de ter adquirido, mas não havia nenhum arranhão. Foi estranho. Então mamãe disse que eu estava exagerando e que estava tudo bem, e aí ela viu o sangue e percebeu que eu havia sido mordida. Tio Larry nem tinha se dado conta do que tinha acontecido, pois eu fiquei muito quieta quando aconteceu. As duas mordidas no meu braço estavam tão fundas que dava para ver um pouco de gordura saindo delas e nas minhas costas dava para ver as marcas dos dentes do cachorro, como algum tipo de impressão dental canina. Passei o resto da noite no pronto-socorro recebendo pontos, vacina antitetânica e desejando ter minha câmera comigo para poder mandar fotos ao Victor para que ele pudesse ver o que estava perdendo enquanto entretinha seus clientes com jantar de lagosta.”

“Então, o que fizeram com os cachorros?”

“Nada. Tenho certeza de que, se eu pedisse, Larry e Theresa teriam sacrificado os cachorros, mas eles conviviam com os filhos da Theresa fazia dez anos sem problema algum. Acho que eles viram um objeto grande, gritante e desconhecido se aproximando de seu dono no escuro e estavam tentando protegê-lo. Além do mais, parecia que eu havia feito por merecer. Levar a filha de três anos no escuro para ver cachorros gigantes e estranhos enquanto estão comendo é uma burrice sem noção.”

“Ah, e havíamos acabado de comer, então eu provavelmente cheirava a frango frito.”

“Além disso, *sou meio deliciosa*. Foi como se eu estivesse usando um perfume projetado para que eu fosse atacada. Mas de um jeito ruim.”

Lisa acenou com a cabeça lentamente. “Essa tem de estar no rol das, tipo, dez piores histórias da família de todos os tempos.”

Arqueei a sobrancelha.

“Tudo bem”, ela concedeu. “As cinquenta piores.”

“Não foi tão ruim assim, na verdade.” Expliquei: “Foi meio que uma experiência educativa”.

“Certo”, ela concordou. “E a lição foi, ‘Cachorros comem carne. *Pessoas são feitas de carne*. Faça as contas.’”

“Tudo bem, isso não é uma lição. É um problema matemático. Um problema péssimo. Não, eu aprendi

que consigo colocar a vida de alguém antes da minha. Sempre achei que conseguiria, claro, dar minha vida pela Hailey, mas no fundo da minha mente sempre havia uma dúvida sorrateira de que, se a hora viesse, eu não conseguiria me forçar fisicamente a entrar no prédio em chamas por ela, ou ficar na frente de um cão bravo para salvá-la, mas naquele dia descobri que consigo. Foi assustador pra caramba, mas de certa maneira foi um consolo saber que eu poderia fazer isso se fosse preciso.

“Uau”, Lisa respondeu. “Isso foi bem profundo para uma mordida de cachorro.”

“*Também* aprendi que ver a própria gordura saindo de você é nojento e é uma boa motivação para não pegar a terceira coxa de frango”, acrescentei. “Ah, e, quando o médico gato vem lhe dizer que quer muito ‘irrigar seus buracos’, não se deve rir, pois aparentemente é algo que existe, e não uma insinuação sexual. Ah! E, quando fizeram a irrigação, *encontraram um dente nas minhas costas.*”

“*Pois era do seu gêmeo silencioso*”, disse Lisa em tom conspiratório.

“**EXATAMENTE!**”, exclamei. “Só que nem era. Era apenas um dente do cachorro, pois ele era muito velho. Mas imediatamente disse ao médico que talvez fosse meu gêmeo que eu havia ingerido antes de nascer e pedi que ele procurasse cabelo humano ou um crânio no meu buraco das costas, já que estava anestesiada, mas ele reagiu como se eu fosse maluca. Provavelmente porque eu ri de sua insinuação sexual.”

“É, os médicos detestam isso”, ela complementou.

“Acho que o lado bom de ser atacada por um cachorro é perceber que sou um pouco menos egoísta do que eu acreditava. Antes, a coisa mais altruísta que fazia era dar todos os meus desejos a Hailey. Vejo uma estrela cadente ou assopro minhas velinhas e desejo algo para ela, mas me parece egoísta. Saber que ela está feliz me faz feliz de qualquer jeito, então parece uma trapaça, como quando se deseja por mais desejos. Além do mais, não abri mão de muita coisa, considerando que tudo pelo qual desejava antes de ter a Hailey era ver um unicórnio.” Hesitei um pouco antes de contar essa parte para a Lisa, sabendo que, uma vez que se conta seu desejo a alguém, não se torna mais realidade, mas as chances de ver um unicórnio eram pequenas. Especialmente porque, de acordo com as lendas de unicórnio, eles aparecem somente para as virgens. Acredito que, se um dia eu vir um, será um unicórnio senil e meio indecente, aparentando ser desleixado e sujo de propósito apenas para foder com os outros unicórnios, que queriam que esse unicórnio parasse de envergonhar a todos assim. Seu nome seria Harold, provavelmente, e seria fumante. Então eu não estava abrindo mão de muita coisa. Mas ser atacada por cachorros selvagens para proteger minha filha? Era como um aceno do universo. Um reconhecimento sutil de que, *sim*, você é uma boa mãe. Foi algo que me surpreendeu o mesmo tanto que surpreendeu o universo de tê-lo concedido e fiquei sentada lá no quarto de hospital pensando que, se eu tivesse que dar algum tipo de discurso de aceitação, estaria sinceramente chocada e humilde. Muito provavelmente iria chorar um choro deselegante, e não apenas porque estavam suturando meus cortes enormes naquele momento. Agradeceria a minha mãe por ter me ensinado a priorizar os outros e meu pai por ter me preparado sem querer a não entrar em pânico ao ser atacada por grandes animais desconhecidos. Agradeceria ao Víctor por não ter ficado surpreso de eu ter me sacrificado por minha filha e agradeceria a Hailey por confiar cegamente que estava bem nos meus braços. E então eu acenaria silenciosamente com a cabeça para o unicórnio desgrenhado no fundo da sala quando nossos olhares se cruzassem e ele abaixasse sua cabeça reverenciando o tanto que sou maravilhosa.

“Foi isso o que estava pensando. E também que precisava descobrir que tipo de remédios haviam me dado, pois considero legítimo tudo aquilo que faz você ter alucinações com unicórnios orgulhosos, mas caóticos, assistindo ao seu discurso de aceitação por ter sido atacada por um cão.”

“Nossa”, minha irmã disse enquanto percebi que estava dizendo tudo isso em voz alta. “Isso é... *completamente perturbado*. No entanto”, ela confessou, “eu também já abri mão dos meus desejos de aniversário por meus filhos. Acho que é um sinal de que se é adulta. Deus, imagine como teria sido a nossa vida se mamãe não tivesse pedido coisas boas para nós nos aniversários *dela*. Provavelmente já

estariamos mortas.”

“Provavelmente”, concordei. “Apesar de que, pensando bem, talvez a mamãe tenha desejado que a vida da gente acabasse assim. Não é um unicórnio mágico, mas nos trouxe até aqui e não consigo pensar em outro lugar que preferiria estar. A não ser que fosse o mesmo lugar, só que com ar condicionado.”

Lisa concordou. “Eu brindaria a isso, mas está quente demais para me mexer. Então, o que você pede para Hailey quando assopra as velinhas?”

“Não posso lhe dizer, pois aí não vai se realizar. Mas suponho que seja o mesmo tipo de pedido que todos os pais fazem para seus filhos. Desejo que ela tenha amor e dor de cotovelo suficiente para poder apreciá-lo. Desejo que ela tenha uma vida tão abençoada quanto a minha. Com seu próprio fantoche de esquilo mágico morto e o braço preso na vagina de uma vaca e que possa conhecer o tipo de orgulho que vem quando se escolhe ser atacada por um cachorro para salvar outra pessoa. Acho que seria isso que desejaria para ela.”

Lisa me olhou dubiamente. “É, não acho que ninguém deseja que seu filho seja atacado por um cachorro e que fique preso dentro de uma vagina de vaca.”

“Eu disse isso *metaforicamente*”, acrescentei.

Lisa acenou com a cabeça e fechou os olhos, descansando a cabeça na cadeira da varanda. “Bem, isso é bom”, ela disse distraidamente enquanto esticava as pernas para tomar sol. “Pois na vida real esse é o tipo de merda que assombra você para sempre. Esses são os tipos de lembranças que ardem na memória de forma permanente.”

Olhei para ela e imitei sua pose, sentindo o sol se infiltrando nos meus ossos enquanto deixava suas palavras percorrerem minha mente. Sorri suavemente para mim mesma enquanto fechava os olhos e pensava: “*Meu Deus. Espero mesmo que sim.*”

Epílogo

Quinze anos de casamento e uma linda filha depois, Victor e eu continuamos tão desencontrados como sempre. Brigamos. Fazemos as pazes. De vez em quando ameaçamos colocar cobras na caixa de correio do outro. E tudo bem. Pois, depois de quinze anos, sei que quando eu ligar para Victor do pronto-socorro para lhe contar que fui atacada por cachorros quando fui visitar meus pais, ele vai respirar fundo e se lembrar de que essa é nossa vida.

Observo Victor quase maravilhada com o homem que ele se tornou, agora completamente inabalável quando meu pai pede para parar o carro para descolar um gambá morto da estrada, pois ele “talvez conheça alguém que possa usá-lo”. Vejo Hailey transitar tranquilamente entre um mundo de aulas de balé e a construção de um alambique com o avô.

Vejo como fomos mudando para criar um “normal” que nenhuma pessoa sã consideraria ser “normal”, mas que funciona para nós. Um *novo* normal. Vejo como estamos ficando à vontade com nossa espécie particular de funcionalidade disfuncional, nossa maneira particular de medir nossos sucessos.

Mas, acima de tudo, eu me vejo... ou melhor, *vejo a pessoa que me tornei*. Pois finalmente posso ver que todas as partes terríveis da minha vida, as partes vergonhosas, os incidentes que eu gostaria de fingir que nunca aconteceram e tudo aquilo que faz com que eu seja “esquisita” e “diferente”, foram na verdade as partes mais importantes de minha vida. Foram as partes que fizeram com que eu seja *eu*. E foi por isso que decidi contar esta história... para comemorar o estranho, agradecer o bizarro e algum dia ajudar minha filha a entender que o motivo pelo qual sua mãe apareceu quase totalmente pelada no noticiário (isso estará no segundo livro, *sinto muito*) provavelmente é o mesmo pelo qual seu avô leva um burrinho de estimação para os bares de vez em quando: porque nós *não* somos definidos pelos momentos imperfeitos da vida, mas pela nossa reação a eles. Porque há alegria em abraçar – *em vez de sair correndo aos gritos* – o absurdo total da vida. E também porque é ilegal deixar um burro desacompanhado no carro, mesmo no Texas.

Quando vejo outro casal que parece normal e convencional e que *não* está tendo uma discussão barulhenta e recorrente no parque sobre se Jesus foi ou não um zumbi, não sinto inveja. Sinto-me satisfeita e orgulhosa quando Victor e eu interrompemos nossa gritaria para compartilhar um sorriso arrogante e de sabedoria ao passarmos pelo casal perplexo que sai do caminho para nos abrir espaço na calçada. Então encosto a cabeça no ombro de Victor enquanto ele ri silenciosamente e sussurra amorosamente para mim: “*Malditos amadores*”.

O fim (meio que)

Oi.

Você continua aqui, o que significa que você provavelmente seja do tipo de pessoa que obriga seu marido ou mulher furioso/a e impaciente a assistir aos créditos finais do filme na remota chance de que haja algum tipo de cena extra, apesar *de eles* serem o tipo de pessoa que pula da cadeira três minutos antes de o filme terminar para que possa ser o primeiro a sair do estacionamento, pois, *pelo jeito*, isso é mais importante do que descobrir que “Rosebud” é o nome do trenó, ou que *Cara, cadê meu carro?* é um filme (aviso de *estraga-prazeres*) muito, muito ruim. Ou talvez você ainda esteja lendo porque está pensando que *não é possível* que seja o fim do livro, pois não vale 90 reais* *de jeito nenhum* e está esperando que, se continuar lendo, encontrará algo aqui que faça o preço do livro ter valido a pena. Bem, parabéns, seus insatisfeitos tenazes e exigentes, *pois tem sim*.

Se você for como eu, provavelmente existe um fato bem conhecido que você insiste ser conhecimento básico e comum, mas sua família descrente ri de você toda vez que o menciona. Então você joga no Google para provar que estão errados, mas, de alguma maneira, no tempo que levou para argumentar que “*Sim*, na verdade, alguns esquilos *conseguem* respirar debaixo d’água”, eles conseguiram reescrever toda a internet para fazer parecer que esquilos aquáticos nunca nem existiram. E então, depois disso, toda vez que você discorda com eles sobre qualquer assunto, eles automaticamente dispensam você com um risinho complacente, dizendo um ao outro, “*Sei*. Isso vindo da mesma pessoa que acredita que esquilos podem respirar debaixo d’água”, e sacodem a cabeça com pena e se recusam a *considerar* sua teoria sobre por que Jesus é tecnicamente um zumbi. Isso é uma droga. Mas você está com sorte, pois a última página deste livro consertará tudo isso.

Simplesmente pegue uma caneta e escreva o fato que você quer provar no espaço oferecido e então mostre-o com naturalidade, de uma forma madura e levemente condescendente, aos seus detratores. Sugiro algo do tipo: “Então, eu estava fazendo uma leitura leve sobre esquilos e, *aparentemente*, alguns esquilos *podem* respirar debaixo d’água. Eu entendo por que você pode duvidar, mas deve ser verdade POIS ESTÁ NUM MALDITO LIVRO, SEU FILHO DA MÃE CÉTICO”.

De nada. Tenho quase certeza de que isso por si só já valeu os 90 reais.*

*Minha editora acabou de me dizer que este livro não custará 90 reais, e eu sei disso, mas, quando as pessoas lerem que o livro custa 90 reais depois *de elas* terem pagado somente 70, se sentirão satisfeitas com o bom negócio que fizeram, apesar de que, *tecnicamente*, elas pagaram o preço integral. É assim que funciona o *marketing*.**

******Minha editora acabou de argumentar que “não é nem um pouco assim que o *marketing* funciona”, que o livro tampouco custará 70 reais e que, quando a pessoa entregar este livro para seus detratores, irão simplesmente ver a capa e imediatamente se tocar que não se trata de um livro sobre esquilos, afinal. Expliquei que ela não estava vendo o quadro geral e que teremos de cobrar 70 reais para cobrir os custos da sobrecapa removível que identifica este livro como *Fatos sobre esquilos para a elite intelectual. Volume 2: O esquilo aquático esquivo*. Em seguida ela alegou que, se fizéssemos isso, as únicas pessoas que de fato comprariam o livro seriam “os três entusiastas por esquilo procurando livros sobre esquilos *que nem existem*, prestes a se decepcionarem”. Lembrei minha editora que os pesquisadores de esquilo são um mercado intocado e destaquei que estou praticamente certa de que existem *de fato*, pois 1) já vi um de verdade e 2) *sua existência está documentada num livro, porra*. Então ela perguntou a que livro eu estava me referindo e respondi: “*ESTE AQUI*”. Tenho quase certeza de que isso prova que estou certa sob todos os quesitos. *******

*******Minha editora diz que “de jeito nenhum vão publicar um livro com sobrecapa falsa sobre ‘*esquilos aquáticos*’ apenas para que eu possa ganhar uma discussão com meu marido”. Então liguei para minha mãe (já que ela estava presente quando eu estava nadando com minha irmã num riacho próximo e testemunhou uma família inteira de esquilos aquáticos) e ela me disse que *de fato* se lembrava disso, mas que ela e meu pai simplesmente não tiveram a coragem de contar a uma garota de oito anos (corada de entusiasmo por causa do tamanho da empolgação por ter descoberto a existência de esquilos aquáticos) que ela estava nadando com um ninho de esquilos mortos flutuando pelo riacho depois de provavelmente terem sido afogados na enchente relâmpago do dia anterior. *Maravilha*. É como se toda minha vida tivesse sido baseada numa mentira. Além do mais, tenho quase certeza de que é assim que se contrai a cólera.

Fatos verdadeiros

- O leite não tem cheiro discernível... algum..
- “Problemamente” é uma palavra de verdade. (Definição: algo que provavelmente será um problema.) É imbatível nas palavras cruzadas.
- “Flustrado” não é uma palavra de verdade, e o uso regular dela fará com que seus genitais caiam. Problemamente...
- Alguns esquilos têm guelras, apesar de esse fato só ser observado pelas pessoas realmente observadoras e altamente inteligentes.
- _____
- _____
- ** Na tentativa de salvar o meio ambiente, este livro foi feito com os lenços de papel de pacientes tuberculosos e NÃO deve ser manuseado por pessoas que não estejam em dia com sua vacinação contra a tuberculose. Alguns pacientes também tinham gripe. E problemamente disenteria.*



Este é o cartão de Natal que enviamos todos os anos. P.S. Isto conta como um cartão de Natal/ Hanukkah de mim para você.
Não há de quê.